

ANAIS do

14^o CONGRESSO

agri business

alimentos

Realização e Organização:



Patrocínio:



GRUPO SEGURADOR



Apoio:





**Sociedade
Nacional de
Agricultura**

Inteligência em Agronegócio desde 1897

DIRETORIA EXECUTIVA

Antonio Mello Alvarenga Neto
Presidente

Almirante Ibsen de Gusmão Câmara
1º Vice-presidente

Osaná Sócrates de Araújo Almeida
2º Vice-presidente

Joel Naegele
3º Vice-presidente

Tito Bruno Bandeira Ryff
4º Vice-presidente

Francisco José Vilela Santos
Diretor

Hélio Meirelles Cardoso
Diretor

José Carlos Azevedo de Menezes
Diretor

Luiz Marcus Suplicy Hafers
Diretor

Ronaldo de Albuquerque
Diretor

Sérgio Gomes Malta
Diretor

DIRETORIA TÉCNICA

Alberto Werneck de Figueiredo

Antonio Freitas

Claudio Caiado

John Richard Lewis Thompson

Fernando Pimentel

Jaime Rotstein

José Milton Dallari

Katia Aguiar

Marcio E. Sette Fortes de Almeida

Maria Helena Furtado

Mauro Rezende Lopes

Paulo M. Protásio

Roberto Ferreira S. Pinto

Rony Rodrigues Oliveira

Ruy Barreto Filho

COMISSÃO FISCAL

Claudine Bichara de Oliveira

Maria Cecília Ladeira de Almeida

Plácido Marchon Leão

Roberto Paraíso Rocha

Rui Otavio Andrade

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA – Fundada em 16 de Janeiro de 1897

Reconhecida de Utilidade Pública pela Lei nº 3.459 de 16/10/1918

End.: Av. General Justo, 171 – 7º andar – Tel.: (21) 3231-6350 – Fax (21) 2240-4189

Caixa Postal 1245 – CEP 20021-130 – Rio de Janeiro – Brasil

E-mail: sna@sna.agr.br – www.sna.agr.br

ESCOLA WENCESLÃO BELLO / FAGRAM

Av. Brasil, 9727 – Penha – CEP: 21030-000 – Rio de Janeiro / RJ – Tel.: (21) 3977-9979



Realizado no Auditório da Confederação Nacional do Comércio, Bens, Serviços e Turismo (CNC) em 7 e 8 de novembro de 2013

EXPEDIENTE

COORDENAÇÃO GERAL

Antonio Mello Alvarenga
Maria Helena Elguesabal
Valéria Conceição Manhães

REVISÃO DE TEXTOS

Gabriel Chiappini

REVISÃO FINAL

Luís Alexandre Louzada

TRANSCRIÇÃO DAS FITAS

Lívia Menezes Caldeira Torres

FILMAGEM

Internetfilmes • 212137-0494
milaschiavo@internetfilmes.com.br
marciliocosta@internetfilmes.com.br

DESIGN E ARTE

I Graficci • www.igraficci.com.br

FOTOS

Débora 70 • 213627-7638 • 2197282-5459
dsetenta@gmail.com

IMPRESSÃO

Ediouro Gráfica e Editora
ediouro.com.br

APOIO/SECRETARIA

Edna Moura da Silva
Sílvia Mara P. Marinho

WEBMASTER

Diva Helena Louzada
Clorisval Pereira Júnior
Sarjana Produções Audiovisual Ltda.
213594-4008 • cjunior@sarjana.com.br

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Angie Diniz/CERCON • Cereja & Conteúdo
Luís Alexandre Louzada
Paulo Roque • Sincronismo Comunicação



Fundador e Patrono:
Octavio Mello Alvarenga

ACADEMIA NACIONAL DE AGRICULTURA

CADEIRA	PATRONO	TITULAR
01	Ennes de Souza	Roberto Ferreira da Silva Pinto
02	Moura Brasil	Jaime Rotstein
03	Campos da Paz	Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira
04	Barão de Capanema	Francelino Pereira
05	Antonino Fialho	Luiz Marcus Suplicy Hafers
06	Wenceslão Bello	Ronaldo de Albuquerque
07	Sylvio Rangel	Tito Bruno Bandeira Ryff
08	Pacheco Leão	Lindolpho de Carvalho Dias
09	Lauro Muller	Flávio Miragaia Perri
10	Miguel Calmon	Joel Naegele
11	Lyra Castro	Marcus Vinícius Pratini de Moraes
12	Augusto Ramos	Roberto Paulo Cezar de Andrade
13	Simões Lopes	Rubens Ricúpero
14	Eduardo Cotrim	Pierre Landolt
15	Pedro Osório	Antônio Ermírio de Moraes
16	Trajano de Medeiros	Israel Klabin
17	Paulino Fernandes	José Milton Dallari Soares
18	Fernando Costa	João de Almeida Sampaio Filho
19	Sérgio de Cavalho	Sylvia Wachsner
20	Gustavo Dutra	Antônio Delfim Netto
21	José Augusto Trindade	Roberto Paraíso Rocha
22	Ignácio Tosta	João Carlos Faveret Porto
23	José Saturnino Brito	Sérgio Franklin Quintella
24	José Bonifácio	Senadora Kátia Abreu
25	Luiz de Queiroz	Antônio Cabrera Mano Filho
26	Carlos Moreira	Jório Dauster
27	Alberto Sampaio	Elizabeth Maria Mercier Querido Farina
28	Epaminondas de Souza	Antonio Melo Alvarenga Neto
29	Alberto Torres	Ibsen de Gusmão Câmara
30	Carlos Pereira de Sá Fortes	John Richard Lewis Thompson
31	Theodoro Peckolt	José Carlos Azevedo de Menezes
32	Ricardo de Carvalho	Afonso Arinos de Mello Franco
33	Barbosa Rodrigues	Roberto Rodrigues
34	Gonzaga de Campos	João Carlos de Souza Meirelles
35	Américo Braga	Fábio de Salles Meirelles
36	Navarro de Andrade	Leopoldo Garcia Brandão
37	Mello Leitão	Alysson Paolinelli
38	Aristides Caire	Osaná Sócrates de Araújo Almeida
39	Vital Brasil	Denise Frossard
40	Getúlio Vargas	Luís Carlos Guedes Pinto
41	Edgard Teixeira Leite	Erling Lorentzen

APRESENTAÇÃO

Caro leitor,

Você tem em mãos uma publicação preciosa sobre o agronegócio brasileiro.

A cada ano, a Sociedade Nacional de Agricultura edita e distribui os Anais de seus Congressos de Agribusiness, contendo a íntegra de todas as palestras apresentadas no conclave. Trata-se de uma fonte de consulta inestimável para todos aqueles que trabalham ou têm algum interesse no setor.

Esse é o meio pelo qual a SNA, cumprindo suas obrigações estatutárias, dissemina conhecimentos e informações absolutamente atualizadas. Seria um desperdício manter o rico conteúdo abordado no Congresso restrito àqueles que compareceram ao auditório da Confederação Nacional do Comércio durante dois dias para ouvir, debater e comentar temas de extrema relevância.

Os últimos Congressos de Agribusiness trataram de Infraestrutura, Sustentabilidade, Oportunidades de Investimentos, Cadeias Produtivas da Pecuária, Qualidade, Competitividade, Logística, Inovação, Segurança Alimentar, dentre outros assuntos.

O 14o Congresso, realizado em novembro de 2013, abordou o tema “Alimentos”, que teve como base um recente estudo desenvolvido pelo CGEE – Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, do Ministério da Ciência e Tecnologia, com o apoio da Embrapa.

Neste ano, publicamos também um suplemento desses Anais, onde apresentamos, de forma resumida, em linguagem jornalística, algumas ideias de nossos palestrantes.

“UMA FONTE DE CONSULTA
INESTIMÁVEL PARA TODOS
AQUELES QUE TRABALHAM OU TÊM
ALGUM INTERESSE NO SETOR”

Dessa forma, esperamos contribuir para ampliar a discussão e o aprofundamento de importantes questões do agronegócio brasileiro.

Os interessados em receber os Anais dos congressos anteriores podem consultá-los no site da SNA (www.sna.agr.br) ou solicitar um exemplar da publicação, enviando mensagem para o e-mail cultural@sna.agr.br.

O 14o Congresso, bem como as publicações decorrentes, se tornaram possíveis graças ao apoio de nossos patrocinadores, notadamente o Sebrae, CNA/Senar, Banco do Brasil Seguros/Mapfre Seguros e Faesp/Senar.

Boa leitura,

Antonio Alvarenga

Participantes do painel de abertura do 14º Congresso de Agribusiness: Rafael Miranda, presidente da Pesagro-Rio; Roberto Rodrigues, ex-ministro e presidente da Academia Nacional de Agricultura; Maurício Lopes, presidente da Embrapa; Antonio Alvarenga, presidente da SNA; Mônica Bergamaschi, Secretária de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo; Alan Bojanic, representante da FAO/ONU no Brasil, e Cezar Vasquez, diretor superintendente do Sebrae-RJ



COM O SEBRAE/RJ,
OS PRODUTOS
DO AGRONEGÓCIO
GANHAM MAIS
UM DERIVADO:



O agronegócio possui um grande parceiro capaz de contribuir para seu desenvolvimento sustentável em todo o estado. Por meio de cursos, consultorias e um atendimento especializado, o Sebrae/RJ incentiva e participa de toda a cadeia, desde a criação até a comercialização, sem esquecer da responsabilidade ambiental. Venha conversar com quem sabe que no agronegócio não existe bicho de sete cabeças.

SUMÁRIO

ABERTURA

MELHOR GESTÃO PARA O AGRONEGÓCIO <i>Antonio Alvarenga, Presidente da SNA</i>	12
“O AGRO PRECISA MELHORAR SUA COMUNICAÇÃO COM A SOCIEDADE” <i>Mônika Bergamaschi, Secretária de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo</i>	15
A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO INTEGRADA <i>Cezar Vasquez, Diretor Superintendente do Sebrae-RJ</i>	17
“TEMOS DE FORNECER ALIMENTOS E CONHECIMENTO PARA O MUNDO NO FUTURO” <i>Alan Bojanic, Representante da Fao/Onu no Brasil</i>	20
A SEGUNDA REVOLUÇÃO DA AGRICULTURA <i>Maurício Lopes, Presidente da Embrapa</i>	22
“UM GRUPO DE PRODUTORES RESOLVERIA A QUESTÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR” <i>Roberto Rodrigues, Ex-Ministro da Agricultura e Presidente da Academia Nacional de Agricultura</i>	37
“É PRECISO INVESTIR EM PESQUISAS E NA SEGURANÇA DO TRABALHADOR RURAL” <i>Rafael Miranda, Presidente da Pesagro – Rio</i>	42

1º PAINEL – “VIABILIDADE ECONÔMICA, SOCIAL E AMBIENTAL DO SISTEMA AGROALIMENTAR

O AGRO E A ABORDAGEM DA MÍDIA <i>Eduardo Daher, Diretor Executivo da Andef</i>	44
INVESTIMENTOS EM PESQUISA E INOVAÇÃO AUMENTAM A COMPETITIVIDADE <i>Luis Madi, Presidente do Instituto de Tecnologias de Alimentos (Ital)</i>	46
“O BRASIL PRECISA LANÇAR PRODUTOS DE MARCAS FORTES” <i>Mauro Rezende Lopes, Coordenador de Projetos do Centro de Estudos Agrícolas da Fundação Getúlio Vargas (FGV)</i>	58

2º PAINEL – CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO “EDUCAÇÃO” POLÍTICA E LEGISLAÇÃO

- “O BRASIL LIDERA E TEM PODER PARA DIALOGAR COM OS DIVERSOS SEGMENTOS DO MERCADO”** 65
Cesário Ramalho, Presidente da Sociedade Rural Brasileira
- PROPRIEDADE INTELECTUAL NA AGRICULTURA** 69
Denis Borges Barbosa, advogado e especialista em Propriedade Intelectual
- OPORTUNIDADES DE TRABALHO NO AGRONEGÓCIO FORA DO AMBIENTE URBANO** 79
Jeffrey Abrahams, Ceo da Abrahams Executive Search

3º PAINEL – “INFRAESTRUTURA, LOGÍSTICA E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO” TRANSPORTE E ARMAZENAGEM

- A INSERÇÃO DO BRASIL A NÍVEL GLOBAL** 86
Paulo Protásio, Diretor da SNA
- PORTOS SUSTENTÁVEIS: UMA NECESSIDADE** 91
Marcos Freitas, Coordenador da Coppe/UFRJ
- INFORMAÇÃO E CONECTIVIDADE PARA A LOGÍSTICA BRASILEIRA** 98
Manuel Poppe Correia de Barros, Coordenador do Núcleo de Tecnologia da Empresa de Planejamento e Logística S.A (EPL)
- SEGURANÇA JURÍDICA E CONFIANÇA NAS LICITAÇÕES** 104
Odacir Klein, Presidente da União Brasileira de Biodiesel e Bioquerosene (Ubrabio)

4º PAINEL – DISTRIBUIÇÃO DE PRODUTOS DO AGRONEGÓCIO – COMÉRCIO INTERNACIONAL

- AGRONEGÓCIO PRECISA DIALOGAR COM O CONSUMIDOR** 106
Maurício Mendes, Presidente da ABMR&A
- EFICIÊNCIA AGRÍCOLA: O BRASIL NA EXPO MILÃO** 111
Vinicius Estrela, Gerente Executivo de Imagem e Acesso a Mercados da Apex-Brasil, Executora do Projeto Brasil na Expo Milão
- O FUTURO QUE QUEREMOS** 114
Paulo E. Cruvinel, Chefe da Assessoria de Gestão Estratégica da Embrapa
- PROPRIEDADE INTELECTUAL PARA AGREGAÇÃO DE VALOR** 120
Jorge Ávila, Presidente do INPI

**5º PAINEL – PERSPECTIVAS DO AGRONEGÓCIO.
PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA E AGREGAÇÃO DE VALOR**

- AGREGAR VALOR SIGNIFICA DESONERAR PRODUÇÃO** 122
*Alysson Paolinelli, Ex-Ministro da Agricultura e
Atual Presidente da Abimilho*
- AGRONEGÓCIO DO SÉCULO XXI:
OPORTUNIDADES E DESAFIOS** 125
Luiz Carlos Corrêa Carvalho, Presidente da Abag

**6º PAINEL – PROMOÇÃO DO EMPREENDEDORISMO
– RISCOS E INCERTEZA – A PEQUENA PRODUÇÃO**

- SEGURO RURAL: UMA CONDIÇÃO PARA O
DESENVOLVIMENTO DO AGRO** 132
*Luís Carlos Guedes Pinto, Ex-Ministro da Agricultura
e Atual Diretor-Geral da Mapfre Seguros*
- EMPREENDEDORISMO E AGRICULTURA:
VOCAÇÕES NATURAIS DO BRASIL** 135
*Caio Tibério Dornelles da Rocha, Secretário de Desenvolvimento
Agropecuário e Cooperativismo do Mapa*
- EMPREENDEDORISMO RURAL: RISCOS E INCERTEZAS** 139
*Reinaldo Kazufumi Yokoyama, Superintendente de Negócios e
Varejo e Governo do Rio de Janeiro do Banco do Brasil*
- EMPREENDEDORISMO PRESSUPÕE PROTAGONISMO** 142
*João José Passini, Engenheiro Agrônomo da
Superintendência de Gestão Ambiental da Itaipu Binacional*

**7º PAINEL – SAÚDE E BEM ESTAR –
TENDÊNCIAS NO CONSUMO DE ALIMENTOS**

- TENDÊNCIAS PARA O CONSUMO DE ALIMENTOS NO BRASIL** 146
*Cesar Borges, Vice-Presidente da Caramuru Alimentos e
Vice-Presidente da Abia-Associação Bras. das Ind. da Alimentação*
- UMA VISÃO TOTAL DOS ALIMENTOS** 149
Ellen Lopes, Diretora Executiva da Food Design

MELHOR GESTÃO PARA O AGRONEGÓCIO

ANTONIO ALVARENGA, presidente da Sociedade Nacional de Agricultura

Debora 70



“CHEGOU O MOMENTO DOS PRODUTORES RURAIS SE UNIREM PARA CONQUISTAR O RECONHECIMENTO DE SEU ESPAÇO E DE SUA IMPORTÂNCIA NO CENÁRIO ECONÔMICO E SOCIAL DO PAÍS. AFINAL, ELES SÃO OS HERÓIS DE NOSSA ECONOMIA. TRABALHAM DURO E ENFRENTAM DIFICULDADES DE TODA ORDEM”

O tema deste 14º Congresso foi inspirado em recente estudo promovido pelo CGEE - Centro de Gestão e Estudos Estratégicos do Ministério da Ciência e Tecnologia. Foram 11 trabalhos encomendados pelo CGEE às melhores instituições do país (FGV, SNA, Embrapa, dentre outros). Esses estudos foram consolidados em seis pilares que originaram os painéis deste Congresso.

Curiosamente, essa pedra fundamental é um exemplo de como é confusa a gestão do setor. Afinal, é um estudo abrangente sobre o agronegócio – um trabalho indiscutivelmente oportuno e sério – mas que foi desenvolvido fora do Ministério da Agricultura.

Dispersão de esforços

Não é de hoje que o nosso agro é palco de intervenções de órgãos governamentais alheios ao Ministério da Agricultura. A política para o setor é traçada por diversos ministérios, entre eles, o do Desenvolvimento Agrário, do Meio

Ambiente e o de Assuntos Estratégicos – apenas para citar alguns. Muitas vezes não há qualquer tipo de integração ou sinergia. Em alguns casos há ações conflitantes.

É claro que existem as mais diversas justificativas para a existência - e a interferência - de tantos organismos governamentais no agronegócio. Afinal, um país que possui 42 ministérios, dá uma demonstração inequívoca de apreço pela robustez da máquina pública. Uma constatação lamentável, para todos nós brasileiros, contribuintes, que assistimos passivamente a dispersão de esforços e o desperdício de recursos.

Não é uma crítica ao atual governo. Isso já vem de longa data.

Poderíamos ter, mas ainda não existe, uma coordenação única, que reunisse e consolidasse todas as políticas para o nosso agronegócio. Não proponho a criação de um novo organismo, mas o simples fortalecimento do atual Ministério da Agricultura, que está, coitado, muito fragilizado.

Modelo

No meio disso tudo, temos a EMBRAPA, um modelo de instituição, que possui uma governança consolidada e, na medida do possível, passa ao largo de pressões políticas. Com apenas 40 anos de existência, a EMBRAPA já pode ser considerada a maior responsável pelo sucesso de nossa agropecuária. Embora tenha vida própria, a EMBRAPA está no lugar certo, ou seja, dentro do Ministério da Agricultura.

Apesar do descompasso que mencionei anteriormente, o estudo do CGEE tem validade indiscutível.

Programa

Este 14º Congresso de Agribusiness reúne cerca de 30 dos maiores especialistas no agronegócio brasileiro, tais como os ex-ministros Alysson Paolinelli, Luiz Carlos Guedes Pinto e Roberto Rodrigues – três baluartes de nossa inteligência no setor.

Vocês terão ainda a oportunidade de acompanhar uma palestra do presidente da Embrapa, um dos mais brilhantes expositores que conheço. Maurício Lopes é um defensor do planejamento e das ações estratégicas para o agro.

Também vamos homenagear duas instituições de grande valor para o setor: a EMBRAPA, que completou 40 anos em 2013, e a ABAG, que comemora 20 anos.

Além disso, dois convênios serão assinados durante o evento: um deles com a FAO, para o desenvolvimento de atividades conjuntas na difusão de informações e conhecimento; e outro, com o INPI, visando à identificação de oportunidades e à promoção do desenvolvimento de Indicações Geográficas com Denominação de Origem.

Ao final do Congresso, será realizada mais uma solenidade de premiação dos Destques A Lavoura.

Portfólio

A SNA, como quase todos os que estão aqui sabem, é a mais antiga instituição voltada

para promoção do agronegócio e da sustentabilidade. Com 116 anos de existência, um de seus papéis mais relevantes é a difusão do conhecimento.

Levamos ao campo informações técnicas, econômicas, jurídicas e ambientais. Ao mesmo tempo, procuramos nos posicionar como eficiente meio de interação do setor rural com a sociedade urbana e instituições governamentais.

Atuamos na disseminação de conhecimento por intermédio de uma intensa atividade educacional e de comunicação que procuramos realizar com qualidade. Prezamos a qualidade, na forma e no conteúdo.

Na educação, temos um campus educacional e ambiental, com 150 mil m², no bairro da Penha, no Rio de Janeiro, onde ministramos diversos cursos técnicos de curta duração e conteúdo eminentemente prático. Nessa área mantemos, em parceria com a Universidade Castelo Branco, um dos melhores cursos de medicina veterinária do Rio de Janeiro.

Editamos duas revistas: A Lavoura, com 116 anos de circulação ininterrupta, é reconhecida por muitos como a melhor publicação do setor. Em 2011, A Lavoura teve um filhote – a revista Animal Business Brasil, que tem seu foco voltado para tecnologia e negócios das cadeias produtivas da área animal. São revistas com qualidade editorial irretocável. Ambas têm tiragem de 18 mil exemplares, com circulação dirigida a um público altamente qualificado e distribuição em bancas de todo o país.

Plataforma de comunicação

Antiga, tradicional, mas ao mesmo tempo moderna, a SNA atua, de forma intensa, na internet. Temos um dos sites mais visitados do segmento e participamos das redes sociais, com um número significativo de “seguidores”. No Facebook, temos quase 50 mil nas quatro páginas administradas pela SNA. No Twitter, em torno de 5 mil.

Também editamos um boletim semanal, distribuído por e-mail para cerca de 8.000 pessoas.

Nossas revistas também estão disponíveis nos *tablets*, nas plataformas da Apple e Android.

Integrando sua plataforma de comunicação, a SNA promove eventos, como é o caso desse congresso anual de agribusiness. As palestras são editadas sob a forma de Anais, que constituem valiosa fonte de consulta para técnicos, empresários do agronegócio, universitários e estudiosos do setor.

Agregação de valor

Ainda no campo da difusão de conhecimentos, a SNA desenvolve alguns projetos especiais, como é o caso do Centro de Inteligência em Orgânicos, que visa a promover a produção e o consumo desses produtos.

Em nossos projetos, procuramos focar em áreas que possam contribuir para a agregação de valor aos produtos agropecuários, buscando uma forma de melhor remunerar o produtor rural.

Potencial

As manifestações populares que têm sido promovidas nas grandes cidades mostram que a população está desencantada. Muita coisa precisa, e certamente irá mudar.

Chegou o momento dos produtores rurais se unirem para conquistar o reconhecimento de seu espaço e de sua importância no cenário econômico e social do país. Afinal, eles são os heróis de nossa economia. Trabalham duro e enfrentam dificuldades de toda ordem a fim de fornecer alimentação para 200 milhões de brasileiros e ainda gerar excedentes exportáveis de US\$ 100 bilhões de dólares por ano.

É difícil imaginar o que seria de nossa economia se não fosse o agronegócio.

Temos uma das maiores e mais avançadas agriculturas do planeta. Somos campeões em produtividade e sustentabilidade. Estamos colhendo a maior safra de toda a história do país, com 186 milhões de toneladas de grãos. Mas isso não significa que o campo não tenha seus problemas e reivindicações.

Gargalos

O produtor rural sofre com insegurança jurídica, infraestrutura deficiente, e com o descompasso e a demora na implementação de políticas públicas para o setor. A questão indígena; os sistemas de transporte, armazenagem e exportação; as ameaças da legislação trabalhista, e os encargos do novo Código Florestal são alguns dos problemas que afligem e prejudicam nosso produtor.

Exemplo

Para encerrar, vou ler para vocês um bilhete que recebi recentemente do amigo Otaviano Pivetta, grande produtor e prefeito de Lucas do Rio Verde, em Mato Grosso, que demonstra o estado de espírito de nossos produtores rurais:

“Prezado Alvarenga,

Estamos aqui fazendo a agricultura mais eficiente e surpreendente do mundo. Nessa safra chegamos ao desfrute de 10 toneladas de soja e milho por hectare (média do município) no ano agrícola em duas safras sem irrigação, e com as condições que Deus nos deu.

Não temos estrada, nem ferrovia, nem governo. Não podemos usar as calhas dos nossos rios para o escoamento fluvial. Estamos condenados por ter produzido demais. Esse é o prêmio que recebemos do nosso país.

Ainda assim, estamos crescendo acima de 12% ao ano, e com o segundo melhor IDHM do interior do Centro Oeste.”

Agradeço a todos que vieram aqui prestigiar a nossa Sociedade Nacional de Agricultura: técnicos, produtores, autoridades governamentais, lideranças do setor, presidentes de cooperativas, estudantes e, sobretudo, nossos diretores, conselheiros e membros da Academia Nacional de Agricultura. Agradecemos também o patrocínio do Sebrae/RJ, que desde o primeiro Congresso vem apoiando essa iniciativa da SNA.

“O AGRO PRECISA MELHORAR SUA COMUNICAÇÃO COM A SOCIEDADE”

MÔNICA BERGAMASCHI, secretária de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo

O nosso grande desafio da agricultura do século XXI é produzir mais e melhor. Alimentos, energia, fibra. E com impactos cada vez menores. Ainda que seja muito difícil a gente quantificar. A pesquisa, a inovação, a própria agricultura de precisão, estão entrando com muita força. A nanotecnologia permite até que a gente combata um grande mal que existe. Nos países pobres e ricos, o desperdício é generalizado. Nós temos aqui o desperdício desde a lavoura, e a ousadia de ter também um desperdício grande nas nossas próprias casas. A própria nanotecnologia, com filmes, além de outros sistemas que a Embrapa tem desenvolvido com muita eficiência, permitem que a gente possa aumentar o tempo de prateleira de todos esses produtos.

É preciso que a gente tenha ciência, tecnologia, inovação, organização com a melhor produção, e inclusive reduzir desperdício. Temos de diminuir a fome nesse país. Os números da FAO indicam que mais de 852 milhões de pessoas passam fome. E não necessariamente por falta de alimentos. Muitas vezes por falta de acesso aos alimentos ou por falta de transportes. E está aí um grande desafio.

Mas a agricultura deve estar associada sempre à sustentabilidade. Ainda que a gente não tenha muito noção do que é sustentabilidade. Quais são os critérios, os parâmetros. Como se mede isso. Como se põe valor nisso. E nós sabemos que o Brasil é de fato extremamente sustentável. A gente não consegue por valor. A gente não consegue exatamente medir. E está aí também a questão da métrica, que é outro grande problema que nós temos. Tomamos várias decisões, principalmente na esfera do governo, sem que tenhamos a exata noção dos números, das estatísticas, de como a gente mede esse tipo de coisa.

O Antonio Alvarenga chamou de perseverantes os agricultores, mas talvez a gente pudesse cha-



Débora 70

má-los de teimosos. Apesar de tudo, insistem, com a graça do bom Deus, e estão aí de acordo com o que diz o governador Geraldo Alckmin: ‘O setor da agricultura segurando a peteca da economia’. Não só da economia paulista, mas da brasileira. Prova maior está naquilo que a gente vê em todos os jornais, apesar de tudo.

Conhecimento e cooperação

E nós temos de ter que em mente também a questão do relacionamento. O nosso foco hoje é resultado. A gente precisa trabalhar junto. Seja em esferas de governos federal, estadual, municipal, setor privado ou outros, inclusive no âmbito internacional, para que possamos desenvolver esse apropriado conhecimento na melhor medida possível.

Em São Paulo, especificamente, a agricultura é importantíssima em nossa economia. Muito

mais do que 40% da economia paulista vende tudo. Com grande participação, inclusive na balança comercial. A gente sabe como tem sido a questão do etanol, principalmente, da laranja em crise, do café em crise, enfim, são momentos bastante críticos, de dificuldade, apesar dos investimentos, da inserção de tecnologia, da gestão, do propósito de melhorar, de adicionar, e aumentar produtividade. Os preços não refletem tudo isso.

O que está havendo é uma transferência de renda direta do campo para o consumidor de todas as cidades. E o resultado é uma equação bastante complicada para a gente resolver no final das contas. Mas está aí um futuro promissor ou de sucesso. A gente necessariamente vai precisar de cada vez mais conhecimento e mais cooperação. Trabalhando juntos para que possamos de fato crescer.

Déficit na comunicação

Em relação à pesquisa no Brasil, a Embrapa já mencionava a todos os nossos institutos, em São Paulo, no Paraná, em outros estados, que desde 1960, a produção agrícola de grãos aumentou mais de 820% e a produtividade 290%. E se a gente tratar de balança comercial, desde 1990 as exportações industriais e serviços acumularam um déficit de quase 400 bilhões de dólares, enquanto o nosso setor teimoso acumulou um superávit superior a 820 bilhões de dólares.

Isso é qualquer coisa fora do normal. Isso é qualquer coisa para de fato comemorar e trabalhar muito melhor com o aspecto que talvez seja aquela possibilidade de desatar uma série de nós que vem por aí. Fizemos um grande seminário, que foi coordenado pelo ministro Roberto Rodrigues. Talvez a grande possibilidade para começar a desatar esses nós seja a melhoria da comunicação. Fazer com que a sociedade nos entenda, nos compreenda, nos valorize e nos apoie, para que tenhamos de fato melhores políticas públicas. Talvez esteja aí a possibilidade de poder trabalhar melhor todos esses aspectos que tanto interferem na competitividade do agricultor.

Essa competitividade começa a se perder a partir do momento que sai dos perímetros das propriedades rurais. Que não encontra estrada, não encontra transporte, política, recurso, crédito, não encontra seguro, enfim, fazendo com que todas as questões fiquem bastante atrapalhadas.

Cadastro Ambiental Rural

Eu encerraria por aqui, mas quero apenas fazer um comentário sobre a questão do Cadastro Ambiental Rural. O CAR foi lançado recentemente no Rio de Janeiro, e em São Paulo nós lançamos no dia cinco de junho. Propositamente no dia do Meio Ambiente. O CAR, como todos sabem, é uma fotografia da real situação de uso e ocupação das terras, mediante aquilo que ficou definido no novo Código Florestal, onde os estados poderão programar a sua regularização a partir do chamado PRA, Programa de Regularização Ambiental.

Portanto, o CAR é a primeira foto, para que os estados tenham tempo de conhecer de novo a métrica, a base, e possam formalizar aquilo que é a melhor maneira de dar ao agricultor o que ele de fato precisa, que é segurança. Segurança para que ele possa continuar investindo, colocar o seu recurso na produção. Então, este é o grande mérito.

No entanto, o CAR federal ainda não foi lançado. Então, os estados estão se antecipando, alguns mais adiantados, outros menos. É importantíssimo que todos tenham isso, até para que a gente possa, de maneira mais direta, fazer uma pressão maior no ministério do Meio Ambiente, a fim de que o CAR seja lançado.

Além disso, alcançamos mais uma vitória. O Bruno Covas, secretário de Meio Ambiente de São Paulo, assinou, com a benção da Corregedoria Geral de Justiça do estado e com os registradores imobiliários, um acordo de cooperação técnica. Isso significa que, em São Paulo, nós já poderemos fazer a transferência dos imóveis e nos valer de alguns benefícios do CAR, sem a necessidade de averbação de reserva legal. Então, esse é um caminho que a gente também abre.

Porém, como não temos ainda o CAR federal já formalizado, os cartórios e os licenciamentos continuam exigindo do proprietário rural. Está sendo imputado a ele, exclusivamente, o custo pela obrigação da preservação e benefício de toda a sociedade humana, de toda humanidade. Então, é uma vitória que conquistamos em São Paulo, e eu espero que vocês também consigam acordo semelhante, em benefício de um setor que gera emprego e renda, e que só traz alegria para esse violento, potente e gigante chamado Brasil.

A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO INTEGRADA

CEZAR VASQUEZ, diretor superintendente do Sebrae-RJ

O tema “Alimentos”, escolhido para essa edição, é intimamente relacionado com a atividade do Sebrae no meio rural. As pequenas propriedades rurais, como vocês sabem, têm uma participação relevante na produção de alimentos e no abastecimento interno. A melhoria da gestão desses empreendimentos tem impacto direto na qualidade daquilo que nós consumimos, na sustentabilidade ambiental e no desenvolvimento regional do país.

Como foi dito, o crescimento da produção agrícola no Brasil se baseia fortemente com o aumento da produtividade. As projeções indicam que a produção de grãos deve aumentar, nos próximos dez anos, mais de 20%, contra um aumento de área plantada, que não deve chegar à metade disso. Tecnologia e acesso ao mercado têm sido alguns fatores decisivos. Junto à questão ambiental, esses são os elementos essenciais para o desenvolvimento das pequenas propriedades rurais.

O padrão de consumo no Brasil e no mundo também tem sofrido profundas modificações. A cada dia, surgem consumidores mais bem informados e exigentes em relação aos produtos que adquirem. O aumento do poder de compra, o maior acesso a informação, a consolidação de novos conceitos de saúde e relacionamento com o meio ambiente, a modificação da estrutura da

família, a inserção no mercado de trabalho e o envelhecimento da população, em geral, afetam de forma significativa as escolhas e preferências em relação aos alimentos em particular.

Ao mesmo tempo, houve migração dos alimentos *in natura* para os alimentos processados. Hoje, 85% dos alimentos consumidos no país passam por algum tipo de processamento industrial, contra 56% em 1980, por exemplo. Surgiram novos nichos de produtos, tais como alimentos e bebidas funcionais e dietéticos. Em 2012, o segmento de produtos alimentares, de saúde e bem-estar, faturou algo próximo a R\$ 40 bilhões. Apesar de serem mercados altamente competitivos e com fortes investimentos em tecnologia, também representam um nicho de oportunidades para os pequenos produtores, na qualidade de fornecedores.

Ações estratégicas

As estratégias de atuação do Sebrae no agronegócio estão direcionadas para a gestão integrada da propriedade rural, inovação e tecnologia, cooperação, encadeamento produtivo, formalização e regularização. Em termos de segmento, as nossas principais atuações se dão em agroenergia, apicultura, aquicultura e pesca, café, carne, derivados de cana, mandiocultura e ovinocapricultura. Atuamos com carteiras temáticas organizadas em programas de agroin-

“A MELHORIA DA GESTÃO DAS PEQUENAS PROPRIEDADES RURAIS TEM IMPACTO DIRETO NA QUALIDADE DAQUILO QUE NÓS CONSUMIMOS, NA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL E NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL”

Debora 70



“É PRECISO MELHORAR
A GESTÃO, AUMENTAR
A QUALIDADE DE
PRODUTOS E SERVIÇOS
E AGREGAR VALOR”

dústria, agroecologia, agroenergia e encadeamento produtivo. Recentemente, lançamos no campo um produto nacional e integrado, para as pequenas propriedades rurais, composto por um conjunto de serviços que envolve capacitação, desenvolvimento do empreendedor e consultoria na própria propriedade.

Nós ainda não sabemos, mas, em geral, os programas nacionais, além da vantagem, da troca e da articulação nacional, trazem experiências. Poder ter no mesmo produto a experiência de acumular em todos os estados. A gente também conta com generosos recursos adicionais para os estados do Sebrae Nacional, com o compartilhamento de ação. Isso não está decidido, mas seguramente irá nesse mesmo caminho. Nós estamos aguardando no Rio de Janeiro, em particular.

Alimentos e bebidas: estudo de caso

O Rio reestruturou a sua atuação no meio rural e, por uma enorme coincidência, a gente partiu de uma constatação: a de que o Rio importa boa parte do seu consumo. Em função disso, nós organizamos um programa de encadeamento produtivo na área de alimentos e bebidas, com o objetivo de ampliar o consumo da produção local e consequentemente o desenvolvimento dos nossos produtores. Um programa integrado da cadeia, que articula fornecedores, insumos, produtores, processadores, distribuidores, comércio varejista e vai até a alimentação fora do ar. A gente colocou no mesmo programa desde bares e restaurantes, até o produtor rural. Um programa de alimentos e bebidas voltado fundamentalmente para a comercialização, no Rio de Janeiro, da produção local.

De certa forma, evoluímos da atuação por segmentos para um programa integrado de cadeia. A cadeia produtiva de alimentação no estado do Rio de Janeiro movimenta R\$ 20 milhões

por ano. Representa 3.3% do PIB do estado, se considerarmos apenas o agronegócio. Se incluirmos toda a cadeia, até o consumo, chega a 8%. Dados de 2006 do IBGE apontam para 58.887,59 mil propriedades rurais, ocupando 157.492 empregados diretos. De 2009, também dados do IBGE, são 19.234 estabelecimentos comercializando alimentos, com cerca de 220 mil empregados diretos.

Dados de 2005 da CNC e do SindRio apontam 23.567 restaurantes e similares no estado do Rio de Janeiro, sendo 15.600 na região metropolitana. Sobre o setor de alimentos especificamente, o agronegócio predomina em número de estabelecimentos nas regiões Norte, Serrana I e Noroeste.

O estado tem 36 mil estabelecimentos formais, representando 13.7% do total de estabelecimentos da economia fluminense. Dessas 36 mil micros e pequenas empresas no setor de alimentos, 38% estão na capital, concentradas em restaurantes e outros serviços de alimentação. Representam 55% das micros e pequenas empresas da cidade. É a maior participação em todas as regiões do Rio. Empregam formalmente 10% da mão de obra do estado. Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas são destaque em praticamente todas as regiões do Rio de Janeiro.

Desafios e parcerias

Em relação aos principais desafios no âmbito dos pequenos negócios, no caso no Rio de Janeiro, mas também no Brasil, ressalto que é preciso melhorar a gestão, aumentar a qualidade de produtos e serviços, agregar valor aos produtos pela diferenciação e atuação em nichos específicos, e implantar práticas de sustentabilidade ambiental.

Por fim, gostaria de ressaltar a relevante parceria do Sebrae Nacional e do Sebrae do Rio de Janeiro, com a SNA. São parceiros que tem ajudado na orientação e na concepção de nossos programas, entre eles, o Congresso de Agribusiness, que desde a sua primeira edição tem sido referência importante, acompanhando as tendências do agronegócio no Brasil e no mundo; o OrganicsNet, rede comunitária para acesso ao mercado pelos produtores de orgânicos; o Centro de Inteligência em Orgânicos, que passa agora por uma consolidação, e as revistas A Lavoura e Animal Business Brasil.

500

Mais de 500 respostas na palma da mão

Conheça os e-books da Coleção 500 Perguntas 500 Respostas. Baixe-os gratuitamente, de onde estiver, para ler no seu smartphone, tablet ou computador. No final do livro, você poderá fazer mais uma pergunta, que a Embrapa enviará a resposta para o seu e-mail.

Visite o site no endereço www.embrapa.br/mais500p500r, baixe os e-books e faça sua pergunta. Contamos com você!

• ACESSE AQUI •

Embrapa

“TEMOS DE FORNECER ALIMENTOS E CONHECIMENTO PARA O MUNDO NO FUTURO”

ALAN BOJANIC, representante da FAO/ONU no Brasil

O tema alimentos é uma grande questão para a FAO. Há mais de 60 anos nós trabalhamos forte para erradicar a fome no mundo, e agora que temos um brasileiro como diretor-geral, as questões sociais passam a ter maior ênfase. Estamos tentando fazer do escritório do Brasil um polo para facilitar a cooperação do país com as nações menos desenvolvidas, particularmente os países que têm problemas de fome no mundo, como os da África, América Central, e alguns do Caribe, como o Haiti. Para nós é muito importante fazer parcerias com os setores público e privado, a fim de favorecer esse grande conhecimento.

Temos não somente de fornecer alimentos para o mundo no futuro, mas também conhecimento. Conhecimento de uma agricultura tropical. O Brasil é a maior potência no mundo em termos de conhecimento, para fazer esse tipo de agricultura. É um aspecto bastante relevante para a garantia de alimentos.

Em 2009, a FAO fez um estudo e indicou que, para o ano de 2050, vamos precisar de pelo menos quase um bilhão a mais de toneladas de alimentos. Não estamos falando somente de grãos, mas também de carne e fibra. Vamos precisar de energia para produzir. Então, boa parte desses alimentos será fornecida pelo Brasil. Com certeza, o Brasil será um grande *player* do mundo no futuro. Mas a situação não é fácil, porque ainda temos problemas muito grandes.

Insegurança alimentar

Um em cada quatro habitantes na África está em situação de insegurança alimentar. Não está consumindo as quantidades de energia que precisa de proteínas, de minerais. No mundo inteiro, uma em cada oito pessoas está nessa situação. Na América Latina, uma em cada doze. Ainda temos um problema muito sério. Mas se não tomarmos as decisões políticas agora, o problema vai ser maior. A tendência nos

últimos dez anos é que tenhamos uma diminuição do número de pessoas em circunstância de segurança alimentar.

Clima e geografia

Nós temos ainda o grande problema das mudanças climáticas. Fala-se que pelo menos 30% da produção mundial vai se perder por causa das secas, dos eventos climáticos, dos extremos. As mudanças estão influenciando o padrão de produção geográfica. Por isso é importante que se tome essas questões como um evento fundamental, que precisamos trabalhar para termos uma agricultura mais resiliente, que irá se adaptar às condições de eventos climáticos extremos.

Sim, queremos ter essa produção de alimentos que se precisa. De onde virão os alimentos do futuro? Virão fundamentalmente do aumento da produtividade, que dará conta de pelo menos 80% desse crescimento. As tecnologias que a nossa prestigiosa Embrapa elabora para aumentar a produtividade são fundamentais. Mas também temos de analisar a geografia. Quais são os países que têm mais possibilidades de produzir esses alimentos? Com certeza o Brasil, mas também os Estados Unidos, Austrália, Rússia e Ucrânia são grandes celeiros. No entanto, muitos desses não são celeiros para a agricultura tropical. Em relação a esse aspecto, o Brasil tem a centralidade.

Débora 70



Restrições comerciais

Para isso, conforme falei, precisamos tomar decisões agora. Decisões políticas para ter mais investimentos em infraestrutura. Ter mais investimentos em pesquisa e assistência técnica, em cooperação internacional e facilitação. A FAO está justamente nesse processo de facilitação para a transmissão de conhecimentos.

Os países que vão precisar mais de alimentação serão os da África, os do sudeste da Ásia e os do sul da Ásia, que não terão condições para produzir. As relações comerciais com esses países, com certeza, vão se incrementar, e temos de estar preparados para ter um comércio fácil, sem restrições. Teremos de controlar doenças, pragas, para não transferi-las a outras nações.

Mas em termos de restrições de comércio, é um grande problema movimentar a produção de alimentos de um continente para outro. Outra dificuldade é obter tecnologia, para que tenhamos uma agricultura de baixas absorções de carbono e amigável com o meio ambiente.

Aqui no Brasil temos muitas pastagens degradadas, que precisam ser recuperadas para produzir alimentos. E também no mundo inteiro. No Brasil, na Argentina, e até mesmo no Chile, com o avanço da certificação, é preciso ter conhecimento de como recuperar essas terras, e administrar não só os espaços, mas também o tempo de ocupação. Não é possível que só ocupemos as terras a metade do ano. Temos de utilizar as terras pelo menos 80%, 90% do tempo do ano, com produções. Para isso, o grande desafio é a questão da irrigação.

Questões centrais

A água também é uma questão central para o mundo do futuro. O uso da água do mar, com certeza, será uma opção para melhorar o processo produtivo. Tão importante como o aumento da produtividade é ter sistemas integrados de lavoura-pecuária. É ter sistemas integrados. Melhorar o uso das terras degradadas. Garantir acesso aos alimentos. As políticas de transferência de renda para a erradicação da fome e da pobreza, também são centrais.

Outro aspecto que não se fala muito é a questão da construção da institucionalidade. Uma das maiores ameaças são os conflitos sociais. Os problemas de criação de uma institucionalidade de governança para a distribuição de alimentos, para se ter acesso a eles. Particularmente na África, isso torna-se um problema cada vez maior. A abordagem para melhorar a governança, com o propósito de se ter uma institucionalidade que

utilize de modo mais eficiente os poucos recursos que temos no estado, é algo fundamental.

Resoluções para os próximos anos

Quando falamos no mundo do futuro, estamos pensando que 2050 está muito longe. Não, 2050 são 36 anos daqui para frente. Eu acho que muitos de nós esperamos estar ainda aí. Filhos vão estar aí com certeza, os netos também. É um futuro próximo. E com certeza teremos outros padrões de consumo. Não vamos mudar os padrões para ter dietas mais saudáveis, porque agora o grande problema é o excesso de consumo. Assim como temos 852 milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar, temos bilhões de pessoas com obesidade e sobrepeso. A questão é como vamos balancear essa equação para ter também um padrão de consumo muito mais saudável, com alimentos saudáveis e melhor utilizados.

É preciso saber ainda de onde vamos obter o dinheiro para investir o que se precisa em infraestrutura, em pesquisa, em assistência técnica. Criar condições para ter melhor institucionalidade, governança. Mesmo com os conflitos sociais superados.

O fórum de 2009 indicou que precisamos aumentar a produção de alimentos em pelo menos 70%. Também mostrou a necessidade de termos pelo menos 83 milhões de dólares acrescidos em agricultura. Existe a consciência de que precisamos investir em maior quantidade no mundo em desenvolvimento, nos países de renda média e desenvolvidos. Para isso, é fundamental que se faça uma grande parceria com os setores público e privado. A maior contribuição deve se originar dos países desenvolvidos, mas os países em desenvolvimento também devem contribuir como forma de valorizar a agricultura.

É necessário ainda aumentar os investimentos privados. E para isso é preciso segurança jurídica. Então, a equação é muito complexa.

Nós da FAO somos otimistas. O nosso diretor-geral José Graziano acha que é possível termos em 2050 um mundo sem fome. Para isso, decisões políticas e solidariedade internacional com os países menos desenvolvidos são fundamentais. Do mesmo modo, é importante destinar parcelas dos orçamentos estaduais e federais para colocar a agricultura e a erradicação da pobreza e da fome em primeiro lugar. E isso tem muito a ver com a vontade política, também para garantir os acordos com a sociedade civil, com o setor privado, a fim de erradicar a fome no mundo. No mundo do futuro ninguém passará fome.

A SEGUNDA REVOLUÇÃO DA AGRICULTURA

MAURÍCIO LOPES, presidente da Embrapa

O tema Alimentos, junto a outras questões importantes como pobreza, meio ambiente e água, irá demandar de todos nós, de todas as instituições e governos, uma atenção muito especial ao longo das próximas décadas.

Considerando as implicações e a complexidade desse tema, não é nada fácil traçar cenários e desafios que impactam a produção sustentável de alimentos ao longo das próximas décadas. Que riscos e oportunidades são colocados para o agronegócio brasileiro na produção de alimentos? Eu gosto muito de falar de futuro, de antevisão, de antecipação. Isso é natural porque, como pesquisador e gestor de uma instituição de pesquisa e desenvolvimento, tenho sempre de lembrar a todos que o futuro é um insumo extremamente importante para nós.

Não se inicia nada numa instituição de pesquisa sem pensar no futuro. E o futuro é, muitas vezes, longínquo, distante. É fundamental para nós estarmos sempre fazendo esse esforço, de analisar cenários, perspectivas, tendências. Isso é importante para que a gente erre menos e para que possamos definir nossas prioridades, o caminho a seguir. As instituições de ci-

ência e tecnologia que não fazem esse esforço correm um risco muito grande de seguir caminhos equivocados.

Mudanças e previsões

Quero mostrar o contexto de um mundo em mudança e como esse mundo que muda de forma muito rápida nos afeta, com paradigmas que são quebrados a todo tempo. Influencia a produção de alimentos no presente e poderá afetar a produção no futuro. Grande parte do que eu vou apresentar aqui é resultado desse esforço que a Embrapa vem fazendo no sentido de estruturar sua base de inteligência e estratégica, de antecipação, de análise de cenário – a plataforma Agropensa.

Nós sempre temos de levar em conta que estamos em um mundo cada vez mais complicado e complexo. Eu costumo dizer que o mundo da Guerra Fria é mais previsível. Hoje a gente vive num planeta que é multipolar. São muitas forças em movimento. Antecipar ou antever o futuro hoje em dia é bem mais complicado que prever o futuro naquele tempo do mundo bipolar, onde havia duas forças em movimento. O mundo está cada vez menos previsível.



Débora 70

“É FUNDAMENTAL PARA NÓS ANALISAR CENÁRIOS, PERSPECTIVAS, TENDÊNCIAS. ISSO É IMPORTANTE PARA QUE A GENTE ERRE MENOS E PARA QUE POSSAMOS DEFINIR NOSSAS PRIORIDADES, O CAMINHO A SEGUIR”

O quadro abaixo registra que o multilateralismo perdeu terreno em função disso. As instituições multilaterais infelizmente perderam ênfase, e isso é em grande medida ruim, porque prevalecem as relações bilaterais, os blocos, e esse aspecto torna o mundo cada vez mais complexo, mais difícil de ler, de entender e se relacionar. Uma profusão de forças em jogo. As rupturas são cada vez mais rápidas e profundas. Quem ouvia falar de gás de xisto há três anos? E vejam o que é gás de xisto hoje. É uma ruptura muito profunda na lógica energética do mundo. São transformações que vêm na esteira de avanços tecnológicos muito rápidos. E nós temos de estar preparados para essas mudanças.

QUADRO 1



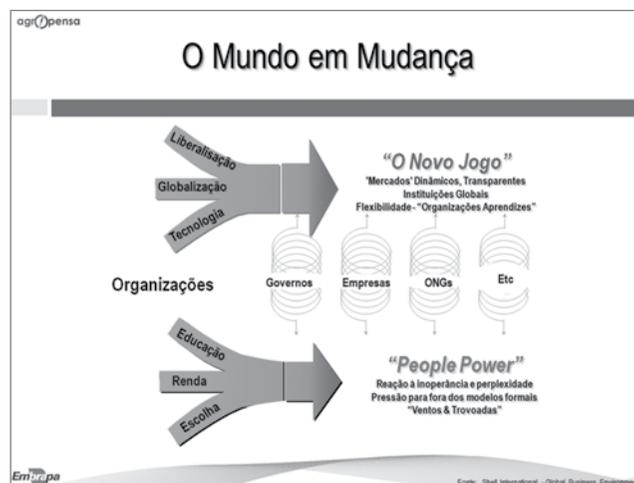
Novo Jogo

As organizações, os governos, as empresas, as ONGs, todos estamos à mercê de dois jogos. Muitas vezes em oposição. É o chamado “Novo Jogo”, que vem com a liberalização econômica e o avanço da globalização e do desenvolvimento tecnológico (quadro seguinte). Os mercados se tornaram muito dinâmicos, imutáveis, mais transparentes. As instituições se tornaram globais. Hoje temos grandes empresas, grandes *players*, alguns com força similar a de nações inteiras. E as organizações precisam ficar cada vez mais flexíveis, para responder a esse mundo. Essa é uma força do “Novo Jogo”.

Existe uma outra força, a da sociedade, com maior acesso à educação, à renda e com pessoas dotadas de poder de escolha. Temos uma reação muito forte por parte dessa sociedade, em relação à inoperância das instituições, à burocracia. Existe uma grande pressão para que as institui-

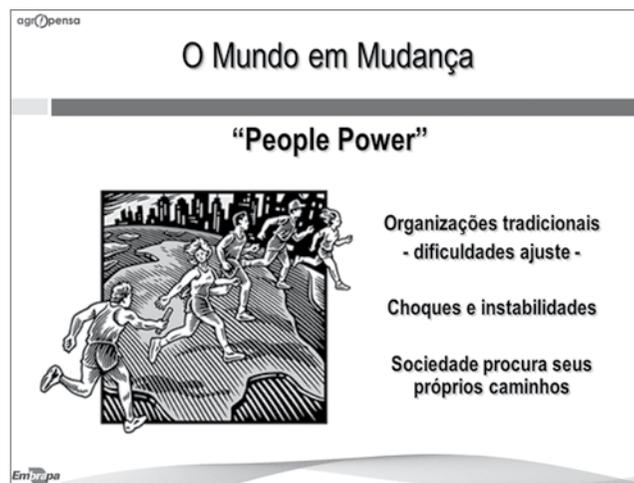
ções se movam para fora dos modelos muito formais e imutáveis de gestão e governança. E as instituições são inevitáveis. ONGs e empresas estarão cada vez mais submetidas a ventos e trovoadas. Temos de estar muito preparados para isso.

QUADRO 2



As organizações tradicionais têm cada vez maior dificuldade de se ajustar a essa nova ordem. Choques e instabilidades se tornam cada vez comuns e constantes. E a sociedade, se as instituições não respondem, busca os seus próprios caminhos e segue adiante.

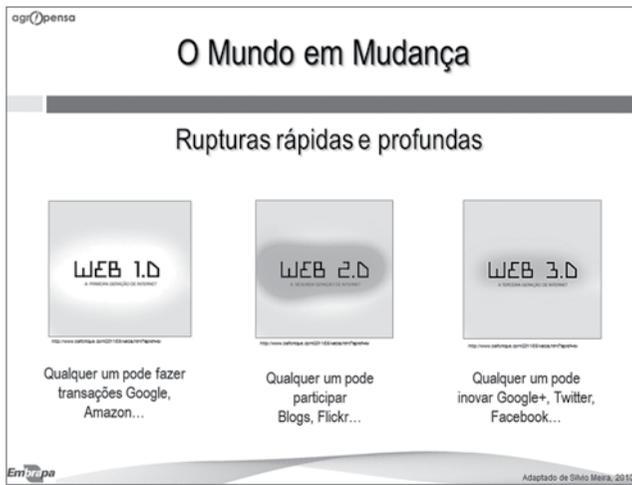
QUADRO 3



Rupturas

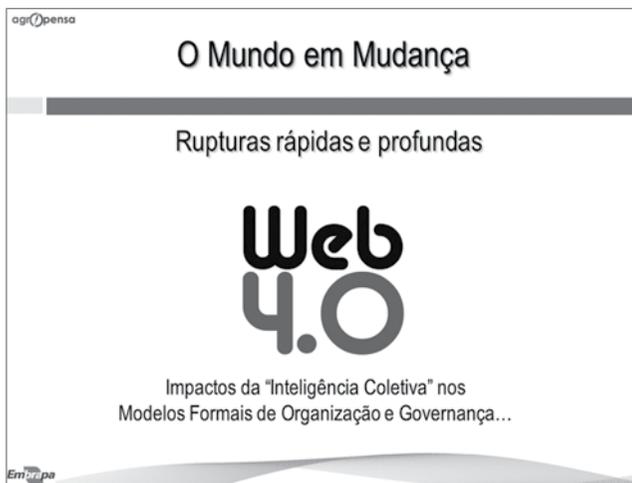
Há uma implicação marcante. Eu falei de uma ruptura do gás de xisto. Uma outra ruptura importante para todos nós é a da informação e da comunicação. O avanço tremendo nas tecnologias, nesse âmbito, mudou tudo, a nossa relação com o trabalho, a relação das empresas com a sociedade e da sociedade com os governos.

QUADRO 4



Estamos entrando numa era onde talvez se consolide algo chamado inteligência coletiva, conforme mostra o quadro abaixo. Isso tem e terá impactos muito fortes. Esses movimentos que ocorrem sem uma aparente liderança, sem um ponto de referência, muitos consideram que esses fatos significam a emergência de uma nova força, uma nova ordem, uma inteligência coletiva. Como lidar com isso? Como racionalizar no mundo com essa força, crescendo cada vez mais, estabelecendo e ocupando espaço?

QUADRO 5



Desafios

É inevitável que a gente pense nisso olhando daqui para o futuro. Pensando em segurança alimentar, em segurança em outras dimensões. Todos nós, os países, as instituições, estão cada vez mais submetidos a desafios que agora são transfronteiriços (veja o quadro a seguir). Eles vão além da instituição, do estado, e muitas vezes além do nosso país. Eu cito aqui três desa-

fos transfronteiriços: as mudanças climáticas, a segurança biológica e os crimes cibernéticos. Acho que estão todos aí pela mídia. São desafios que vão além de um indivíduo, de um poder, de uma nação. Vamos ter de pensar no futuro mecanismos de governança, de inteligência, para lidar com desafios nessa dimensão e nessa complexidade.

QUADRO 6



No gráfico abaixo, temos notícias boas sobre o encolhimento do número de pessoas vivendo abaixo da linha de pobreza extrema. Pessoas que vivem com menos de U\$ 1.25 por dia. Comparem o gráfico de 2005 com o de 2015. Significa que, apesar de todas as dificuldades, o mundo vai, gradualmente, sendo capaz de lidar com problemas muito graves de fome e de exclusão.

QUADRO 7



Mas também temos de lembrar que a solução desse problema produz outros desafios e outros problemas. Falamos muito do crescimento da demanda por alimentos daqui para 2050. Do

crescimento físico. Na quantidade de alimentos que terá de ser disponibilizada. Precisamos falar mais sobre assimetria entre o crescimento da população e a capacidade de produzir alimentos. Eu acho que é uma questão ainda mais séria.

O problema é que as regiões que vão passar por um crescimento muito forte de população, como a África (49%) e a Ásia (41%), têm baixa capacidade de produzir alimentos. E isso significa que vamos ter necessariamente de movimentar grandes volumes de alimentos pelo mundo. Isso tem implicações muito graves, por exemplo, nas relações de comércio, que terão de ser mais sofisticadas, para que esse alimento possa ser mobilizado nos volumes necessários e no tempo necessário, sem grandes distúrbios na paz.

Onde não existe alimento, onde as pessoas não têm acesso ao básico para seu consumo, não há paz. Precisamos falar mais sobre essa assimetria, porque não há necessidade de conhecer o volume dos alimentos necessários em 2050.

A assimetria é uma questão séria, para o futuro. É o que mostra o próximo quadro. E ela produz também uma outra dificuldade. Transitamos com o alimento pelo mundo de forma muito intensa e rápida, e isso significa que também poderemos movimentar pelo mundo pragas, doenças e contaminantes. É outro problema grave. Nós vamos ter cada vez mais sobressaltos relacionados à segurança biológica e à defesa agropecuária.

Esse tema é de grandeza maior para um país como o Brasil. Precisamos de um sistema de defesa biológica muito poderoso, diga-se de passagem, muito mais poderoso que aquele que temos hoje, levando em conta essa realidade.

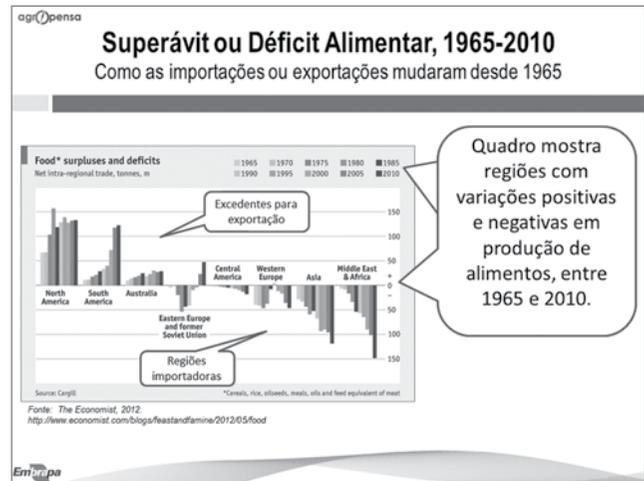
QUADRO 8



Assimetria

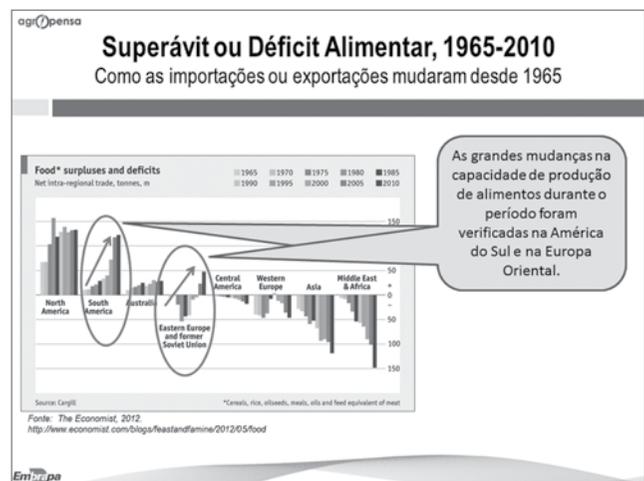
A assimetria mostra o papel relevante que o nosso país terá de cumprir, quanto a essa expectativa global sobre nós, de nos tornarmos provedores cada vez mais importantes em um mundo que vai demandar muito alimento. O gráfico abaixo, publicado pela revista *The Economist*, no ano passado, mostra, de 1965 até 2010, regiões com variações positivas e negativas na produção de alimentos, áreas onde ocorreram excedentes para exportação, e as regiões importadoras.

QUADRO 9



Vemos que as grandes mudanças na capacidade de produção de alimentos durante esse período foram verificadas na América do Sul, em especial no Brasil e na Argentina, e também na Europa Oriental. Não em todo esse período, mas nos anos finais.

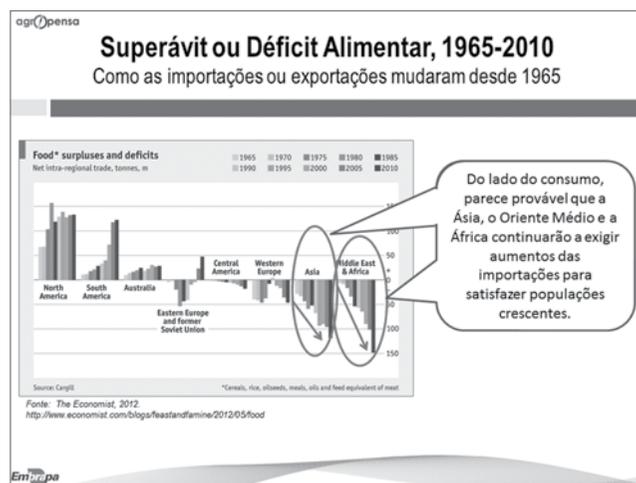
QUADRO 10



E do lado do consumo, parece muito provável que a Ásia, o Oriente Médio e a África vão

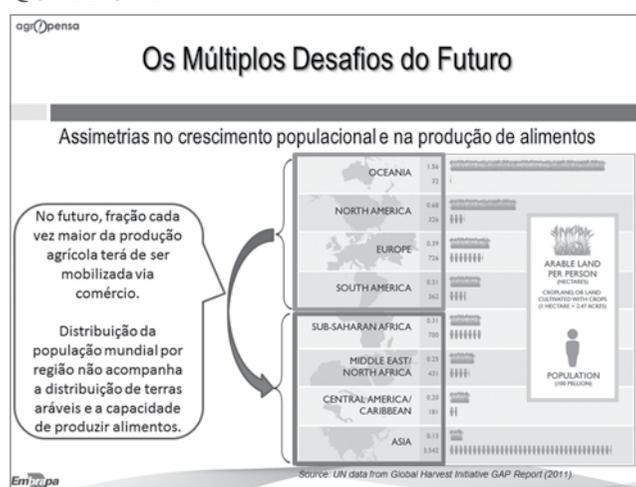
continuar exigindo aumentos nas importações para satisfazer as suas necessidades. Esse déficit vai crescer cada vez mais, exigindo dos países que ainda podem ser provedores, e que podem fortalecer essa posição, para ocupar o espaço e ajudar nesse equilíbrio. É o que mostra o quadro a seguir.

QUADRO 11



No futuro, uma fração cada vez maior da produção agrícola terá de ser mobilizada via comércio, a partir de regiões que ainda possuem terra e capacidade de fazer crescer a produção, para as áreas que não tem essa capacidade. A distribuição da população mundial não acompanha a capacidade de se produzir alimentos.

QUADRO 12

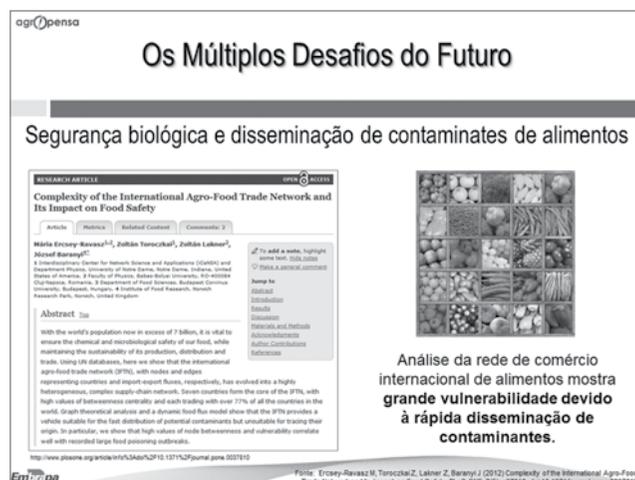


Contaminação

Um estudo publicado recentemente mostra que, analisando a rede internacional de alimentos, há sinais de grande vulnerabilidade

devido à rápida disseminação de contaminantes. É cada vez mais frequente a notícia de pragas e doenças nos alimentos.

QUADRO 13



Mudanças climáticas

Além de tudo isso, vamos precisar lidar com as mudanças climáticas. Estresses térmicos, hídricos e nutricionais tenderão a se intensificar nas regiões tropicais, onde estão os ambientes mais desafiadores para a produção agropecuária (quadro a seguir). Precisamos nos preparar, porque essa mudança de clima e a elevação de temperatura no globo vão ficar ainda mais desafiadoras, caso se realizem conforme programado pelo IPCC e por estudiosos.

QUADRO 14

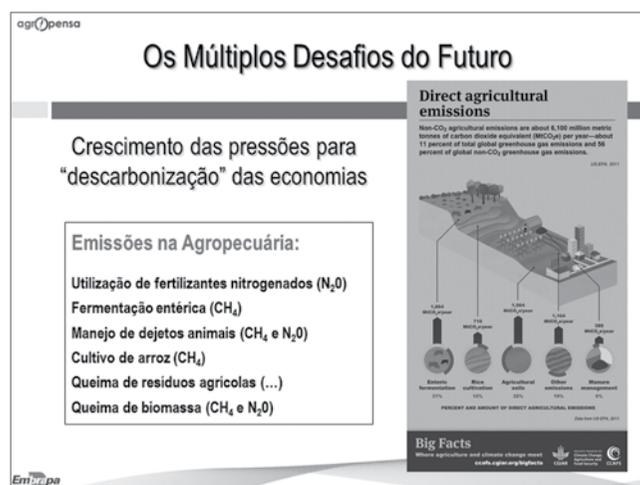


Mudança de clima tem implicações bastante importantes para agropecuária. E por quê? Temos de reconhecer que a agricultura ainda é uma atividade muito carbonizada, contri-

buindo com muito gás e efeito estufa. É importante que a gente reconheça e trate isso com rapidez. Do contrário, nossos sistemas produtivos no mercado sofrerão sobremaneira, porque é inevitável. É o que o próximo quadro retrata.

Os sistemas no futuro serão certificados, e a métrica importante na certificação será a contribuição para o conjunto da emissão de gás. Há problemas a serem superados. Os tipos de insumos que usamos, as práticas que desenvolvemos na agricultura. Acho que o Brasil está muito atento. Por exemplo, pelo fato de termos uma agricultura ABC. Inclusive com políticas públicas para mover o setor para fora dessa lógica ainda muito carbonizada, que poderá nos causar muitos problemas no futuro.

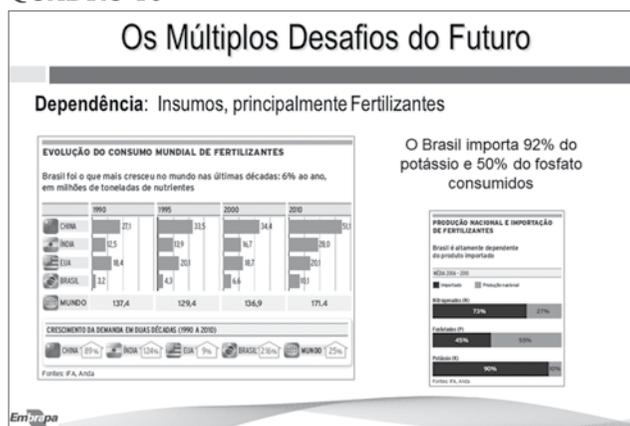
QUADRO 15



Insumos

Inevitável também não falarmos naqueles insumos onde há grande dependência, conforme retrata o quadro a seguir. O Brasil é um país com solos tropicais, naturalmente ácidos e pobres. Somos muito dependentes de nutrientes, para os quais nós temos de, ou buscar soluções autóctones ou cuidar muito para que possamos acessar esses nutrientes no mercado internacional. O melhor é procurar soluções autóctones. Por exemplo, a nossa produção agrícola é dependente em 73% de nitrogênio e na importação de fosfatados (45%) e potássio (90%). Há muita dependência na recomposição sistemática de fertilidade. Isso é outro grande problema para o futuro.

QUADRO 16

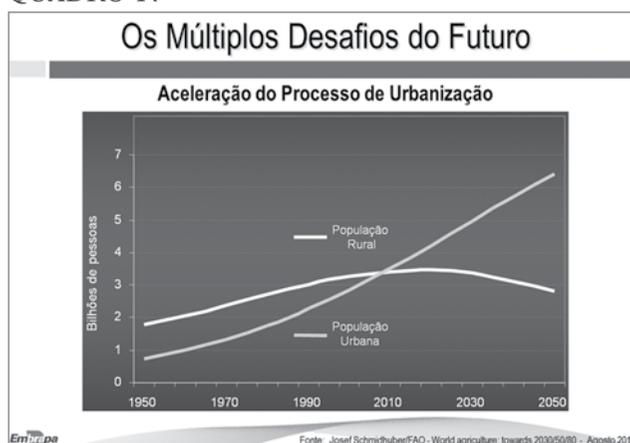


Mecanização do campo

A aceleração do processo de urbanização também é inevitável, conforme o quadro abaixo. O Brasil ainda tem uma população rural em certas partes extensas do país, como no Nordeste. Infelizmente, é a população mais pobre do Brasil. Mas a urbanização vai continuar. Ela tem um impacto muito importante para a agricultura, porque mão de obra vai se tornar cada vez mais escassa.

Aí está uma dificuldade grande para o futuro da produção de alimentos no Brasil. A agricultura brasileira vai depender cada vez mais de máquinas, de equipamentos, de processos de automação. E por duas razões: porque há menos trabalhadores no campo. Vamos ter de substituí-los, usar tecnologias poupa-trabalho, com menos homens no campo. E outra razão muito importante é que a automação ajuda a reduzir a penosidade do trabalho, fazendo com que a atividade fique mais atrativa para os jovens. Se quisermos ter uma nova geração de jovens no campo é bom que tenhamos meios e formas de tornar seu trabalho mais atraente e menos penoso, o que é uma maneira de construirmos uma nova geração de trabalhadores preparados.

QUADRO 17



Problemas de nutrição

A FAO tem dados relativamente recentes tentando antever o número de subnutridos no mundo daqui para 2080. A tendência é haver um índice cada vez menor de subnutridos. Mas há uma outra tendência muito preocupante, que é a elevação do número de pessoas com problemas de obesidade ou de distúrbios nutricionais. Essa é uma questão muito séria, que vai pressionar a agricultura no futuro.

QUADRO 18

Os Múltiplos Desafios do Futuro

Segurança Alimentar e Nutricional

Estimativas do estado nutricional da população em 2050/2080 – médias globais agregadas

	subnutridos		% da população com kcal/pessoa/dia		obesos	
	%	milhão	>2700	>3000	%	milhão
2005/07	13	844	57	28	9	570
2050	4	330	91	52	15	1400
2080	2	150	98	66	21	2000

Fonte: Josef Schmidhuber/FAO - World agriculture: towards 2030/50/80 - Agosto 2012

O próximo gráfico mostra o total de pessoas com problemas de nutrição. São quase 900 milhões. Pessoas com problemas de sobrepeso ou obesidade, quase dois bilhões. Isso é meio assustador num mundo com sete bilhões de pessoas. São 13 milhões que morrem por dia. Destaco a quantidade de recursos que é gasto, para lidar principalmente com os problemas de sobrepeso e obesidade.

Além disso, cada vez mais seremos pressionados a desenvolver alimentos com melhor equilíbrio nutricional, com novas funcionalidades. Alimentos que ajudem a melhorar a qualidade de vida, o bem-estar, e a lidar com esses desequilíbrios e essas disfunções.

E há também outro detalhe importante. O mundo cada vez mais será pressionado a sair do paradigma da cura de doenças. A indústria farmacêutica também nos vendeu. Se as pessoas adoecem, tudo bem, basta conseguir o remédio que cura a doença. Essa conta está ficando alta demais. O mundo não consegue mais pagar esse preço. E cada vez mais seremos pressionados a ajudar o mundo a sair desse paradigma da prevenção, exigindo alimentos mais adequados, para um estilo de vida saudável e que nos mova para fora dessa lógica.

QUADRO 19

Os Múltiplos Desafios do Futuro

Segurança Alimentar e Nutricional

Food	02/11/2013
896,517,487	Undernourished people in the world
1,582,227,360	Overweight people in the world
527,409,120	Obese people in the world
13,477	People who died of hunger today
\$ 209,711,298	Money spent for obesity related diseases in the USA today
\$ 83,306,844	Money spent on weight loss programs in the USA today

Fonte: <http://www.worldometers.info>

Desperdiço

Outro aspecto importante. Segundo dados da FAO, 30% de tudo que se produz é perdido ou desperdiçado. Pouco se fala nisso. Com 30% do alimento perdido, também se perde 38% da energia utilizada na agricultura. Imaginem o que é isso. Aqui está um problema de tamanho gigantesco. Nós temos de tratá-lo em todas as dimensões, na unidade produtiva, no processamento, no transporte, no uso dos supermercados, nos restaurantes. O mundo tem de saber lidar com esse problema, porque é grave demais.

QUADRO 20

Os Múltiplos Desafios do Futuro

Ineficiências e Desperdiços

Mais de um terço dos alimentos produzidos são perdidos ou desperdiçados.

Isso significa perda de 38% da energia consumida pelo setor agroalimentar.

Source: <http://www.fao.org/docrep/015/a013e/a013e.pdf>

Waste Not, Want Not

Oct. 15, 2013

ROME - Every year, we waste or lose 1.3 billion metric tons of food - one-third of the world's annual food production. The sheer scale of the number makes it almost impossible to grasp, no matter how one approaches it. Try to imagine 143,000 Eiffel Towers stacked one on top of another, or a pile of 10 trillion bananas.

The figure is all the more unfathomable, given that, alongside this massive wastage and loss, 840 million people experience chronic hunger on a daily basis. Many millions more suffer from "silent hunger" - malnutrition and micronutrient deficiencies.

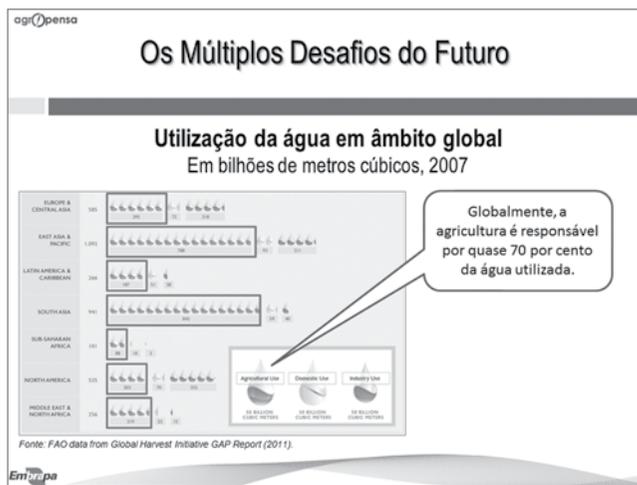
For the more economically minded, here is another number: food wastage and loss, expressed in producer prices, costs roughly \$730 billion per year. If we were to consider retail prices and the wider impacts on the environment, including climate change, the figure would be much higher.

<http://www.project-syndicate.org/commentary/on-the-massive-costs-of-food-wastage-and-loss-by-josef-schmidhuber-and-achim-steiner>

Recursos hídricos

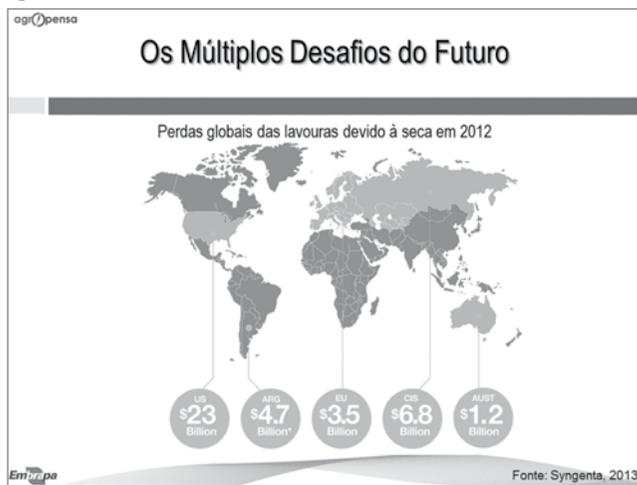
Água é também um baita problema para o mundo, e uma grande oportunidade para o Brasil. O país tem 13% da água do planeta. Nós utilizamos somente 1/10 do nosso potencial de agricultura irrigada. Há um caminho imenso para a gente ampliar a nossa capacidade de produção de alimentos com o uso da água. O uso inteligente e sustentável da água é um grande desafio.

QUADRO 21



Já as lavouras tiveram perdas globais, devido à seca muito grave de 2012, de acordo com o quadro abaixo. Só nos Estados Unidos foram 23 bilhões de dólares, em função do problema. E isso deve se agravar cada vez mais daqui para o futuro, por causa da mudança de clima, da intensificação do estresse. Vamos precisar fazer uso inteligente, planejado, sustentado, desse recurso tão importante e escasso.

QUADRO 22

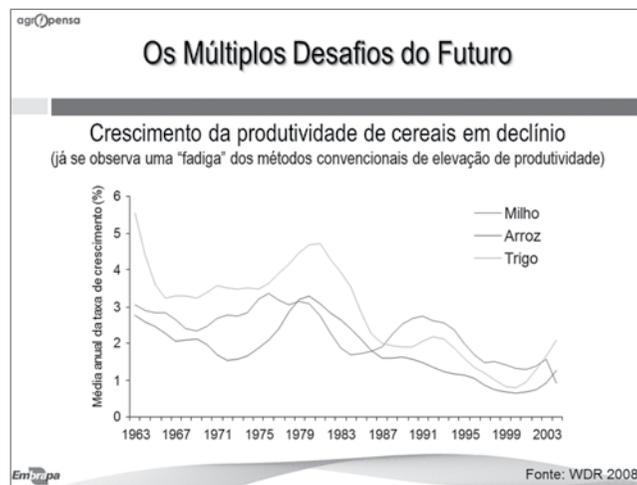


Novas tecnologias

No próximo quadro, outro problema sério: a taxa de crescimento da produtividade dos nossos cultivos tem caído gradualmente. Isso significa que tecnologias poderosas, como melhoramento genético, tem tido uma eficiência cada vez menor. Precisamos ser inteligentes para integrar ao programa de melhoramento de cultivos e de animais, novos conhecimentos, novas tecnologias. Por exemplo, dizer não a biotecnologia é uma irracionalidade frente à essa realidade. Precisamos trazer novos paradigmas.

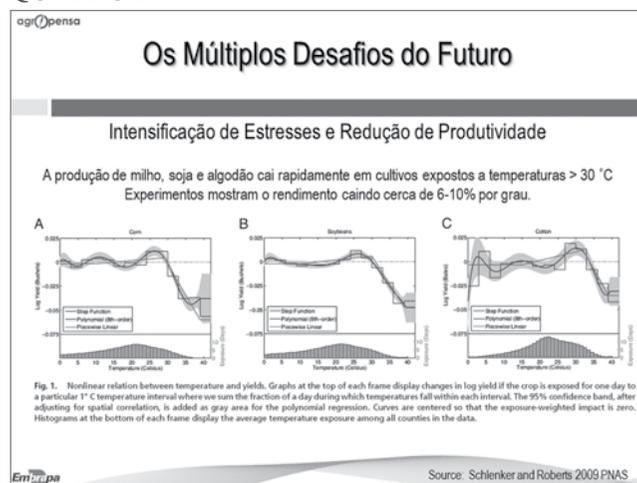
Genômica, proteômica, fenômica, para ajudar nossos programas de melhoramento a reverter essa curva de quebra. Do contrário, teremos uma estagnação no crescimento e na produtividade das nossas principais culturas alimentares.

QUADRO 23



A intensificação de estresses produz redução na produtividade. O gráfico abaixo é meio complicado, mas o que ele mostra é muito simples. Quando se passa de 30 graus centígrados, imediatamente a produtividade das culturas cai de forma drástica. Há experimentos em vários países. Nos Estados Unidos, além dos 30 graus para cada grau centígrado, há uma queda de cerca de 6% a 10% no rendimento de culturas, como o milho, a soja e o algodão. Intensificação de estresse e fadiga dos métodos convencionais de melhoramento e crescimento de produtividade poderá ter impactos muito importantes.

QUADRO 24



Pobreza rural

É preciso falar ainda de pobreza rural, que é um problema muito sério. A superação da

pobreza e a inclusão de pequenos produtores constituem uma grande fronteira para a agricultura brasileira. Estamos falando das limitações do Código Florestal, que impede um crescimento maior em área da nossa agricultura. Se nós conseguirmos incluir os milhões de produtores brasileiros, micro, pequenos e muitos médios, nos sistemas produtivos do mercado, haverá outra grande fronteira para a expansão da nossa agricultura. A inclusão produtiva é um grande desafio para o futuro.

Não vai depender só de tecnologia. O quadro abaixo mostra o nordeste brasileiro, onde está concentrada a pobreza rural no Brasil. A população rural é a dominante, atingindo quase 50% da população rural no país. É a mais pobre. Reparem na renda bruta por estabelecimentos, perto de outras áreas. Entre os Censos de 1995/96 e 2006, cresceu muito o componente tecnologia para explicar o crescimento da produção agropecuária frente à terra e a trabalho.

No passado, terra e trabalho eram muito importantes para produzir o aumento físico na produção. Isso reverteu completamente nos últimos anos. Terra e trabalho perderam ênfase, e a tecnologia é que foi o grande fator de elevação da produção.

Aqui há uma fórmula interessante. Esse grande desafio de incluir milhões de produtores brasileiros vai depender de ação coordenada, inteligente, políticas públicas, para viabilizar não só treinamento, capacitação, mas acesso à tecnologia e ao conhecimento, que é fundamental para que esses produtores saiam da condição de exclusão e de pobreza.

QUADRO 25

Os Múltiplos Desafios do Futuro

Pobreza Rural

População rural (2010) e renda bruta por estabelecimento (Censo de 2006)

Regiões	Número	(%)	Renda bruta por estabelecimento
NORTE	4.202.494	14,1	20.199,13
NORDESTE	14.261.242	47,8	12.367,08
CENTRO-OESTE	1.570.468	5,2	91.177,27
SUDESTE	5.691.847	19,1	58.033,84
SUL	4.126.935	13,8	43.991,28
BRASIL	29.852.986	100,0	32.199,13

O que explica o crescimento da produção agropecuária

Variáveis	1995/96 (%)	2006 (%)
TRABALHO	31,3	22,3
TERRA	18,1	9,6
TECNOLOGIA	50,6	68,1
TOTAL	100,0	100,0

Fonte: Souza, G. et al. 2012

A grande transformação

Agora, uma breve síntese. Acho que poderemos esperar um futuro em que tenhamos de tratar de forma inteligente esses que, provavelmente, são os grandes desafios daqui para as próximas duas, três décadas. Como vamos lidar com a questão energética, da água, do alimento, do meio ambiente, da pobreza. São problemas bastante graves. Todos estão interconectados e têm relação direta com produção de alimentos.

QUADRO 26



Na verdade, teremos de pensar numa outra grande revolução. O Brasil está fechando uma grande revolução agora na sua agricultura – a dos últimos 40 anos. O país fez algo que nenhuma outra nação do mundo foi capaz de fazer: superar o seu problema de dependência, e não só isso – se projetar como grande provedor de alimentos para o mundo.

QUADRO 27



Mas nós temos de migrar rapidamente em direção a uma outra grande revolução – e eu acho

que ela já se iniciou – que certamente terá como base o entendimento de que crescimento, progresso econômico e sustentabilidade são conceitos perfeitamente compatíveis, sinérgicos. É plenamente possível produzir prosperidade econômica, melhoria ambiental e social. E o meio ambiente pode gerar novas oportunidades econômicas de crescimento e de inclusão.

QUADRO 28



Essa segunda revolução vai depender muito da nossa capacidade de responder a situações complexas como essa que o novo Código Florestal nos impõe, conforme é mostrado no quadro a seguir. Como é que nós vamos partir de um modelo de expansão horizontal da produção muito forte, para um modelo de expansão vertical? Mais eficiência, mais produtividade. Sistemas integrados. Nós vamos ter de mudar um pouco o paradigma.

QUADRO 29



E vamos ter de nos preparar também para uma agricultura cada vez mais multifuncional, conforme o quadro a seguir. Por tudo o que eu disse

anteriormente, creio que é possível depreender que a agricultura terá de ir muito além dessa missão e desse papel de produzir alimento, fibra e energia. Ela terá de produzir uma integração maior entre alimento, nutrição e saúde. Isso aqui é fundamental para o futuro. A agricultura precisa devolver para o meio ambiente serviços ambientais, serviços ecossistêmicos. É inevitável. Nós vamos ter de aprender a descrever, qualificar, a valorar esses serviços. Até para aqueles que são os provedores sejam recompensados.

QUADRO 30



Biomassa

E há uma outra agricultura de que pouco se fala, e que pode ser uma oportunidade fantástica para o Brasil. Agricultura de biomassa. Porque vem aí uma quantidade enorme de tecnologias, que vão nos permitir destilar da biomassa praticamente tudo que se destila de petróleo. Vamos poder conectar a agricultura brasileira a uma lógica da indústria da química verde, das biorefinarias.

Não há país no mundo com a capacidade de produzir, destilar e trabalhar a biomassa como o Brasil tem. As nossas usinas hoje, que produzem açúcar e álcool, muito certamente em cinco, dez, 15 anos, estarão já convertidas para a lógica de biorefinarias. Além disso, destilando da biomassa produtos de alto valor agregado, e transformando a indústria química – que hoje ainda é uma indústria suja, muito dependente de petróleo – em uma indústria mais limpa, mais sustentável. São futuros meios que inevitáveis para agricultura, e temos de pensar como iremos caminhar na direção desses futuros. Com que governança, com que visão, com que políticas públicas, com que lideranças. São desafios substanciais.

Inteligência

Eu tive a oportunidade de viver na Coréia do Sul. Foi uma experiência que me marcou muito profundamente, porque me impressionou como os asiáticos, em especial os coreanos, fazem uso dos sistemas de inteligência. Vejam no quadro seguinte. Eles são realmente primorosos no desenvolvimento de sistemas de antevisão, de antecipação. É uma coisa até assustadora. Quem é que vai competir com um país que faz isso? Há vários grupos de estudo, de análise, e o tempo todo fazem antevisão e antecipação. Eles se esforçam muito para construir cenários e modelar futuros possíveis.

O Brasil é mesmo muito rarefeito em sistemas de inteligência. Temos pouquíssimos ambientes de antevisão, análise, antecipação, e são escassos os profissionais dedicados a olhar para frente, traçar cenário, antecipar futuros possíveis. O Brasil pode construir futuros desde que tenha visão. Esse é um desafio muito grande para o agro brasileiro. Os alvos são móveis, difusos, exigem uma nova maneira de olhar para o futuro, assim como a capacidade de antecipação, definição e revisão sistemática do foco.

Muitas instituições param, definem o plano estratégico e vivem com ele por cinco anos. Não dá mais para ser assim. Viver com o plano estratégico por cinco anos significa chegar ao fim do período totalmente fora de órbita, de centro. As instituições precisam de ambientes de inteligência funcionando de maneira sistemática. Inteligência competitiva, inteligência estratégica. O mundo está mudando rápido demais.

QUADRO 31

Desafios

Sistemas de Inteligência e Antecipação Essenciais

Desafios não são triviais – alvos móveis e difusos...

Exigem novas formas de olhar para o futuro;
Capacidade de antecipação, definição e revisão do foco - essenciais;
Novas composições de esforços e alianças;
Fortalecimento da base de conhecimentos e do "pool" de talentos.

Para isso, estamos tentando trabalhar com o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos.

QUADRO 32

Consolidando Sistemas de Inteligência

Fortalecer a posição brasileira como líder na produção sustentável de alimentos, visando garantir a presença do país no contexto global, com ênfase nos aspectos científicos, tecnológicos e de inovação.

Sustentabilidade e Sustentação da Produção de Alimentos
O Papel do Brasil no cenário global

Embrapa, CGEE, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, BRASIL

Agropensa

A Embrapa criou o seu próprio núcleo de inteligência, que nós chamamos de Agropensa. No passado, fazíamos o plano estratégico para cinco anos. Não vamos mais fazer isso. Nós teremos um núcleo de inteligência com observatórios de tendências captando sinais de todo o mundo. A Embrapa hoje está em todos os continentes, com o programa Labex. É uma antena poderosa, que nos dá condições de captar sinais. Os sinais fortes são analisados em profundidade e ajudam a empresa, o Brasil e a nossa agricultura a construir planos, agendas, a orientar os órgãos de governo que precisam desse suporte e desse apoio.

QUADRO 33



Cadeias de valor

Uma última coisa que está muito conectada com a visão de inteligência é essa certa incapacidade que nós temos no Brasil de lançar um olhar mais integral para setores importantes da nossa economia. A nossa tendência é muito redu-

cionista. Vemos pelas partes. Somos bons para olhar compartimento. Quando é preciso abstrair, olhar o todo, aí está a grande dificuldade.

Faltam ambientes e instituições para olhar, por exemplo, as cadeias de valor do agro. Hoje as cadeias estão totalmente integradas, conforme mostra o quadro abaixo. O que é o agro no fim das contas? Acessamos recursos naturais e clima. Produzimos dentro dos sistemas animal, vegetal, etc. Essa produção vai para o consumidor ou vem para a agroindústria. Para isso, precisamos acessar tecnologias poupa-terra, insumos, mecânicas, capital humano. Quer dizer, essa é a cadeia de valor. Tudo está interligado. Vai depender do insumo que você usa, e o seu produto pode não chegar a mercados importantes. Pode não ser certificado. E nós insistimos em olhar o agro por compartimento. Faltam ambientes e estratégias para olhá-lo com uma visão mais integral.

QUADRO 34



Por exemplo, o Código Florestal vai impor limitações sérias para nós no crescimento horizontal.

QUADRO 35



Mas nós podemos usar toda essa riqueza de palmeiras que o Brasil tem para extrair valor das áreas de APPs e Reserva Legal. Podemos fazer isso com espécies nativas e ter uma outra lógica de extrativismo. Extrativismo muito sofisticado, conectado a indústrias poderosas. Isso tem de ser modelado. Quem está pensando nisso?

QUADRO 36



Oportunidades

O gráfico seguinte representa a exportação e a inserção brasileira nos mercados internacionais. Qual é a participação brasileira nos mercados internacionais de proteína de peixe? É zero. Faz sentido um país com 12% das reservas de água doce do planeta, que têm áreas de conservação e preservação, ser importador de peixe? Não faz. Isso tem de aparecer de maneira poderosa, forte, na agenda e na estratégia do país. É uma imensa oportunidade que está passando.

QUADRO 37



As tecnologias poupa-terra, insumos, genética e biotecnologia têm de ser olhadas de maneira integral.

QUADRO 38



O custo de fertilizantes na produção de milho no Brasil é de 35%. Se reduzirmos esse custo pela metade, o que vai significar para o agro brasileiro? Muito. Um impacto gigantesco.

QUADRO 39



No quadro a seguir, tecnologias mecânicas. Será que a nossa indústria está atenta para a imensa possibilidade que temos com o processo de urbanização muito rápido e a necessidade de adquirir máquinas e equipamentos?

QUADRO 40



Que capital humano nós vamos precisar para fazer essa agricultura do futuro? É necessário dialogar com as universidades. Os currículos devem ser revistos, para pensarmos em qual tipo de profissional vamos selecionar para lidar com todas essas dimensões. Muitos certamente não serão os profissionais que se formam hoje. Vamos ter de pensar nos profissionais que o Brasil vai precisar ter daqui a cinco, dez, 15 anos. E começar a formá-los agora.

QUADRO 41



“QUE CAPITAL HUMANO NÓS VAMOS PRECISAR PARA FAZER ESSA AGRICULTURA DO FUTURO? É NECESSÁRIO DIALOGAR COM AS UNIVERSIDADES. OS CURRÍCULOS DEVEM SER REVISTOS, PARA PENSARMOS EM QUAL TIPO DE PROFISSIONAL VAMOS SELECIONAR PARA LIDAR COM TODAS ESSAS DIMENSÕES”

O “Ciência sem Fronteiras” é um caminho interessante, que vai nos ajudar. Temos de olhar para dentro da casa. Oferta agrícola com sistemas intensivos. Teremos sistemas cada vez mais intensivos. Integração lavoura-pecuária-floresta é outro tipo de gestão. É necessário outro tipo de profissional para lidar com esse mundo.

QUADRO 42



E o que é fazer gestão eficiente na pecuária? Precisamos de tecnologias gerenciais muito poderosas. Tenho sempre falado isso: é importante gerar mais tecnologias gerenciais, para melhorar a capacidade gerencial de nossos negócios, da pecuária, da floresta, dos sistemas produtivos.

QUADRO 43

Riscos, Desafios e Oportunidades

Pecuária: Atividades que têm relação direta ou indireta com a melhoria de resultados

Provas, testes, etc.?	Orientação técnica	Orientação econ./adm.	Proprietário participa?	Resultados comparáveis?	gestão
Organização funcional	Organ. Func. respeitada?	Quais funções atendidas?	Funções são capacitadas?	Benefícios compartilhados?	Decisões → informações
Dados → informações	Avaliação compras	Avaliação vendas	Desempenho eletrônico	Planejado x ocorrido	Resultados prof. / econ.
Controle combustíveis	Controle estoques	Fluxo de caixa	Custos, tempo, serviços	Diversificação de equipe?	Planejamento e legado?
Distribuição água	Salários	Manejo flo.	Planejamento dinâmico	Avaliação sistemas	Planejamento longo prazo
Correias, manejo	Casas, alojamentos	Manutenção máq. e equi.	Local, estacionamento	Cerco, cercas, etc.	Limpeza pastos
Método distribuição	Cinemas, suplementos	Recursos naturais	Recursos naturais	Organização e limpeza	Program. Manut. Pastos
Disponibil. mineral	Programa nutricional	Estratégia reprodutiva	Categorias zebuínas	Infra-estrutura	Treinamento pessoal
Taxa lotação	Potencial produção	Saúde	Mensura de lotes	Condição corporal	Manejo racional
Controle invasoras	Ajuste carga	Apartação	Estoque trabalho	Análises solos	Planta forrageira

Fonte: Mario Garcia, 2013 - http://www.beepoint.com.br/cidade/producao/pesquisa/aberto/gestao-o-x-da-questao/?utm_content=buffer1c71&utm_source=buffer&utm_medium=facebook&utm_campaign=buffer

Gestão vai se tornar um processo muito complicado. A agroindústria com energia, com emissões, com resíduos.

QUADRO 44



“É IMPORTANTE GERAR MAIS TECNOLOGIAS GERENCIAIS, PARA MELHORAR A CAPACIDADE GERENCIAL DE NOSSOS NEGÓCIOS, DA PECUÁRIA, DA FLORESTA, DOS SISTEMAS PRODUTIVOS”

Temos de reduzir tudo isso, do contrário corremos o risco de não conseguir certificar os nossos produtos, chegar aos mercados com eficiência e atender bem os consumidores no nosso país.

QUADRO 45



O estudo de alimentos feito com o CGEE mostra o que será importante para a sociedade no futuro. Praticidade, saudabilidade, aspectos culturais, alimento gourmet, bem-estar, sustentabilidade. Isso é que está na agenda. Vamos lembrar do “People Power”. Isso virá. E os sistemas produtivos terão de se preparar.

QUADRO 46



Estamos preparados?

Para finalizar: quão preparados estamos para esse futuro que vem aí, que está batendo à nossa porta? Isso não é algo para daqui a dez, 20 anos. Essa confluência de esforços entre o público e o privado, entre o governo e as empresas. Políticas públicas bem alinhadas. A estratégia de inovação tecnológica de desenvolvimento, que poderá ser fundamental para o nosso futuro. Coordenação e inteligência estratégica.

A secretária Mônica disse, e eu concordo com ela, que nós vamos ter um mundo e um agro mercado cada vez mais pela complexidade, que, aliás, será a marca de tudo na sociedade. E para lidar com essa estrutura complexa, precisaremos de muita habilidade. Gerar mais conhecimento e mais tecnologia é muito importante. Teremos de ser capazes de produzir os relacionamentos e as parcerias necessárias para enfrentar problemas de diversas grandezas.

Não será a Embrapa, a Pesagro e o Itai sozinhos, que resolverão os problemas. Ou atuamos em grande sinergia, ou não vamos conseguir superar os desafios que vem por aí. Complexidade, conhecimento e relacionamento serão as marcas do agro no futuro.

QUADRO 47



(Nota: após a palestra, foi exibido o vídeo institucional da Embrapa, que completou 40 anos em 2013)

“UM GRUPO DE PRODUTORES RESOLVERIA A QUESTÃO DA SEGURANÇA ALIMENTAR”

ROBERTO RODRIGUES, ex-ministro da Agricultura e presidente da Academia Nacional de Agricultura



Debora 70

“AS PESSOAS CADA VEZ MAIS QUEREM PARTICIPAR DA GOVERNANÇA, DAS DECISÕES DE GOVERNO. EM QUALQUER NÍVEL. QUERENDO PARTICIPAR MAIS, ELAS EVENTUALMENTE COLOCAM EM XEQUE UM TEMA PRINCIPAL, QUE É A DEMOCRACIA”

Participo de eventos sobre segurança alimentar praticamente todos os meses no mundo inteiro. E tenho a certeza de que, enquanto estamos falando sobre esse tema no Rio de Janeiro, alguém na Europa, na Ásia, trata desse mesmo assunto. E infelizmente, todas as reuniões começam com alguém dizendo assim: “Olha gente, em 2050 serão mais de nove milhões de pessoas e precisamos aumentar em 70% a produção de alimentos”. Um a zero para o palestrante. Aí vem a segunda parte: “Mas não podemos derrubar mais nenhuma árvore no mundo. Não podemos consumir água, porque água é importante para o setor urbano. Não podemos usar máquinas agrícolas, porque elas emitem CO₂. E CO₂ vai aumentar a questão do aquecimento global. Não podemos usar muito defensivo agrícola, muito adubo químico, porque isso vai envenenar os lençóis freáticos. Não podemos, não podemos”.

Portanto, todos os eventos acabam no zero a zero. Porque tem de fazer, mas não pode. Logo, não tem resultado. Não fecha a equação. E o

que o presidente da Embrapa, Maurício Lopes, mostrou aqui, é uma forma de fechar a equação. Olhou tudo isso e, portanto, mostrou liderança. Visão estratégica global, com liderança. Visão de futuro, incluindo, como a secretária Mônica Bergamaschi também ressaltou, a complexidade da interação entre economia, sociologia, antropologia, política, sustentabilidade, mudanças climáticas, tecnologia, inovação, renda e pobreza, comércio e riqueza, defesa sanitária, etc. Esse rol de variáveis, que entram na equação, é muito maior e muito mais difícil do que era no passado.

Nova matriz

Maurício Lopes fez uma curta intervenção sobre a questão do xisto nos Estados Unidos, um negócio que pode produzir resultados muito interessantes para a agricultura brasileira. E vai funcionar. Primeiro: não vai durar só 15 anos. Vai durar muito mais que isso. Segundo: tem xisto no Brasil, na Argentina, e em outros países do mundo. A matriz energética vai mudar.

Isso é uma coisa muito importante. A gente não se dá conta que a matriz baseada no petróleo tem menos de um século. Foi depois da Primeira Guerra Mundial que o petróleo passou a ser o centro dessa matriz.

Isso pode mudar de tal forma que, num primeiro momento, os americanos param de importar petróleo. Portanto, cairá o preço. Caindo de preço, o pré-sal desaparece. Segundo: os americanos talvez passem a fazer menos álcool de milho. O bom é que sobra muito milho. O que vai acontecer com o que vai restar? Milho e soja podem cair de preço. E atrás deles, carne, frango, suínos, leite. Claro que tudo isso tem ajustes. Porque caiu o preço da comida, aumenta a demanda. O mercado acaba ajustando. Mesmo na questão do etanol. Ao invés de fazer hidratado, vai ser um aditivo ao petróleo em qualquer país do mundo. Mas também demora. Os processos determinados pela questão do xisto que o presidente da Embrapa apontou aqui podem afetar a agricultura do mundo de uma forma muito importante. Facilitando ou complicando o tema da segurança alimentar, dependendo da ótica.

Para o produtor pode ser uma complicação; para o consumidor, uma facilitação. De qualquer maneira, os temas colocados por Maurício Lopes realmente exigem de nós uma visão muito mais ampla de sistemas do que a gente vem fazendo até agora, tratando de apresentar um diagnóstico que está decorado no Brasil.

Diferenciação

Todo mundo sabe que o problema é a logística. Que o problema é a legislação que deve garantir uma estratégia consistente nas áreas ambiental, trabalhista, tributária, fiscal e de infraestrutura. O índio não é um problema, mas é tratado como tal. Há índios e índios. Existem aqueles que estão sendo afetados pelos garimpeiros em sua área nativa, e devem ser protegidos. Mas existe também o índio que vem do Paraguai e quer tomar a terra de alguém no Mato Grosso do Sul que não é protegido. É preciso tratar de forma diferente os problemas. E não de forma apaixonada, radical e ideológica, que é uma tolice que desequilibra a inteligência.

Uma questão central colocada pelo presidente da Embrapa é o tema da participação e da governança, que foi exibido nos últimos anos na Primavera Árabe. E continua sendo tratado.

Tivemos no Egito todo um processo de substituição de liderança. E aqui no Brasil aconteceu em junho, nas grandes manifestações populares, que estão possivelmente amortecidas. Isso porque a classe média, autora dos protestos, não quer ser confundida com vandalismo. Não quer fazer. Mas o modelo ainda está, de certa forma, colocado para avaliação. Então é preciso olhar com muita clareza.

Governança participativa

O que está por trás disso? É que as pessoas cada vez mais querem participar da governança, das decisões de governo. Em qualquer nível – municipal, estadual, federal, porque estão mais preparadas. Porque o processo é mais complexo. Querendo participar mais, as pessoas eventualmente colocam em xeque um tema principal, que é a democracia.

Como é que se comanda a democracia – o termo democracia representativa de verdade, se as manifestações são conduzidas de uma forma às vezes caótica, sem foco, sem objetivo definido? Porque o que existe é um mal estar. É uma sensação de não atendimento de coisas básicas. Agora, cadê o projeto? É essa questão da comunicação, da lógica e das antenas, que o Maurício Lopes colocou. Essas antenas devem ser muito mais amplas do que apenas tecnológicas.

Abertura comercial

Olhando de uma forma muito mais global, todas essas questões exigem uma lógica nova. A própria lógica da multifuncionalidade da agricultura, da inteligência, da inovação. Nós sabemos que nos últimos 20 anos a área plantada com grãos no Brasil cresceu 40%. E a produção de grãos cresceu 220%. O que foi isso? Tecnologia. Só tecnologia? Não.

Até 1990/91 nós éramos um país com inflação de 84% ao mês. Fechado às outras nações do mundo. Autossuficiente. Longe do mundo inteiro. E com uma agricultura muito protegida pelo estado brasileiro, com subsídios ao crédito, ao preço mínimo. Havia um modelo de proteção muito grande. Aí o Collor fez o Plano Collor, que deu um descasamento na renda da agricultura e produziu uma baita revolução. Mas ele tirou um capítulo dessa trilogia – o do isolamento. E arrombou o Brasil comercialmente falando.

Logo depois veio o Plano Real, que inaugurou outros dois temas. Primeiro, civilizou a inflação. E segundo, acabou com a intervenção estatal. O estado perdeu a capacidade de intervir como antes. A partir dessa tríplice colisão, nós saímos de uma inflação gigantesca para uma civilizada. De um país trancado para aberto. De um país protetor para um sem proteção.

Exclusão e competitividade

Essa tríplice colisão produziu duas ondas importantes na agricultura brasileira. A primeira foi a da exclusão. Na Fundação Getúlio Vargas nós estimamos que mais de 150 mil produtores quebraram literalmente nesse processo. Pequenos produtores no Sul, no Nordeste, médios no Sudeste e grandes no Centro-Oeste. Perderam tudo o que tinham. Foi um processo de exclusão social brutal.

Mas outra onda simultânea foi a da competitividade. Os produtores que sobraram tiveram de buscar tecnologia, que está disponível na Embrapa, no agrônomo, no biológico, nas universidades e nos institutos de pesquisa em cada estado. Mas tiveram de buscar gestão e não havia modelo. A tecnologia estava pronta. Com inflação a 80% ao mês, se eu comprasse o meu adubo hoje mais caro do que era no mercado, na média, não tinha importância. Era um bom negócio. A inflação comia a eficiência. Se eu vendesse a minha soja mal, não tinha importância. O meu agrônomo era o gerente do meu banco, que aplica o meu dinheiro. 60% da agricultura vinham da aplicação financeira. 40% da tecnologia.

Não era importante comprar bem, vender bem, saber pagar os impostos, tomar o crédito com o juro adequado, ter os recursos humanos preparados e cuidar da questão ambiental. Isso tudo é gestão que surgiu depois dessa tríplice colisão. É ontem. Essa revolução verde que o Brasil viveu se deveu a tecnologia sim, sem ela nada teria ocorrido. Mas se deveu também à profissionalização do agricultor brasileiro.

Cenário sustentável

Nós temos hoje no Brasil 53 milhões de hectares plantados com grãos. Se a gente tivesse tecnologia de 20 anos atrás, precisaríamos de mais 67 milhões de hectares, que foram, portanto, poupados. Cerrado, floresta, pantanal, o que quer que seja. Isto é sustentabilidade.

E foi feita pelo Brasil. Não vem ninguém lá de fora dizer que eu estou matando a floresta, porque eu preservei muito mais do que o resto do mundo.

Aliás, como todos sabemos, o Brasil tem 61% do seu território ainda encoberto com florestas ou cerrados nativos do tempo de Adão e Eva. Europa tem menos de 1%. E ainda dizem que estamos acabando com a floresta plantada brasileira. Aliás, temos sete milhões de hectares de florestas plantadas pelo agricultor brasileiro. Então, de fato, a tecnologia e a gestão revolucionaram o agro brasileiro. Mas, de fato, o que vem pela frente é muito mais complexo. Temos de trazer isso para dentro de casa.

A FAO está pensando em 2020, que é amanhã. Em 2020 seguramente estaremos todos lá. E em 2020, diz a FAO, a oferta de alimentos tem de crescer 20% em dez anos. E a Europa crescerá 4%, Estados Unidos e Canadá, 15%; Oceania, 17%; China, Índia, Rússia e Ucrânia, 28%, e Brasil, 40%. É algo inédito, porque pela primeira vez o mundo olha para o Brasil e fala: 'Por favor, produza 40% a mais de alimentos em dez anos, para que o mundo possa produzir 20%'.

Grupo de produtores

A FAO é responsável pelo programa de segurança alimentar, crescimento da produção e abastecimento. Esse é o papel da FAO. Agricultura e alimentação. E há um chamamento para o Brasil, que o país precisa assumir. O Maurício Lopes foi o único que tratou de um tema central, que é o comércio. E nós temos hoje na FAO um brasileiro. E na OMC outro brasileiro, que é um grande embaixador. Roberto Azevedo está tentando recuperar a OMC. A rodada de Doha está travada há 12 anos.

Sugiro então que a SNA e a Academia Nacional de Agricultura, contando com a parceria do Paulo Protásio, da Mônika Bergamaschi e do Sebrae, adotem a seguinte ideia: a rodada de Doha no OMC gerou uma série de grupos de países. Você tem o G4, o G7, o G10, o G20, do qual o Brasil é criador e líder. Tem G de tudo o quanto é jeito. O que são esses grupos de países? São grupos com interesses minimamente comuns, relacionados entre si. Mas não tem nenhum G para resolver a questão da segurança alimentar, que seria o GP ou Grupo de Países Produtores.

“É PRECISO SE COMPROMETER COM O HOMEM DE PRODUÇÃO, COM MAIS RENDA, MAIS ORÇAMENTO PARA A EMBRAPA, MAIS DINHEIRO PARA PESQUISA. É PRECISO VOTAR EM QUEM TEM COMPROMISSO. DEMOCRACIA É ISSO”

Está na hora da FAO e da OMC se unirem e lidarem um projeto mundial, para que os governos nacionais assumam a intenção de criar um grupo de países produtores, com 15, 20 países. Como foi dito aqui, Estados Unidos, Canadá, Brasil e Argentina, por exemplo, na América, e Rússia e Ucrânia na Europa. Eventualmente um outro país do Leste Europeu que está crescendo, mas que pode crescer muito mais ainda. Vários países africanos, como Tanzânia, Quênia, Senegal e África do Sul.

A China tem pouco espaço para crescer. A Índia também. Mas a Tailândia pode crescer muito ainda, assim como a Indonésia e as Filipinas. O objetivo é criar um grupo de países produtores, que tenham características como o Brasil tem hoje, ou seja, gente capacitada, terras disponíveis e tecnologia tropical. Esses 15 ou 20 países podem fazer isso e criar um modelo de produção. E um modelo de abastecimento.

O modelo da reserva, dos estoques de emergência, tem sido um tema pouco importante no mundo liberal contemporâneo. Porque o estoque, nós sabemos, depende de preço, e é interesse do mercado mantê-los. Mas para a segurança alimentar global, ter estoques é fundamental. O que não pode é que esse estoque seja usado pelo governo nacional para resolver um problema circunstancial de preço que subiu e desceu. Os estoques globais têm de ser mantidos pelos países do GP e só utilizados por eles com governança global, e não pelo país onde eventualmente o estoque esteja. Pode estar no Brasil, na Argentina, mas não pode ser usado. Aquele estoque é do mundo. Nós precisamos criar esse GP.

Compromissos

Por fim, uma mensagem aos políticos. Governadores, presidente da República, senadores, deputados federais: é preciso se comprometer

com o homem de produção, com mais renda, mais orçamento para a Embrapa, mais dinheiro para pesquisa. Valorize os nossos heróis agrônomos, veterinários ou zootecnistas, que estão na retaguarda, gerando e difundindo tecnologia. Valorize esse nosso povo, e aí terão o nosso apoio. É preciso votar em quem tem compromisso. Democracia é isso.

Lobby político é da democracia, e neste lobby vamos entrar com o GP, com uma postura do governo brasileiro para abrir o comércio. 40% do comércio mundial de alimentos já se dá hoje no âmbito de acordos bilaterais. A União Europeia e os Estados Unidos estão fazendo um grande acordo bilateral. Se der certo, pode representar ou não uma perda de mercado para o Brasil. Temos de olhar isso e criar acordos bilaterais com países relevantes, grandes consumidores como China, Índia e África do Sul. E criar uma regra comercial com base em um grupo de países produtores.

Ministério mais atuante

Para finalizar: temos de exigir o fortalecimento do Ministério da Agricultura. O setor não pode mais ser usado como moeda barata de troca em composições partidárias. Nós não podemos aceitar isso. A agricultura representa 1/4 do PIB nacional e gera 1/3 dos empregos do país. Desde o ano passado, o saldo comercial do agronegócio é de 79 milhões de dólares, enquanto que no país foi de 19 milhões. Quatro vezes menor. Este ano, o saldo comercial do agronegócio será de 85 milhões de dólares. E no Brasil deve ser menos de dois milhões.

Não pode um ministério que cuida dessa questão ser tratado como moeda de segunda classe, ou não receber a atenção necessária. É necessário ter estratégia. E aqui, desde já, quero lançar o nome de Maurício Lopes para o Ministério da Agricultura no próximo governo!



Centro de Gestão e Estudos Estratégicos
Ciência, Tecnologia e Inovação

Onde o futuro está presente

O Centro desenvolve estudos prospectivos em várias áreas no campo da Ciência, Tecnologia e Inovação. Os temas abordados variam de sistema agroalimentar, hidrogênio energético, siderurgia, química verde, biocombustíveis e mudanças climáticas aos setores industriais como o de plásticos, aeronáutico, construção civil, nano e biotecnologia.

Para conhecer mais sobre o nosso trabalho, visite

www.cg ee.org.br

ano 12

“É PRECISO INVESTIR EM PESQUISAS E NA SEGURANÇA DO TRABALHADOR RURAL”

RAFAEL MIRANDA, presidente da Pesagro-Rio

Quando as pessoas falam em segurança na produção agrícola, percebemos que o nosso setor às vezes cobra coisas que são extremamente fundamentais, como estradas, logística, mas nós nos esquecemos que segurança no campo também significa investimento nas comunidades rurais.

Eu venho do município de Cachoeiras de Macacu, que fica a 100 km do Rio de Janeiro. Está sempre entre os cinco maiores produtores agrícolas do estado. E você não vê uma preocupação em melhorar os postos de saúde dessas comunidades, as escolas, o transporte. Isso também é segurança para o produtor rural. Nós nos preocupamos com aspectos macros, e até às vezes queremos assumir o papel do produtor, que sabe desempenhar sua função muito bem, porque já vem fazendo isso há muito tempo. Esquecemos de coisas muito importantes.

Precisamos começar a colocar em nossos discursos, em nossos papéis, essa preocupação em olhar para essa segurança que é do trabalhador rural. Sair da sua casa para trabalhar e saber que o seu filho vai para escola e vai ter professor em sala de aula. Saber que a sua esposa, caso precise de um médico, poderá encontrá-lo no posto de saúde.

O produtor rural – principalmente o pequeno produtor – é a massa que move de forma muito importante nosso segmento.

Cachoeiras de Macacu tem cerca de duas mil propriedades rurais. Mais da metade delas per-

Debora 70



“SEGURANÇA NO CAMPO
TAMBÉM SIGNIFICA
INVESTIMENTO NAS
COMUNIDADES RURAIS”

“PESSOAS SE PREOCUPAM COM A UTILIZAÇÃO DA ÁGUA, COM O MERCADO E OS NÚMEROS QUE SE PRECISA PRODUZIR, ENFIM, COM ESTRATÉGIAS. E TUDO PASSA PELA PESQUISA. É FUNDAMENTAL, DECISIVA PARA ESSES AVANÇOS”

tence ao pequeno produtor, com assentamentos feitos pelo Incra. Lá existe uma dificuldade terrível em matéria de estradas. São 700 km de estradas de chão. E chove muito no município. Precisamos considerar esses aspectos.

Outro ponto está relacionado à pesquisa. Pessoas se preocupam com a utilização da água, com o mercado e os números que se precisa produzir, enfim, com estratégias. E tudo passa pela pesquisa. É fundamental, decisiva para esses avanços.

Estou há pouco mais de cinco meses à frente dessa grande empresa que é a Pesagro-Rio. Antes de vir aqui para o auditório, me perguntaram o que eu achava mais importante para uma instituição de pesquisa. Eu não tenho a menor ideia que é aplicar essas pesquisas. Nós precisamos tirá-las das prateleiras, senão vamos ficar com aquelas pesquisas acadêmicas, que só servem para as pessoas que frequentam o mundo acadêmico.

E o produtor rural não frequenta esse meio. Precisamos quebrar diversos paradigmas, e ter um estreitamento maior com a Emater, para que os extensionistas, junto aos nossos pesquisadores, levem em consideração pesquisas que são extraordinárias.

Casos

Cito aqui, por exemplo, o caso da cana-de-
-açúcar em Campos. Estamos fazendo uma parceria lá com a Coagro. Hoje nós produ-

zimos seis variedades de cana, desde a forrageira para alimentar animais, até a cana voltada mais para o etanol. Cito também a pesquisa que realizamos com a seringueira e suas múltiplas possibilidades. E cito ainda a questão da qualidade genética para a produção de leite. Estamos transformando nossa fazenda de Itaocara numa central de receptoras, graças a uma parceria com a Embrapa, para fornecer ao produtor rural de todo país a possibilidade de adquirir animais com valor genético extraordinário, aumentando assim a produção leiteira.

Dificuldades

Nós não podemos negar os avanços que tivemos no Rio de Janeiro. Sabe-se que os obstáculos são muitos, mas com a determinação do governo do Rio e do secretário Christino Áureo, a gente vem trabalhando duro com o propósito de mudar a nossa agricultura para muito melhor.

Por fim, quero deixar a Pesagro-Rio à disposição de todos. Sabemos das dificuldades que é tocar a agricultura no estado, em função da riqueza que o petróleo produz. Ficamos sempre com um PIB pequeno, quando se apresenta o PIB dessa riqueza que é o petróleo. Mas nós estamos lutando, confiando, acreditando que é possível fazer agricultura no estado do Rio de Janeiro, com qualidade, tecnologia e, acima de tudo, comprometimento.

O AGRO E A ABORDAGEM DA MÍDIA

EDUARDO DAHER, diretor executivo da Andef

Tomei a liberdade de falar, nesse congresso, sobre os problemas e soluções do agro em 2013, com uma abordagem de mídia. São nove filmetes. Acredito que boa parte deles os senhores já viram, mas tenho certeza que ninguém assistiu a todos. Até porque os jovens entram nos cantos da Internet e acham coisas que eu também nunca havia visto.

Começo com um programa bastante conhecido. O Brasil, sendo um país tropical, é muito mais vulnerável a pragas, doenças e ervas daninhas do que outros países. Temos a dádiva, o bônus de fazer duas ou três safras por ano, mas também temos o ônus de um volume muito maior de ataques de pragas. Por isso, trago aqui uma contribuição importante: uma aula sobre a *Helicoverpa*.

(Exibição do programa Mais Você, da TV Globo, com Ana Maria Braga)

Ana Maria Braga é escritora e bióloga, e tem uma propriedade em Uberaba. Mas não conseguiu ler o nome *Helicoverpa Armigera*, que é muito para uma artista da televisão. Mas de qualquer forma, é uma abordagem diferente e, por incrível que possa parecer, teve um grande efeito na mídia.

Sou obrigado a revelar a vocês que a Andef mantém uma estatística de herbicidas, inseticidas e fungicidas. E essa tríade é quase sempre equilibrada: 1/3, 1/3, 1/3. Nesse momento, o inseticida, por culpa não só da lagarta, mas de outras infestações, caminha muito adiante dos herbicidas e fungicidas.

Pela primeira vez, a mídia nos referencia como uma solução e não com um agrotóxico, um veneno – abordagem às vezes pejorativa daquilo que eu chamo de remédio para as plantas.

Apagão logístico e crédito rural

Outro problema é bem recorrente. Em Paranaçuá, nos habituamos a ver cem quilômetros de fila

de navio, com 62 embarcações na baía. Em Santos isso gerou um problema e um certo desconforto, porque os desembargadores, os procuradores e as pessoas não conseguiam mais ir ao Guarujá. Com isso, o apagão logístico veio para o noticiário, mas a gente sabe que ele sempre existiu.

Na sequência, apresento três soluções criadas de forma imediata. Primeiro, um comercial da Caixa Econômica entrando no mercado de crédito rural. Uma coisa que não se imaginava. Quando se fala em Caixa, as pessoas lembram do antigo BNH, do Sistema Financeiro de Habitação. Mas hoje há uma Caixa tentando se ruralizar. Em seguida, o Banco do Brasil fala do grande problema do apagão logístico, que é a armazenagem. E finalmente, um trabalho sobre ações políticas que contrapõem ao programa logístico. Esse programa é tão vulnerável, que vocês vão assistir à campanha política de 2014, toda ela calcada em logística e infraestrutura.

(Exibição de uma reportagem do Jornal Nacional, dos comerciais da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil e vídeo do Mato Grosso)

O que há de terrível na imagem do último vídeo é o volume de milho a céu aberto em Mato Grosso, e que seguramente será perdido. É algo que tem efeito a curto prazo e políticas e soluções a longo prazo.

Nós fomos brindados com uma série de campanhas que atuam sobre a reputação do mercado de defensivos agrícolas. Curiosamente, eu selecionei uma onde eu apareço, tentando defender o agro brasileiro. Na sequência, uma solução que a Embrapa está elaborando junto à Andef, e que pode vir a ser adotada.

(Exibição de uma reportagem do Jornal Nacional, da TV Globo)

Robôs no campo

Nesse último vídeo, não sei se perceberam, mas não havia tratoristas. As máquinas esta-

vam funcionando com a ajuda do computador. A Embrapa, junto a nossa indústria, está desenvolvendo robôs para aplicar defensivos como forma de tentar minimizar os eventuais acidentes respiratórios com os trabalhadores. É a solução de um problema, mas cria-se um outro problema.

Quem está no mercado de cana de açúcar, sabe o que representou a entrada das colheitadeiras de cana, responsáveis pelo rápido desemprego de 220 nordestinos que foram ao sul trabalhar. Nós tratamos com muito cuidado essa questão dos robôs, pois eles são sensíveis. Se um cachorro passar em frente, eles param de fazer a aplicação. Por outro lado, não pedem férias, não protestam.

Porém, a adoção desse sistema me preocupa, porque eu sou do tempo em que a gente descontava cheque no caixa do banco e falava com as pessoas. Atualmente, nós estamos partindo para uma impessoalidade muito grande e uma produtividade cada vez maior. Criamos problemas diferentes. Mas, de qualquer forma, buscamos soluções para problemas nos quais a indústria, eventualmente, é colocada em xeque.

Orgulho de ser produtor

Já o último filme é internacional. E é um espetáculo. Mostra uma série de fotografias com movimentações de câmeras. O filme em si não tem nenhum show de imagem, a não ser a voz, que faz a diferença. É uma voz do tipo *Morgan Freeman*, que foi colocada com perfeição num comercial de dois minutos. Aliás, é a peça publicitária mais cara do mundo. Foi veiculada esse ano no intervalo do *Super Bowl* americano. E para vocês terem uma ideia, um *break* de 30 segundos no *Super Bowl* custa quatro milhões de dólares. Não é para qualquer organização. Alguns dos senhores já conhecem. Circulou demais nas redes sociais, mas toda vez que eu assisto me emociono. Me remete a um trabalho semelhante, o *Sou Agro*, que incentiva o orgulho de ser produtor.

Vocês vão ver que a agricultura americana é familiar e que nela a mulher ocupa um espaço fundamental. Esse comercial, além de ser uma ode ao agro mundial, traz uma outra característica com a qual nós deveríamos começar a nos preocupar no Brasil: tenta fazer com que o filho do produtor continue na terra produzindo. Porque quem vai para a Europa, sabe que

Débora 70



“ATUALMENTE, NÓS ESTAMOS PARTINDO PARA UMA IMPESSOALIDADE MUITO GRANDE E UMA PRODUTIVIDADE CADA VEZ MAIOR. CRIAMOS PROBLEMAS DIFERENTES. MAS, DE QUALQUER FORMA, BUSCAMOS SOLUÇÕES PARA PROBLEMAS NOS QUAIS A INDÚSTRIA, EVENTUALMENTE, É COLOCADA EM XEQUE”

o preço da terra cai vertiginosamente. Porque ninguém quer mais ficar na propriedade. Quer ficar na praça de alimentação do shopping center da grande cidade.

(Exibição do comercial)

INVESTIMENTOS EM PESQUISA E INOVAÇÃO AUMENTAM A COMPETITIVIDADE

LUÍS MADI, presidente do Instituto de Tecnologias de Alimentos (Ital)

Meu propósito é apresentar aqui a situação atual e as perspectivas da indústria brasileira de alimentos e bebidas, que é parte integrante do agronegócio.

O Ital está comemorando 50 anos de existência, e aproveitamos a data para elaborar um livro que conta a história da indústria brasileira de alimentos e seus parceiros. Estou no Ital há 40 anos, e fico muito contente que eu tenha colaborado a contar essa história, numa vivência extremamente positiva.

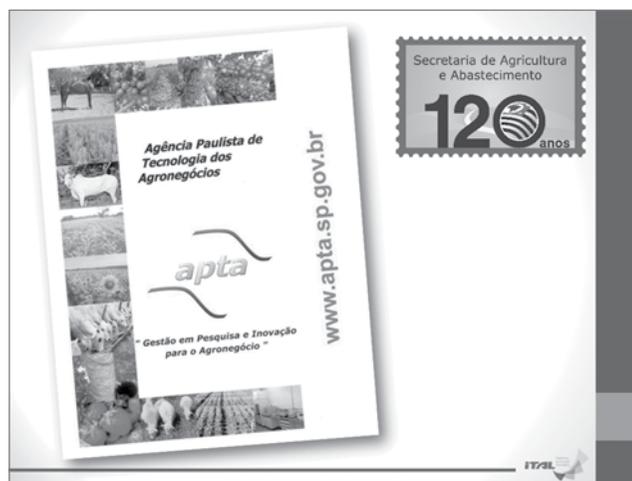
QUADRO 1



O Ital pertence à Apta, Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, que pertence à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Governo do Estado de São Paulo (quadro a seguir).

“QUEM VAI CRESCER, NA VERDADE, SÃO OS PAÍSES EMERGENTES, OS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO, A CLASSE MÉDIA BRASILEIRA”

QUADRO 2



Olhar global

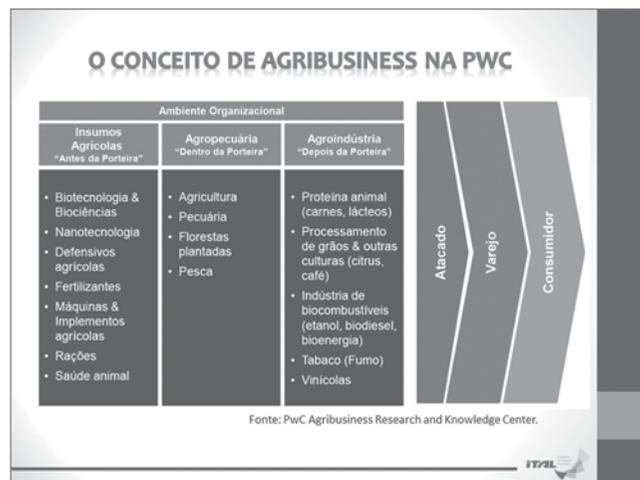
Conforme foi dito aqui, precisamos, na realidade, olhar para o agronegócio em sua totalidade. No conceito maior, e não fatiado, como normalmente estamos acostumados a fazer. O quadro abaixo informa que nós temos os in-

Débora 70



sumos agrícolas, a agropecuária, e a parte da agroindústria, que é muito pouco colocada. O Brasil tem potencial nesse setor. Considera o consumidor, o atacado e o varejo. Precisamos ter esse olhar holístico, global, para entender. Com certeza, o país é um dos principais *players*. Hoje, o foco talvez seja o consumidor, que está mudando, assim como estão mudando as exigências do consumo de alimentos e bebidas no Brasil e no mundo.

QUADRO 3



Quem vai crescer, na verdade, são os países emergentes, os países em desenvolvimento, a classe média brasileira. Essas nações vão começar a se alimentar. E os países mais desenvolvidos vão mantendo um padrão praticamente igual. Há um crescimento, uma demanda de alimentos, onde o Brasil pode ter uma excelente oportunidade. Quando falamos em demanda de alimentos, não é só o Brasil exportador de *commodity*, mas também o exportador de produtos alimentícios processados com maior valor agregado.

QUADRO 4



“COM CERTEZA, O PAÍS É UM DOS PRINCIPAIS *PLAYERS*. HOJE, O FOCO TALVEZ SEJA O CONSUMIDOR, QUE ESTÁ MUDANDO”

Equilíbrio e saúde

No quadro a seguir, um dado que mostra a complexidade. Em 2010, 2011, a população se igualou. Metade no rural e metade no urbano. E em 2050 será uma proporção totalmente 70, 30. E poucos mostram que o Brasil já era meio a meio. Foi negativamente precoce. Mas por que negativamente? Porque, além de ter esse descompasso entre o rural e o urbano, como deverá segurar a população na área rural e ter um equilíbrio maior? Nós criamos grandes cidades e metrópoles.

Eu fui engenheiro de alimentos e venho de uma turma de engenheiros agrônomos. Em um grande evento que participei na Unicamp, onde 90% são estudantes ligados ao setor de alimentos, eu disse assim: ‘Aqui está a grande oportunidade de vocês. Essas cidades vão precisar cada vez mais de alimentos de qualidade, alimentos seguros, saudáveis, mas processáveis’. Para quem trabalha no setor de produção e de industrialização de alimentos, é fantástico. É uma excelente oportunidade, inclusive para o Brasil.

QUADRO 5



Demandas

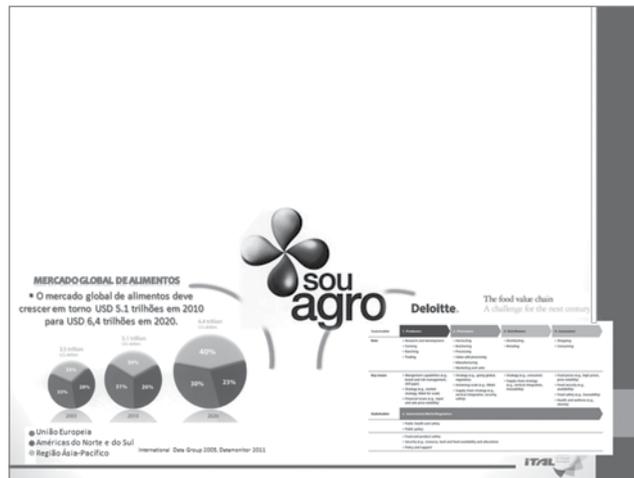
Sou Agro. Nós acompanhamos o agronegócio. É fantástico, apesar de todos os programas que foram levantados aqui.

“A INDÚSTRIA BRASILEIRA DE ALIMENTOS TEM HOJE 1,7 MILHÕES DE TRABALHADORES. É INDÚSTRIA. NÃO ESTOU FALANDO DO AGRONEGÓCIO. A INDÚSTRIA É O MAIOR GERADOR DE EMPREGOS NO PAÍS. E ELA É 85% CONCENTRADA EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS”

QUADRO 6



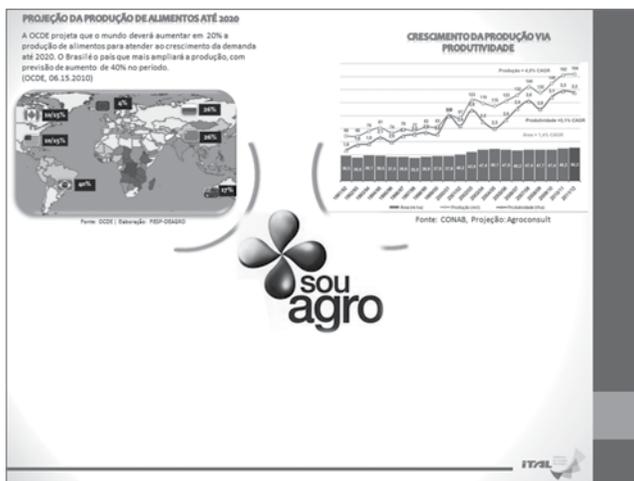
QUADRO 9 E QUADRO 10



Na sequência, temos a demanda. Do total dessa demanda de alimentos, 40% devem vir do Brasil. Isso é altamente conhecido.

O quadro seguinte mostra a questão da produtividade, que já foi abordada.

QUADRO 7 E QUADRO 8



Potencial

O próximo quadro mostra o complexo do Sou Agro, a campanha coordenada na Fiesp, que é excelente e bastante importante.

O Sou Agro mostra o grande potencial de entidades já consolidadas no Brasil, e ligadas ao agronegócio, que são: Sociedade Nacional de Agricultura, Abag, Cosag da Fiesp, Sociedade Rural Brasileira, Fiesp/Departamento do Agronegócio, a própria FAO, Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Andef, que garantem a solidez do agronegócio.

QUADRO 11



O mercado, segundo o *Datamonitor*, vai passar de 3,5 trilhões de dólares para 5,1 trilhões. E para 6,4 trilhões de dólares em 2020. E onde vai crescer mais? Isso também já foi mostrado aqui. Na Ásia. É lá que vai aumentar mais a demanda desses produtos.

Temos, na realidade, a solidez do saldo da balança, graças ao agronegócio brasileiro.

QUADRO 12

A CONTRIBUIÇÃO DA INDÚSTRIA DA ALIMENTAÇÃO AO SALDO COMERCIAL DO BRASIL

Balança Comercial (US\$ Bilhões)

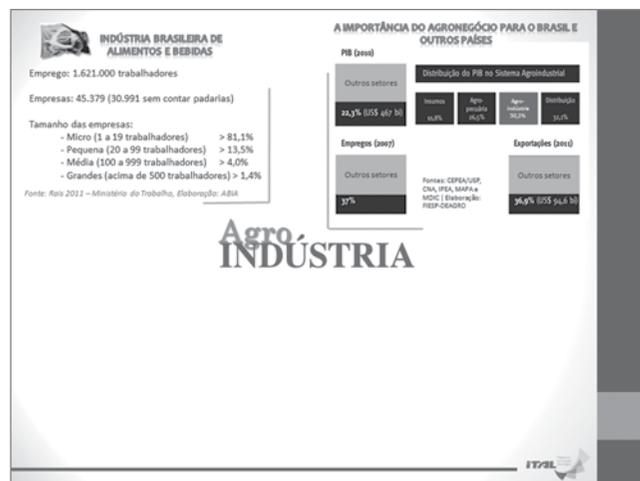
Ano	Saldo Brasil			Saldo Alimentos Processados		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
2008	197,9	172,9	24,9	33,3	3,3	29,9
2009	152,9	127,6	25,3	30,8	3,1	27,7
2010	201,9	181,6	20,3	37,8	4,1	33,7
2011	256,0	226,2	29,8	44,8	5,5	39,3
2012	242,6	223,1	19,5	43,4	5,6	37,8
2013/jul(*)	239,6	235,1	4,4	45,3	5,3	39,9

Fonte: SECEX/ Elaboração ABIA (*) Acum. 12 Meses até julho

Alimentos Processados = Alimentos Industrializados de valor agregado + alimentos semielaborados (commodities agroindustriais, carnes, suco de laranja, açúcar, farelo de soja, etc).

A questão é: por que o Brasil não trabalhou igualmente? O agro com a indústria. Talvez seja pelo processo histórico de desenvolvimento. No livro do Itai 50 anos, tentamos mostrar um pouco disso, além das tendências e possibilidades brasileiras.

QUADRO 13 E QUADRO 14

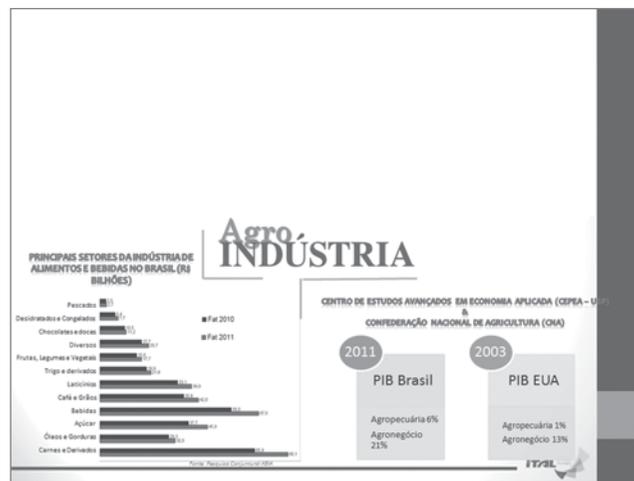


Trabalhos desenvolvidos (quadros acima) mostram que a agroindústria, dentro do complexo do agronegócio, ainda é pequena. Tem um potencial fantástico de crescimento que não é explorado adequadamente.

A indústria brasileira de alimentos tem hoje 1,7 milhões de trabalhadores. É indústria. Não estou falando do agronegócio. A indústria é o maior gerador de empregos no país. E ela é 85% concentrada em micro e pequenas empresas. Onde elas estão? Como estão? Quais são as suas demandas? Que potencialidades elas tem para pro-

duto inovadores, tanto para o mercado interno como para a exportação? Ninguém sabe ao certo. O que existe são ideias setoriais, mas não se tem uma visão global. É preciso uma ação estratégica do Brasil também nesse aspecto.

QUADRO 15 E QUADRO 16



Nas imagens acima, há todos os dados da indústria de alimentos, com vários setores. O maior deles, no Brasil, é o de carnes. O que mais tem crescido é o de bebidas. E o do pescado tem potencial fantástico, conforme já foi colocado. A produção de pescado na parte interna do país, assim como na parte oceânica, tem muita força. Mas quando olhamos para a indústria de pescado, ela é praticamente inexistente. Temos ainda uma lista de todos esses produtos e como eles estão crescendo no Brasil nos últimos anos.

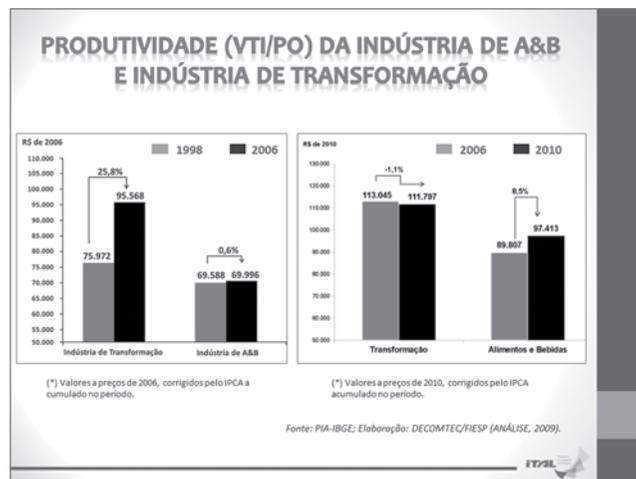
QUADRO 17



O quadro 16 mostra a diferença mostra a diferença entre o Brasil e os Estados Unidos. Para cada ponto ou para cada valor da agri-

cultura, quanto isso representa na indústria dos EUA, no agronegócio. Lá é de 1 para 13. No Brasil é de 3 para 6. Podemos perceber o potencial que temos para a industrialização do setor de alimentos e bebidas.

QUADRO 18



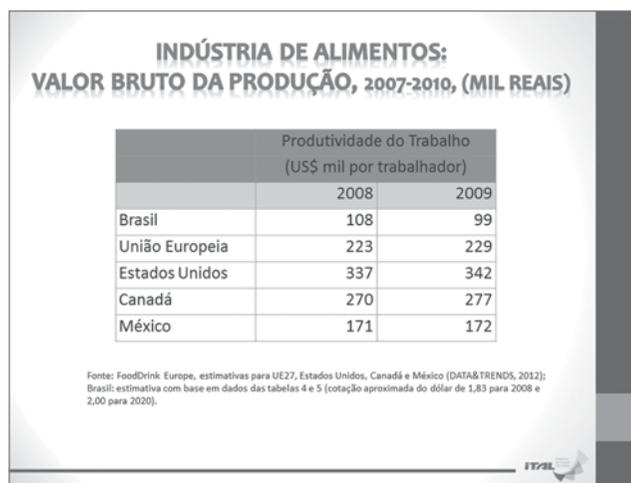
Produtividade precisa melhorar

Falarei um pouco mais à frente da plataforma de inovação tecnológica do Ital, onde notamos que a demanda de produtos importados, diferenciados, e com maior valor agregado, retratada no quadro 17, ainda não refletiu, de 2011 a 2013, um crescimento na sua importação. Há uma certa instabilidade. Claro, há mudanças de produtos. Mas o nosso receio é que, com o desenvolvimento, com o maior potencial econômico, a classe média ou classes que ainda não tinham intenção de produtos diferenciados, comecem a buscá-los no mercado.

E se nós avaliarmos, a compra desses produtos nos vários setores no mercado brasileiro já começa a ter uma importância fantástica, com alimentos vindos de países com maior potencial de industrialização.

Particpei recentemente de duas feiras na Alemanha. Uma de bebidas, a Drinktec, em Munique, e outra, a Anuga, em Colônia, considerada a maior feira de alimentos no mundo. E nessas cidades onde foram realizados os eventos, fomos ao supermercado para buscar produtos brasileiros. Cachaça, porque o alemão gosta de caipirinha, e alguma coisa de café. É ridículo que um país como o Brasil, com o potencial do agro, não explore essa força na produção de alimentos processados, inclusive para exportação.

QUADRO 19



E por quê isso acontece? Parte da resposta está no quadro 18. A indústria de transformação, de 1998 para 2006, comparada com a indústria de alimentos e bebidas, era muito maior. Quer dizer, nós temos uma produtividade muito pequena. Já no período de 2006 a 2010, a indústria de alimentos deu um salto, mas ainda continuou abaixo da indústria de transformação. Falta investimento na produtividade da indústria brasileira de alimentos e bebidas.

QUADRO 20

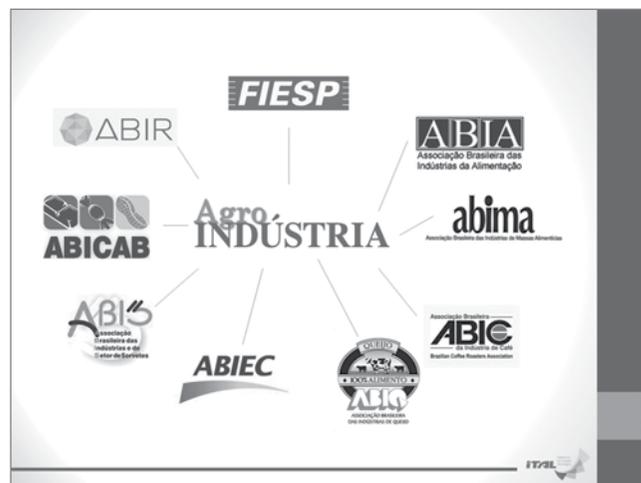


Vantagem competitiva

Na Europa existe um entidade bastante estratégica, que é o FoodDrink Europe (quadro 19). Na realidade, é a Associação Europeia dos Produtores de Alimentos e Bebidas. Eles mapeiam o mundo inteiro, e estão de olho no Brasil em termos de competitividade. Essa associação mostrou que a produtividade por trabalhador, no Brasil, em 2009, era de 99 mil dólares. Na União Europeia, 229 mil dólares. Nos Esta-

dos Unidos, 342. Canadá, 277. México, 172. E Brasil, 99. Esses dados confirmam os da Fiesp, relativos à competitividade do setor de alimentos. E aí existe uma série de razões.

QUADRO 21



Quando nós olhamos diversos países, como Austrália, Canadá, Japão, União Europeia, Coréia, Estados Unidos, Noruega, todos mostram que uma faixa de 0,2% a 0,8% da produção industrial de alimentos e bebidas, é aplicada em pesquisa, desenvolvimento e inovação, que são elementos fundamentais para a elaboração de produtos. Os dados são de 2011 (quadro 20). E o Brasil está com 0,2%. Isso revela a falta de investimentos.

QUADRO 22

A imagem mostra uma página de uma revista com o título 'A16 mundo' e a data 'SEXTA-FEIRA, 18 DE OUTUBRO DE 2011'. O artigo principal é 'Por que inovamos tão pouco?' assinado por Marcos Troyjo. O texto discute a baixa taxa de inovação no Brasil em comparação com outros países, mencionando a falta de investimento em P&D e a necessidade de uma mudança estratégica.

Mudança estratégica

E na agroindústria, conforme o quadro 21, nós temos parceiros fortes: a Fiesp, a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (Abia), Associação Brasileira das Indústrias

de Massas Alimentícias (Abima), Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic), Associação Brasileira das Indústrias de Queijo (Abiq), Abiec, Associação Brasileira das Indústrias e do Setor de Sorvetes (Abio), Abicab, Abir. E podemos inserir mais 30 entidades, com as quais estabelecemos excelentes contatos, e que olham para o mercado, mas não participam. Ou seja, não existe uma governança, uma ação estratégica do país, que oriente a indústria de alimentos e bebidas nesse sentido. É uma pena.

QUADRO 23

O cartaz tem o título 'ECONOMIA & NEGÓCIOS' e o subtítulo 'Inovar para competir'. Abaixo, há uma citação: 'O investimento em inovação é **essencial** para elevar a Produtividade da economia brasileira e, apesar dos esforços do poder público e da iniciativa privada, ainda existem **muitos nós** para serem desatados.' A data é 'O Estado de S. Paulo - H1 / Quinta-feira, 06 de junho de 2013'.

Um recente artigo da Folha de S.Paulo (quadro 22) explica por que inovamos tão pouco. A produção científica brasileira gera cada vez mais artigos, mas poucos produtos inovadores. Todos sabem disso. O ponto é como mudar essa situação. Essa é a grande dificuldade do país. Espero que eu ainda consiga ver uma mudança estratégica.

QUADRO 24

O cartaz anuncia o 'Fórum Estádio BRASIL COMPETITIVO' com o tema 'Brasil precisa de mais pesquisa'. Inclui uma foto de participantes em um debate e o texto: 'Debate: É consenso entre participantes do fórum a necessidade de investir em pesquisa para aumentar a competitividade.' A data é '14º Congresso de Agribusiness'.

Este ano, o Estadão lançou o Agro Inova (quadro 23), na Finep. Excelente programa ligado à iniciativa privada. Isso foi muito bom. E o

investimento em inovação é essencial para elevar a produtividade da economia brasileira. Mesmo com os esforços do poder público e da iniciativa privada, ainda há muitos nós para serem desatados.

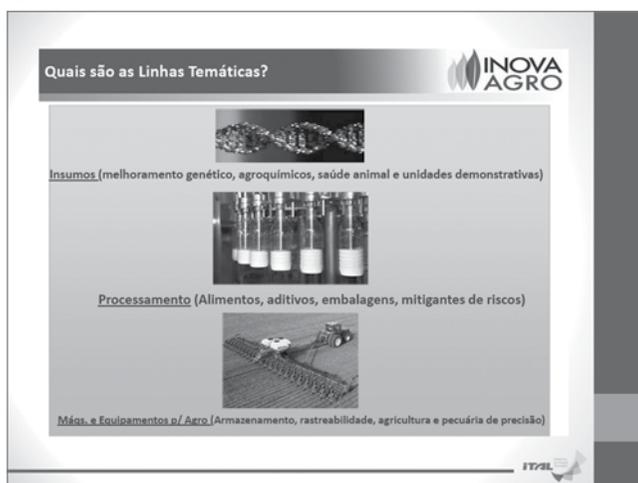
QUADRO 25



Visão acadêmica

É consenso entre os participantes deste fórum a necessidade de investir em pesquisa para aumentar a competitividade (quadro 24). E aí eu faço uma crítica e espero ser bem entendido. Nós não somos competitivos. Fazemos pesquisa. Mas é uma pesquisa mais acadêmica, desconectada, de certa forma, das necessidades do setor produtivo, e que traz essa baixa competitividade para o país.

QUADRO 26



Nós temos no Brasil excelentes instituições (quadro 25), e uma delas, a Finep, trabalha com a iniciativa privada, incentivando e financiando a inovação. Mas eu agora estou mais focado em inovação nas ICT's, instituições de

Ciência e Tecnologia, como o Itai e a Embrapa. E o CNPq e a Finep têm um viés extremamente acadêmico em sua avaliação.

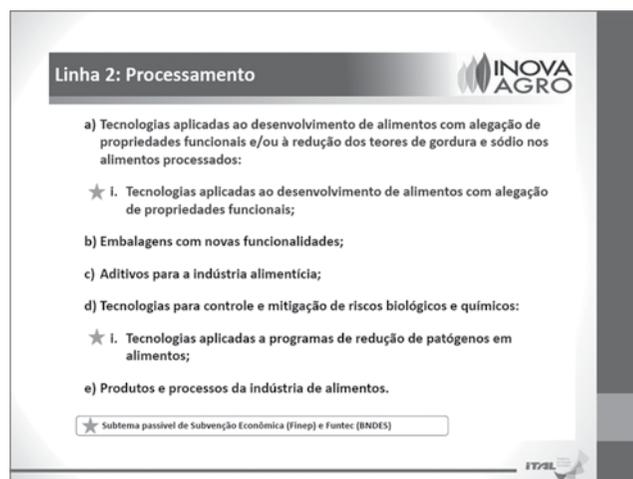
Nós estamos rastreando no mundo inteiro o que existe em matéria de tendências. E uma delas é a das bebidas funcionais. Apresentamos um projeto do gênero na Finep e a avaliação foi extremamente dolorosa para nós: 'Você são mercantilistas. Você não estão fazendo pesquisa, ciência. Estão atrelados à iniciativa privada para o desenvolvimento de produtos comerciais, exatamente o que o Brasil precisa'.

Perdemos a oportunidade de instalar dentro do instituto uma linha para trabalhar junto à iniciativa privada, no desenvolvimento de bebidas funcionais. Levamos o caso ao ministro da Ciência e Tecnologia, Marco Antônio Raupp. Dissemos a ele que não poderíamos mais conviver com essa situação.

Lembro inclusive que a Finep tem excelente atuação em financiamento de pesquisa junto à iniciativa privada, ao Inova Agro, entre outros. Mas não podemos deixar que essas avaliações acadêmicas prejudiquem o desenvolvimento de produtos para o mercado brasileiro e para a exportação. Sorte que ainda temos a Fapesp, que é muito mais sensível a isso.

Segundo dados estatísticos do Itai, a cada dez projetos que apresentamos na Fapesp, em média cinco são aprovados. A cada dez projetos no CNPq, somente um passa. E a cada dez projetos na Finep, apenas um é selecionado. Por que essa avaliação? Nós temos um lado claro de ciência e tecnologia, mas não temos a veia acadêmica. A nossa função é trabalhar com a iniciativa privada. É prover soluções para o setor privado.

QUADRO 27



Desenvolvendo processos

E aí começa uma mudança no Brasil (quadro 26). Pela primeira vez, um edital – o do Inova Agro – traz uma linha de insumos, processamento, alimentos, aditivos, embalagem, mitigantes de riscos e máquinas e equipamentos, moldando esse conceito e trazendo três áreas estratégicas importantes para o país, de acordo com os quadros a seguir.

Parabenizo a SNA por ter adotado como base para a realização desse congresso o projeto do CGEE/Embrapa. De 11 trabalhos, tivemos o prazer de coordenar dois, relativos à indústria e consumo de alimentos. Acredito que essa influência já começa a aparecer (quadro 27). Tecnologias aplicadas ao desenvolvimento de alimentos com alegação de propriedades funcionais. Embalagens com novas funcionalidades. Aditivos para a indústria de alimentos, que na verdade não são aditivos, e sim ingredientes para a indústria alimentícia. Tecnologias para controle e mitigação. Tecnologias aplicadas a programas de redução de patógenos. E produtos e processos da indústria de alimentos. Excelente.

Mas nós precisamos mais, até porque são projetos de no mínimo R\$ 10 milhões de financiamento, de investimento. E as micro e pequenas empresas vão ter dificuldade de buscar um recurso desse valor para montar uma linha de projeto.

QUADROS 28



A força das micro e pequenas empresas

Conforme já foi dito, a indústria emprega 1,7 milhões de trabalhadores (quadro 28). Nós temos mais ou menos 31 mil empresas, sem con-

“A PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DE PÃO SERÃO CENTRALIZADAS. VÃO ENTRAR NUM PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO MAIS MODERNO”

tar padarias. Sim, as padarias vão entrar nesse circuito e deixarão de ser padarias para atuar como mini-indústrias e empresas de alimentos. A produção e distribuição de pão serão centralizadas. Vão entrar num processo de industrialização mais moderno. E 95 estão no nível de micro e pequenas empresas. É esse grupo que pode ajudar o Brasil dar o salto.

As grandes estão inaugurando os seus centros de pesquisa e desenvolvimento. Usam o Ital, a Embrapa e outras instituições. Mas no caso desse grupo de micro e pequenas, nós nem sabemos onde estão e do que elas precisam para dar um salto de tecnologia.

QUADRO 29



Quadro europeu

O trabalho da *EU Food and Drink*, de 2010 (quadro 29), apresenta a situação da indústria. Nós já temos dados de 2011. As médias e pequenas empresas representam 48, em relação à produção do negócio na indústria de alimentos e bebidas. E 63% dos trabalhadores são da micro e pequena empresa. Por ironia, a *EU food and drink* tem como presidente o dono de uma pequena empresa. O olhar é estratégico. Apesar de toda dificuldade econômica na União Europeia, eles tentam apoiar esses empreendimentos.

QUADRO 30



O quadro acima aborda as prioridades para o desenvolvimento na União Europeia e as políticas públicas para alimentos. É extremamente importante e estratégico na evolução de um setor que tem enorme potencialidade. Porque nós já temos o agro muito bem desenvolvido.

QUADRO 31



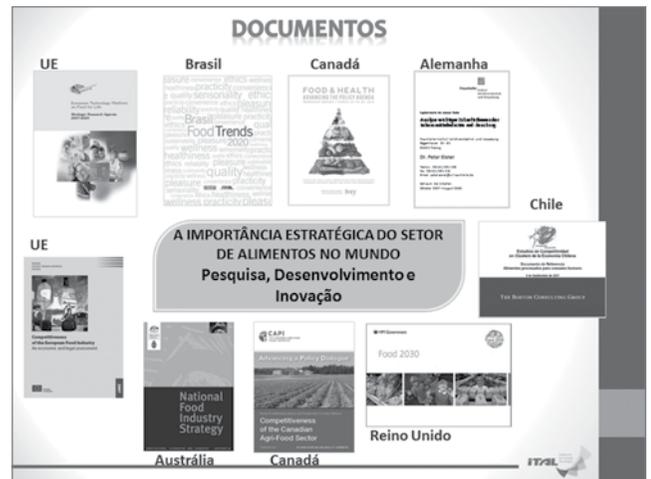
Inclusão tecnológica

Nós, no governo do Estado de São Paulo, junto à Secretaria de Agricultura e Abastecimento e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, estamos iniciando um grande programa de inclusão tecnológica (quadro 31) para inovação no setor de alimentos e bebidas em São Paulo. Se fôssemos fazer no Brasil, não teríamos energia.

O Estado de São Paulo tem 13 mil empresas de alimentos e bebidas. E a ideia é trabalhar por setores. Vamos iniciar com lácteos e frutas, e fazer um mapeamento de onde estão, como

estão tecnologicamente, olhando o mundo em termos de desenvolvimento de produtos inovadores. Que possibilidade existe para essas empresas, nesse sentido? É um trabalho difícil, mas acreditamos, inclusive na participação da Fiesp, do Ciesp, que nos ajudarão a identificar esse programa.

QUADRO 32



Saúde e qualidade de vida

O mundo está de olho no setor de alimentos e bebidas. Por uma razão que já foi levantada aqui: emprego e renda. Mas também por outra muito mais complexa, que é a saúde pública. O mundo fala assim: 'Nós vamos sair na frente'.

Muitos países estão montando seus programas estratégicos para o setor de alimentos e bebidas processados (quadro 32). Todos eles olham para um futuro de saúde e bem-estar e dizem: 'Aqui há oportunidade de negócio e melhoria de condição de vida da sociedade'.

QUADRO 33



Iniciativas

O melhor caso, e o mais bem trabalhado até hoje, é o da União Europeia (quadro 33). Ela tem a *European Technology Platform on Food for Life*, e montou um sistema cujo foco é o consumidor. Mas cuida desde o gerenciamento da cadeia produtiva, que é a gestão. A grande palha do Brasil. A produção sustentável de alimentos. Segurança alimentar. Qualidade dos alimentos. Alimentos e saúde. E um sistema de comunicação muito mais dinâmico do que, por exemplo, o existente no Brasil.

QUADRO 34



A Alemanha tem o instituto *Fraunhofer* (acima), com foco na produção, incluindo alimentos, bebidas e embalagens.

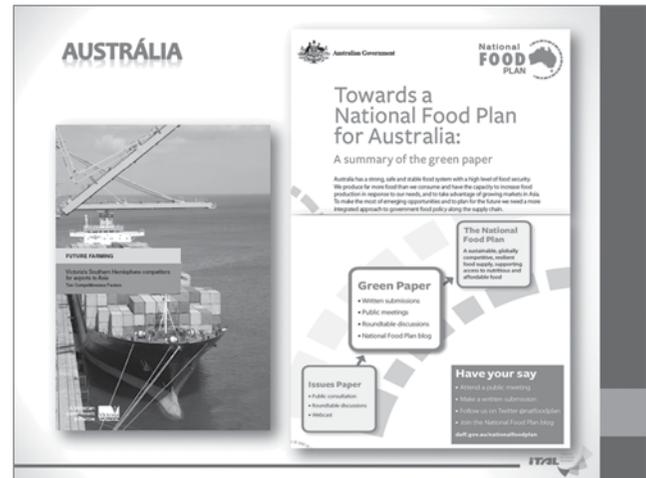
QUADRO 35



Muitos pediram, até mesmo o ministro da Ciência e Tecnologia: 'Vamos trazer esse instituto'. O *Fraunhofer* já está dentro do Ital (quadro 35). Vamos assinar o convênio. Terminamos a primei-

ra reforma da base. E vamos trazer por quê? Porque eles têm a tecnologia e nós o conhecimento e a integração com a iniciativa privada. Aí há duas atividades extremamente estratégicas: uma é o desenvolvimento de produtos mais saudáveis, funcionais e *gourmets*. E a outra é a que o Ital deixou de trabalhar e vai buscar: o aproveitamento de resíduos da indústria de alimentos, para a elaboração de produtos com maior valor agregado.

QUADRO 36



O segundo melhor caso é o da Austrália (acima), um país extremamente técnico, estratégico e planejado para as demandas do futuro. Começou há dez anos o que eles chamaram de *Issues Paper* de alimentos e bebidas. Chegaram em 2012 ao *Green Paper*, um documento básico. E agora estão estabelecendo um programa nacional para o país. Saindo à frente dos outros, e buscando estratégia para ganhar mercados de exportação. E isso porque eles totalizam somente 21 milhões de habitantes.

QUADRO 37



“POR QUE NÃO ATUAR DE FORMA INTEGRADA E ESTRATÉGICA, COMO OS OUTROS PAÍSES ESTÃO FAZENDO? PORQUE NÓS AINDA NÃO CONSEGUIMOS ESSA GOVERNANÇA”

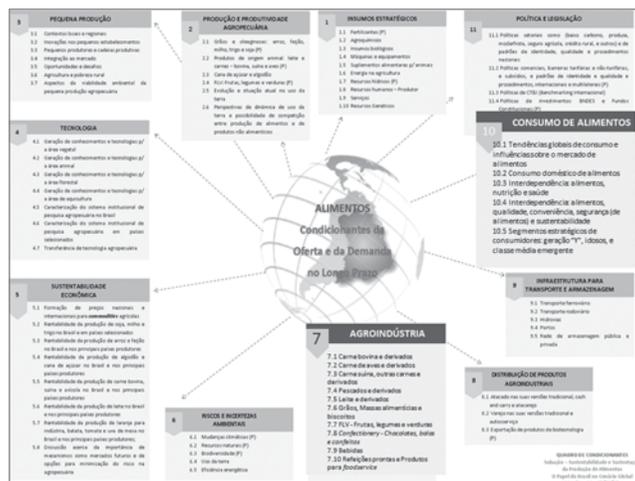
Integração e estratégia

E nós temos o programa Brasil Maior (quadro 37), composto por cinco blocos. O bloco quatro é o da agroindústria. E aqui se fala em inovação desse setor. Apoio à reestruturação e modernização. Apoio à promoção da capacitação. Valorização da qualidade de alimentos. Elaboração e revisão de políticas públicas. Apoio e inserção.

São quatro ministérios envolvidos: MDIC, Mapa, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e Ministério da Saúde. Para eles nós fizemos uma apresentação, mostrando a importância estratégica da ciência, tecnologia e inovação neste programa.

Cada um se posicionou de uma forma diferente. O MDIC disse que o seu negócio era produtividade. O Mapa destacou a produção. O Ministério da Ciência enalteceu a pesquisa. Já o Ministério da Saúde e a Anvisa defenderam a saúde do consumidor. E nós deixamos claro que tudo isso é importante. Mas por que não atuar de forma integrada e estratégica, como os outros países estão fazendo? Porque nós ainda não conseguimos essa governança. É uma pena, mas a oportunidade está aqui.

QUADRO 38



O trabalho do CGEE/Embrapa (quadro 38), a meu ver, foi o melhor estudo já realizado no Brasil, de forma estratégica, sobre o setor de alimentos e bebidas, que nos deu uma vivência e integração muito importantes.

QUADRO 39



Recentemente, recebemos a visita de representantes de três países. Eram clusters da agroindústria na Itália, França e Holanda (quadro 39). O da Holanda foi o famoso Food Valley. Fizeram um folheto em português, visitaram várias instituições e mostraram como trazer tecnologia para o Brasil ou como vender tecnologia para o Brasil de montagem de clusters do agronegócio ou da indústria de alimentos e bebidas. Buscaram ainda empresas de laticínios que desejam se instalar no Brasil ou buscar no país outras empresas que queiram trabalhar nos agropolos da Holanda, Itália e França.

QUADRO 40

BRASIL vs EU – 2012 (VALORES APROXIMADOS)

	Brasil	UE
População	200 mi	500 mi
Indústria A&B	35.000	275.000
M.P.E's	99%	99%
Produção de Alimentos (MPEs)	-----	49%
Trabalhadores A&B	1,7 mi	4,1 mi
Empregos Indústria A&B	-----	63%
Empresas de A&B	6.000 hab	2.000 hab

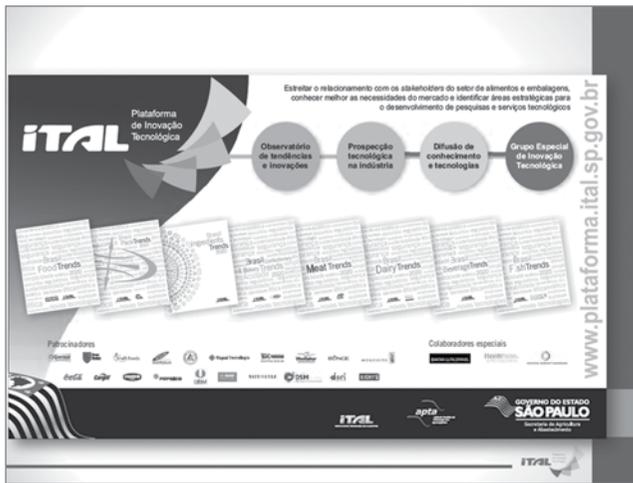
Emprego & Renda

QUADRO 40 CONSIDERANDO: Indústria - Indústria e Comércio de Produtos de Alimentação. Fonte: CGEE/Embrapa, 2012.

Brasil x UE

O quadro 40 é uma comparação entre Brasil e União Europeia. No Brasil são 200 milhões de pessoas, arredondando os dados. Na União Europeia, 500 milhões. Temos 35 mil indústrias de alimentos e bebidas, e a UE tem 275 mil. Médias e pequenas empresas, ambos com 99%. Os dois países têm números muito parecidos. Trabalhadores, 1,7 milhões (Brasil) e 4,1 milhões (EU). A cada seis mil habitantes nós temos uma empresa. Na UE, a cada dois mil habitantes. Isso significa que a UE tem na realidade um número maior de micro e pequenas empresas, que geram maior renda e emprego.

QUADRO 41



Estudos e projetos

Resumindo: precisamos de visão estratégica. Fomos na Fiesp e criamos o primeiro trabalho. Começamos em 2008 e terminamos lançando na própria Fiesp, em 2010, o *Brasil Foods Trends 2020*, nosso primeiro estudo dentro do setor de alimentos, que procura rastrear o mundo. A ideia é perguntar para os analistas

brasileiros: 'O que é importante ou que poderá ser importante no Brasil e no futuro?'. O ano de 2020 é emblemático. 2020 é falar de futuro, já está quase aí. 2050 ainda não.

Na sequência, criamos uma plataforma (quadro 41), na mesma linha que a Embrapa está lançando. Apresentamos em 2010 num formato muito menor, simplista. Mas lançamos com observatório, prospecção, difusão e um grupo estratégico e especial, englobando várias áreas do Itai.

Já mostramos ao mercado o *Brasil Pack Trends 2020*. Todos esses documentos tem patrocinadores, e podem ser acessados gratuitamente no site do Itai: www.brasilfoodtrends e www.brasilpacktrends.

Estamos terminando o *Ingredients Trends*, que talvez seja a mais complexa estratégia. Já entramos na fase final do *Bakery Confectionery*, e trabalhamos no *Meat Trends* e *Dairy Trends*. E em 2014, vamos trabalhar no *Beverage Trends* e no *Fish Trends*. Com isso, vocês terão uma ideia clara das oportunidades de negócio e para onde caminha o setor de alimentos e bebidas no país. E também, nesse caso, de embalagens.

QUADRO 42



“O BRASIL PRECISA LANÇAR PRODUTOS DE MARCAS FORTES”

MAURO REZENDE LOPES, coordenador de projetos do Centro de Estudos Agrícolas da Fundação Getúlio Vargas (FGV)

rei abordar, a partir das tendências de consumo, uma virada que a indústria – composta por várias empresas no mesmo ramo – pode provocar para sobreviver à concorrência de uma enorme quantidade de produtos importados processados. Vamos entrar no campo da estratégia de indústria.

Fizemos uma pesquisa com duas grandes cooperativas agroindustriais e duas grandes empresas da área de processamento de produtos de carnes, suínos e aves. Vamos analisar a fundo essas empresas e ver como elas podem produzir e competir com o produto importado. Com limites. E eu não vou falar em produtos ultrassofisticados, e sim em sorvetes, *snacks* e outros itens do gênero que o Brasil pode perfeitamente produzir nessas indústrias, substituir importações e ganhar muito dinheiro.

Choque de gestão

Por que essas duas cooperativas e essas duas indústrias foram escolhidas? Porque fizeram choque de gestão. A produção com o propósito de competir com os importados parte de uma reforma interna das cooperativas e das empresas. Elas nunca poderiam prosseguir numa produção não muito sofisticada, mas possível de ser concebida, se não tivessem mudado profundamente as suas formas de organização.

Mas por que elas não fizeram isso antes? Por uma razão muito simples. Exportavam não *commodity*, mas produtos de alto poder competitivo. Um grão de soja, um grão de milho, um *chip* de altíssima tecnologia, com genética e pesquisa. Ciência e tecnologia. Dispondo de milho e soja de tecnologia elevada, foi também possível produzir aves e suínos de alto nível. Com genética e avanço.

Há um imenso mercado interno brasileiro, com alta tecnologia e produção muito eficiente, que fez com que essas empresas se esquecessem do mercado de produtos relativamente mais sofisticados.

Liderança

Em nossa pesquisa, tínhamos de aprofundar a estrutura das empresas. Partimos da hipótese que elas precisavam mudar sua estrutura interna para produzir com um nível um pouco maior de processamento. E nós acreditamos que essas quatro empresas sejam o *benchmark* do Brasil.

Elas têm liderança hoje na indústria de alimentos. Voltaram-se para a produção, primeiro em direção ao mercado interno. E talvez amanhã para a exportação. Muitas outras empresas vão seguir esse caminho. Existe um alto grau de estímulo entre as empresas e as cooperativas do Brasil. Vamos então estudar esse *benchmark*, que é brasileiro dentro das nossas possibilidades. No entanto, na entranha dessas empresas que pesquisamos.

“EXISTE UM ALTO GRAU DE ESTÍMULO ENTRE AS EMPRESAS E AS COOPERATIVAS DO BRASIL. VAMOS ENTÃO ESTUDAR ESSE BENCHMARK, QUE É BRASILEIRO DENTRO DAS NOSSAS POSSIBILIDADES”



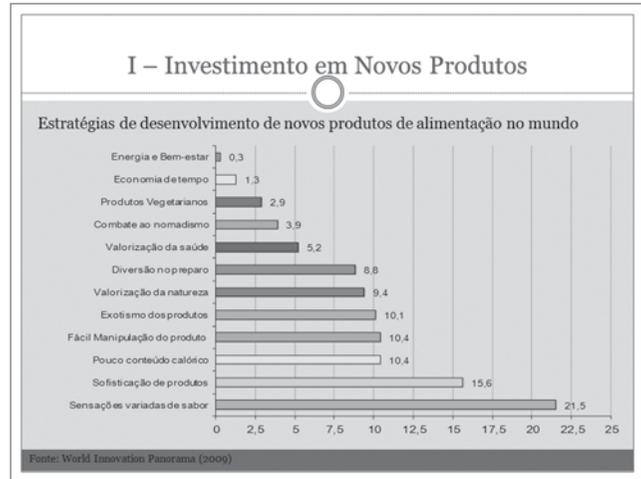
“SE CRESCEMOS EM ORGÂNICOS COM TANTA VELOCIDADE, POR QUE QUE NÃO PODEMOS CRESCER EM PRODUTOS PROCESSADOS?”

Mudança de estratégias

No quadro a seguir estão os investimentos em novos produtos. Na verdade não podemos competir com a quantidade de investimentos e grandes quadros profissionais de pesquisas de outros países. Prefiro me concentrar na mudança de estratégias dessas indústrias. Isso sim é um fato novo e promissor na linha de produtos mais processados, do que o complexo de carnes e produtos de exportação.

O avanço dos produtos orgânicos é um exemplo de sedução do consumidor. Se crescemos em orgânicos com tanta velocidade, porque que não podemos crescer em produtos processados? Com isso, vamos satisfazer o mercado interno, que hoje é atendido por um mar de importações. O Brasil tem no supermercado gôndolas inteiras de produtos importados.

E o ramo de produtos é infinito. Obtivemos uma boa mostra de 250 produtos fabricados no Brasil por empresas grandes e cooperativas, que nós podemos perfeitamente produzir de forma interna. Fizemos uma seleção de centenas de produtos que o Brasil poderia produzir com as duas cooperativas e as duas grandes agroindústrias. E conseguimos uma análise desse conjunto de produtos.



Personalização

Por outro lado, os consumidores estão cada vez mais informados. Querem um portfólio de conjuntos de produtos bastante diversificados. Mas o nosso portfólio ainda é muito modesto. Temos produtos que não são personalizados. Lasanhas, quibes, etc., todos produzem. É uma concorrência, vamos dizer, muito acirrada e difícil. Nós temos de evoluir para produtos personalizados, ou seja, ‘o que só aquela empresa tem’. Produtos de alto valor requerem renda. Nós temos um público consumidor ainda limitado para produção em massa.

Os não personalizados nós temos condição de comprar. Além disso, a situação já fica mais complicada, porque a renda limita muito. Precisamos analisar as estratégias da empresa para que os produtos atendam à dinâmica do consumidor.

Novas tendências

O *World Innovation Panorama* é a publicação mais citada do mundo. Mostra quais são os investimentos das empresas para os próximos dez, 15 anos, a fim de atender à preferência dos consumidores. É uma análise baseada em exaustivas pesquisas de preferência e gostos. Eis então a tendência do mundo no futuro.

Energia e bem-estar que estavam em alta há cinco, seis anos, não estão mais. Somente 0,3% dos orçamentos de pesquisa estão nesses itens. Entretanto, sensações variadas de sabor, os formulados, o restaurante em casa, hoje consomem 21,5% de todos os investimentos das grandes empresas em desenvolvimento de novos produtos para daqui a cinco, 15 anos.

Se olharmos essas definições para a América Latina, elas são um pouco diferentes. Mas guarda certa semelhança. Temos aí a sofisticação de produtos, depois das sensações de sabor. Conteúdo calórico. Caloria é importante diante das exigências dos exercícios físicos. Fácil manipulação, exotismo dos produtos chamados consumos étnicos. Muito importante. E restaurantes de toda parte do mundo, em São Paulo, no Rio, etc. As empresas estão investindo nisso. Diversão no preparo. São os chamados alimentos sociais. Massas, do tipo restaurante. Digamos assim, receitas ancestrais, que são comidas em família. São alimentos de reunião.

Depois vem a valorização da saúde, que era o *must* há dez anos, e já não é mais. Consome 5,2 dos investimentos. Combate ao nomadismo, que é uma coisa desastrosa para a indústria. Você investe no produto, em certificação de fábricas e processos, e o sujeito muda de preferência. Vai para um outro concorrente. E há também investimentos nessa fase de fidelizar o consumidor (3,9%). Tudo o que eu falo é baseado em entrevistas diretas com dirigentes das duas cooperativas e duas grandes indústrias já citadas.

Esse é o panorama mundial, no qual o Brasil se insere e onde mais ou menos teríamos de fazer os nossos investimentos.

O quadro seguinte representa a exigência do consumidor. Produtos de luxo e satisfação. Há uma centena. Mas os mais importantes são os churrascos de carne especiais temperadas. É onde essas cooperativas e essas indústrias estão apostando. Refeições tamanho família com receitas de tradição. As massas com molhos seculares. Restaurante sofisticado em casa. São formulados. Trazidos do exterior. Estão vendendo muito bem hoje no Brasil. Todo mundo é *chef*, convida um casal amigo, compra uns vinhos e aí faz em casa um formulado desse. As receitas ancestrais têm um peso muito grande. Chocolates de produção artesanal. Cafés de assinatura. Quando você coloca café de assinatura num produto, o seu nome ou coloca o nome da família no produto é outra conversa. Não há, vamos dizer, enganação. Você coloca um nome, por exemplo, Valduga ou Marson num vinho, é o avô do avô que está ali. É o velho Pedro Valduga, outra coisa. No café de assinatura você coloca o nome da família na frente.

“AS EMPRESAS ESTÃO INVESTINDO EM DIVERSÃO NO PREPARO. SÃO OS CHAMADOS ALIMENTOS SOCIAIS. MASSAS, DO TIPO RESTAURANTE. RECEITAS ANCESTRAIS, QUE SÃO COMIDAS EM FAMÍLIA”

QUADRO 2

Exigências dos Consumidores no Brasil – I Produtos de Luxo e Satisfação	
Algumas centenas com destaque para:	
1.	Churrascos de carnes especiais temperadas.
2.	Refeições tamanho família com receitas de tradição (massas).
3.	Restaurante sofisticados em casa (formulados compostos).
4.	Receitas ancestrais.
5.	Chocolates de Produção Artesanal.
6.	Cafés de Assinatura.
7.	Etc.
Fonte: Pesquisas do Autor.	

Reparem no molho desse churrasco. É um produto que foi lançado em 2005. Esse conjunto tem mais de 30 produtos. São chamados consumos sociais. Isso tudo está baseado em levantamento dentro da empresa.

QUADRO 3



O próximo quadro mostra o chamado restaurante fino em casa. É o Demi Glace. *Fonds Brun Lié*. É especial. Você prepara em casa e fica bem na fita. Mas por trás disso está a Nestlé. É o *chef* de casa.

QUADRO 4



Em seguida, as exigências do consumidor no Brasil. Alimentos *gourmet* e *delicatessen*. Cafés de origem controlada, muito importante. Iogurtes, coalhadas, sem adição de açúcar. Hoje, iogurte, coalhadas e queijos especiais são a aposta da União Europeia para novos produtos. E o Brasil está caminhando nessa direção também. Nessas cooperativas, as quais eu entro. Redução de teor de gordura. Aditivos. Controle de calorias. Sobremesa light. Há um movimento muito grande contra refrigerantes, principalmente os zeros. Porque já havia um movimento muito grande em relação à adição de açúcar. Isso está favorecendo a modificação em favor de produtos e sucos naturais etc., que crescem mais do que qualquer outro setor na indústria de alimentos (30% ao ano). Não há mais polpa de fruta suficiente para atender à demanda, principalmente de alguns sucos.

QUADRO 5

Exigências dos Consumidores no Brasil – III Alimentos Gourmet e Delicatessen	
1.	Cafés de origem controlada.
2.	Iogurtes, coalhadas e queijos especiais.
3.	Sem adição de açúcar (geléias etc.).
4.	Com redução de teor de gordura.
5.	Sem aditivos (acidulantes, flavorizantes, conservantes, corantes).
6.	Com controle de calorias (biscoitos).
7.	Sobremesas light.
Nota: Movimento contra refrigerante zero.	
Fonte: Pesquisas do Autor.	

Chocolate amargo, produtos fortificados, mais leves. Alimentação controlada. Alimentos em dieta específica.

QUADRO 6

Exigências dos Consumidores no Brasil – IV Alimentos Saudáveis	
1.	Chocolate amargo.
2.	Produtos fortificados (vitaminas e sais minerais).
3.	Produtos mais leves (com redução de gordura, sódio, açúcar e aditivos).
4.	Alimentação controlada.
5.	Alimentos em dietas específicas.
6.	Etc.

Características de mercado

A primeira coisa que me responderam os entrevistados foi que eles deixaram de ver o distribuidor como um elo extrativista na cadeia de valor. Eles são os responsáveis por dar o *feedback* de preferência dos consumidores. O distribuidor diz o que está saindo. Como? De que forma? A indústria começou a ver o distribuidor como um parceiro nos projetos de desenvolvimento estratégico. Distribuidor hoje tem capacidade de fazer propaganda. Mudança grande. Uma percepção das indústrias que a gente entrevistou.

Os padrões de concorrência são de caráter acirrado. Caso dos produtos personalizados, que eu já citei. Ou fazem isso ou ficam na concorrência acirrada. Ele faz lasanha, você faz lasanha. Deu embutido, você faz embutido.

Todas essas empresas e outras que eu conheci tinham no topo das iniciativas estratégicas conhecer o Ital. Visitar institutos de tecnologias de alimentos em Campinas e da Embrapa. Hoje eles entendem que esses institutos são importantes. E eu notei que os pesquisadores têm uma visão mercadológica muito boa. É impressionante como eles fazem pesquisa, mas tem um olho no mercado. E isso seduziu os dirigentes dessas empresas.

Percepção do valor do produto pelo cliente. Isso é a coisa mais importante. Eles gastam muito dinheiro com isso. Evitar o nomadismo e ter um relacionamento duradouro. Essas são as metas de reações das indústrias, não só a necessidade de diversificar os seus produtos, como enfrentar a substituição da importação.

Riscos crescentes de inovações de ruptura. Isso é uma coisa que eles têm como preocupação. De repente aparece um produto no mercado de um

concorrente que vem de um nível não tão alto e bomba no mercado. Otimização de marcas. Você não pode investir numa nova marca. Segundo o depoimento dos entrevistados, marca é caro, arriscado e tem grandes chances de dar errado. A vantagem é que ela vende com despesa 40% menor que a do cliente novo. Aquele cliente que compra a perdiz da Perdigão, por exemplo, está fidelizado. A otimização da marca passa a inserir a perdiz em uma porção de produtos.

QUADRO 7

Mudanças nas Estratégias das Indústrias – I (Reações da Indústria)	
1.	A mudança de postura das indústrias diante de distribuidores.
2.	Feedback de preferências dos consumidores.
3.	Distribuidores com capacidade de promover produtos.
4.	Novos padrões de concorrência (acirrada).
5.	Produtos personalizados.
6.	Produtos pesquisa-intensivos.
7.	Valor: percepção do valor do produto pelos clientes.
8.	Evitar nomadismo e ter relacionamento duradouro.
9.	Riscos crescentes de inovações de ruptura.
10.	Otimização de marcas.

Para entrar em produtos sofisticados e fazer promoção, de acordo com os entrevistados na pesquisa, é necessário começar a mudar a cabeça do pessoal dentro da empresa. Diferenciais competitivos por atributos exclusivamente de produto físico é condição necessária, mas não suficiente. Nesse setor muito arriscado de produtos de alta sofisticação, ganhar pedido, competir com as marcas que vem do exterior, que são conhecidas, tudo é muito difícil.

Tecnologias de informação

Mas há a escola da marca. Novo elo na empresa. São os produtos de “tendências” (quadro a seguir), que o Quadro 11 cita. Eles estão criando dentro da empresa um outro setor completamente diferente, porque as exigências são padrões internacionais. Certificação de processos e de fábrica. Estrutura organizacional e pessoas. Avanços em tecnologias de informação. O atendimento total dessas empresas é o vendedor que utiliza Ipad. Passa pela Internet. Vai para a central de distribuição. E vai para o faturamento com software integrado de gestão. Isso é importantíssimo. Quem compra precisa saber que horas vai receber o produto. O vendedor quer estoque pró-

ximo de zero. Hoje, o fator diferencial é tecnologia da informação. Ter indicadores de desempenho também é ótimo. É preciso traçar metas.

QUADRO 8

Mudanças nas Estratégias das Indústrias – II Novos Produtos Não São Commodities	
Não é só Produto: Produto + Ambiência Dentro da Empresa	
1.	Diferenciais de competitividade por atributos exclusivamente de produto físico é condição necessária, não suficiente.
2.	Critérios “ganhadores de pedidos” – nível de serviços a distribuidores.
3.	Novo elo na empresa de novos produtos “de tendência”.
4.	Estrutura organizacional e pessoas.
5.	Avanços em tecnologia de informação.
6.	Indicadores de desempenho.

No quadro a seguir, a mudança de estratégia é um nível de serviço ao mercado. Não é só o SAC. É muito mais que isso. Você pode ter propagandas, promoções, etc. Provedoras nos supermercados são importantes. Depois, gestão de pedidos. Softwares sofisticados de informática que permitem ao comprador, o atacadista médio ou pequeno, saber que dia o produto chega. É um abastecimento no tempo. Isso tem grande valor. Com centros de distribuição localizados estrategicamente no Brasil. As carretas e os caminhões-baú não podem sair lá de Concórdia e nem de Nova Petrópolis, pelo Brasil todo. É preciso ter centros de distribuição conectados com a Internet.

Gestão de demanda

Gestão de conjuntos de produtos “de tendências”. Gestão de demanda. A figura do gestor de demanda é diferente. Não tem nada a ver com força de venda. É voltar para o consumidor. Surpreender, criar ansiedade nele. Ver o que ele vai fazer quando está ansioso para comprar o produto. Isso foi iniciado por uma das companhias que a gente visitou, e que agora tem um presidente, dois vice-presidentes, quatro diretores, e um diretor de gestão de demanda. Quer dizer, uma importância muito alta na hierarquia.

Pesquisa de satisfação

Índice de satisfação de distribuidores, não só de consumidores. As cooperativas grandes de leite fazem pesquisa periódica. Mas agora a

pesquisa é de satisfação do distribuidor que passou a ser um aliado. Percepções por parte dos consumidores. Supermercados têm um papel muito diferente nesse novo contexto.

QUADRO 9

Mudanças nas Estratégias das Indústrias – III E Mais Atendimento ao Mercado	
1.	Nível de serviço ao mercado.
2.	Gestão de pedidos.
3.	Acompanhamento on line dos pedidos.
4.	Centros de Distribuição (CD's).
5.	Gestão de Portfólio e produtos “de tendência”.
6.	Gestão de Demanda (não da força de venda).
7.	Índice de Satisfação de Distribuidores.
8.	Percepção do valor do produto pelos consumidores.
9.	Os supermercados têm um novo papel no contexto.

Estruturas sofisticadas

No quadro abaixo, foco no produto. Padrões internacionais. Certificação. Estrutura sofisticada. Prospecção de novas tecnologias. Será muito importante a consulta a institutos de tecnologia de alimentos.

QUADRO 10

Mudanças nas Estratégias das Indústrias – IV	
1.	Foco em produto (novo).
2.	Padrões internacionais.
3.	Certificação de processos e fábricas.
4.	Estruturas e estratégias sofisticadas.
5.	Prospecção de novas tecnologias.
6.	Consulta a institutos de tecnologia de alimentos.
7.	Produtos intensivos em pesquisa e tecnologia de alimentos.

O avanço dos orgânicos é um caso a se estudar. A sedução do consumidor, que aderiu em massa ao orgânico. Temos aí sistemas sem utilização de agrotóxicos. Não são usados insumos artificiais. Enfim, os orgânicos crescem de uma forma que pode indicar muito do que é a sedução do consumidor. Pode-se apelar para várias características, como a de animais tratados essencialmente com alimentos orgânicos.

QUADRO 11

O Avanço dos Orgânicos - I	
1.	Sistema sem utilização de agrotóxicos.
2.	Não são usados insumos artificiais tóxicos.
3.	No processo não é permitido usar nenhum tipo de estabilizante, corante ou conservante: mais de 95% de ingredientes orgânicos.
4.	Colheita de vegetais na época de maturação, sem processos de indução artificial.
5.	Animais tratados essencialmente com alimentos orgânicos.
6.	Os produtores orgânicos privilegiam a diversidade vegetal e animal e procuram o contato direto com o consumidor.

Fonte: Darall, M. R. Guia do Consumidor Orgânico. Sociedade Nacional de Agricultura. Rio de Janeiro, 2013.

A seguir, tendências de futuro. A aproximação da alimentação com saúde preventiva evita tratamentos clínicos. Isso é importante. Produtos fármacos. Saudabilidade das dietas alimentares. Seduzir o consumidor, criar desejo, surpreender. Imposições terapêuticas. Menos sódio e colesterol.

QUADRO 12

As Tendências de Futuro (Brasil)	
1.	Aproximação da alimentação com a saúde preventiva e os tratamentos clínicos.
2.	Produtos fármacos e terapêuticos.
3.	Saudabilidade das dietas-alimentos:
4.	Seduzir o consumidor (orgânicos)
5.	Criar desejo no consumidor.
6.	Surpreender o consumidor.
7.	Imposições terapêuticos (sódio, colesterol)

O poder da marca

O Brasil precisa lançar produtos de marcas fortes. As marcas que competem hoje no mercado interno são mundiais. Vamos otimizar marcas fortes, a marca própria, isto é, colocar aquela perdiz da Perdigão em vários produtos. Fidelizar o cliente. “Combater” o nomadismo. O risco é que novos produtos personalizados são difíceis para fidelizar clientes. Você gasta menos com o cliente fidelizado. Economiza, mas gasta um dinheirão para introduzir um produto novo. Agora é necessário explicar como tudo funciona para o consumidor.

QUADRO 13

Estratégias no Brasil Para Seguir Tendências	
1.	Lançar produtos com marcas fortes (mercados seletivos).
2.	Otimizar marcas fortes.
3.	Colocar o nome da família no produto (rótulo).
4.	Fidelizar os clientes.
5.	“Combater” o nomadismo.
6.	Risco: novos produtos personalizados são difíceis para fidelizar clientes.

Considerações finais

Por fim, chegamos às conclusões. O Brasil tem condições de elaborar produtos especiais, conforme foi verificado na amostragem de 125 itens especiais no mundo. Não é coisa muito sofisticada. O Brasil só tem 17 produtos nessa lista. Um brasileiro para cada 7,5 de estrangeiro. Desses 125, grande parte é nacionalizada.

No ramo de produtos há muito risco. O brasileiro tem um paladar muito próprio. Contudo, a demanda por produtos “de tendência” deverá crescer, devido à elevação do valor do tempo da mulher fora do domicílio. À medida que o valor da mulher que trabalha fora vai crescendo, vão surgir outras oportunidades de produtos, a começar pelos congelados. Mas o céu é o limite. Ela vai substituir produtos que são intensivos em energia.

QUADRO 14

Conclusões - I	
1.	A realidade de produtos “de tendência” com as características especiais é haver muito menos itens no Brasil.
2.	De uma amostra de 125 produtos especiais no mundo, o Brasil tem 17, uma relação de 1:7,5. Grande parte são produtos “nacionalizados”.
3.	O ramo de produtos “de tendência” tem riscos: o consumidor brasileiro tem “paladar próprio”.
4.	Contudo, a demanda por produtos “de tendência” deverá crescer devido à elevação do valor do tempo da mulher fora do domicílio.

Para a indústria prosseguir crescendo, a tendência é sustentar a oferta de seus produtos “nacionais” ou “nacionalizados”. Está difícil suportar isso devido ao câmbio. Hoje importamos muitos produtos “de tendência”. O câmbio ajustado pode mudar essa figura.

Inovação e novos produtos dependerão dos institutos de tecnologia de alimentos. Vale a pena visitá-los para ver o estado das artes das pesquisas. Os institutos têm conhecimento de mercado.

QUADRO 15

Conclusões - II	
1.	Para a indústria prosseguir crescendo, para atender às tendências de consumo de produtos “de tendência” deverá primeiro sustentar a oferta de seus produtos “nacionais” ou “nacionalizados”.
2.	Hoje importamos muitos produtos “de tendência”.
3.	Com câmbio ajustado o Brasil não continuará importando tanto os produtos “de tendência”.
4.	Quando parte da inovação e novos produtos dependerão de institutos de tecnologia de alimentos.
5.	Os institutos têm tecnologia e conhecimentos dos mercados.

As tecnologias de informação terão de alcançar consumidores cada vez mais informados. Competências centrais. Isso é muito importante. As cooperativas que eu visitei têm competência central, isto é, uma característica particular em seus produtos que, se alguém quiser copiar, pode ser mal sucedido. Por exemplo, embutidos da família Ceratti de Uruguaiana. Da Ceratti Alimentos. Se você tentar copiar uma mortadela, um embutido da Ceratti, vai se dar mal. A Ceratti tem 50 centavos de dólares no Japão só por usar uma receita ancestral da Nona, da trisavó que veio da Itália.

Algumas cooperativas têm competência central. Uma delas tem o segredo de distribuição dos pequenos e médios atacadistas, que é importantíssimo. Não se vende só para grandes supermercados. Será muito difícil sustentar a participação no mercado. Sem os atacadistas, a indústria terá investimentos caros e de retorno muito duvidoso.

QUADRO 16

Conclusões - III	
1.	As tecnologias de informação terão que avançar: consumidores cada vez mais informados.
2.	Competências centrais (<i>Core Competence</i>).
3.	Inteligência de mercado só não será mais diferencial competitivo.
4.	Será muito difícil sustentar <i>market share</i> sem esses pré-requisitos.
5.	Sem eles as indústrias terão investimentos caros e de retornos incertos.

“O BRASIL LIDERA E TEM PODER PARA DIALOGAR COM OS DIVERSOS SEGMENTOS DO MERCADO”

CESÁRIO RAMALHO, presidente da Sociedade Rural Brasileira



Debora 70

Sou empresário e pratico agricultura e pecuária em duas regiões brasileiras: no sul do Mato Grosso com Mato Grosso do Sul, quase na fronteira com o Paraguai, e também no Triângulo Mineiro, onde nasci. Temos lá uma fazenda que está completando 100 anos.

Eu diria que esse congresso trata das questões do agro de maneira bastante profunda. Quero falar com vocês um pouco como agricultor que sou. Falar como produtor rural. Temas muito importantes são debatidos aqui. O pós-fronteira, o pós-fazenda, a certificação, a adaptação e a origem dos nossos produtos.

A seriedade com que isso hoje é tratado pelos consumidores – no Brasil menos um pouco, mas nos países que visitamos, principalmente Estados Unidos e Europa, e alguns da Ásia, eles são bastante criteriosos. O Luís Madi, do Ital, desenvolve um trabalho diretamente com a melhoria da qualidade do alimento, da embalagem, da pesquisa. Isso tudo sai das nossas fazendas.

Atenção global

Eu costumo dizer que há 100 anos nós tínhamos uma preocupação com as nossas fazendas, com o nosso produto. Olhávamos se chovia na nossa lavoura. Hoje o agro cresceu pelo mundo inteiro e precisamos ter uma preocupação global.

Eu me preocupo imensamente se chove na Austrália, com o problema da cana. Eu me preocupo se há chuvas ou secas grandes na Europa, nos Estados Unidos. E na Ucrânia também, que se torna a cada dia um país mais importante na produção de grãos. Dobrou a sua produção em menos de dez anos. E é um grande exportador de milho, por exemplo.

“HÁ 100 ANOS NÓS TÍNHAMOS UMA PREOCUPAÇÃO COM AS NOSSAS FAZENDAS. OLHÁVAMOS SE CHOVIA NA NOSSA LAVOURA. HOJE O AGRO CRESCEU PELO MUNDO INTEIRO E PRECISAMOS TER UMA PREOCUPAÇÃO GLOBAL”

Em primeiro lugar, quero salientar que a Sociedade Rural Brasileira é uma entidade fundada em 1919. É uma das mais antigas entidades brasileiras, voltada para a defesa do produtor e do produto rural.

Portanto, o agro cresceu. Tenho uma preocupação maior fora das nossas fronteiras, do que internamente. No âmbito interno, adquirimos uma certa rotina de trabalho moderna, eficiente do século XXI. Importamos todos os dias uma nova tecnologia. Melhoramos as nossas máquinas e os nossos recrutamentos. E investimos nesse processo de produção.

A importância da soja

Portanto, me choca quando eu vejo até alguns colegas empresários dizerem que o Brasil é exportador de produtos sem valor agregado. Uma semente de soja que nós mandamos para China, por exemplo. Antes de fazermos a soja, nós fizemos agregação de valor. É muito maior a pesquisa num grão de soja.

Quando a Embrapa foi fundada na década de 70, pelo ministro Alysson Paolinelli, ela produzia soja no Brasil. Diga-se de passagem, é o principal produto agrícola brasileiro. Vale 15 bilhões de dólares. E a soja na década de 70 era plantada única e exclusivamente no Rio Grande do Sul, e tinha uma produtividade não maior do que 20 sacos por hectare. Hoje nós temos, depois de 40 e poucos anos da fundação da Embrapa, uma produtividade chegando a 60 sacos por hectare. Aumentamos em 200% a produtividade. E fizemos a soja acontecer no Brasil inteiro, até no oeste baiano, que é o novo *front* e passa por um desenvolvimento fantástico com soja, milho e algodão. É uma agricultura de alta precisão. E isso é uma coisa tão importante para o nosso país, que integra todas as forças econômicas e políticas.

Melhor produtividade

37% dos empregos brasileiros de carteira assinada são gerados por nós, agricultores, em nossas fazendas. Mas nós colhemos cana-de-açúcar com máquinas. Tiramos os trabalhadores dos cortes das canas. E introduzimos máquinas. Recentemente, perdi em Ribeirão Preto um milhão de empregos. Mas sabe onde eu coloquei esse pessoal? Para trabalhar numa máquina que colhe cana, em função de R\$ 2 mil. Há uma extraordinária distribuição de renda e valorização do homem. É isso que nós estamos fazendo.

Em relação à cana-de-açúcar, por exemplo, nós temos a melhor produtividade do mundo. Temos também a melhor racionalidade

do mundo. Contamos hoje com pesquisa, com a Secretaria de Agricultura de São Paulo, a Embrapa, o IAC. Nós temos cana semeada. É uma coisa maravilhosa. Estamos adaptando esse processo novo.

O Brasil, ano passado, foi o maior produtor mundial de milho. Foi o primeiro exportador, em função de uma extraordinária seca. A maior dos últimos 50 anos, que fez com que o Brasil comparecesse ao mercado mundial e entupisse todos os canais de escoamento no litoral norte de São Paulo. E isso impactou. Portanto, a agricultura evoluiu, mas o governo do Brasil não.

O Brasil produziu em 2002, quando o presidente Lula assumiu o governo, 98 milhões de toneladas de grãos. Nós estamos às vésperas de produzir 200 milhões de toneladas. Já exportamos 100 bilhões de dólares. Corresponde a 40% da pauta das exportações brasileiras. E o resultado, o superávit brasileiro, é que dá conforto aos governantes que aí estão. São 330 bilhões de dólares de reserva, oriundos da nossa agricultura, que alguém afirma não ter valor agregado.

Orgulho do agro

Essa agricultura, que é um produto primário, emprega 77% dos trabalhadores. Gera 30% do PIB brasileiro. É gerado lá no campo, lá na minha fazenda e dos meus associados. Dos cinco bilhões de brasileiros que são proprietários ou produtores. Não é preciso ser dono de terra para ser produtor agrícola. A cana-de-açúcar, por exemplo, tem 60%, talvez quase 70% de produção em terras arrendadas, como qualquer indústria ou qualquer barracão industrial que se tenha.

Portanto, agricultura é o maior segmento da economia do Brasil. É preciso sim ter orgulho do agro. Eu não vejo as pessoas fazerem isso. No entanto, eu estive este ano em Anuga, a maior feira global de alimentação, com sete mil expositores e 190 mil visitantes. Em três dias eu vi a minha indústria brasileira liderando lá no maior espetáculo do setor de alimentos, onde participam praticamente todos os compradores e vendedores do mundo. E o Brasil lidera literalmente, porque tem o poder de comercializar com indústria, empresários, técnicos e diretores comerciais competentes, enfim, toda uma equipe extraordinária.

Onde somos os maiores do mundo? Na carne bovina. Na carne de frango somos o segundo

“NÓS TRABALHAMOS PRODUZINDO, GERANDO RENDA E EMPREGO, E MELHORAMOS O ACESSO À ALIMENTAÇÃO. A AGRICULTURA SÓ EXISTE PORQUE USAMOS TECNOLOGIA. ADOTAMOS UM PROCESSO DE INOVAÇÃO FANTÁSTICO EM NOSSAS PROPRIEDADES”

maior. Na carne do porco somos o terceiro. Na soja, no café, na cana, no açúcar, no etanol, somos também o maior do mundo. E geramos renda para a população brasileira. E a cada ano que passa, os brasileiros gastam menos do seu orçamento com alimentação. Estamos ganhando num processo de 20 anos. Pelo menos reduzimos o seu orçamento com alimentação em 50%.

Nós trabalhamos produzindo, gerando renda e emprego, e melhoramos o acesso à alimentação. Então essa é a agricultura. Ela só existe porque usamos tecnologia. Só existe porque nós fazemos e adotamos um processo de inovação fantástico em nossas propriedades. E de certa forma ganhamos com os financiamentos, os juros adequados hoje em dia, prazos um pouco curtos, mas enfim, um processo de adaptação.

Estamos com uma condição social razoável. Nossa produção de trabalho nos campos é muito boa. Temos empresários jovens e com potencial de crescimento muito grande.

Política indigenista

Apesar de toda essa magnitude da agricultura brasileira, nós não temos um Ministério da Agricultura. Esse governo que está aí sucateou o Mapa. Onde o agricultor se defende? Onde o agricultor grita? Por aqui, o que está errado é uma política indigenista que não é do agricultor, e sim do país. Que é da população brasileira, e querem embutir no problema do produtor rural. Não é!

Há 100 anos nós temos um título garantido pelo estado, pelos cartórios de registros de imóveis do país, pelos GPS que hoje levantam, determinam e fixam as nossas propriedades. E

esse título é questionado. E esse indivíduo não associado é expulso da sua propriedade, sem indenização de um centavo. Portanto, está errado em Belo Monte também. Porque nós precisamos de energia. Já pagamos a energia mais cara do mundo. Precisamos então gerar mais energia. E em Belo Monte não se pode trabalhar pelas questões indígenas.

Mas o indígena é vítima. Porque, segundo pesquisa do Datafolha, encomendada pela Confederação Nacional de Agricultura da senadora Kátia Abreu, o que o indígena quer é faculdade. Ele quer comprar o trator que eu uso, quer plantar o que eu planto. Ele não quer viver na mata, explorando aquelas coisas que os avós e tataravós exploravam. Há indígenas que vivem na Amazônia e que são respeitados em seus territórios. Nós temos 7% do território brasileiro reservado aos indígenas. Nós temos 120 milhões de hectares, de um total de 850 milhões de hectares, reservados aos indígenas.

Se for posta em prática essa nova demarcação indígena, vamos passar a 20% do território nacional reservado aos indígenas. Portanto, se nós temos 120 milhões de hectares com os índios, nós temos aproximadamente 60 e poucos milhões de hectares com a agricultura. Isso de fato explica tudo o que a gente falou aqui.

Não são os grandes produtores que questionam essa política. No oeste do Rio do Grande do Sul, temos uma comunidade de agricultura familiar com mais de dois mil produtores e proprietários, que estão sendo expulsos das suas propriedades de dez hectares. Esse indivíduo só poderá morar debaixo de uma ponte em Porto Alegre porque não tem outra atividade. Ele não conhece outro processo. E está sendo expulso.

Aplicação do Código Florestal

Não podemos aceitar que o Congresso Nacional de um país democrático, livre e aberto como o nosso, seja invadido por pessoas manipuladas por ONGs internacionais. As mesmas que dificultaram imensamente as tratativas do Código Florestal brasileiro. Hoje é uma lei vigente. Faz um ano e meio que nós tivemos o Código Florestal aprovado e ainda temos um Cadastro Ambiental Rural, onde nós produtores ou proprietários faremos uma declaração no Imposto de Renda. A partir do CAR, você acerta suas contas e seus passivos ambientais. Há um ano e meio isso está para ser divulgado e implantado.

Eu sou a favor completamente, não questiono nada. Só acho estranho que, num país de grande dimensão como o nosso, dispomos de um Código Florestal para todo o território. No Brasil há sete biomas. Portanto, haverá imensa dificuldade na aplicação desse código. Enquanto não se aplica a lei, o Ministério Público está lutando por nossos companheiros.

Ministério politizado

Isso tudo vem de uma fragilidade imensa do meu setor, que é a falta do Ministério da Agricultura. O Mapa foi politizado, tomado de assalto por revistas, por partidos de governos. E tiraram de lá os principais técnicos de renome internacional, como o Ênio Marques, que era o secretário de Defesa do ministério. Foi demitido de um dia para o outro, sem saber. E agora um advogado – nada contra, pois meu pai era advogado – é o gestor da defesa agropecuária brasileira. Nós temos alguns técnicos de nível,

mas que não estão afiliados a um partido aqui, ali e acolá. Que não facilitam isso ou aquilo.

Politizou-se o maior setor da economia brasileira. Temos problemas com logística, isso já foi falado. Mas quem perde com esse problema? Somos nós que perdemos renda. Muito mais que nós, perde o consumidor. Ele deveria pagar nos supermercados ou nos armazéns 10% menos do que paga hoje pelo produto agrícola. E por quê? Porque temos uma logística que não anda, um ministério que não defende e um comércio exterior que não ataca.

Devo dizer que nós temos logísticas atrapalhadas. Perdemos o homem que se dispunha a arrumar a logística brasileira, que é o Bernardo Figueiredo, controlador dessa questão da infraestrutura. Assessor direto da presidente da República, foi demitido porque o governo quer fazer estrada para ontem. Porque a eleição é depois de amanhã. E o Bernardo Figueiredo é um homem equilibrado, um técnico com serviços públicos prestados. Correto, aceito e acreditado. E as estradas não se fazem de um dia para o outro. Por isso o Bernardo perdeu importância e acabou pedindo demissão.

Temos ainda a questão da Petrobras. Ela sucateou o setor sucroalcooleiro. E nós tínhamos um setor formidável. A mais brilhante política de substituição dos combustíveis fósseis por um combustível limpo e renovado, e de grande desenvolvimento, que é a cana-de-açúcar. Acabou. Então isso nos entristece.

Quero dizer que o governo precisaria virar a chave e atender mais a agricultura, enxergá-la. Nós precisamos de menos 'imperfeccionismo'.

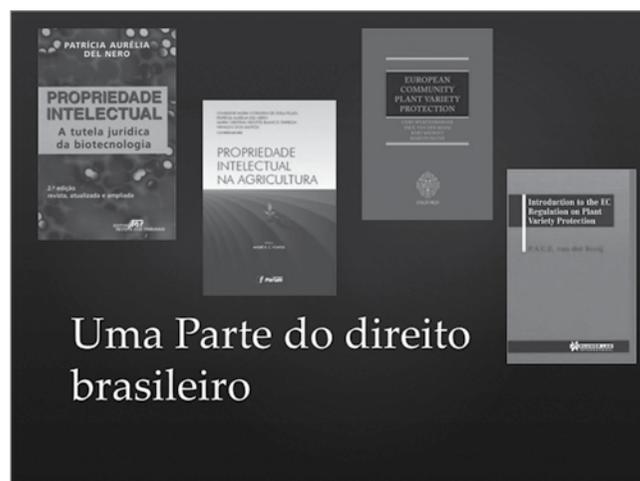
PROPRIEDADE INTELECTUAL NA AGRICULTURA

DENIS BORGES BARBOSA, advogado e especialista em Propriedade Intelectual

Estamos com teor tecnológico nas importações ditas primárias. É a primeira alta e crescente densidade tecnológica que já houve na história brasileira. Essa é uma observação extremamente importante. E, em parte, isso se deve não só à inovação, mas também à Propriedade Intelectual. Temos algo em torno de 92% das patentes industriais brasileiras sobre estrangeiros. Cerca de 77% dos cultivares são de propriedades nacionais. Isso faz uma diferença incrível. Se a gente precisa ter uma política de propriedade intelectual, não é em favor dos 92% dos titulares de patentes estrangeiros, mas dos 77% dos titulares de cultivares nacionais. Este é o ponto central.

O quadro abaixo mostra que grande parte do direito brasileiro, hoje em dia, é de produção de direito da agricultura. Recentemente, o primeiro livro sobre o assunto é o da professora Patrícia Aurélio Del Nero, que é a titular de direito da Universidade Federal de Viçosa, uma instituição ligada ao setor agrícola. Foram lançados no ano passado dois volumes de análise jurídica e nós escolhemos “Propriedade Intelectual na Agricultura”, que aborda a produção jurídica em relação à interseção da agricultura e da produtividade intelectual, do direito em geral. A Propriedade Intelectual é crescente e central.

QUADRO 1



Debora 70

Ações

Um ponto que é interessantíssimo. Todos nós provavelmente já ouvimos falar da grande ação da Samsung, considerada a mais importante desse ano. De jeito nenhum. As duas maiores ações judiciais de Propriedade Intelectual em todo mundo são brasileiras. E relativas ao setor agrícola. São duas ações com a minha vilã habitual. Há 30 anos que eu litigo contra a Monsanto. São processos de agricultores do Mato Grosso do Sul.

Mas fechamos acordo. Suave, já que eles estavam pretendendo algo em torno de R\$ 3 bilhões na ação. Mas fecharam apenas em R\$ 1 bilhão. Mesmo assim, são as duas maiores ações de Propriedade Intelectual do mundo.

Os produtores rurais do Mato Grosso do Sul acionaram a Monsanto porque a empresa estava cobrando, há três anos, uma patente que já havia expirado. Só isso. E os agricultores esta-

vam pagando. Porque não sabiam, não foram informados de que a patente tinha expirado. Cobraram em dobro conforme o Código Civil permite. Quem cobra o que não deve tem de pagar em dobro. Mas acabaram se ajustando com um pequeno acordo.

Eu fui consultor nesse processo. Com isso, quero frisar que, no direito brasileiro do momento, um dos elementos mais importantes e centrais é a relação entre a Propriedade Intelectual e o setor agrícola.

O que a gente vai falar rapidamente são duas coisas que existem e estão funcionando, e uma coisa que não está funcionando que é mais importante do que aquelas que existem. Problemas de cultivares, indicações geográficas e marcas coletivas agrícolas.

QUADRO 2



Cultivares

O registro de cultivares é um sistema de patentes de produto. No caso, o produto é o material propagativo de elementos de variedades vegetais. E nisso se antepõem diretamente as patentes industriais, já que o artigo 18, inciso segundo, da Lei de Propriedade Industrial, esclarece que não se dará patente industrial a produtos, variedades de plantas e animais.

Como explicar que a moça do TI tem uma patente sobre a semente *Roundup Ready* é um fato sobre o qual devemos conversar muito para entender como é que a norma estabelece que não há outra proteção sobre as sementes, que não a lei de cultivares. Como é que o INPI deu a patente para esse produto, quando a lei de cultivares diz que não pode?

QUADRO 3



O quadro abaixo mostra o teor tecnológico para exportação. Qual o teor da exportação brasileira, da exportação de produtos agrícolas? É tecnologia. E mais que tecnologia, é muito nacional.

QUADRO 4



Proteção

A variedade de plantas, descrita no quadro a seguir, é produzida por uma lei diferente da lei de patentes. É a lei nº 9.456, de 97, que diz: 'A proteção dos direitos relativos à propriedade intelectual referente a cultivar se efetua mediante a concessão de Certificado de Proteção de Cultivar'. É a única forma de proteção. Toda a briga dos cultivadores hoje é por essa questão. E por uma razão muito simples: a lei de cultivares chamada *Farmer's Right* diz que o fazendeiro pode pegar a semente e replantar. E no *Breeder's Right* o fazendeiro pode pegar a semente e fazer outras variedades. Isso pode. Na lei de cultivares, na lei de patentes, não. Com isso, as

peessoas usam as patentes para não darem os *Farmer's Right* e *Breeder's Right*. É toda essa briga, que envolve cerca de R\$ 2,8 milhão.

E essa discussão é lá no Rio Grande do Sul. Os agricultores brigam em relação à patente da *Roundup Ready*. Agora estamos na fase *Roundup Ready 2*, pois a patente da semente já foi concedida, mas está sendo licenciada de forma muito curiosa.

QUADRO 5

Lei nº 9.456, de 25 de abril de 1997

Art. 2º A proteção dos direitos relativos à propriedade intelectual referente a cultivar se efetua mediante a concessão de Certificado de Proteção de Cultivar, (...) e única forma de proteção de cultivares e de direito que poderá obstar a livre utilização de plantas ou de suas partes de reprodução ou de multiplicação vegetativa, no País

Variedades de Plantas

Embora emasculado e desfigurado, o Ministério da Agricultura pelo menos mantém o serviço nacional de proteção de cultivares. Cadastros ou licenciados para a produção são os cultivares registrados com patente.

QUADRO 6

- ↳ Uma cultivar é resultado de melhoramento em uma variedade de planta que a torne diferente das demais em sua coloração, porte, resistência a doenças.
- ↳ A nova característica deve ser igual em todas as plantas da mesma cultivar, mantida ao longo das gerações.
- ↳ Atualmente, existem 1.265 cultivares protegidas, no Brasil, e quase dois mil pedidos de proteção já analisados ou em análise pelo Serviço Nacional de Proteção de Cultivares (SNPC).

Do site do MAPA

Elemento distintivo

O próximo quadro aborda a patente para o registro de cultivares. Ela tem de ser distinta por margem mínima de escritores, daquilo que já se conhece. Por exemplo, antes era uma tulipa peluda,

“NA DESIGNAÇÃO HÁ UM FATOR MUITO INTERESSANTE, QUE É A PROTEÇÃO PARA OS AGRICULTORES EMBUTIDA NO SISTEMA DE CULTIVARES. É QUE, DE ORIGEM, TODO CULTIVAR É GENÉRICO”

e agora será distinta das tulipas sem pelo. Precisa ter homogeneidade. Ou seja, em todas as etapas daquelas variedades é necessário ter o mesmo elemento distintivo. Elas têm de ser peludas, todas. Não importa que umas cresçam mais e outras menos. Outras têm mais produção ou não. Mas todas têm de ser homogêneas naquilo que é o objeto da proteção. De gerações em gerações, ela precisa garantir aquele mesmo elemento que é o protegido. O fato de ser peluda, o fato de ser resistente ao glicosado, e assim por diante.

E na designação há um fator muito interessante, que é a proteção para os agricultores embutida no sistema de cultivares. É que, de origem, todo cultivar é genérico. Porque ao mesmo tempo em que é preciso pedir proteção genérica, dá-se o nome genérico, já que ele não existe. É necessário dar para garantir que, ao fim do período de proteção, o agricultor não tenha de usar a marca Monsanto ou qualquer coisa, mas possa continuar pedindo por nome genérico. É um sistema todo planejado para equilibrar os interesses do investidor.

QUADRO 7

- ↳ Uma “patente” que recai sobre material reprodutivo de plantas.
- ↳ Registrável quando: Nova
 - ↳ Distinta por uma margem mínima de requisitos das variedades existentes
 - ↳ Homogênea: todas as plantas da variedade tem a mesma característica
 - ↳ Estável de uma geração a outra
 - ↳ Designação Genérica (não marca) própria

O que é?

A *Roundup Ready* é o grande exemplo. A marca. Mas existe em cada caso uma série de nomes genéricos.

QUADRO 8



Por exemplo, *Roundup Ready* com característica resistente ao fipronil.

QUADRO 9



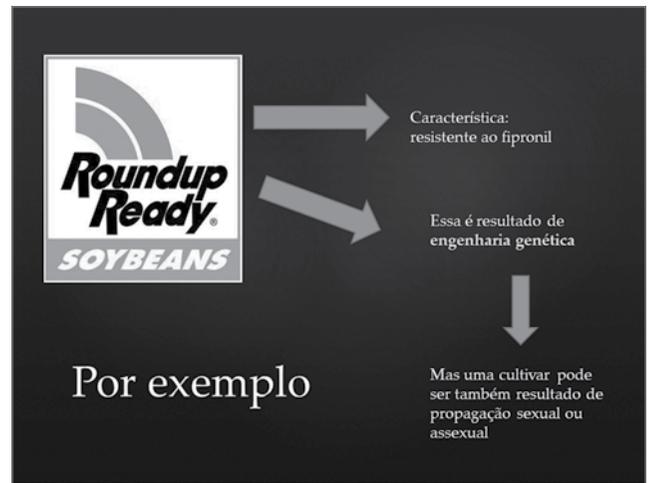
Outro exemplo. Resultado de engenharia genética, seja por mutação de genético, ou por outras formas. Por mutação de caráter sexual, não sexual. Também é cultivar.

QUADRO 10



A mesma cultivar pode ser resultado de propagação sexual ou assexual, ou também pode ser de origem genética.

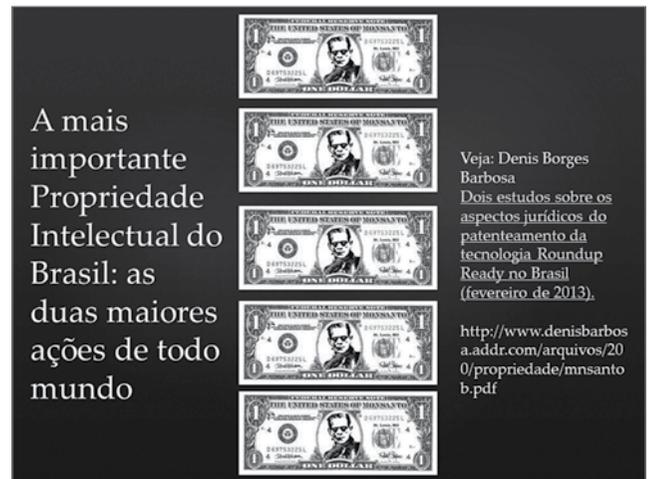
QUADRO 11



Patente x Cultivar

No quadro abaixo, a mais importante Propriedade Intelectual do Brasil. As duas maiores ações do mundo são em relação ao setor agrícola e é retroativo ao fio de patentes. No caso, uma patente versus cultivar. A quem interessar está aí dois estudos publicados sobre a tecnologia *Roundup Ready*, que eu preparei exatamente para informar essa ação dos produtores rurais do Mato Grosso do Sul. Em 1983, a Monsanto teve uma licença compulsória definida de agrotóxicos, e desde que eu era advogado do INPI nessa época, peguei essa ação e, desde então, ela continua a ser a minha gênese.

QUADRO 12



Sistema UPOV

Onde encontramos o sistema UPOV? Um dos sistemas possíveis de proteção, que é o mundial. Existe em 70 e poucos países.

QUADRO 13

STATUS IN RELATION TO THE INTERNATIONAL UNION FOR THE PROTECTION OF NEW VARIETIES OF PLANTS (UPOV) as of July 30, 2013

I. Members of UPOV

Albania ¹	China ²	Germany ³	Morocco ²	Republic of Moldova ³	The former Yugoslav Republic of Macedonia ³
Argentina ²	Colombia ²	Hungary ³	Netherlands ³	Romania ³	Trinidad and Tobago ²
Australia ²	Costa Rica ²	Iceland ²	New Zealand ²	Russian Federation ³	Tunisia ²
Austria ²	Croatia ²	Israel ²	Nicaragua ²	Serbia ³	Turkey ²
Azerbaijan ²	Czech Republic ³	Italy ²	Norway ²	Slovakia ³	Ukraine ³
Belarus ²	Denmark ³	Japan ²	Oman ²	Slovenia ³	United Kingdom ³
Belgium ²	Dominican Republic ²	Korea ²	Panama ²	South Africa ²	United States of America ²
Bolivia ²	Ecuador ²	Jordan ²	Paraguay ²	Spain ²	Uruguay ²
(Plurinational State of) ²	El Salvador ²	Kyrgyzstan ²	Peru ²	Sweden ²	Libickian ³
Brazil ²	European Union ^{2,4}	Latvia ²	Poland ²	Switzerland ²	Viet Nam ²
Bulgaria ²	Finland ²	Lithuania ²	Portugal ²		
Canada ²	France ²	Lithuania ²	Republic of Korea ²		
Chile ²	Georgia ²	Mexico ²			

(Total 71)

¹ 1961 Convention as amended by the Additional Act of 1972 is the latest Act by which one State is bound.
² 1978 Act is the latest Act by which 19 States are bound.
³ 1991 Act is the latest Act by which 50 States and one organization are bound.
⁴ Operates a (supranational) Community plant variety rights system which covers the territory of its 28 member States. (Member States of the European Union: Austria, Belgium, Bulgaria, Croatia, Cyprus, Czech Republic, Denmark, Estonia, Finland, France, Germany, Greece, Hungary, Ireland, Italy, Latvia, Lithuania, Luxembourg, Malta, Netherlands, Poland, Portugal, Romania, Slovakia, Slovenia, Spain, Sweden, United Kingdom)

Onde existe no sistema UPOV?

Toda a área verde é coberta por um UPOV. Ou seja, se alguém deposita aí a sua criação tecnológica, ela pode ter também, mesmo dentro do sistema, proteção no país todo. A Índia também tem um sistema ligado ao UPOV. Aliás, é muito interessante o sistema indiano, que merece estudo.

QUADRO 14



Registros

No próximo quadro, o total dos cultivares registrados no Brasil: 1.265. Para um total de cultivares cadastradas, quer dizer, de domínio público, são mais ou menos 22, 23 mil. É apenas uma parcela pequena daquilo que é plantado, que é protegido por Propriedade Intelectual. Evidentemente que é um setor para cultivar tecnologia de ponta.

“TODA A ÁREA VERDE É COBERTA POR UM UPOV. OU SEJA, SE ALGUÉM DEPOSITA AÍ A SUA CRIAÇÃO TECNOLÓGICA, ELA PODE TER TAMBÉM PROTEÇÃO NO PAÍS TODO”

QUADRO 15

Serviço Nacional de Proteção de Cultivares - SNPC

Total de cultivares registrados: 1.265 registros

22 mil cultivares RNC

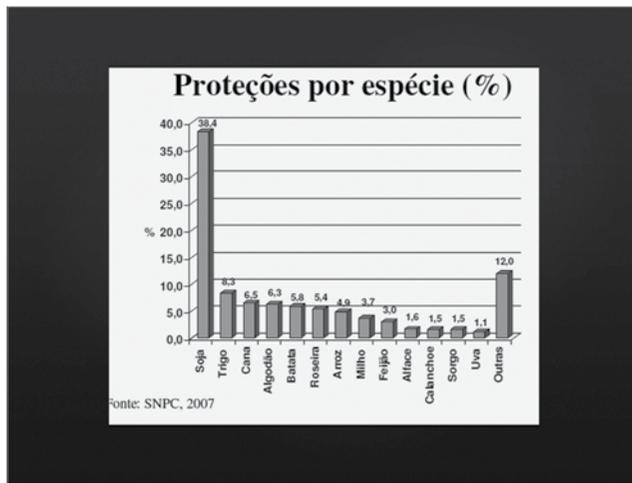
O número de espécies protegidas no Brasil. São várias. Os dados são referentes a 2007. Os dados posteriores o Ministério da Agricultura não nos concedeu. Mas vai a cada ano protegendo mais espécies.

QUADRO 16



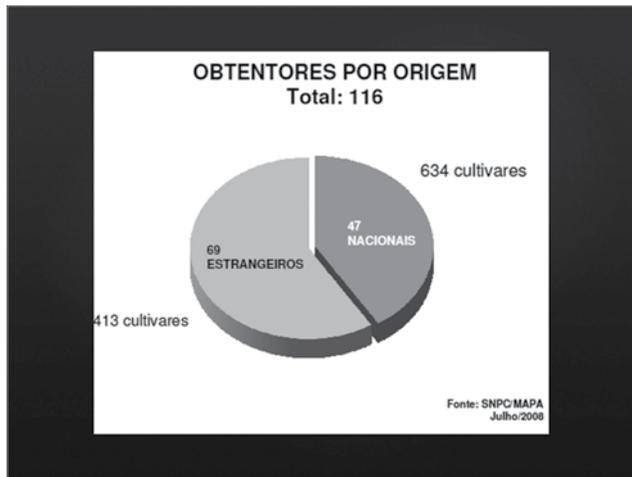
As proteções por espécie vão crescendo. É lógico que a soja é a que tem mais cultivares. Mas há também aveia, toda essa concentração.

QUADRO 17



Obtentores por origem. Os números nacionais e estrangeiros são bem mais equilibrados.

QUADRO 18



“TOTAL DOS CULTIVARES REGISTRADOS NO BRASIL: 1.265. PARA UM TOTAL DE CULTIVARES CADASTRADAS, QUER DIZER, DE DOMÍNIO PÚBLICO, SÃO MAIS OU MENOS 22, 23 MIL. É APENAS UMA PARCELA PEQUENA DAQUILO QUE É PLANTADO, QUE É PROTEGIDO POR PROPRIEDADE INTELECTUAL”

Direitos

A proteção da cultivar recairá sobre o material de reprodução ou de multiplicação vegetativa da planta inteira. A proteção assegura a seu titular o direito à reprodução comercial no território brasileiro, ficando vedados a terceiros, durante o prazo de proteção, a produção com fins comerciais, o oferecimento à venda ou a comercialização, do material de propagação da cultivar, sem sua autorização.

QUADRO 20

Do Direito de Proteção

Art. 8º A proteção da cultivar recairá sobre o material de reprodução ou de multiplicação vegetativa da planta inteira.

Art. 9º A proteção assegura a seu titular o direito à reprodução comercial no território brasileiro, ficando vedados a terceiros, durante o prazo de proteção, a produção com fins comerciais, o oferecimento à venda ou a comercialização, do material de propagação da cultivar, sem sua autorização.

**Variedades de Plantas
Conteúdo dos Direitos**

No quadro abaixo, o chamado *Farmer's Right*. Não fere o direito de propriedade sobre a cultivar protegida aquele que: reserva e planta sementes para uso próprio, em seu estabelecimento ou em estabelecimento de terceiros cuja posse detenha. Usa ou vende como alimento ou matéria-prima o produto obtido do seu plantio, exceto para fins reprodutivos.

QUADRO 21

Restrições ao Direito Exclusivo

Art. 10. Não fere o direito de propriedade sobre a cultivar protegida aquele que:

- I - reserva e planta sementes para uso próprio, em seu estabelecimento ou em estabelecimento de terceiros cuja posse detenha;
- II - usa ou vende como alimento ou matéria-prima o produto obtido do seu plantio, exceto para fins reprodutivos

**Variedades de Plantas
Limitações aos direitos**

Esse é o *Farmer's Right*.

QUADRO 22

Restrições ao Direito Exclusivo
 Art. 10. Não fere o direito de propriedade sobre a cultivar protegida aquele que:

Farmer's Right

I - reserva e planta sementes para uso próprio, em seu estabelecimento ou em estabelecimento de terceiros cuja posse detenha;
 II - usa ou vende como alimento ou matéria-prima o produto obtido do seu plantio, exceto para fins reprodutivos

Variedades de Plantas
Limitações aos direitos

Na sequência, o *Breeder's Right*. Utiliza a cultivar como fonte de variação no melhoramento genético ou na pesquisa científica. Parecido com patente, porque é sempre possível usar toda a patente para fazer pesquisa científica e tecnológica. Não precisa de licença, de autorização. É possível utilizar sempre qualquer patente no Brasil para fazer pesquisa. Nos Estados Unidos, não existe essa norma. Quando se tem uma patente, ela bloqueia a pesquisa. Somente o seu titular pode continuar a pesquisar aquele campo.

QUADRO 23

Restrições ao Direito Exclusivo
 Art. 10. Não fere o direito de propriedade sobre a cultivar protegida aquele que:

Breeder's Right

III - utiliza a cultivar como fonte de variação no melhoramento genético ou na pesquisa científica;
 IV - sendo pequeno produtor rural, multiplica sementes, para doação ou troca, exclusivamente para outros pequenos produtores rurais, no âmbito de programas de financiamento ou de apoio a pequenos produtores rurais, conduzidos por órgãos públicos ou organizações não-governamentais, autorizados pelo Poder Público.

Variedades de Plantas
Limitações aos direitos

A proteção da cultivar vigora, a partir da data da concessão do Certificado Provisório de Proteção, pelo prazo de 15 anos, excetuadas as videiras, as árvores frutíferas, florestais e ornamentais, inclusive, em cada caso, o seu porta-enxerto, para as quais a duração será de 18 anos. Conforme o tipo de variedade.

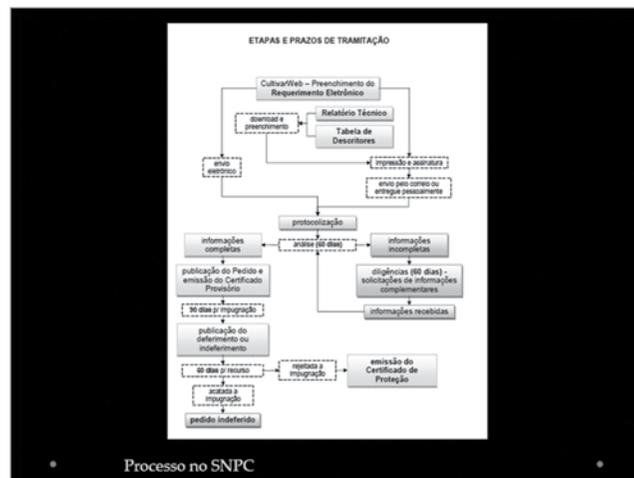
QUADRO 24

Art. 11. A proteção da cultivar vigorará, a partir da data da concessão do Certificado Provisório de Proteção, pelo prazo de quinze anos, excetuadas as videiras, as árvores frutíferas, as árvores florestais e as árvores ornamentais, inclusive, em cada caso, o seu porta-enxerto, para as quais a duração será de dezoito anos.

Variedades de Plantas
Prazo

É um processo que tem semelhança ao da patente. Mas a concessão se dá num prazo infinitamente inferior, com o intuito de oito, dez anos de patentes, que não é nem de longe o que o Ministério da Agricultura faz.

QUADRO 25



Perspectivas

E o futuro? O Brasil procura diminuir a proteção de tudo. Com exceção das cultivares, porque há demanda dos pesquisadores, da Embrapa, do Ministério da Agricultura. Enfim, há também interesses contrários. A única coisa que o Brasil quer é mais proteção, porque é um lugar que possui mais tecnologia e é de interesse a quem proteger, como no caso da cooperativa que desenvolve cultivares, e assim por diante.

“A ÚNICA COISA QUE O BRASIL QUER É MAIS PROTEÇÃO”

↳ Borges Barbosa, Denis and Lessa, Marcus, The New Brazilian Government Draft Law on Plant Varieties (June 6, 2009). Second Summer Institute In Intellectual Property, Biotechnology And Agricultural Sciences, Drake University Law School, 2009.
 ↳ Available at SSRN: <http://ssrn.com/abstract=1415406>

E o Futuro?

Indicações Geográficas

Na verdade, não sou muito partidário das Indicações Geográficas no Brasil. Mas está vindo uma campanha enorme do Sebrae, do Ministério da Agricultura e já conseguiram muitas indicações. Eu não sou tão partidário porque o fundamento das IGs é a tradição. Por meio de um sistema muito engraçado, nós temos criado lendas, ficções.

Há anos eu era garoto e a Embratur me contratou para escrever o guia turístico do litoral fluminense. Era um destino perto de Cabo Frio que não havia nada para dizer sobre ele. Pensei: já que não há nada, vamos criar uma história. Criar lenda. A última vez que eu passei por essa cidade, o manual do município tinha incorporado a minha lenda como se fosse a história da cidade. Acho muito engraçado, porque virei autor de lendas. Nós criamos tradições que não existem.

“A EXCLUSÃO DOS PRODUTORES RURAIS PELOS DONOS DAS INDICAÇÕES GEOGRÁFICAS É UM PROBLEMA PERVERSO”

Estão desmantelando as unidades industriais, para criar unidades tradicionais, como no caso Paraty. Ótimo. Muito mais lógico do que esse sistema, que é o europeu, seria o sistema de usar marcas coletivas. Estabelece um parâmetro de valor e leva o INPI como estatuto. O que deve ser feito? Manter aquela qualidade. Isso dá menos problemas.

Indicações Geográficas estão aparecendo em muitas regiões. Estou orientando uma tese de doutorado e dissertação, e as duas tratam do mesmo problema: o das exclusões dos produtores rurais pelos donos das Indicações Geográficas. É um problema perverso. Mas de qualquer maneira, é uma propriedade que está sendo, pelo menos no aspecto da imprensa, muito importante para aqueles setores pelos quais os produtores estão lutando.

QUADRO 27

↳ TRIPS conceitua a IG como indicações que identifiquem um produto como originário do território de um Membro, ou região ou localidade deste território, quando determinada qualidade, reputação ou outra característica do produto seja essencialmente atribuída à sua origem geográfica.

Indicações Geográficas

Indicações Geográficas são divididas em duas espécies. Grana Padano é um exemplo óbvio. Até porque é o queijo que eu mais gosto.

QUADRO 28



Indicações Geográficas

“A INDICAÇÃO DE PROCEDÊNCIA É SIMPLEMENTE AQUELA QUE É ATRIBUÍDA À REGIÃO CONHECIDA COMO PRODUTORA DE ALGUMA COISA. E QUE TEM FAMA. FAMA DE SER BOA OU RUIM, NÃO IMPORTA”

As IGs se dividem em indicação de procedência...

QUADRO 29



Se dividem em dois tipos - art. 176 da Lei 9279/96 - LPI:

1. Indicação de procedência:

Indicações Geográficas

...e denominação de origem. Antes só havia indicação de procedência.

QUADRO 30



Se dividem em dois tipos - art. 176 da Lei 9279/96 - LPI:

1. Indicação de procedência:
2. Denominação de origem:

Indicações Geográficas

A indicação de procedência é simplesmente aquela que é atribuída à região conhecida como produtora de alguma coisa. E que tem fama. Fama de ser boa ou ruim, não importa. O importante é ter fama. Isso significa que a indicação de procedência não é sinal de

qualidade, e sim de conhecimento. Esse é um ponto importante.

QUADRO 31 E QUADRO 32



Art. 177 da LPI/96
o nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, que se tenha tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou de prestação de determinado serviço.

INDICAÇÃO DE PROCEDÊNCIA - IP



O cerne da indicação de procedência como espécie é o Reconhecimento da região como centro de extração, produção ou prestação de um determinado produto ou serviço. Não se faz necessária mais nenhuma exigência.

Além do artigo 177, o artigo 182 da LPI também reforça o entendimento que a IP não tem como requisito, para o reconhecimento da região sob este instituto, a obrigação de garantir qualidade.

INDICAÇÃO DE PROCEDÊNCIA - IP

O quadro a seguir ilustra as indicações de procedência. Café do cerrado. Vale dos Vinhedos. Pampa Gaúcho. Aliás, Pampa Gaúcho é uma coisa engraçadíssima, porque se batalhou muito para conseguir essas IGs para a carne bovina e ninguém entendeu ainda que Indicação Geográfica é destinada ao consumidor final. O Pampa Gaúcho é destinado ao intermediário. E intermediário ou distribuidor não precisa de gente, e sim de qualidade.

QUADRO 33



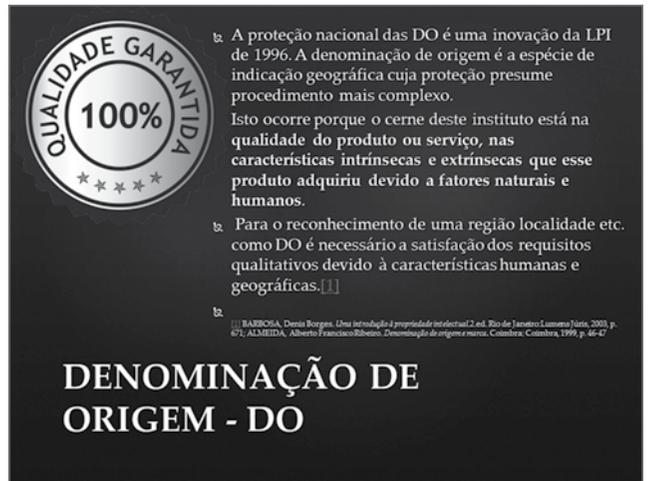
Já a denominação de origem considera as características. Aí sim é preciso dizer qual é a qualidade, e o Ministério da Agricultura entra nesse processo para garantir que aquilo não seja só conhecido, mas detenha um aspecto qualitativo.

QUADRO 34



Ainda sobre denominação de origem. É preciso que aquele ambiente tenha determinadas características. Nem todo produtor rural de champanhe tem dinheiro para consumir champanhe. Não é qualquer coisa que você faz para ter champanhe. Isso não é indicação de procedência, é denominação de origem que não existia no direito brasileiro. Mas agora existe. Então é necessário plantar com o mínimo de afastamento entre as videiras. Enfim, é preciso atender a todos os requisitos qualitativos.

QUADRO 35



Para ilustrar, no quadro abaixo há várias denominações de origem. Conhecidas e não conhecidas. Até muito recentemente não havia nenhuma no Brasil. Agora já temos algumas. Inclusive, a região dos Vinhedos, que depois de obter indicação de procedência, ganhou uma DO. Não sei como se resolve esse problema, quando se tem as duas referências.

QUADRO 36



Marcas coletivas

Para terminar, lembro que, tão importante quanto as cultivares, é a marca coletiva. É um dos estudos mais interessantes. Propriedade intelectual na agricultura é o levantamento do número de marcas coletivas. Ninguém tem na lei essas marcas há quase 20 anos.

OPORTUNIDADES DE TRABALHO NO AGRONEGÓCIO FORA DO AMBIENTE URBANO

JEFFREY ABRAHAMS, CEO da Abrahams Executive Search

Ano retrasado eu fui convidado para fazer uma palestra na Colômbia, com os nossos parceiros de lá, e eles queriam saber qual a motivação do sucesso da agricultura brasileira. Eu respondi que foi um conjunto de esforços positivos por parte do crédito rural, da Embrapa e da Fundação Mato Grosso. Agora eles querem levar para a Colômbia o modelo brasileiro. Na ocasião, estava presente o próprio ministro da Agricultura da Colômbia.

O que eu quero dizer é que agricultura para mim está no meu sangue a vida inteira. Gostaria de compartilhar um pouco da minha história. Como é que um agrônomo vira um *headhunter*. Não chamamos de *headhunter*, porque também temos um atestado de origem. A própria área de *Executive Search* tem uma associação, onde as empresas que ingressam nela têm de apresentar um atestado de origem não só dos clientes, como dos próprios convidados. Não chamamos de candidato, mas de convidado. Vocês já ouviram aquela história que há um elefante na sala e ninguém o reconhece? É a questão do talento, que é dificilmente discutido. É um tema tão primordial, que os chineses têm um plano para 30, 40 anos, sobre essa questão. E eu acho que o Brasil precisa encarar isso de alguma forma.

Escassez de profissionais

O Brasil passa, no agribusiness, por uma situação de escassez. Há tempos quando você buscava um executivo dentro de uma liderança, você tinha quatro, cinco, seis pessoas convidadas para uma posição-chave. As empresas demoravam em contratar. Hoje você busca um executivo-chave. Se houver três, talvez você dê sorte, mas se não for rápido, perde aquele que já tem duas, três propostas. As empresas também são assim.



Existe uma dicotomia de querer transgênico sob medida – é o que mostra o primeiro quadro. Então falei para as empresas: 'Façam uma lista do que vocês querem do executivo, informação disso e aquilo, MBA, inglês, todas as competências pessoais, etc'. Que porcentagem da população tem isso? E segundo, que porcentagem da população tem experiência num devido setor? É um desafio tremendo. Porque está vindo uma avalanche de empresas e necessidades de todos os setores, até mesmo do sucroalcooleiro.

Estamos buscando um gerente geral que fale inglês. Temos uma posição para ser um CEO em Itumbiara. Quem é que quer se mudar para Itumbiara? As grandes oportunidades hoje estão no interior. As pessoas reclamam das grandes cidades, mas não querem sair delas. Então, não falta talento somente, mas disposição das pessoas. Reclamam que o trânsito é caótico, mas ninguém quer mudar. Por causa do filho, da sogra, papagaio. Há poucas pessoas que querem desbravar.

Débora 70

QUADRO 1



Como achar esses profissionais? Às vezes não há. No ano passado pediram para buscar um diretor de pesquisa genética, na área de arroz. Varremos o Brasil, a Venezuela, os Estados Unidos. Acabaram promovendo uma pessoa interna. Então falta gente em todas as áreas.

QUADRO 2



Mudança de olhar

O mundo mudou, mas também temos de mudar o nosso olhar sobre o Brasil agrícola, porque hoje somos um primeiro time. Eu tenho um filho músico que mora no Rio e fez um CD há três anos, que se chamava “O Brasil Invertido”. Nós aqui secamos e beijamos as mãos dos americanos, dos franceses.

O Brasil hoje tem potencial para ir a qualquer lugar. A nossa empresa tem o meu sobrenome, mas é 100% brasileira. E nós brigamos contra essas grandes multinacionais no setor de agribusiness. Acho que o Brasil precisa ter uma atitude de alta confiança.

Se nós olharmos para trás, veremos a época dos Paulos Romanos que abriram o cerrado.

“HÁ TEMPOS QUANDO VOCÊ BUSCAVA UM EXECUTIVO, HAVIA QUATRO, CINCO, SEIS PESSOAS CONVIDADAS PARA UMA POSIÇÃO-CHAVE. HOJE VOCÊ BUSCA UM EXECUTIVO-CHAVE. SE HOVER TRÊS, TALVEZ VOCÊ DÊ SORTE, MAS SE NÃO FOR RÁPIDO, PERDE AQUELE QUE JÁ TEM DUAS, TRÊS PROPOSTAS”

Dos grandes líderes, Alysson Paolinelli, Roberto Rodrigues, que foi um grande inspirador nosso. Também tivemos os nossos mentores. E essa revolução de buscas de pessoas começou há dez anos, quando a agricultura começou a sair de um patamar. Hoje está numa plenitude, mas a gente não pode perder esse bonde.

QUADRO 3



Plano estratégico

Hoje a competitividade é brutal. Por que a China não pode ter mais soja? Não há terra suficiente. A China tem um plano estratégico na Ásia. Ela está se assegurando. Existe um plano estratégico. Esse plano do Brasil precisa existir com uma força que eu sei que já está sendo trabalhada. E a gente não enxerga as coisas como deviam ser. O Brasil vai além das nossas fronteiras. A competição mundial por alimentos, por uma série de questões, é brutal. Nós precisamos ficar acordados, para não perdermos o bonde da história. Foi colocada aqui a questão da logística e de infraestrutura. Precisamos ser super competitivos.

QUADRO 4



Problemas e demandas

O quadro abaixo retrata os 10 maiores problemas da humanidade. Miséria, energia alternativa, segurança alimentar, educação. O excesso de população que vem por aí. O terrorismo que continua sendo uma ameaça. Poluição e doenças. Aquecimento global. Falta de segurança. Água. Eu diria que pelo menos 50% dessas questões estão no agronegócio. Entra em jogo a nossa disposição.

Quando se fala em agronegócio na Avenida Paulista, as pessoas perguntam: como é que funciona a rodovia 66? Muita gente não entende o que está acontecendo lá fora. É um outro Brasil. Nós temos a missão de deixar consciente para os jovens, que existem tremendas oportunidades nos setores de ciência da vida, que é o agribusiness, veterinária, zootecnia, agronomia. Alimentação, que tanto foi falado aqui. Valor agregado. A gente só vê produto básico. Eu lembro que quando se falava em cafés especiais há uns 15 anos, entrou no mercado o Nespresso, mas cadê o brasileiro? A Colômbia já tinha isso aqui. Precisamos dar um foco.

QUADRO 5



Eu falei sobre população. Já existe o plano 2020. Esse está próximo. Não é daqui a 50 anos.

Os próximos quadros abordam a demanda de alimentos. Passa dos 1,97 bilhões de 1990 para três bilhões em 2025. Depois da Copa, das Olimpíadas. Precisamos acelerar o desenvolvimento técnico e educacional.

QUADRO 6 E QUADRO 7



De acordo com o quadro a seguir, antes havia um Brasil mais problemático, com menos investimentos. O agro tinha um crescimento de sobe e desce. O poder estava nas mãos das empresas, no mando por uma contratação. O gestor era liderado. Hoje não. A demanda por capacitação é tremenda.

Temos o impacto das commodities. E temos recebido muitos novos investidores. Já estamos com uma empresa que tem um produto biológico para controlar dengue de mosquito. Não sei se vocês já ouviram falar, mas é um inseto que come outro inseto. E nós estamos buscando um gestor para essa área. Porque

o resultado é muito melhor que usar certos tipos de produtos. Existia um caminho biológico para esse tipo de controle.

Há investimentos em empresas de tratores, de adubo foliar e de distribuição. É uma coisa impressionante. Quando é que a Europa vai investir dinheiro? Os Estados Unidos devem trilhões de dólares, estão passando por dificuldade. Você vai à África com todos os problemas entre os países. É até um investimento interessante, pois há grande potencial.

O Brasil precisa mudar uma série de coisas, mas nós estamos muito melhores que outros países. Somos a bola da vez. Não podemos perder essa janela de oportunidade. Mas falta liderança. E faltam modelos de liderança. Acho que dentro do agronegócio existe já uma tradição de lideranças, que as pessoas acabam se inspirando. Mas fora desses setores, não há. E ficamos assombrados com as questões que ocorrem no país.

QUADRO 8

Sociedade Nacional de Agricultura		ABRAHAM'S EXECUTIVE SEARCH	
Inteligência em Agronegócio desde 1897		The Best Fit	
• ANTES	• HOJE	• ANTES	• HOJE
<ul style="list-style-type: none"> • UM BRASIL MAIS PROBLEMÁTICO • MENOS INVESTIMENTOS • AGRO CRESCIMENTO NORMAL • PODER NA MÃO DAS EMPRESAS • BALANÇO LIDER LIDERADO ESTÁVEL 	<ul style="list-style-type: none"> • DEMANDA GRANDE POR CAPACITAÇÃO MAIOR • CRESCIMENTO MAIOR IMPACTADO PELOS PREÇOS DOS COMMODITIES • ATRAÇÃO DE NOVOS INVESTIDORES EM TODAS ÁREAS (Private Equities, Newcomers). • EXPANSÃO DAS EMPRESAS LIDERES • FALTA DE BONS LIDERES VIS A VIS NECESSIDADES. 		

Buscando as oportunidades

Onde estão as oportunidades? Na pré-porteira, em questões até de investimento, crédito, seguro rural. Não existia seguro no ano passado. Lembro quando contratamos o primeiro executivo para a área de segurança rural. Hoje não existem tantos especialistas, mas já

“SOMOS A BOLA DA VEZ. NÃO PODEMOS PERDER ESSA JANELA DE OPORTUNIDADE”

é um setor em expansão. Há também oportunidades dentro da porteira, no pós-porteira e o no valor agregado.

QUADRO 9

Sociedade Nacional de Agricultura		ABRAHAM'S EXECUTIVE SEARCH	
Inteligência em Agronegócio desde 1897		The Best Fit	
ONDE ESTÃO AS OPORTUNIDADES			
<ul style="list-style-type: none"> • PRÉ PORTEIRA • DENTRO DA PORTEIRA • PÓS PORTEIRA • VALOR AGREGADO 			

Em seguida, um quadro-chave para mim. De plantio.

QUADRO 10

Sociedade Nacional de Agricultura		ABRAHAM'S EXECUTIVE SEARCH	
Inteligência em Agronegócio desde 1897		The Best Fit	
TIPOS DE OPORTUNIDADES			

Onde estão as grandes oportunidades? Vejam no quadro abaixo. São macrovisões. Na época do plantio, com máquinas e implementos, existe uma tremenda necessidade por pessoas de vendas, de marketing, de engenharia. Falta gente. Na área de sementes/biotecnologia, falta melhorista. Nós estamos buscando melhoristas de milho. Não há. Buscamos brasileiros que estão fora.

Hoje há os fertilizantes químicos, com os foliares e os aditivos normais, para maior estímulo junto aos defensivos. A agricultura de precisão está numa velocidade assombrosa. O agricultor também. Já existem empresas ofe-

recendo MBA para os filhos dos agricultores. Tem o FMC, por exemplo, com um trabalho fantástico. As empresas precisam colaborar com esse crescimento acelerado.

Na área dos defensivos, existe a Monsanto, a DuPont, que pagam salários altos. Cada um rouba do outro, e isso vai inflacionando o salário. Um executivo desse nível, que tem posição na área sucroalcooleira numa indústria nacional, já começa a torcer a mão, achando que o salário é muito baixo. Há uma certa arrogância, porque na questão de oferta e procura, os salários acabam subindo a níveis exorbitantes. As empresas estão tendo problemas. Não pagam a conta.

QUADRO 11

ONDE ESTÃO AS OPORTUNIDADES

- **MAQUINAS E IMPLEMENTOS**
Vendas; Produção, Marketing
- **SEMENTES/BIOTECNOLOGIA**
Vendas, Produção, Marketing, Melhoristas
- **FERTILIZANTES QUÍMICOS/NUTRIÇÃO**
Vendas, Marketing
- **DEFENSIVOS AGRÍCOLAS**
Marketing, Vendas, Produto, Regulatório Desenvolvimento

Na produção de grãos e fibras, tivemos uma invasão recente dos conceitos argentinos. Da agricultura corporativa, que deu um estalo no Brasil. Aí entra também a questão das terras. Há empresas que querem usar a agricultura. Desmatamos, depois vendemos para outro e vamos crescendo. Essa é uma área que também está em expansão. As altas empresas que estão bem posicionadas têm grande oportunidade para acelerar essa expansão. E falta gente nesse setor.

Um agrônomo que entenda da parte financeira para atrair investidores. Falta dinheiro para isso. Na área regulatória nem se fala. No setor de registros, que trabalha com a Anvisa, com o Ministério da Agricultura e o Ibama, não há executivos. Os salários explodiram e não há pessoal suficiente. E vai faltar, porque é uma área que está em carência total. Fora os novos contratados que vem para cá, que vão investir e compram empresas de tratores. Vão acabar comprando também empresas de distribuição.

É um novo modelo, onde a pessoa ganha quando a empresa for vendida.

Em matéria de créditos e investimentos, hoje há sofisticação dentro da cadeia de valor para quem vende defensivo, adubo. É a questão do financeiro que conhece o *trading*. Falta *trading* no Brasil. A questão é muito maior do que a gente imagina. Vivemos essa rotina aqui com as empresas, e às vezes elas não entendem. Por exemplo, chega uma pessoa de fora e diz: 'Precisamos contratar alguém para morar lá Indaiatuba'. Tenta conseguir um financeiro que queira ir para Indaiatuba com a família em Campinas, em São Paulo. É difícil arrumar uma pessoa que preencha todas essas necessidades do transgênico executivo.

QUADRO 12

ONDE ESTÃO AS OPORTUNIDADES

- **PRODUÇÃO DE GRÃOS & FIBRAS**
Produção agro, Farming empresarial/ Trading
- **SUCRO ALCOOLEIRO/ NOVAS TECNOLOGIAS**
Produção Agro, Industrial, Rh
- **ÁREA REGULATÓRIA**
- **NOVOS START UPS/ SERVIÇOS DE AG DE PRECISÃO**
- **CREDITO & INVESTIMENTOS**

Em relação aos cargos, hoje há o diretor agrícola. Por exemplo, no mercado sucroalcooleiro. Esses são cargos com salários de jogador de futebol atuando na Europa. O diretor agrícola, CEO, o próprio diretor industrial finanças.

QUADRO 13

CARGOS PRINCIPAIS POR SEGMENTO

- CEO
- DIRETOR AGRÍCOLA
- DIRETOR INDUSTRIAL FINANÇAS

No setor de máquinas, conforme mencionei, há centenas de cargos nas áreas comercial, industrial e de marketing.

QUADRO 14

Sociedade Nacional de Agricultura
Inteligência em Agronegócio desde 1897

ABRAHAMS
EXECUTIVE SEARCH
The Best Fit

CARGOS EM MAQUINAS E EQUIPAMENTOS

- COMERCIAL
- INDUSTRIAL
- MARKETING

Na área de sementes e fertilizantes químicos, há várias empresas nacionais em crescimento, que precisam contratar executivos em gestão. Eles têm de brigar com as multinacionais. Essas empresas às vezes têm dificuldade de entender como é que vão trazer alguém de uma Monsanto ou de uma empresa X Y Z, que não tem. Para contratar uma pessoa muito jovem não há tempo. É preciso ter alguém jogando desde o início, para gerar os resultados esperados. E para que a empresa nacional sobreviva. A área de fertilizantes está cada vez mais se sofisticando.

QUADRO 15

Sociedade Nacional de Agricultura
Inteligência em Agronegócio desde 1897

ABRAHAMS
EXECUTIVE SEARCH
The Best Fit

CARGOS NA AREA DE SEMENTES E FERTILIZANTES QUIMICOS

O próximo quadro apresenta as áreas de oportunidades que todo mundo conhece. Em segui-

da há um mapa onde é possível visualizar essas áreas de acordo com atividades específicas.

QUADRO 16

Sociedade Nacional de Agricultura
Inteligência em Agronegócio desde 1897

ABRAHAMS
EXECUTIVE SEARCH
The Best Fit

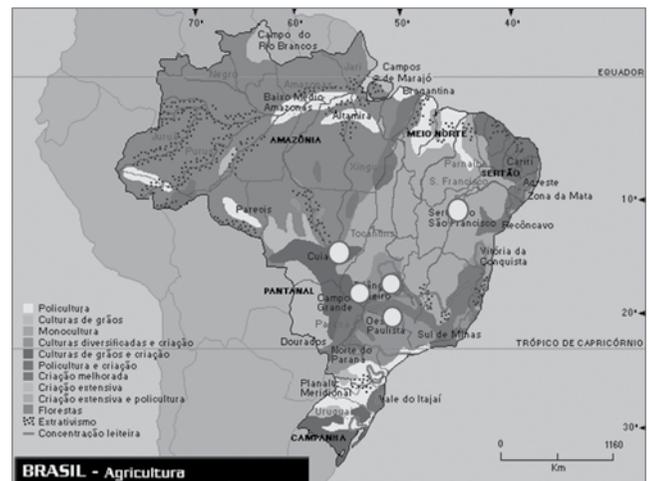
LOCALIZAÇÕES CHAVES

- Cerrado... Triângulo Mineiro
- Goiás
- Mato Grosso
- São Paulo Interior
- Oeste Baiano

Temos carne no oeste baiano. Essa é uma área com um polo agrícola espetacular. Para quem conhece, sabe que na região há poucos hotéis e que o negócio está explodindo. Há pouca infraestrutura. Uma vez eu fui para lá e não havia táxi. Peguei um táxi-moto na volta e fui para o aeroporto de Barretos. Outras oportunidades estão em Goiás, onde há muitas usinas de açúcar e muito investimento estrangeiro. O pessoal tem oportunidades. E sem dúvida, a região do Mato Grosso, pegando a rodovia para Rio Verde e Sorriso.

Os próprios grandes agricultores brasileiros, as grandes lideranças, estão buscando novos executivos. Querem um CEO ou um diretor, que tenha uma formação bastante sofisticada.

QUADRO 17



Formação especializada

O que as empresas demandam e que formação falta? É fundamental para esses modelos de gestão profissionais de finanças ou economia. Um agrônomo, um zootecnista, um veterinário, um engenheiro florestal, com uma bela bagagem financeira. Muitas vezes há um financeiro que peca por não ter conhecimentos de engenharia agrônoma. Hoje, na produção de cana, 70% da responsabilidade da agência de custos é da área agrícola, não da industrial. Aí as empresas querem buscar um diretor ou CEO que seja industrial e agrícola. E com o inglês fluente.

QUADRO 18

Sociedade Nacional de Agricultura
Inteligência em Agronegócio desde 1897

ABRAHAMS
EXECUTIVE SEARCH
The Best Fit

O QUE DEMANDAM E QUE FORMAÇÃO FALTA

- BUSINESS
- FINANÇAS
- ECONOMIA
- ENGENHARIA AGRONOMICA
- ENG. FLORESTAL
- INGLÊS FLUENTE
- GENÉTICA MOLECULAR

Em matéria de competências, liderança é a mais popular. Com foco em resultados. Fazer muito com pouco. Capacidade interpessoal. Visão estratégica. Fazer acontecer, de forma globalizada.

QUADRO 19

Sociedade Nacional de Agricultura
Inteligência em Agronegócio desde 1897

ABRAHAMS
EXECUTIVE SEARCH
The Best Fit

QUAIS COMPETÊNCIAS DEMANDAM MAIS

- LIDERANÇA
- FOCO EM RESULTADOS
- FAZER MUITO COM POUCO
- CAPACIDADE INTERPESSOAL
- VISÃO ESTRATÉGICA
- FAZ ACONTECER
- GLOBALIZADO

“É IMPORTANTE TRABALHAR EM REDE, É DE GRANDE NECESSIDADE. TER HABILIDADE INTERCULTURAL, PORQUE VAMOS LIDAR COM OUTROS POVOS. É PRECISO USAR MAIS FERRAMENTAS DE GESTÃO”

Por fim, temos uma visão global. É importante trabalhar em rede, é de grande necessidade. Ter habilidade intercultural, porque vamos lidar com outros povos. É preciso usar mais ferramentas de gestão. Uma última constatação: o ego está diminuindo, e não inflando.

QUADROS 20 E 21

Sociedade Nacional de Agricultura
Inteligência em Agronegócio desde 1897

ABRAHAMS
EXECUTIVE SEARCH
The Best Fit

Visão Global

- Trabalhar em rede
- Habilidade Intercultural
- Adaptabilidade, inglês
- Mais Ferramentas de Gestão
- O Ego Está Diminuindo e Não Inflando

Sociedade Nacional de Agricultura
Inteligência em Agronegócio desde 1897

ABRAHAMS
EXECUTIVE SEARCH
The Best Fit

- DESCUBRA
- ATRAIA
- TREINE
- RETENHA
- TALENTOS

A INSERÇÃO DO BRASIL A NÍVEL GLOBAL

PAULO PROTÁSIO, diretor da SNA

O projeto que serve de base a esse congresso, elaborado pelo CGEE/Embrapa, possui 72 notas técnicas e cobriu 11 temas, todos importantes para a ação visionária do país. Eles nasceram da elaboração de grandes contribuições técnicas e institucionais. A começar pelo próprio ex-ministro Roberto Rodrigues. E a combinação foi extraordinária.

O comentário do Roberto foi do desafio acima daquela expectativa de futuro, para fazer acontecer. E para fazer acontecer com uma outra audácia, de juntar os países que são produtores de alimentos. Este evento nasceu com um marco para a tomada de posição nos próximos 40 anos. Sem essa idéia de avançarmos 40 anos, faremos com que esse painel aqui fique até 2022.

E por que motivo? Porque nós temos um aniversário de 200 anos da Proclamação da República. O fato de já maturarmos o suficiente, perceber isso, é fundamental. E mais: olhar um pouco para a diferença que a gente possa fazer.

Projeto Alimentos

Esse painel foi traçado para que pudéssemos buscar em conjunto um caminho que responda às nossas proposições. A primeira posição é a idéia de construir uma arquitetura para o engajamento empresarial. Por quê? O Projeto Alimentos (PA) está feito. Ele será aprovado pelas autoridades, e vai passar pelo crivo do ministro Marco Antonio Raupp. Será sancionado e sedimentado pelas contribuições do Ministério da Agricultura. Contribuirá para a área do viés do MDIC e assim sucessivamente.

Nós temos uma direção. Como essa colaboração se realiza? Dois seis pilares do PA, apresentamos de início os dois primeiros, relativos à infraestrutura, logística e tecnologia da informação, conforme o quadro a seguir.

QUADRO 1

Construindo a arquitetura para o engajamento empresarial

Infraestrutura, logística e
tecnologia da informação –
Transporte e Armazenagem

Depois passamos para o segundo plano, que é da distribuição de produtos do agronegócio e comércio internacional. Sem o primeiro a gente não faz o segundo. Sem poder entregar aquilo que a gente produz, esqueçam. Não vamos fazer da melhor forma possível. Então chegamos ao ponto desse desafio.

QUADRO 2

Construindo a arquitetura para o engajamento empresarial

Distribuição de produtos do
agronegócio – Comércio
Internacional

O quadro a seguir representa exatamente o slide que o Maurício Lopes, presidente da Embrapa, nos apresentou. Eu pensei naquilo

que podemos achar que seria compromisso, responsabilidade, ação não patriótica. Mas dá espaço à oportunidade que o Brasil tem em relação ao mundo.

O próprio Cônsul da China pode saber que temos hoje dentro do próprio quadro dos Brics, parcerias com políticas de estado e traços importantes. Os desafios não são triviais. Exigem formas novas de olhar para o futuro. A capacidade de antecipação e definição é fundamental. A composição dos esforços e alianças tem de ser absolutamente inovadora.

QUADRO 3

Sistemas de Inteligência e Antecipação Essenciais

- Desafios não são triviais – alvos moveis e difusos...
- Exigem novas formas de olhar para o futuro
- Capacidade de antecipação, definição e revisão do foco - essenciais
- Novas composições de esforços e alianças
- Fortalecimento da base de conhecimentos e do “pool” de talentos
- Desafios – fazer já – agora ou nunca mais!

Visão central do país

Podemos, na realidade, passar de um programa que complementa a infraestrutura do país, de sua área de logística, para um quadro onde o Brasil se veja no centro do mundo.

Nesse âmbito, há uma outra conquista por parte do país: trazer para o Rio de Janeiro, em 2015, ao nível da ciência, o encontro dos geógrafos e dos cartógrafos do mundo. O planeta hoje está sob a capacidade de ser observado metro por metro. Não é uma questão de Obama não. É uma questão de tecnologia distribuída a todo mundo.

Hoje podemos dizer que vamos implantar o Cadastro Ambiental Rural, porque ele tem capacidade de observar o território brasileiro. E se fixarmos nesse processo, somando tecnologia, poderemos fazer muito. Mas de que forma vamos nos fundamentar nessa ação, para que a gente possa sair dessa sala com vetores de atividades e de compromissos? Diga-se de passagem, vetores de ação sob todos os aspectos. Da semente ao óleo.

Debora 70



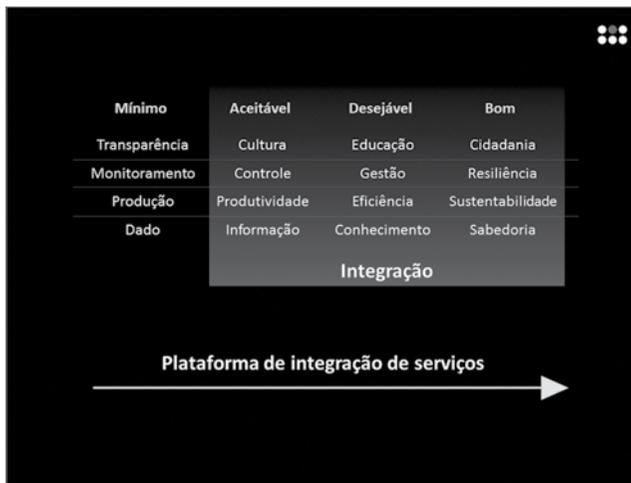
“PODEMOS PASSAR DE UM PROGRAMA QUE COMPLEMENTA A INFRAESTRUTURA DO PAÍS, DE SUA ÁREA DE LOGÍSTICA, PARA UM QUADRO ONDE O BRASIL SE VEJA NO CENTRO DO MUNDO”

Nosso desafio é muito complexo. A única coisa que eu queria colocar é que nós temos de perceber de onde podemos tirar o nosso melhor proveito. É elevar a capacidade do jeitinho brasileiro. Não ser medíocre.

Colocações estratégicas

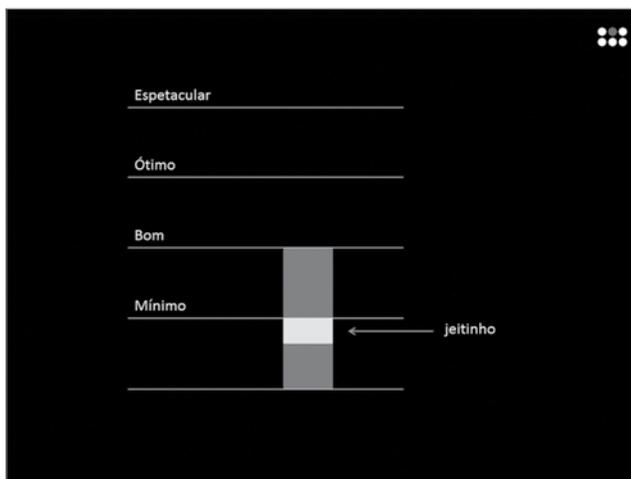
No quadro seguinte, há o componente que hoje nos traz essa ação. Vocês estão vendo o mínimo, o aceitável, o desejável e o bom. Eu vou para o bom. Eu não vou nem para aquele que é acima do bom. Vamos ficar nesse nível. O bom é onde a cidadania, a resiliência, a sustentabilidade e a sabedoria são distribuídas para o povo brasileiro, em sua forma de vida. Por que motivo? Por conta de que todos os outros estão passíveis de serem revisados. A educação, a gestão. Estamos falando muito desse problema. A parte da produtividade, do controle, cultura, e assim por diante. E como podemos fazer isso? Combinando forças como essas que estão aqui na mesa.

QUADRO 4



O próximo quadro mostra o lugar em que o Brasil está. Muitas vezes abaixo da expectativa do mínimo. Às vezes esse jeitinho sobe e pode chegar ao bom. Mas se ele for capaz de passar da parte do bom, não quero nem subir para os outros demais. Não precisamos chegar ao ótimo. Mas chegar à área do bom um pouquinho mais. Nós estamos garantindo a capacidade competitiva do Brasil de reformular a sua inserção ao nível global. Ou seja, trazer para as competências do campo do transporte, dos recursos humanos, das áreas de planejamento e pesquisa, todos os desafios já mostrados pelo Maurício Lopes.

QUADRO 5



Segurança portuária

Não sei se alguém percebe, mas o mundo mudou em nível de segurança. E ao mudar, ele criou para dentro da distribuição do sistema portuário um conjunto de regras da ISO 28.000. É uma família de ISOs. E há obriga-

ções de todas as ordens. Inclusive de escanear o contêiner.

A segurança mudou totalmente o comportamento do porto de entrada e de saída. Quer dizer, não há mais hoje a liberdade de um trânsito. O Marcos Freitas falou sobre a identificação da época do ministério do corpo aberto, sobre o controle de pragas ou coisas parecidas, dentro do sistema da Anvisa. Mas se a gente pudesse imaginar que alguma coisa pudesse acontecer de proveito nesse processo, a primeira pedra que foi colocada pelo Marcos serve como referência.

Quem resolve o problema da logística e do transporte do país é o governo. O sistema pode ter a contribuição da academia e do setor empresarial. Essa forma e esse conjunto é que nos leva realmente a um caminho de perspectiva de realização adequada ao nível de competência, ao nível mundial.

Conceito equivocado

Qualquer porto tem uma administração composta pela comunidade pela qual ele convive. A administração portuária é partilhada com a cidade, é organizada, não é uma relação epidérmica. Há uma relação carnal com a cidade, porque ela que vive procedimentos de decisão absolutamente extraordinários com o processo.

Mas o porto do Rio de Janeiro, por exemplo, que todo mundo chama de Porto Maravilha, não é porto. É um projeto urbano. O porto propriamente dito é aquele que está em operação. E acreditem ou não, é a primeira arrecadação de ICMS do estado. Se o prefeito não respeita a área de revolução urbana que está promovendo, a entrada do porto, ele estará em prejuízo com a própria área de sua comunidade.

Tecnologia de fibra ótica

Pensando por outro lado, o Porto Maravilha também vai ter fibra A. Ou seja, ele vai ter uns quatro quilômetros de fibras óticas em todos os prédios. Qual o objeto disso? É fazer o *plug-in* nos centros de pesquisa das universidades. De que forma? Identificamos que entre Rio e São Paulo, na Dutra propriamente dita, há uma subsidiária para receber fibra ótica. Então vamos ligar Rio com São Paulo. Aí vamos para Juiz de Fora. De repente todo esse processo colocará em integração sistêmica todos os centros de inteligência, de pesquisa universitária

“O BRASIL CONTINUARÁ A SER UM GRANDE PRODUTOR E A BATER NOVOS RECORDES. MAS VAI HAVER GARGALO. EU ACHO IMPORTANTE COMEÇAR A PENSAR EM SOLUÇÕES EMERGENCIAIS”

existentes nas duas mega cidades, e a área desse setor vamos chamar Zona da Mata. Também será possível linkar todos os armazéns, sistemas cooperativos produtivos, etc. A evolução disso é fantástica.

O mais importante: todas as linhas férreas brasileiras que foram montadas agora também são fibradas. Fazem parte de um raio de 57 mil quilômetros de fibra ótica disponível. E isso tudo sem contar com as transmissões de energia elétrica. O Brasil todo está fibrado, mas é um sistema subutilizado. Uma atitude absolutamente absurda. São investimentos realizados que não precisamos pagar para vê-los funcionar. Basta fazer a ligação, a construção desse processo.

Quando esse quadro foi mostrado ao Ministério das Comunicações, houve um susto. Porque há solução. É necessário que haja um procedimento de integração entre os poderes. Esse tipo de arranjo é fundamental.

Ação integrada

Voltando a uma visão mais geral, o Brasil, inexoravelmente, continuará a ser um grande produtor e a bater novos recordes. Mas vai haver gargalo. Eu acho importante começar a pensar em soluções emergenciais. Mas não só soluções emergenciais que vão fazer o Brasil crescer nessa área. Vamos fazer acontecer mais ainda.

A nossa proposta, que foi mais ou menos desenhada por todos da mesa, é que tenhamos um traço de ação de continuidade. E vamos ficar abertos de uma forma mais ampla. No sentido de que todos venham colaborar conosco.

A SNA assumiu com a Embrapa e com o CGEE, numa anuência e combinação, também com a liderança do Roberto Rodrigues, a perseguição de nossos objetivos. Vamos trabalhar por

isso. A ideia de trazer o Projeto Alimentos (PA) tem o propósito de mudar e desviar um pouco esse quadro de interesses por temas que, vez ou outra, se repetem. Nós vamos perseguir ações. E todos estão convidados a aderir ao projeto, a participar.

Forte presença em Milão

No processo de construção da área do PA, começamos a olhar pelos olhos da Embrapa e da própria CGEE, para saber como é que o Brasil deveria ser comportar em seu relançamento no mundo. E a perspectiva inicial foi de que São Paulo deseja, aspira e está contando com a Expo 2020. Estive com a Prefeitura de São Paulo, conversando com o grupo. Decidimos que havia realmente uma expressão extraordinária de interesse por parte do Brasil em iniciar essa janela. Acredito que a concorrência é enorme.

Para vocês terem uma ideia, o Vladimir Putin, na Rússia, quer pagar para que 80 países possam ir para lá de graça. Como é que vamos ganhar uma concorrência dessas? Istambul está atrás da Turquia. Fora os outros que estão correndo. Pode ser que São Paulo não leve dessa vez. Então, o que fizemos? Inserimos neste congresso o tema Milão 2015, com a colaboração do Vinícius Estrela. Fantástico. Essa janela não pode ser perdida.

Graças a Deus, o Brasil correu oportunamente, e cravou a sua bandeira no chão dessa feira, com um dos melhores pavilhões que a gente poderia ter. São quatro mil metros, e seis meses de presença. Nós temos de levar todos os estados, mas não de uma vez. Um período cada um. Porque é lá que a gente vai se mostrar, vai se organizar. Para isso, já começamos a nos mover. Teremos um encontro preparatório para Milão em São Paulo, em agosto de 2014.

Se não sairmos do exercício mínimo, não conseguiremos emplacar lá fora com a ordem e os critérios e com o discurso do Estrela, que há de ser seguido literalmente. Vamos ter também um calendário. E a nossa ideia é fazer um calendário até 2022, coerente com o estudo, a proposta e o planejamento do Projeto Alimentos, feito pelo CGEE e a Embrapa. Vamos trabalhar para que isso seja capaz de ser exposto com conteúdo.

Mapa Mundi

Falando em conteúdo, aproveito para mostrar a vocês um mapa elaborado a partir de uma iniciativa minha, na época em que o secretário geral da OEA era o Baena Soares. Eu fui às Nações Unidas e desenvolvi uma ideia de que o Mapa Mundi brasileiro é, na cabeça de todos nós, aprendido a partir da Carta Mercator, em que a Europa está no centro. Se vocês olharem a Europa, ela está no lugar que deve estar. Mas na nossa cabeça, não. Nós somos todos eurocentristas.

O que nós não podíamos imaginar era que, quando tínhamos o mapa do Brasil marginal, à esquerda, só pensávamos o Atlântico. Mas é possível fazer uma mudança no momento em que olhamos na parte central e percebemos que somos bem bioceânicos. Estamos num continente bioceânico.

Em 2015, o Rio de Janeiro terá uma reunião mundial sobre cartografia e georreferenciamento, com 36 documentos a serem desenvolvidos. Todos sintonizados na mais importante forma de definição do que seria *maps connect in the world*. Nós trouxemos para o Rio de Janeiro essa reunião. E queremos permear isso com a nossa informação de uma mudança de imagem para mundo. Ou seja, vamos colocar o Brasil no centro do mundo? Por quê? Porque nós somos o primeiro em dez produtos.

“NA REALIDADE, NOSSA POSIÇÃO NOS PERMITE IMAGINAR UMA REALOCAÇÃO NESSE QUADRO INTERNACIONAL. E QUAL SERIA O OBJETIVO? MOSTRAR QUE SOMOS CAPAZES”

Na realidade, nossa posição nos permite imaginar uma realocação nesse quadro internacional. E qual seria o objetivo? Mostrar que somos capazes. Ou seja, nós queremos garantir na linguagem que a gente vai para Milão para mudar a nossa imagem.

Todo mundo quer ter um amigo brasileiro. Todos querem visitar o Brasil, mas fazer negócio, nem todo mundo. A bandeira foi içada.

Cooperação

Para encerrar, anuncio uma nova conquista: a assinatura, neste congresso, de um convênio entre o INPI e a SNA, para o desenvolvimento de atividades conjuntas com o objetivo de difundir conceitos, detectar oportunidades e promover ações dentro de um projeto de Identificação Geográfica, com identificação de procedência e denominação de origem.

Temos exatamente uma contagem regressiva. Queremos dobrar o número de indicações que nós podemos levar. Fazer um exercício extraordinário de garantir que esses produtos serão colocados na prateleira do mundo, e que nós iremos entregar todos eles. O Brasil é um país exportador de grãos, mas ele tem de ser também um exportador de grãos com referência geográfica.

PORTOS SUSTENTÁVEIS: UMA NECESSIDADE

MARCOS FREITAS, coordenador da Coppe/UFRJ



Debora 70

Uma das coisas mais sérias e bem sucedidas nesse país é a agricultura. Na verdade eu estou fazendo uma *avant première* desse Centro de Referência de Portos e Sustentabilidade. Porque o nosso compromisso seria lançá-lo com a Secretaria de Portos. A princípio, no Ministério das Relações Exteriores.

Canal competitivo

Em todo o mundo, o porto é o principal canal de escoamento da produção primária, agrícola ou industrial, e também de produtos acabados. Alternativas que busquem aperfeiçoar a navegabilidade, o que, conseqüentemente, permite aumentar a competitividade das atividades comerciais dos portos, são processos estratégicos importantes e necessários para o contínuo melhoramento da competitividade do setor portuário no mercado internacional. Esses portos se falam entre vários lugares do mundo. É um tema que eu não conhecia. Na verdade, eu venho da energia e do meio ambiente.

No caso brasileiro, os portos são um componente-chave da agroindústria nacional. Deve-se promover um processo de melhoria contínua, compromissado com o desenvolvimento socioeconômico e ambiental do país, uma vez que os portos são objetos de crescente atenção das polí-

ticas públicas. Por seu papel indutor de transformações territoriais em ampla escala, as atividades portuárias podem ensejar diversos conflitos, quando não regulado de modo ao interesse público, incluindo a visão de longo prazo. Se por um lado pode ser positivo, por outro pode dar confusão, pois temos, por exemplo, a questão da invasão de doenças dos outros países, pelo fato do porto ser um grande canal de entrada.

Programa de formação

Existe uma lacuna no setor portuário desde o encerramento da Portobras. Aliás, no governo Collor várias coisas foram encerradas. E restou uma lacuna de período. Hoje, nos portos, há gente muito competente, mas já com certa idade. É quando se percebe uma carência de pessoas de outras faixas etárias. Temos jovens chegando, principalmente depois da criação da Secretaria de Portos. Mas é preciso, de fato, ter uma liberação com as universidades, para que se possa formar pessoas. E isso a gente tem visto no exterior. Recentemente eu estive na zona portuária da cidade do Porto. Estão construindo um grande centro de referência com a universidade local. Dentro do próprio porto, para desenvolver tecnologia e integrações.

Ganho sustentável

Essa necessidade da modernização portuária, por onde passam 95% da nossa produção, mexe direto com essa questão da competitividade. Nessa realidade do cenário internacional, que é bastante alternada, à medida que o setor portuário se organiza melhor, consegue colocar mercadorias nos maiores portos do mundo de maneira mais fácil. Se o porto é mais sustentável, se é mais organizado, tem facilidade para entrar em Rotterdam, tem facilidade para alterar. Porque eles também são pressionados na Europa e outros lugares, para que adotem práticas ambientais não só ali, mais nos seus parceiros. Há um objetivo de ganhar em sustentabilidade, para que ele possa se integrar de forma mais barata.

Centro de integração

A tendência mundial é dos portos atuarem como Centros Logísticos e de Informação. O porto passa a ser uma área de integração. Nossos pesquisadores visitaram vários portos para entender um pouco essa dinâmica. E à medida que as cidades estão resolvendo os seus problemas de poluição de afluentes híbridos, principalmente, que são os esgotos sanitários, as regiões portuárias clareiam as águas. Muito da poluição que é atribuída ao porto é também, de fato, das cidades que vão envolvendo os portos. Hoje você visita o Mediterrâneo e tem a qualidade de água do Caribe. Fruto desse enorme esforço de tratamento de esgoto. Isso vai acontecer aqui também. Um pouco atrasado mais vai. Vamos ver portos com necessidade de se integrar às cidades.

Informações sobre o setor portuário brasileiro e sobre o contexto global deste setor, ainda são bastante esparsas, sem possuir um centro unificado, que possa ser utilizado pela sociedade, representantes do governo, bem como pela comunidade científica como um todo. Assim, tornou-se necessária a criação de um Centro de Referência em Portos e Sustentabilidade. Por enquanto não há nenhum CNPJ. É uma integração em rede, que pode até se tornar uma coisa mais estruturada para frente. Manter essa rede funcionando é interessante. E tudo isso é uma iniciativa do Instituto Virtual de Mudanças Globais, o qual sou o coordenador executivo.

Parcerias

O primeiro quadro mostra, instituições parceiras em conjunto com a Secretaria de Portos da Presidência da República. Atualmente há 17 localizadas em todo território nacional e que realizam vários trabalhos em conjunto, entre eles, o projeto de resíduos e afluentes. Estamos também ajudando a revitalizar o Instituto Nacional de Pesquisa Hidroviária, que tem mais interação com a questão da dragagem e da modelagem.

Das universidades envolvidas, do Rio Grande do Sul até o Pará, enfim, quase todas são federais, com exceção do Paraná, onde temos a Unespar. Mas há também institutos federais, a BioRio que é uma fundação que trabalha mais com a área de afluentes, etc. Essa é uma parceria que já está funcionando. Já foram gastos R\$ 9 milhões no projeto de resíduos, que em sua primeira fase teve aporte de 16 milhões.

QUADRO 1



O quadro a seguir é só um exemplo desse projeto que rendeu muita mídia. Mais de 300 inserções. E está avançando. E a mídia é positiva.

QUADRO 2



Também para ilustrar, resultados de mídia espontânea.

QUADRO 3

RESULTADOS DE MÍDIA ESPONTÂNEA

- Cerca de 300 matérias – todas avaliadas como positivas – foram veiculadas nos principais veículos de comunicação do país, incluindo a publicações que circulam nos 14 estados onde estão localizados os 22 portos, além de sites, rádios e TVs .
- Alguns desses Veículos: Jornal O Globo, Jornal do Comercio (PE), Diário de Natal, Tribuna de Santos, Gazeta de Alagoas, Jornal da Paraíba, Gazeta do Povo (RS), Folha do Litoral (Paranaguá), Tribuna da Bahia, Jornal O Estado do Maranhão, revista Portos e Navios, site Porto Gente, os dois últimos, referência na área de portos e meio ambiente.
- Valoração das matérias veiculadas: R\$ 3 milhões de reais.

Meta

A missão que imaginamos é a de promover a disseminação democrática de conhecimentos científicos e tecnológicos sobre programas, projetos e pesquisas, próprias ou em cooperação com outras entidades interessadas, dentro da temática portuária, desenvolvendo alianças estratégicas de âmbito nacional e global, além de contribuir para a formação de recursos humanos para a comunidade portuária e a sociedade.

Temos vários objetivos, entre eles, coletar informação, desenvolver um sistema integrado de informações, acompanhar o desenvolvimento científico, criar e operacionalizar uma rede de competência – que já está se realizando de certa forma, promover eventos regionais, nacionais e internacionais, editar documentos para divulgação, até mesmo científicos, e elaborar cursos.

QUADRO 4

CIRPS - Objetivos

- Coletar, sistematizar e catalogar dados e informações científicas, tecnológicas, econômicas, comerciais e socioambientais relacionadas aos portos;
- Desenvolver um sistema integrado de informações portuárias com a criação de ferramentas e aplicativos para análise, validação e integração de dados e informações científicas;
- Acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico das atividades praticadas nos portos e promover a cooperação e intercâmbio de informações com instituições no Brasil e no exterior;
- Criar e operacionalizar uma rede de competência com instituições especializadas em pesquisas e serviços relacionados aos portos;
- Promover e participar de eventos regionais, nacionais e internacionais sobre o setor portuário, bem como incentivar a formação de grupos e fóruns de debates para avaliação de estratégias para o setor portuário;
- Promover edição de revistas, livros, manuais, produções técnico-científicas, catálogos, boletins, vídeos e outras mídias ligadas às atividades portuárias;
- Colaboração com cursos de graduação, pós-graduação e extensão em universidades públicas e privadas interessadas ao tema portuário.

Interesse

Já existe interesse por parte dos portos internacionais de Rotterdam, Antuérpia, Miami, Portland, Piraeus, na Grécia, Veneza e outros. Eles se mostraram dispostos a interagir com a gente nesse arranjo de sustentabilidade. E iniciamos conversa com os ministérios dos Transportes, do Meio Ambiente, Ciência e Tecnologia, Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Educação, e Minas e Energia. E também autarquias e agências, Antac, ANTT, DNIT, APL, etc. Portos e autoridades portuárias brasileiras e instituições de ensino e pesquisa no Brasil e exterior.

Gerenciamento de resíduos

Um bom exemplo desse trabalho em rede é o Programa de Conformidade do Gerenciamento de Resíduos Sólidos e Efluentes Líquidos nos Portos Marítimos Brasileiros, que tem entre seus objetivos o desenvolvimento de estudos ambientais e a estruturação de rede de pesquisa.

QUADRO 5

Objetivos do Programa

- ✓ Desenvolvimento de estudos ambientais, econômicos, sociais e tecnológicos;
- ✓ Estruturação de rede de pesquisa;
- ✓ Elaborar diagnóstico/inventário de resíduos sólidos, efluentes líquidos e fauna sinantrópica nociva;
- ✓ Execução do Programa de Conformidade do Gerenciamento de Resíduos Sólidos e Efluentes Líquidos em vinte e dois portos marítimos brasileiros.

No quadro abaixo, a rede de competências que serviu de base a esse projeto, e que contou com a participação de 245 pesquisadores, dos quais, 103 alunos de iniciação científica, 63 doutores, 12 mestres de Direto, nove graduandos etc., distribuídos por todos esses portos. Conseguimos levantar uma informação grande do setor.

QUADRO 6

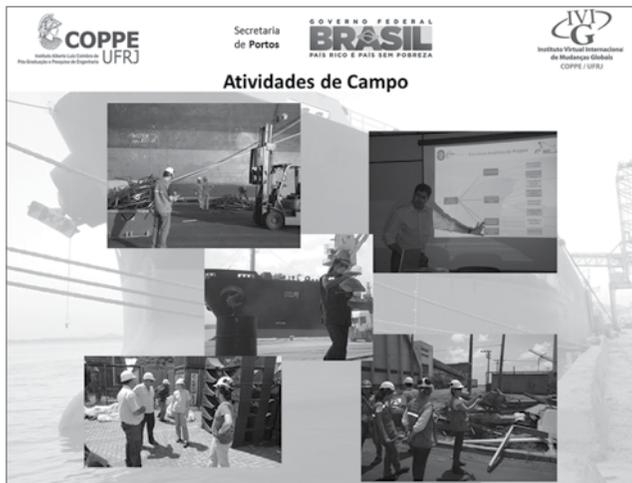
Rede de Competências

Total: 245

Porto	Total de Horas no porto
Saem	6.250
Vila do Conde	6.720
Itaquai	7.920
Fonfaleira	9.600
Nasai	3.360
Cabeceiro	6.720
Recife	8.600
Suaque	9.400
Maciá	3.780
Salvador	4.600
Araú	2.400
Ithabus	2.400
Vitoria	6.400
Rio de Janeiro	43.200
Itaquai	43.200
São Sebastião	2.400
Santos	18.800
Paranaguá	12.160
Itajaí	4.960
São Francisco do Sul	3.280
Itirubá	3.280
Rio Grande	6.400
Total horas	218.720

Em seguida, a turma no campo.

QUADRO 7



O próximo quadro mostra o reconhecimento, in loco, do *benchmarking* nos portos, no exterior. Foram visitados sete ou oito portos entre Europa e América do Norte. Na Ásia fizemos contato para saber como eram resolvidas questões locais.

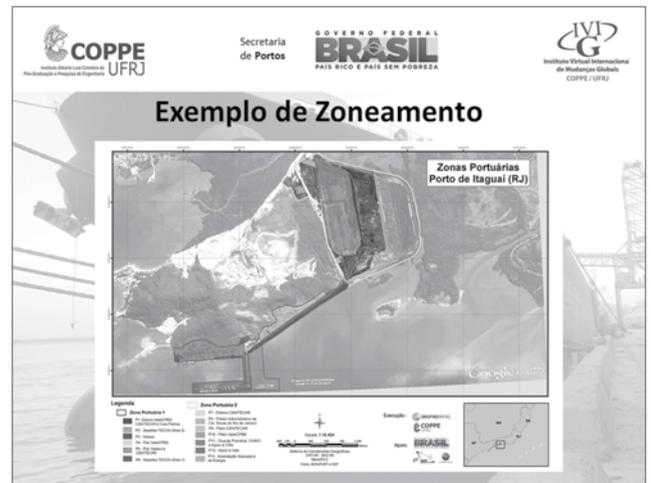
QUADRO 8



Começamos a mapear e entender. Quais são as empresas que estão dentro da Zona Portuária 1 e 2? O que ele fazem, para poder ter uma radiografia clara. Porque no porto há coisas antigas, da época da abertura, e coisas do século XXI muito organizadas. Precisamos levar em conta essas variações.

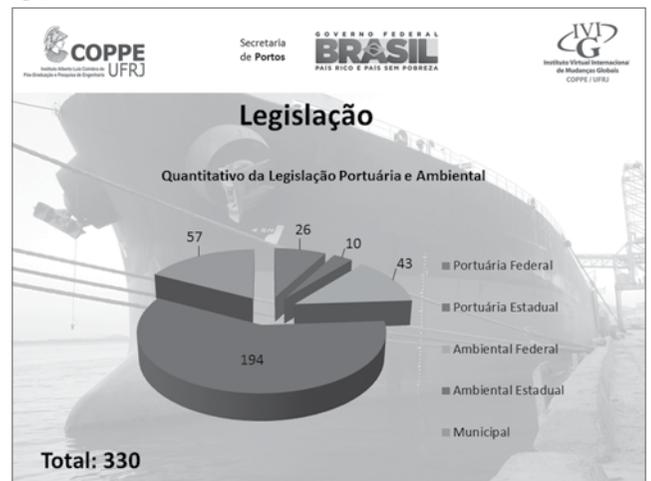
A TENDÊNCIA MUNDIAL É DOS PORTOS ATUAREM COMO CENTROS LOGÍSTICOS E DE INFORMAÇÃO

QUADRO 9



É preciso levantar muita legislação para se fazer qualquer tipo de trabalho portuário. O quadro abaixo totaliza 330. Porque é uma complicação, sem contar as leis internacionais que também são obrigatórias.

QUADRO 10



Existe ainda um banco de dados organizado.

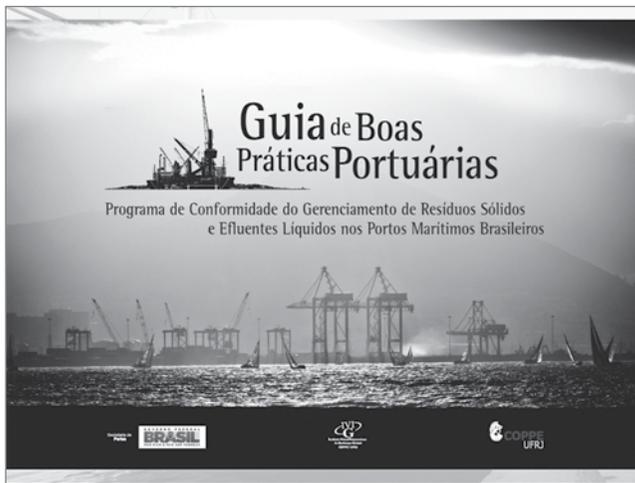
QUADRO 11



OS PORTOS SÃO UM COMPONENTE-CHAVE DA AGROINDÚSTRIA NACIONAL

Estamos lançando um Guia de Boas Práticas Portuárias, que de certa forma segue um *benchmarking* do que a gente viu na Europa. Damos informação e sugestão do que fazer.

QUADRO 12



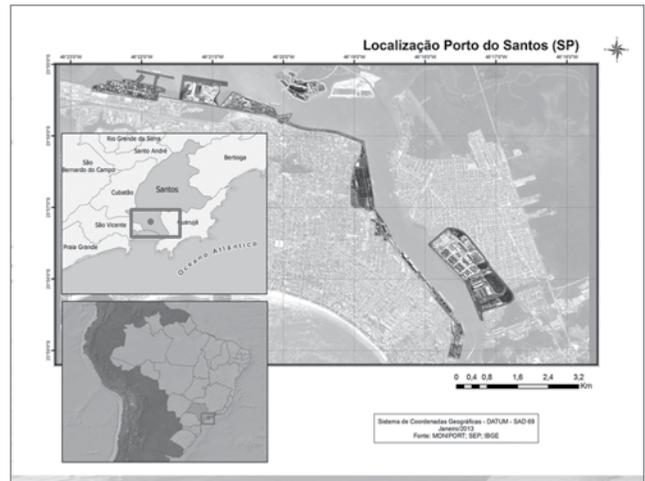
E fizemos um manual de boas práticas para cada um dos 22 portos. Nesse caso, de cada porto, seguimos um modelo norte-americano muito mais detalhado de procedimentos.

QUADRO 13



A seguir, mapas que foram mais detalhados. Aqui no caso, do porto de Santos.

QUADRO 27



Existe ainda a questão da fauna sinantrópica, onde há pombo, roedor, mosquito, mosca, barata, enfim.

QUADRO 14



Agora, uma sequência de fotos. Porto de Fortaleza.

QUADRO 15



Ilhéus.

QUADRO 31



Recife.

QUADRO 33



Aratu-Candeias.

QUADRO 32



Maceió.

QUADRO 34



Cabedelo, na Paraíba.

QUADRO 35



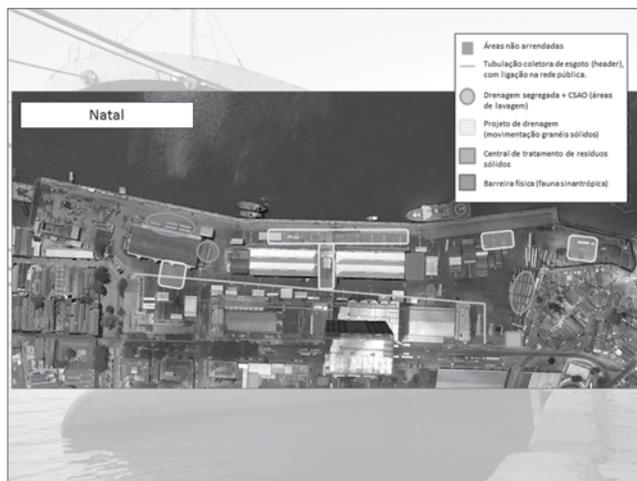
São Sebastião.

QUADRO 37



Natal.

QUADRO 36



Ituba.

QUADRO 38



INFORMAÇÃO E CONECTIVIDADE PARA A LOGÍSTICA BRASILEIRA

MANUEL POPPE CORREIA DE BARROS, coordenador do núcleo de tecnologia da Empresa de Planejamento e Logística S.A (EPL)

A EPL é uma empresa, criada em 2012, que tem como objetivo fazer o planejamento do setor de transportes e logística. Vivemos com um grande problema de gargalo logístico e temos urgência em resolvê-lo.

Competências da EPL

A missão da EPL é atuar na produção de informações, planos e projetos, no desenvolvimento de tecnologias e na estruturação e implementação de empreendimentos voltados para a eficiência logística e mobilidade, para expansão, integração e modernização dos sistemas de transportes. Hoje, um dos nossos grandes problemas no setor logístico é justamente a falta de tecnologia e a ausência de informação. Temos um grande déficit cada vez que precisamos saber o que acontece ou que está ocorrendo no nosso setor. Para que possamos realizar um planejamento, uma simulação, ou para nos anteciparmos aos nossos problemas, precisamos de tecnologia, precisamos de informação.

QUADRO 1



Aproveitando as competências que estão na lei de criação da EPL. Entre elas: promover a capacitação e o desenvolvimento de atividades de pesqui-

sa e desenvolvimento nas instituições científicas e tecnológicas, organizações de direito privado sem fins lucrativos voltadas para atividades de pesquisa e desenvolvimento, e sociedades nacionais, inclusive de tecnologia industrial básica, relacionadas ao setor de transportes; planejar e promover a disseminação e a incorporação dessas tecnologias desenvolvidas em outros segmentos da economia.

O peso da burocracia

Ou seja, tudo o que a gente for desenvolver para o setor de transporte, que possa ser disseminado para outros setores, é nossa obrigação. Temos que promover estudos voltados a programas de apoio, modernização e capacitação da indústria nacional, objetivando maximizar a participação desta no fornecimento de bens e equipamentos.

Temos que aproveitar aquilo que é justamente o nosso grande problema, que é a falta de tecnologia e a falta de informação. Nós precisamos de informação, nós precisamos de conhecimento, para desenvolver o nosso setor logístico. Porque hoje tudo gira em volta de logística. Grande parte dos nossos gargalos não se deve somente à falta de infraestrutura, mas é consequência de uma burocracia, que os veículos estão sujeitos ao longo das rodovias e ferrovias. Veículos estes, muitas vezes, parados horas e horas por conta da burocracia.

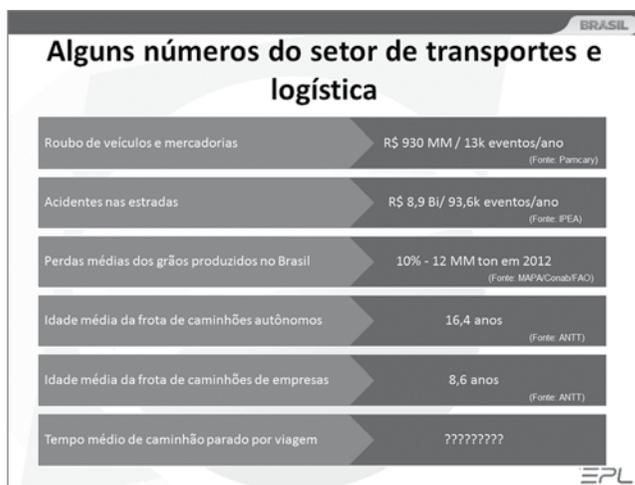
Débora 70



O tamanho do prejuízo

Eis alguns números do setor de transportes e logística, para vermos o tamanho do nosso problema. Considerando apenas roubos de mercadorias, temos um prejuízo de cerca de R\$ 930 milhões por ano. Em acidentes nas estradas, só envolvendo veículos de mercadoria, sem contar com veículos de passeio, o prejuízo é de quase R\$9 bilhões ao ano. Nós perdemos cerca de 10% dos nossos grãos produzidos no transporte. A idade média dos nossos caminhões é uma das mais velhas da América Latina. Por incrível que pareça, nós ficamos atrás de muitos países na América do Sul.

QUADRO 2



Horas de espera

Ainda há um número, que nunca consegui tê-lo de forma agregada, referente ao tempo médio de caminhão parado por viagem. Seja nos postos de fiscalização, nas entradas dos portos, nos postos de pesagem. Isto é, quantas horas um caminhão fica parado em média por viagem nas nossas rodovias? Não consegui esse número até hoje, peço desculpas. Em seu lugar há um grande ponto de interrogação.

Segundo levantamento da Associação de Exportadores de Carne, só por conta da burocracia, os caminhões que transportam carne para os portos para exportação, ficam em média 58 horas parados. Se a gente tivesse um processo de automação dessa burocracia, e pudéssemos liberar caminhões com mais eficiência, economizaríamos 58 horas viagem.

Outro número alarmante. A ANTT, que fiscaliza cerca de 1% da nossa frota de caminhões, depois de um mês de fiscalização, parou o equi-

valente a frota total de caminhões do Uruguai, em apenas 15 dias. Se somarmos todos esses números, mais as filas nos portos, nos postos de pesagem do DNIT, nos postos da Receita Federal, teremos um gargalo gigante, não só devido a falta de infraestrutura, mas resultado da burocracia, consequência da falta de tecnologia no setor logístico brasileiro.

Falta de integração

Não existe um órgão integrador dos sistemas relacionadas à logística. Não existe infraestrutura na nossa malha rodoviária e ferroviária do país. Não existe base de dados consolidada e atualizada sobre o setor de transporte e logística. E não existem dispositivos tecnológicos implantados para monitorar fluxos de carga. Por isso, com as competências que a EPL tem, começamos a montar esse projeto do observatório justamente com o objetivo de tentar sanar este grande gargalo.

Inteligência

Está na hora de trazer o nosso setor logístico para o século XXI. Não podemos mais continuar com as ferramentas do século passado para planejar e para prever o nosso setor. Precisamos de informação, saber o que está acontecendo com o setor logístico. Não adianta eu ter um dado e não saber o que fazer com ele. Temos que transformar essa informação em conhecimento, e o conhecimento em inteligência. Só então, podemos traçar ações e nos anteciparmos aos problemas. A partir daí, a gente gera serviços e negócios, que por sua vez vão gerar mais informação, conhecimento e inteligência, estabelecendo um ciclo virtuoso.

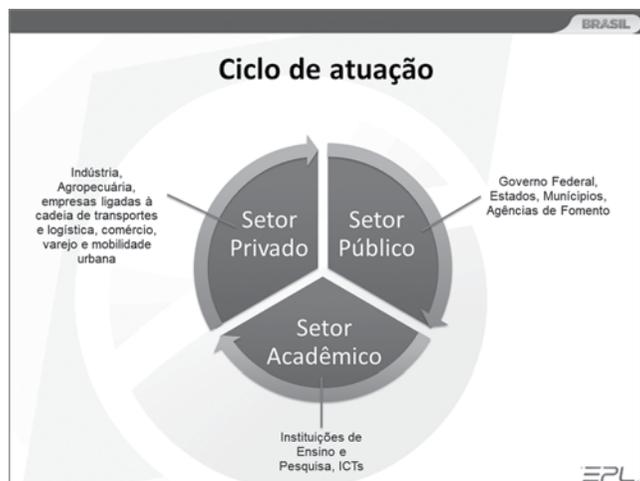
QUADRO 3



Cooperação entre os setores

O quadro abaixo mostra que a logística envolve todo mundo: setor público, o setor acadêmico e o setor privado. Temos que dar cada vez mais força a esse tripé. O governo por si só não tem capacidade de resolver todos os problemas. É necessário fomentar o desenvolvimento de novas tecnologias, que serão repassadas para o setor privado, que é quem vai fazer essa cadeia girar. Então, o fortalecimento desses três pés do tripé torna-se fundamental, para realização dos projetos.

QUADRO 4



Tecnologia de monitoramento

Montamos o projeto Observatório Nacional de Transportes e Logística, que está sendo implementado agora. É um sistema estruturado com ferramentas inteligentes que capturam e integram as informações sobre a movimentação de transportes de todas as modalidades. Estamos implantando um padrão único e aberto de tecnologia de identificação por Radiofrequência (RFID), para identificação, rastreamento e autenticação de veículos e mercadorias em circulação no país, aproveitando as tecnologias já desenvolvidas dentro do governo para o SINIAV, BRASIL-ID e Sistema de Pedágio Eletrônico, que hoje está sendo usado pela ARTESP, em São Paulo.

Instalados nos veículos, cargas e contêineres, esses chips conectam as antenas instaladas nas rodovias, ferrovias, em portos e fornecem dados específicos para o banco gestor de informações da EPL e para todos os atores envolvidos na cadeia logística nacional. Esse é um dos grandes instrumentos. Ao criar esse padrão e fazer o

compartilhamento dessa infraestrutura, poderemos ter isso implantado em larga escala.

Indicadores

O objetivo do Observatório é justamente possibilitar a geração de indicadores de desempenho da infraestrutura do setor logístico, visando à realização de estudos e planos de investimentos para expansão da cadeia logística. Conhecer a situação atual da logística nacional e dotar a EPL e o governo de ferramentas e inteligência capazes de prever e planejar os cenários futuros, ao mesmo tempo em que permite a integração entre os diversos participantes do cenário de transportes e logística nacional.

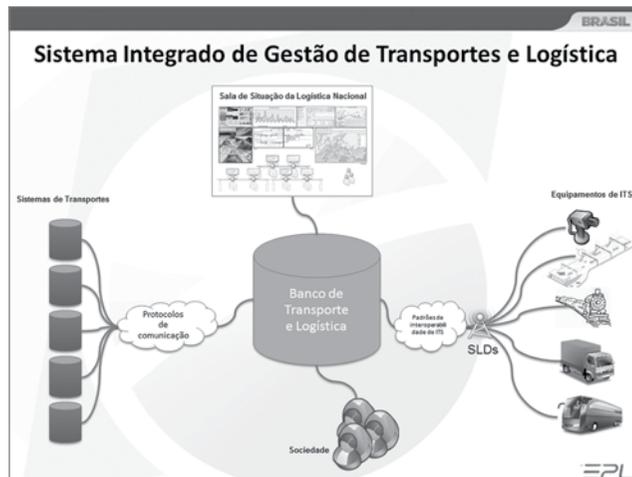
Diminuição do custo Brasil

Precisamos atacar os gargalos, diminuir a burocracia e, conseqüentemente, conseguir diminuir o custo Brasil. Temos, hoje, o custo do frete representando cerca de 30% do valor de alguns produtos. Como é que vamos ser competitivos? É uma pergunta que todos nós nos fazemos. Não há como sermos competitivos com custos desse porte.

Objetivos iniciais

No primeiro momento, de acordo com o quadro abaixo, pretendemos: identificar veículos e mercadorias eletronicamente e de forma segura; integrar os diversos modais de transporte; coletar informações em tempo real; reestruturar a qualidade do sistema de transportes de cargas; integrar os recursos disponíveis nos postos de fiscalização; fornecer serviços para a sociedade; e gerar indicadores de desempenho da infraestrutura do setor de transportes, visando à realização de estudos e projetos.

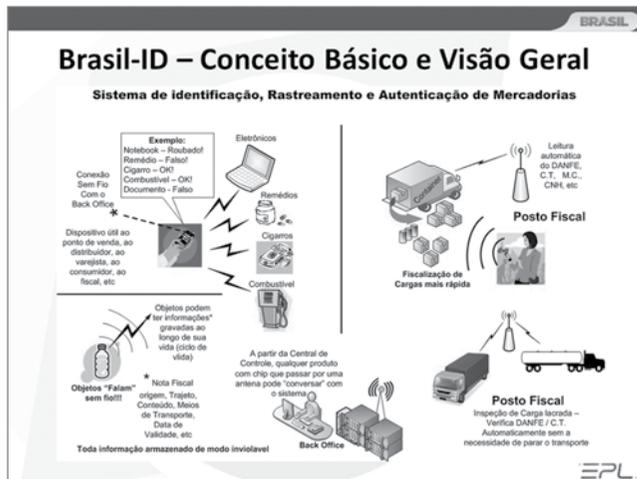
QUADRO 5



Brasil-ID

O conceito do projeto Brasil-ID, conforme os quadros abaixo, é identificar os veículos de forma mais automatizada e vinculada aos documentos fiscais da carga que esse veículo está transportando. Com isso, pretendemos levar para a indústria aquilo que hoje se fala muito como “internet 4.0”. Ou seja, objetos com inteligência, que falam e que dizem para o usuário o que esse objeto contém, por onde ele passou, a vida que ele teve até chegar ao usuário final. A tecnologia RFID, como um padrão, ganha em escala. Conseguiremos, num período não muito longo, chegar a todos os tipos de produtos, e assim, carregarmos inteligência nos nossos produtos, possibilitando que as empresas e as indústrias possam automatizar os seus processos.

QUADROS 6 E 7

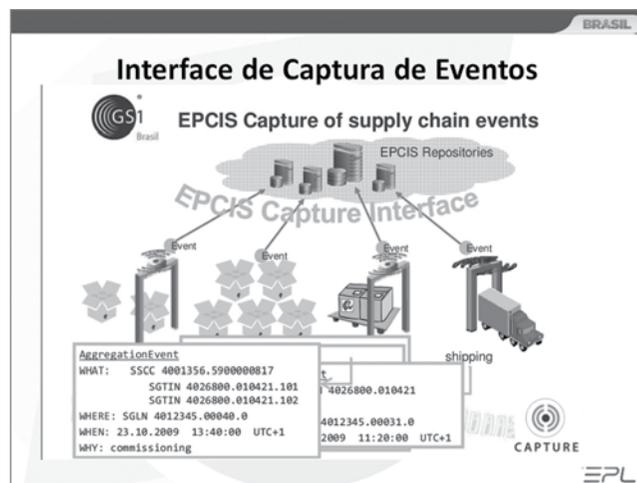
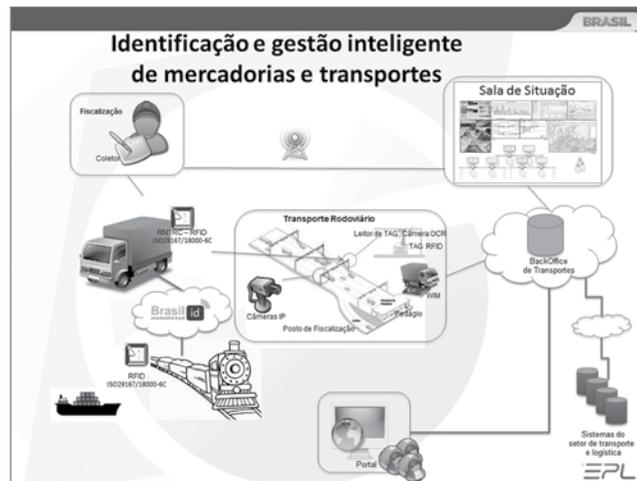


Rastreabilidade

A ideia é que o processo nasça com o produto já na fábrica, na fazenda. Isto é, que o produ-

to, quando for para o caminhão, já seja automaticamente identificado, por meio de uma nota fiscal eletrônica. Nesse sistema, o dono da mercadoria pode rastrear e acompanhar todo o percurso do veículo que a carrega, ao longo de toda a malha rodoviária nacional. Isso também permitirá que o caminhão não precise ser parado nos postos de fiscalização, que é onde ele perde mais tempo, pois a fiscalização, tanto do caminhão, quanto da mercadoria, será feita eletronicamente.

QUADROS 8 E 9



Antenas

O quadro a seguir mostra que a EPL propõe um hub de integração de informações logísticas, em que toda a informação vinda das antenas é passada para todos os atores da cadeia logística, de acordo com os eventos que esses atores estão autorizados a acessar. Para isso, mapeamos alguns potenciais pontos de instalação de antenas ao longo da nossa malha rodoviária e ferroviária. São eles: postos de fiscalização da

“PRECISAMOS ATACAR OS GARGALOS, DIMINUIR A BUROCRACIA E, CONSEQUENTEMENTE, CONSEGUIR DIMINUIR O CUSTO BRASIL.”

Receita e da polícia Rodoviária Federal, postos de pesagem da ANTT e do DNIT, vias de acesso aos portos; das plataformas de integração multimodal, das plataformas de armazenagem, pontos de parada de caminhoneiros, praças de pedágio e portais *free-flow*, portos fronteiriços, pontos de controle de velocidade etc.

QUADRO 10



Conectividade nas estradas

Queremos criar uma grande rede, um *backbone*, voltado para o setor de transporte e logística. No quadro a seguir, fizemos um mapeamento do que já existe de fibra ótica instalada na nossa malha rodoviária e ferroviária e chegamos ao incrível número de 57 mil quilômetros de fibra ótica instalada. O incrível é que desses 57 mil quilômetros não estamos dando nem um metro, pois já foram instalados pelas operadoras de telecomunicação.

Pretendemos criar uma rede de compartilhamento de sistemas, informações e equipamentos do setor logístico, e, conseqüentemente, uma infraestrutura de conectividade que hoje não temos. E conectividade das nossas estra-

das também é um problema de segurança. Por não conseguir sinal de celular nas estradas, por exemplo, caminhoneiros são assaltados diariamente, pois não conseguem avisar a polícia. Agora está acontecendo uma onda de assaltos a ônibus na saída de Brasília, porque os ladrões descobriram uma zona de sombra de celular.

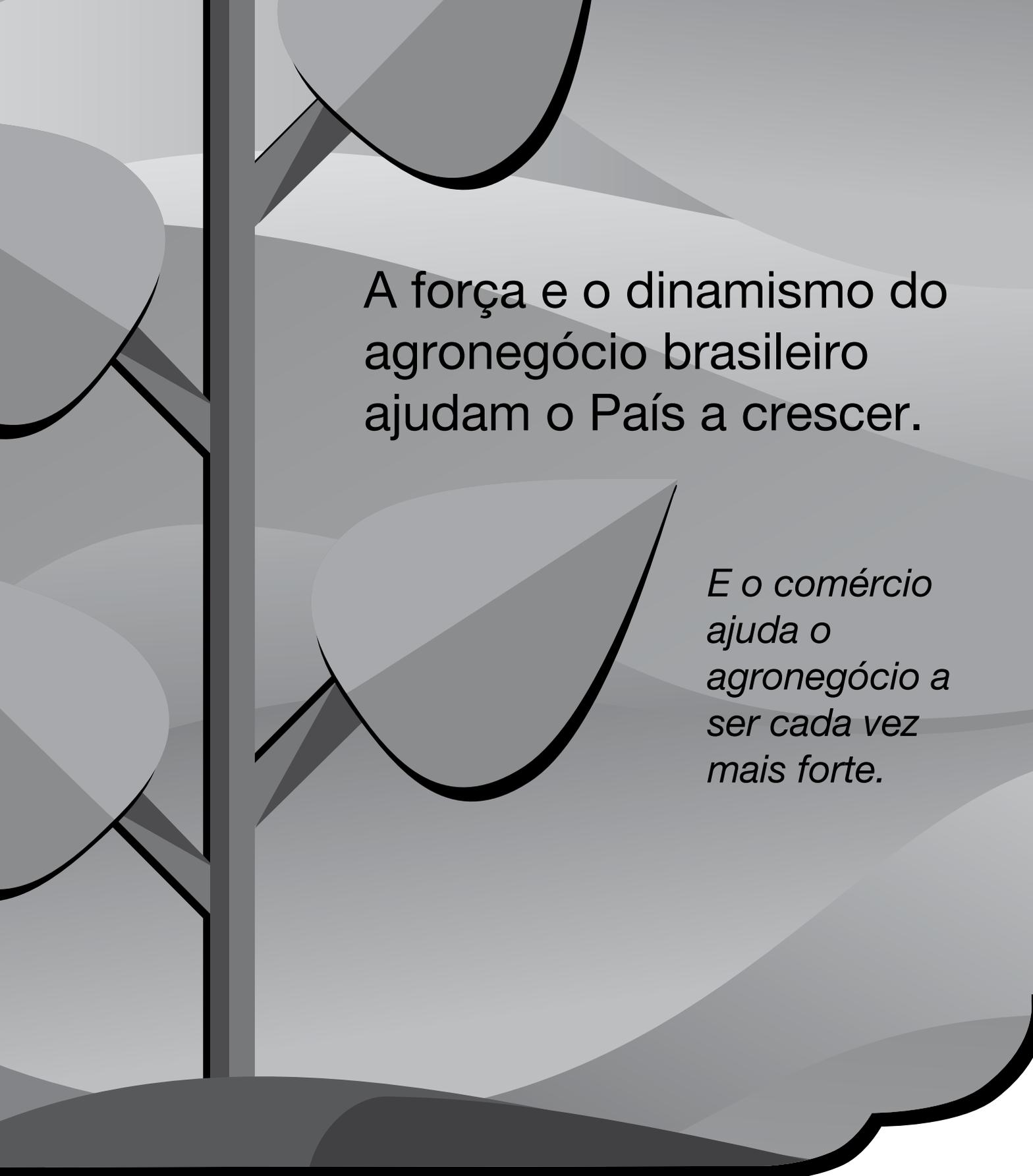
Muito se fala em levar banda larga e conectividade para os nossos centros urbanos, mas também precisamos levar conectividade para as nossas rodovias e ferrovias.

QUADRO 11



Parcerias

Estamos assinando uma série de convênios, de parcerias, para compartilhar informações geradas pelo Observatório com ministérios e órgãos do governo, setor privado e instituições científicas de ensino e pesquisa. A colaboração em pesquisa e desenvolvimento em soluções tecnológicas é uma das prioridades desse projeto. Então não só o RFID. A criação de padrões de ITS, de padrões e protocolos, para que todos esses sistemas possam conversar, é uma das nossas prioridades.

A stylized illustration of a tree with large, rounded leaves and a thick trunk, set against a background of rolling hills. The entire scene is rendered in shades of gray with black outlines.

A força e o dinamismo do
agronegócio brasileiro
ajudam o País a crescer.

*E o comércio
ajuda o
agronegócio a
ser cada vez
mais forte.*

*Representar e defender as empresas do comércio
é o compromisso histórico da Confederação Nacional do
Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).*

www.cnc.org.br



SEGURANÇA JURÍDICA E CONFIANÇA NAS LICITAÇÕES

ODACIR KLEIN, presidente da União Brasileira de Biodiesel e Bioquerosene (Ubrabio)

Pensando sobre o que vem ocorrendo atualmente no setor de infraestrutura e, em consequência, das soluções logísticas, enxergo a absoluta necessidade de diálogo para solução dos problemas. Saber o que é de curto prazo e o que precisa de planejamento e projeto consistente. Sem planejamento e projeto consistente, vamos entrar numa confusão geradora de insegurança, não só jurídica, mas também geradora de falta de confiança naquilo que o governo lançar.

Avanços e gargalos

Tivemos uma licitação de rodovia deserta, em que não houve licitante. Tivemos o anúncio de que a Valec seria substituída por outra empresa. E posteriormente houve um decreto reorganizando a Valec. Perguntei a uma pessoa veiculada ao setor o que tinha ocorrido e ele afirmou que haviam recuado na intenção da formação da outra empresa, mas apontou a possibilidade de utilização da Valec com a sua estrutura, mas com o nome fantasia de outra empresa. Houve um decreto regulando a formatação do transporte ferroviário, em que teremos alguém que

“SEM PLANEJAMENTO E PROJETO CONSISTENTE, VAMOS ENTRAR NUMA CONFUSÃO GERADORA DE INSEGURANÇA, NÃO SÓ JURÍDICA, MAS TAMBÉM DE FALTA DE CONFIANÇA NAQUILO QUE O GOVERNO LANÇAR.”



vai investir na ferrovia, mas que não será operador ferroviário. Vai ser um concessionário, para fazer um investimento. A Valec comprará a capacidade de operação e arcará com os prejuízos se houver e venderá essa capacidade de operação para operadores ferroviários ou usuários que desejem movimentar cargas através de trens.

Na questão dos portos, houve uma aprovação de lei nova muita saudada como grande solução. Ela vai fazer com que haja avanços, pois haverá possibilidade de áreas para operações portuárias, mesmo fora de portos organizados e terminais privativos. O que isso não pode é prejudicar o que já está implantado com sucesso. Temos na área portuária grandes problemas de infraestrutura, burocracia. O aumento de safras em áreas do país onde não tem portos e precisam então, por rodovias, demandar os portos.

“É PREFERÍVEL UM PROJETO BEM FEITO QUE DEMORE MAIS DO QUE PROJETO PARADO NO TRIBUNAL DE CONTAS.”

Tivemos planejamento e projetos para concessões rodoviárias e portuárias, durante o governo Itamar Franco, e posteriormente, do BNDES, as não bem sucedidas concessões nas áreas ferroviárias. Foram avanços significativos. Lembro que uma pessoa da área portuária dizia que morava próximo da Baía da Guanabara e que estava com muitas saudades das luzes que ele via à noite na Baía porque não havia mais navios aguardando.

Licitações

Hoje, se estabelece uma competição diferenciada com alguém pagando para a autoridade portuária um arrendamento. Outros vão participar de uma licitação, em que o critério será o menor preço cobrado na operação. Essas questões tem ser bem resolvidas sob pena de nós termos um apagão naquilo que está funcionando bem. Por isso, é fundamental, em primeiro lugar, planejamento. Sou dos maiores defensores da criação da EPL. O problema não é ter mais uma estatal ou menos uma estatal. A questão de gasto público é em relação à qualidade do gasto público.

Mas a criação de um instrumento para pesquisar, para planejar, é fundamental. A EPL vai cumprir o papel de planejamento. Precisamos também ter bons projetos, soluções com tecnologia de informação. Para isso, é preciso que não estejam caminhões servindo de armazéns parados em beiras de estrada congestionando as entradas dos portos. São soluções de curto prazo, que tem que ser dadas. Por isso, sentar em grupos e conversar é importante.

Projetos bem feitos

Projeto mal feito ou modelo que não gere confiança termina prejudicando. É preferível um projeto bem feito que demore mais do que projeto parado no Tribunal de Contas. Aliás, até

que ponto o Tribunal de Contas pode mandar parar obra? Temos problemas de gargalo, e um colegiado decide que uma obra em andamento tem que ser parada. Não é ele que decide definitivamente, apenas sugere a paralisação. Então, o assunto vai para o Congresso Nacional. Mas até lá, o projeto foi colocado sob suspensão. Isso tem que ser acertado antecipadamente. Tribunal de Contas também tem que ser um ente para ajudar no sentido de soluções, e não apenas ser fiscalizador daquilo que esteja em andamento. Sendo assim, precisamos de projetos bem feitos, que deem segurança. E um modelo que resulte do planejamento, que dê segurança jurídica.

Na área do agronegócio, armazenagem é a primeira das infraestruturas. Tenho notícias, por exemplo, no Paraná, em Santa Catarina, na área de cooperativismo, há algumas áreas em que organismos ambientais estão dificultando a liberação de recursos, porque demoram autorizar a construção de silos ou armazéns por questões ambientais ou até por morosidade burocrática.

É por isso, que no meu entendimento, o encontro é da maior importância, para produzir sugestões e resultados. Temos, hoje, um quadro de insegurança. No meu entendimento o que nós estamos vivendo é fundamental para que tenhamos condições de discutir e de propor soluções. Quero deixar bem claro o seguinte: hoje eu não estou participando de atividade política. E na época que detinha mandato, ou era governo e defendia os governos, ou era oposição e exercia o exercício de oposição. Hoje, sou alguém nas atividades que desempenho querendo que tudo dê certo. E acho que o governo está querendo que dê certo. Para isso, é preciso reforçar o planejamento, ter consciência de que é necessário gerar segurança jurídica e confiança. Senão, podemos ter licitações desertas.

AGRONEGÓCIO PRECISA DIALOGAR COM O CONSUMIDOR

MAURÍCIO MENDES, presidente da ABMR&A

Não adianta sermos eficientes na produção, eficientes na logística, se não formos eficientes na comunicação. É preciso ser uma referência no mundo todo. E ser referência ajuda a vender e a trazer um valor mais agregado a cadeia como um todo.

Entidade

A ABMR&A é uma entidade fundada em 1979, para discutir marketing e agronegócio. É composta pelas principais empresas do setor do agronegócio de equipamentos, insumos, fertilizantes, defensivos e sementes. Além, de todos os principais veículos de comunicação do setor, agências de propaganda e consultorias.

Pouco investimento em publicidade

Ainda nos comunicamos pouco. No quadro abaixo, um dado do Ibope Media mostra que entre os meses de janeiro e junho de 2013 foram investidos R\$ 52 bilhões em publicidade no Brasil, desses, o setor agro investiu em comunicação apenas R\$ 94 milhões, o que não representa nem 0,2% do total de investimento feito em publicidade. Isso significa que, apesar de ter crescido bastante que em relação ao período anterior, o setor ainda investe muito pouco em publicidade.

QUADRO 1



Debora 70



Visão global

É preciso que se pense de uma forma mais global. Nós temos uma produção agropecuária que de certa forma atende ao consumidor final, seja no mercado doméstico, seja no exterior. Tudo isso num ambiente que exige sustentabilidade ambiental, social e econômica, e eu incluiria sustentabilidade tecnológica, também.

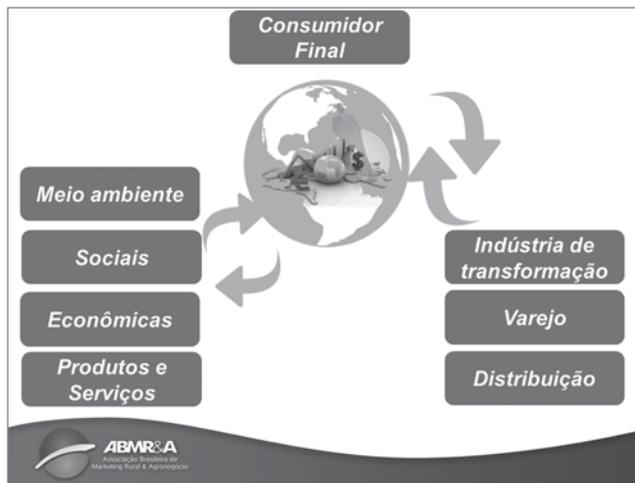
QUADRO 2



Consumidor urbano e rural

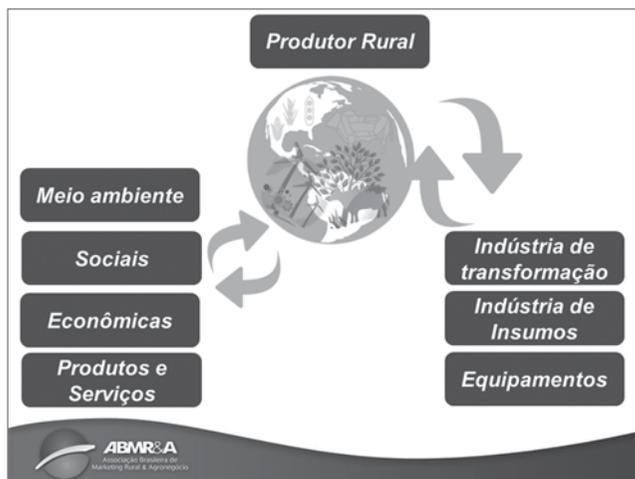
Nas imagens a seguir, se olharmos o ambiente que o consumidor final, o público urbano, de uma forma geral, e quais são as referências que eles têm enquanto cidadão, enquanto consumidor, veremos que ele é influenciado por questões do meio ambiente, questões sociais, econômicas de produtos e serviços. E também é influenciado por toda propaganda que é feita pela indústria de transformação, pelo varejo e pela distribuição.

QUADRO 3



Se olharmos o produtor rural, veremos que ele tem um outro grupo de influências. As indústrias de equipamentos, insumos, e a própria indústria de transformação, que dialogam com ele, de uma forma e de outra, para tentar vender tecnologia e seus produtos. Mas ele também sofre influência de todos os mesmos atores que o consumidor urbano.

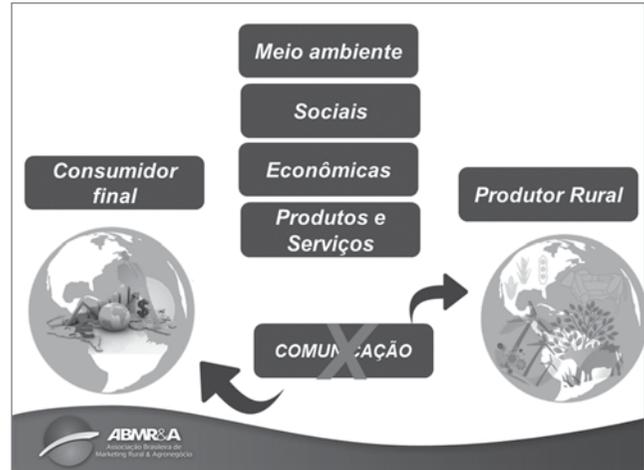
QUADRO 4



As duas pontas

Então, o que temos no próximo quadro? O produtor rural, no meio desse caminho, como todas essas questões que são comuns às duas áreas, e o consumidor final na outra ponta. O que a gente tem notado que existe uma dificuldade muito grande nessa comunicação entre o consumidor final e o produtor.

QUADRO 5



Normalmente, o produtor não sabe exatamente o que é preciso, o que é aquilo que o consumidor está exigindo. A pressão que existe de toda a sociedade urbana pouco chega ao produtor. Esse caminho não existe hoje, a extensão rural fazia algum tempo aqui no Brasil através da Emater, por exemplo. Mas isso se perdeu um pouco. E mais: o consumidor tem uma transformação constante daquilo que ele precisa. Essa informação nem sempre chega ao produtor, então, muitas vezes, o produtor faz sua parte, mas não comunica isso para o consumidor final. E tem muita coisa sendo bem feita e que precisa ser comunicada.

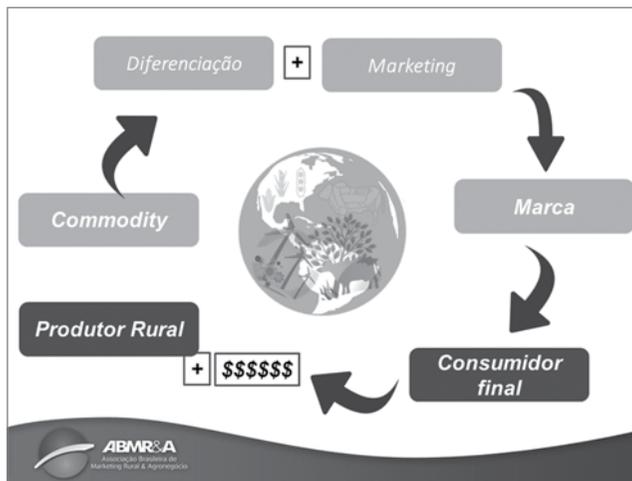
QUADRO 6



Produto diferenciado

O Brasil não vai deixar nunca de ser um grande produtor de commodity. Ele tem características geográficas e características dos seus produtores rurais, que vão sempre nos posicionar como um grande produtor de commodity. Mas isso não invalida a possibilidade de aumentarmos a agregação de valor em algumas cadeias, principalmente para comunidades específicas. O quadro a seguir mostra que é necessário transformar essa commodity em um produto diferenciado. E por meio do marketing e comunicação, divulgar essa marca para que o consumidor a reconheça e se disponha a pagar mais por ela, e que isso se reverta em mais renda para o produtor, em especial para o pequeno produtor. Isso se dá, principalmente, através de cooperativas e de associações.

QUADRO 7



IG para agregar valor

Há uma iniciativa do Ministério da Agricultura que está ajudando a criar regiões, Indicações Geográficas, para que seja possível agregar maior valor ao produto. Trago um exemplo de Portugal, que tem a primeira identificação geográfica da história. Em 1756, o Marquês do Pombal marcou a região do Douro, onde se fazia uva para a produção do vinho do Porto. Até hoje quem visita a região encontra os marcos pombalinos, que eram marcos de pedra que faziam a demarcação da região. Por que isso? Porque os ingleses vinham, compravam o vinho no Porto, levavam para Inglaterra a um preço muito baixo. A partir desse momento, passou-se a criar um processo que levava o vinho do Porto a uma situação de preço melhor, isto é, uma agregação de valor que viabilizou o

desenvolvimento daquela região, que poderia ser muito mais pobre, e onde chove 300 mililitros por ano. Só de vinho, Portugal tem hoje 24 indicações geográficas diferentes.

Quais são os objetivos dessas identificações geográficas? Promoção comercial, garantia de autenticidade, agregação de valor ao produto, promoção do desenvolvimento regional. Isso fixa o homem ao campo, porque dá viabilidade econômica para ele ficar. Além de proporcionar a preservação da biodiversidade, do conhecimento tradicional e dos recursos naturais.

Exemplos no Brasil

O Vale dos Vinhedos, no quadro abaixo, foi a primeira identificação geográfica que o Brasil teve. Há outros exemplos, retratados nas imagens a seguir, como o café, cachaça, a carne do Pampa Gaúcho. Este último é bem interessante. Primeiro, eles exigem que sejam apenas raças que são bem adaptadas no Rio Grande do Sul. Segundo, não pode ter capim exótico, são capins nativos daquela região. Além disso, tem que ter responsabilidade social com relação a carteira assinada, com relação a boas condições de trabalho. E tudo isso está no protocolo.

QUADRO 8



Eu pergunto: quem é que não compraria essa carne vinda lá dessa região sabendo de todos esses benefícios que isso traz? O consumidor certamente pagaria um pouco mais por essa carne, se for uma carne de boa qualidade. Entretanto, pouca gente conhece isso. Essa informação, praticamente, não chega aos centros urbanos. É preciso um movimento de comunicação, de marketing, para poder estimular.

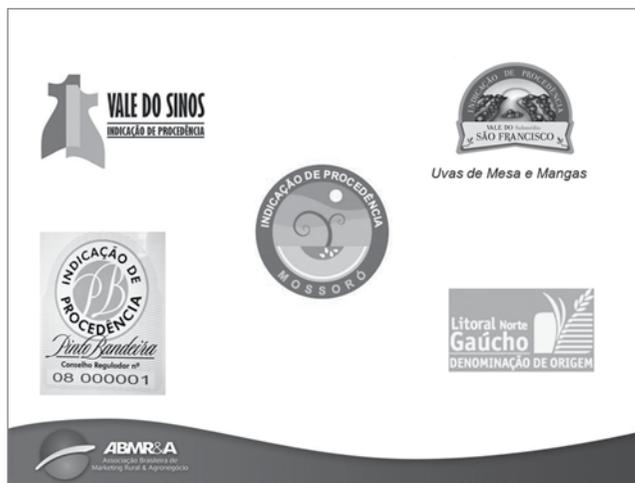


Imagem do campo

Outro movimento interessante é que alguns supermercados, como o Carrefour, estão trabalhando com a garantia de origem. Em que se faz todo um trabalho de boas práticas agrícolas, cadastrando o produtor de um determinado produto e leva até o supermercado uma embalagem que destaca aquela condição. Mas a quantidade ainda é pequena, apenas 59 fornecedores. Uma boa iniciativa de exposição de imagem, sobre boas práticas que acontecem no campo.

Uma questão de marca

Quem imaginava que a água, por exemplo, poderia ter marca? A água é uma commodity como talvez nenhuma outra. Entretanto, existe uma série de diferentes tipos de águas. Muitas delas, a gente têm até desejo de consumir. Porque vieram lá de regiões muito bonitas, paradisíacas. Outras não. As que estão, por exemplo, aqui no Brasil, que já tem marca a

gente não sabe exatamente que mina é, como é que foi colocado. Mas você às vezes prefere a marca “X”.

QUADRO 11



Já o próximo quadro ilustra um movimento muito efetivo do ponto de vista comercial, polêmico por algumas questões que foram levantadas. Mas do ponto de vista de marketing abriu uma possibilidade interessante. Normalmente, não íamos para um açougue para perguntar de uma determinada marca e sim de um determinado corte. E hoje, pelo menos o JBS está triplicando a verba de marketing. E pelo que sabemos outros cinco frigoríficos estão com campanhas já prontas para trabalhar em mídia de massa, porque o resultado foi muito bom.

“NÃO ADIANTA SERMOS EFICIENTES NA PRODUÇÃO, EFICIENTES NA LOGÍSTICA, SE NÃO FORMOS EFICIENTES NA COMUNICAÇÃO”

QUADRO 12



A mesma coisa aconteceu com o etanol. Uma campanha foi produzida pela Unica. A empresa percebeu que o consumidor fazia uma decisão pelo etanol ou pela gasolina por questões muito mais econômicas e às vezes até por falta de informação. Buscou-se, com essa campanha, trazer às pessoas a consciência de que talvez não fosse só a questão econômica que estivesse envolvida, mas também uma questão ambiental e de identidade nacional. Também foi um sucesso.

QUADRO 13

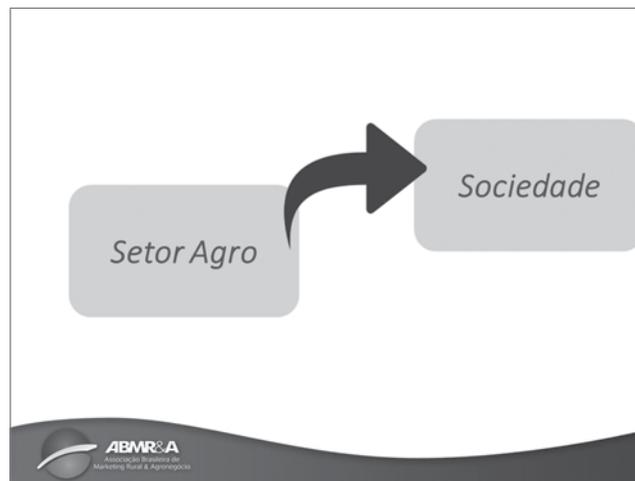


Face positiva do agro

O setor agro precisa falar com a sociedade. A sociedade precisa conhecer melhor o nosso setor. E conhecer pelo lado positivo que o nosso setor tem, e que é predominante. E não só pelo

lado ruim, que é o que domina as discussões e vira pauta da imprensa.

QUADRO 14



A iniciativa da CNA com o Sebrae, que traz o Pelé como garoto propaganda, vem no sentido de valorizar o homem do campo e mostrar para sociedade como um todo, o que acontece lá, e conquistar o mínimo de simpatia para o nosso setor. O slogan é “O Brasil que cresce forte e saudável”.

QUADRO 15



A mensagem é essa. É lógico que não adianta apenas fazer direito com competência, mas temos que mostrar que fazemos direito com competência. E a última questão é de trazer realmente renda para quem está no campo, para que se mantenha trabalhando com a performance que todos conhecem.

EFICIÊNCIA AGRÍCOLA: O BRASIL NA EXPO MILÃO

VINICIUS ESTRELA, gerente Executivo de Imagem e Acesso a Mercados da APEX-Brasil, executora do Projeto Brasil na Expo Milão

A primeira coisa que a gente tem que ter em mente quando fala as exposições universais é que elas são de cinco em cinco anos e elas abordam sempre um tema muito afeto ao momento que o mundo vive. A exposição de Milão vai começar no dia 1º de maio de 2015, dura seis meses e tem o seu fim no dia 31 de outubro. E o tema principal dela é alimentar o mundo, a energia para vida. Ou seja, uma preocupação evidentemente europeia, mas com um impacto global, da relação do ser humano com a natureza para produção de alimentos. No sentido que a população tenha alimentos de melhor qualidade, com menor escassez. Ou seja, erradicação da miséria, da fome e todas as mazelas que a gente vê pela alimentação inadequada.

Como produzimos alimentos

Existe uma preocupação e um debate constante no mundo, com diversas correntes, a respeito do modo como interagimos com o planeta no sentido de garantir a vida no mundo. Esse é o principal argumento e o principal debate em que se começa e em que o mundo está voltado a partir de 2015. Nesse cenário, o comércio mundial vive um momento de profunda transformação. Ele é uma grande resposta a esses desafios. Porque, hoje em dia, vivemos um antagonismo bastante relevante sobre a ótica do comércio, em que nas nossas visitas a diferentes países encontramos governos muito preocupados com a questão da segurança alimentar e com a garantia de produção para as suas populações.

A China vem atuando agressivamente, além do continente Africano, do Oriente Médio, e, na mesma medida, os países em desenvolvimento. Todos preocupados como estará o mundo e a produção de alimentos daqui a 20, 30, 40 anos. Esse é um grande desafio; o olhar para frente,



Debora 70

o que nos espera para daqui em diante. E nesse contexto o Brasil tem uma contribuição única em toda essa dinâmica de produção de alimentos e distribuição. O antagonismo que nós devemos vencer é, em certa medida, o crescente protecionismo de alguns países, principalmente europeus e americanos em relação à produção, compra e a exportação de produtos agropecuários e agrícolas, na mesma medida que há uma preocupação crescente com a segurança. Isso não parece coerente ao longo prazo.

A resposta brasileira

Neste cenário, o Brasil aparece como um dos países que mais vem sofrendo com essas medidas, sejam sanitárias, fitossanitárias ou de restrições. E isso associado aos problemas de logística que enfrentamos, vem diminuindo a competitividade do país e acesso a alguns mercados. Esse é o debate e o plano de fundo da exposição universal de Milão 2015. Nesse sentido, tendo em vista que o Brasil é parte central para esse olhar para o futuro e possui grande parte das respostas e dos ensaios nesse cenário,

“O BRASIL TEM UMA CONTRIBUIÇÃO ÚNICA EM TODA A DINÂMICA DE PRODUÇÃO DE E DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS NO CENÁRIO MUNDIAL”

o Brasil se posiciona na exposição universal como o sexto maior pavilhão da exposição, que tem 138 países confirmados. A Europa espera ansiosamente pela nossa resposta, pelo nosso olhar, para o futuro diante desse período. Os europeus e os americanos já fizeram as suas contribuições tradicionais na produção de alimentos, agora é a hora de um país jovem com tradição e ressignificação na produção de alimentos olhar para o mundo e dizer qual é o caminho, qual é a nossa contribuição.

O Brasil no mundo

Antes de produzirmos a participação brasileira na Expo Milão, realizamos uma pesquisa com sete mil estrangeiros espalhados em 28 países. Perguntamos temas interessantes, como por exemplo: você gostaria de ter um amigo brasileiro? Quase 100% dos entrevistados disseram: sim, claro, evidente. Gostaria de passar férias no Brasil? Sim, adorariamos. Mas empregariam um brasileiro? Não. Gostaria de ter uma empresa no Brasil? Não. De onde vem à soja no mundo? Da China. Apenas 8% dos entrevistados disseram que o Brasil era um país relevante na produção de soja. Ou seja, a população e a comunidade internacional, embora esteja bastante preocupada com o tema, desconhece parte das nossas respostas.

Há muito tempo a produtividade no campo no Brasil supera a americana. Temos muito a contribuir nesse debate, essa é a proposta da participação brasileira na Expo Milão: juntar o setor público, o setor privado, e a academia na formulação de uma resposta única a comunidade internacional sobre a produção de alimentos.

Só dessa forma, com o Brasil se articulando nessas três esferas, vamos conseguir mudar a percepção sobre a produção de alimentos e a posição do Brasil nesse cenário global, nos posicionarmos com o devido reconhecimento da comunidade em relação aos serviços prestados pelo Brasil na produção de alimentos.

O Brasil na Itália

O Brasil possui o sexto maior lote na feira, de quatro mil metros quadrados. Construiremos um pavilhão do zero, com o intuito de contar ao longo desses seis meses a história de um país que possui tecnologia, que é jovem e inova na produção de alimentos, mostrando-se atento as preocupações ambientais. Teremos a presença presença brasileira bastante agressiva, audaciosa para conseguirmos levar essa mensagem.

Essa exposição é visitada pelo público em geral e vai basicamente em busca de informações educativas, descobertas ,em termos de comércio e diversão. São famílias de pessoas das mais diferentes idades, que ao longo dos seis meses visitam essa exposição. A Expo é considerada o maior evento que existe no mundo, superando em muito a visitação de Copa do Mundo e Olimpíadas. Para se ter uma ideia, a Copa do Mundo recebe oito milhões de visitantes, as Olimpíadas 12 milhões. A última edição da exposição que aconteceu na China recebeu 70 milhões de visitantes. Essa exposição tem visitação estimada em 45 milhões de pessoas. Uma excelente oportunidade para que marcas sejam expostas, para que o setor público apresente políticas públicas de qualidade, para que um cidadão comum tenha conhecimento e também que a academia apresente novidades e uma nova visão sobre a tecnologia nos alimentos.

Muitas das coisas que nós convivemos no dia a dia foram lançadas e são resultados das atuações das Expos que existem desde 1851. Por exemplo, a Torre Eiffel, a mais famosa torre no mundo, foi construída para ser entrada da exposição universal de Paris de 1928. A televisão foi lançada nessa exposição, o telefone também, o motor a gás, a energia elétrica, todas essas grandes novidades que mudaram o mundo foram lançadas nessa exposição. Portanto, é uma excelente oportunidade para que o Brasil possa se colocar no cenário mundial de uma outra forma.

Assine



A Lavoura

Agronegócio • Meio Ambiente • Alimentação

A **Lavoura** é editada pela **Sociedade Nacional de Agricultura** há 117 anos

Receba 6 edições da mais importante revista especializada em agronegócio, meio ambiente e alimentação.

Assinatura anual de

R\$ 60,00



Para assinar, mande e-mail para assinealavoura@sna.agr.br ou envie cheque nominal à Sociedade Nacional de Agricultura, para revista A Lavoura • Av. General Justo, 171 • 7º andar • CEP 20021-130 • Rio de Janeiro • RJ, juntando nome, telefone e endereço completos do assinante.



Uma publicação da:
Sociedade Nacional de Agricultura
Inteligência em Agronegócio desde 1897

O FUTURO QUE QUEREMOS

PAULO E. CRUVINEL, chefe da Assessoria de Gestão Estratégica da Embrapa



Débora 70

QUADRO 1

O novo perfil da sociedade

Qualidade
Protocolo de Kyoto
Visão Ecológica
Otimização de risco
Geração de riqueza
Lei da Inovação
Redes

Inicialmente, devemos colocar em mente três alicerces: o primeiro deles baseado em conhecimento, conectividade e inovação. O segundo grande alicerce envolve inteligência, planejamento e governança. E o terceiro grande alicerce engloba a conceituação de políticas públicas, acessibilidade e entrega.

Novas configurações

É importante observar no quadro abaixo o novo perfil da sociedade, que está constantemente num processo de evolução. É necessário que olhemos esse perfil de nova sociedade de tal forma a observarmos quais são os paradigmas que estão presentes hoje, que são diferenciais e que devem ser olhados com cuidado.

O Protocolo de Kyoto, por exemplo, traz toda uma discussão relativa à questão do clima. Como desdobramento, aparece o chamado Protocolo de Nagoya, outro grande ponto de reflexão. Uma preocupação maior com visão ecológica. Uma preocupação com otimização de risco, em que cabe uma pequena reflexão.

Otimização de risco

A rigor as pessoas poderiam pensar que a questão é minimizar riscos. Mas por que não otimizar riscos? Não existem processos reais em que o risco seja igual a zero. Logo, há de se considerar uma relação de benefício/custo, considerando um nível de risco. E partir daí, gerar uma visão de otimização desse risco. A conceituação de riqueza, no atual contexto, está inserida em uma visão de uma nova política pública que se estabelece, com um componente de dimensão econômica, ambiental, social e, principalmente, um componente de dimensão de capital humano. Logo, quando se fala de geração de riquezas, nós temos que considerar esses pontos.

Abastecimento

Vemos uma realidade de expansão e mudança do perfil da demanda mundial por alimentos. Com uma população em crescimento crescente exponencial, chegando, nos próximos anos, a aproximadamente 8 bilhões de habitantes no planeta, de acordo com a ONU. O Banco Mundial fala em 10 bilhões, mas de qualquer maneira, é um número grandioso.

QUADRO 2

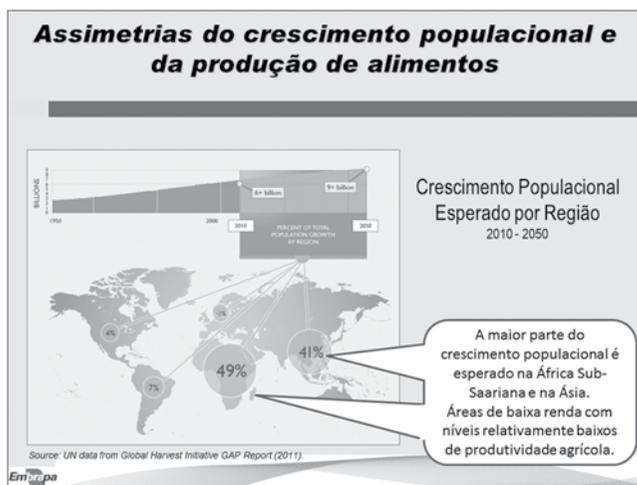


Outro dado muito importante é que 60% dessa população vivem nas cidades. E um problema se apresenta: o processo de abastecimento e de atendimento a novas realidades que começam a trazer um cenário de grandes desafios.

Assimetrias

Observamos também as assimetrias entre o crescimento populacional e a produção de alimentos. Por exemplo, a maior parte do crescimento populacional esperado está localizado na África Subsaariana e na Ásia. Hoje áreas de baixa renda e com níveis relativamente baixos de produtividade agrícola. Realidades preocupantes.

QUADRO 3



Segurança alimentar

Outra questão é a segurança biológica, que o quadro a seguir apresenta, é a disseminação de contaminantes de alimentos. Dada essas assimetrias, certamente a forma de você buscar abastecer aquelas populações vai envolver fortemente as redes de comércio internacional de alimentos. E então, aparece um pano de fundo muito

relevante, a vulnerabilidade devido à disseminação de contaminantes. De um lado, temos o desafio do abastecimento. Do outro, a qualidade daquilo que vai chegar ao consumidor.

QUADRO 4



Matriz energética mundial

No próximo quadro, constatamos que, a partir de cenários produzidos pela Shell, para o ano de 2050, observamos que o Brasil poderia estar desenvolvendo mais fortemente produtos biocombustíveis. Demonstra que, se nós não andarmos mais rapidamente, esse protagonismo começa a desaparecer, a ser perdido na linha do tempo. Num determinado momento, destacou-se a questão do etanol de segunda geração decorrente da produção de cana de açúcar. Hoje já nos deparamos com a produção do etanol pelo excedente do milho. E esse é um dos nossos grandes diferenciais no processo desse protagonismo.

QUADRO 5

Expansão da demanda por agroenergia

Evolução da Matriz Energética Mundial (Shell 2050)

Cenário Tendencial (Continuidade)	Composição da Matriz Energética (em part. %)				Taxa de Crescimento Anual (em % a.a.)		
	1975	2000	2025	2050	1975-2000	2000-2025	2025-2050
Energia primária (em exajoules)	256	407	640	852	1.9%	1.8%	1.2%
▼ Petróleo	46%	39%	33%	27%	1.2%	1.1%	0.3%
Carvão	27%	23%	20%	14%	1.1%	1.3%	-0.3%
Carvão CH ₄ / H ₂	0%	0%	1%	2%	0.0%	0.0%	5.8%
Gás Natural	18%	23%	26%	21%	2.7%	2.4%	0.2%
Nuclear	2%	7%	5%	4%	8.1%	0.8%	-0.4%
Hidroelétrica	7%	7%	6%	5%	2.4%	1.3%	-0.3%
▲ Biocombustíveis	0%	0%	1%	6%	0.0%	10.2%	10.1%
Outros Renováveis	0%	1%	8%	22%	8.7%	11.2%	5.5%

Competitividade e sustentabilidade

Não é só entregar, mas abastecer com determinado grau de qualidade, levando em conta

o uso sustentável dos biomas brasileiros, ou seja, uma ocupação melhor desses biomas, de forma que garantam o excedente necessário de produção para o processo de exportação. Como pano de fundo, o desenvolvimento das ciências, contribuindo no avanço da fronteira do conhecimento, torna-se indispensável para promoção da inovação, trazendo elementos de agregação de valor a este processo de entrega.

QUADRO 6



De importador a exportador

Quando fazemos um retrato da situação atual do Brasil, vemos que conseguimos vencer a crise de abastecimento de alimentos, que enfrentamos na década de 1970, em que se corria o risco de faltar farinha, como o quadro a seguir ilustra. Isso se deu por meio uma estratégia que associou conhecimento e mercado, permitindo que aquele cenário fosse invertido. Saímos do papel de importador, para agora termos condição de abastecer nossa própria população, como também ter condição de atender mercados internacionais.

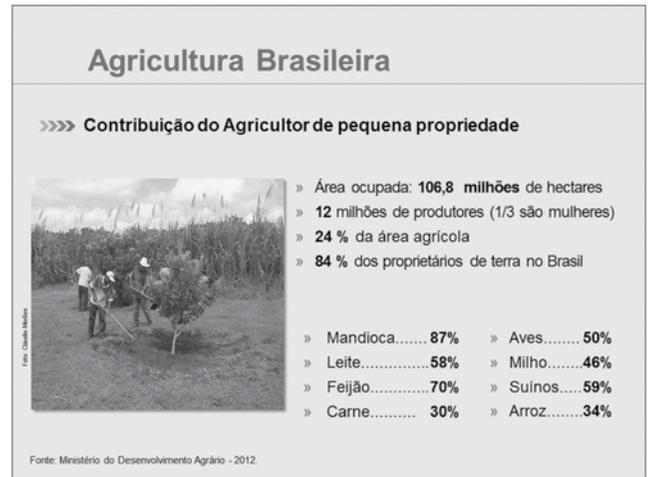
QUADRO 7



Pequeno agricultor

Hoje a pequena propriedade ocupa uma área da ordem de 106,8 milhões de hectares. São 12 milhões de produtores envolvidos (1/3 desses produtores são mulheres). Representam 24% da área agrícola, e 84% dos proprietários de terra no Brasil. Certamente, a origem dos principais produtos que tem abastecido a mesa no nosso dia a dia.

QUADRO 8



Cadeia de valor

Quando nós falamos de cadeia de valor há de se considerar não somente o puro olhar ao processo produtivo, mas uma visão de cadeia onde todos os elos são significativamente importantes. Então, há que se considerar estratégias que possam olhar esses elos dessas cadeias. Por exemplo, hoje nós nos deparamos com a questão do código florestal, que nos obriga a traçar estratégias de manejo dos recursos naturais (solo, água) e clima.

Para organizar essa cadeia, é necessário olharmos duas questões: poupa-terra e poupa-trabalho, descritas no quadro a seguir. A primeira refere-se ao lado de dentro da porteira, como costuma-se dizer, isto é, a questão dos insumos para produção, qualidade de sementes, fertilizantes, uso adequado de agrotóxicos. A segunda, de poupa-trabalho, atenta para a necessidade maior de automação no campo.

Grande parte da população hoje está vivendo no ambiente urbano. Então, temos que considerar novas reflexões de como será desenvolvido esse processo de produção, envolvendo

a própria técnica, inteligência instrumental e melhor preparo do capital humano envolvido.

Também devemos considerar a oportunidade para agroindústria de uma forma mais estruturada e as questões ligadas à infraestrutura e logística. Pois, quando falamos em impactos nas cadeias de valor, temos que ter uma visão mais sistêmica do conjunto, para que os resultados sejam melhores alcançados.

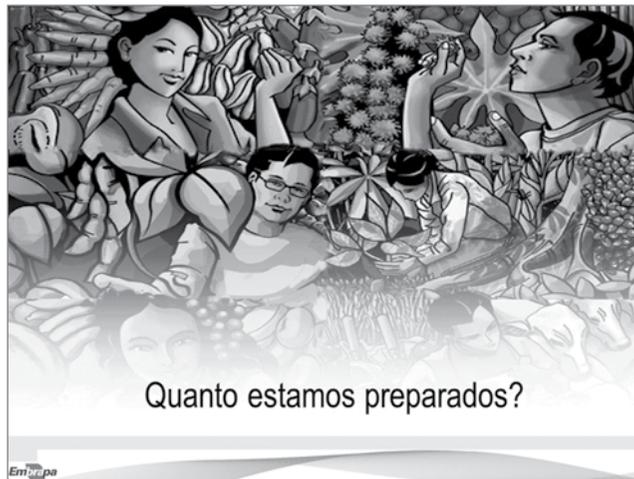
QUADRO 9



Nova visão

A visão agora tem de vir de uma maneira sistêmica onde qualidade, sanidade, rastreabilidade, funcionalidade dos alimentos, conveniência, inocuidade, especialidade e segurança são pontos fundamentais para garantir mercados. Será que estamos preparados para esse atendimento? O que precisamos fazer? Como é que precisamos refletir essa nova estratégia?

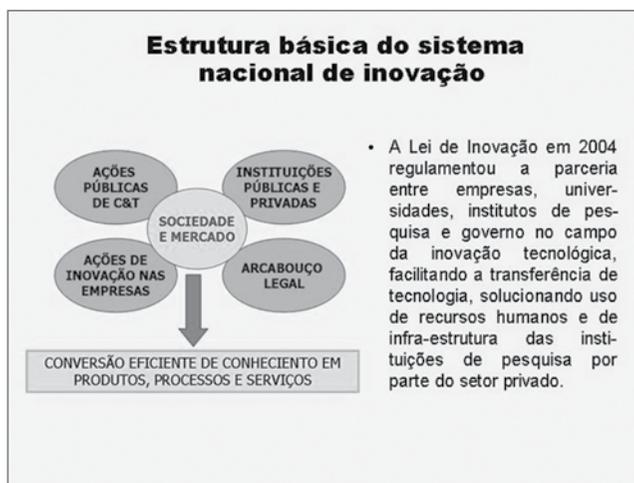
QUADRO 10 E QUADRO 11



Lei da inovação

O Brasil hoje trabalha a própria questão da lei da inovação. Quer dizer, além da inovação, ela olha numa visão de sociedade e mercado, trazendo a possibilidade legal da conectividade das instituições. E quando se fala em instituições, podemos olhar para quatro grandes setores da sociedade: setor de governo, setor produtivo (setor privado e academia) e o terceiro setor, que é uma força presente e importante na nova sociedade. A lei, além da inovação, traz elementos que viabilizam o arcabouço legal, para que essas conexões possam acontecer de forma oficial e estruturada. Valorizando e reforçando as instituições, buscando elementos que possam levar uma conversão eficiente de conhecimento em produtos, processos e serviços.

QUADRO 12



Convergência

Devemos buscar maior convergência do uso da ciência e isso integrado como vetor de desenvolvimento de uma sociedade, olhar as intero-

perabilidades, onde nós temos conhecimento, trabalhar com o uso sustentável dos recursos naturais, com inteligência territorial e social.

QUADRO 13



Certamente, olhamos isso sempre dentro do universo público, mas deve-se considerar a possibilidade dessas conexões com o ambiente privado, de tal forma que vamos para um ambiente do cliente que vai receber aquelas entregas. Podemos ver o governo associado às empresas privadas, por meio de parcerias públicas e privadas. Como também, podemos ter parcerias público e público, privado e privado. Podemos trabalhar essas modalidades de uma forma mais global, através do conhecimento, da informação, e da conectividade. O próprio processo de construção ancorado numa nova realidade, numa nova estratégia.

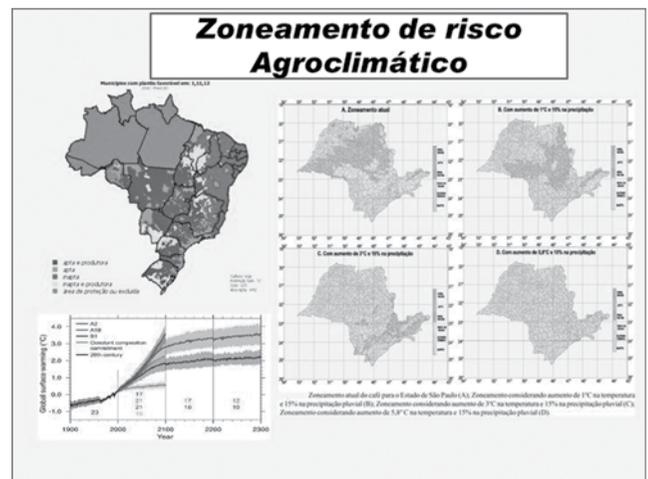
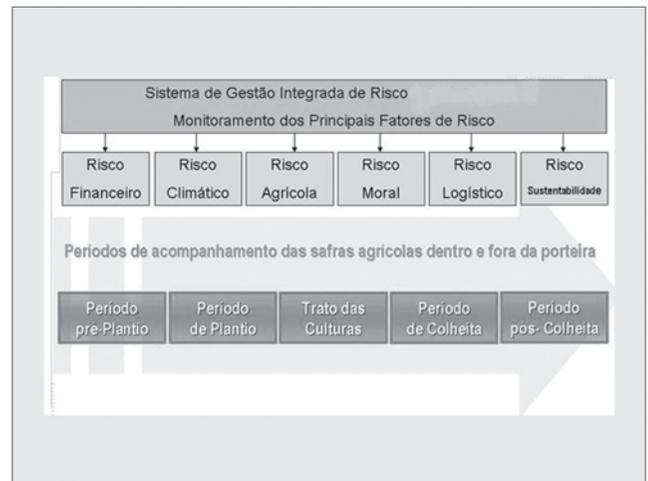
QUADRO 14



Gestão integrada

Nos quadros a seguir, falamos de gestão integrada de riscos, que engloba fatores de riscos financeiro, climático, agrícola, moral, logístico, e de sustentabilidade. O desafio é trabalhar com essas diferentes grandezas e construir uma figura de risco para que se possa olhar o processo não de forma compartimentada, mas como um processo sistêmico.

QUADRO 15 / QUADRO 16



Olhar global

O processo de decisão prescinde de sistematização de informações. Uso de tecnologias modernas, que possam olhar não somente um local regional, como também global. Isto é, se um comprador deseja uma segurança daquela entrega, por meio de elementos e pelas conec-

tividades estabelecidas, ele pode acompanhar esse processo de forma inteira. Não somente aquilo que está acontecendo no local, mas de forma global.

QUADRO 17 E QUADRO 18



Considerações finais

Precisamos colocar maior atenção aos arranjos e às alianças estratégicas envolvendo empresas e instituições públicas e privadas de pesquisa, desenvolvimento e inovação, incluindo novas modalidades de gestão financeira, gestão ambiental e gestão social de projetos, bem como maior preocupação com propriedade intelectual. Porque o que se entrega não é só produto, mas resultados do conhecimento.

Devemos considerar que o Brasil tem muitos ativos a serem considerados nesse particular

É NECESSÁRIO DAR MAIOR ATENÇÃO À INCORPORAÇÃO DE INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E TECNOLOGIAS AO AGRONEGÓCIO.

processo de propriedade intelectual. É necessário dar maior atenção à incorporação de informação, conhecimento e tecnologias ao agronegócio. Isso é um ponto muito relevante, dada a sua importância, já que 37% dos empregos vêm desse setor no Brasil, sendo o principal responsável pelo balanço de exportação. Tem um papel não só do processo da dimensão econômica, mas também social e ambiental.

Devemos dar maior atenção para a articulação de redes de rede, isto é, redes e redes da cadeia de agregação de valor. Estamos falando de redes que se comunicam e que se intercalam, para que a efetividade seja olhada não de forma distante, mas num processo como um todo. Redes baseadas em excelência no monitoramento e controle de contaminantes, para garantir a continuidade do processo de entrega e a qualidade de vida das pessoas que vão receber esses produtos.

Necessitamos promover o protagonismo do Brasil para a indução de políticas públicas globalmente compactuadas. Esse é outro ponto que nós consideramos muito relevante, porque aqui não é possível separar o processo da questão social, pois ele acontece exatamente na sociedade. Então devemos considerar as políticas públicas, para que isso realmente seja feito não só dentro seriedade que merece, mas com sucesso.

Por fim, a grande questão de fundo é qual o futuro que nós queremos de fato encontrar. Não podemos cruzar os braços e esperar que ele aconteça. Podemos planejar o futuro que nós queremos e desenvolver as condições ideais para construí-lo. E, com certeza, lembrando aqueles alicerces do início do texto, estamos falando em acessibilidade e entrega, inteligência e governança, conhecimento e conectividade.

PROPRIEDADE INTELECTUAL PARA AGREGAÇÃO DE VALOR

JORGE ÁVILA, presidente do INPI

Estou há muito tempo no INPI e é impressionante a mudança que observamos na atenção a propriedade intelectual e o interesse pelo tema no Brasil. Como isso avançou rápido. Em 2006, acho que ninguém na agricultura brasileira entenderia a propriedade intelectual como um assunto relevante.

Mesmo quando se pensava na diferenciação, se pensava em tecnologia, de uma maneira muito dissociada da ideia de marcas, patentes, desenhos industriais. E quanto a indicações geográficas, possivelmente, as pessoas pensavam que era uma coisa só de francês, para proteger nome de vinho. E isso mudou muito.

No sentido de mudar essa percepção, trabalhamos com a CNI e com o Senai, há mais de cinco anos. A CNI fez um trabalho bastante importante de divulgação dos instrumentos pré-intelectuais. Nós criamos uma academia, que tem formado pessoas e feito palestras pelo país todo, chamando a atenção para a importância de se desenvolver no Brasil a capacidade de usar estrategicamente o sistema internacional de propriedade intelectual. O sistema nacional, o sistema brasileiro e o sistema internacional.

No agronegócio, pouco a pouco vamos descobrindo que há inúmeras maneiras de gerar valor, de agregar valor por meio da propriedade intelectual. Todo o segmento de indústrias de suporte, ao agronegócio evidentemente, é dependente de um desenvolvimento tecnológico permanente na área de defensivos, de medicamentos veterinários, enfim, a toda uma área de tecnologia que depende de um sistema de patente para poder se desenvolver. A percepção disso vem crescendo no país.



Debora 70

Reconhecimento

Às vezes pensamos que a marca, desenho, patente, ou indicações gráficas são atributos bons apenas para os produtores, apenas para o lado vendedor, e esquecemos que para o lado do consumidor essas coisas têm uma importância muito grande, pois geram reconhecimento.

A lei brasileira nesse sentido foi muito sábia. A indicação geográfica no Brasil é concedida para qualquer associação de produtores, em qualquer lugar do mundo. Não é um objeto de negociação. É um direito, como é um direito de marca. Porque é um direito não só do produtor de ter o seu produto associado à região aonde ele foi produzido, mas também do consumidor de saber de onde aquele produto vem.

Biotecnologia

O sistema de propriedade intelectual no Brasil vem avançando muito. Acho que eles tem um marco legal bastante moderno, o que não quer dizer que ele não possa e não deva ser aperfeiçoado. Sabemos que na área da biologia em

particular há ainda deficiências sérias no sistema brasileiro de proteção patentária. Há vários projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional, que visam aperfeiçoar a proteção patentária na biotecnologia. Aliás, imaginamos sempre que a biotecnologia está relacionada apenas com o mercado de saúde humana, e esquecemos o agronegócio, a saúde animal e vegetal. E esses esquemas todos estão imbricados na discussão sobre biotecnologia, que hoje se trava no Congresso Nacional.

Acordo com a SNA

Temos a satisfação de assinar um acordo de cooperação técnica com a SNA, que vai na mesma direção do acordo que temos com a CNI, para difundir entre as pequenas empresas e as médias empresas, a importância de proteger seus ativos intelectuais no Brasil e no mundo. Esperamos fazer o mesmo no setor agropecuário com a ajuda da SNA, dando visibilidade ao sistema, ao mostrar para os produtores de qualquer porte, que eles podem gerar valor por meio da propriedade intelectual.

Vantagens para os pequenos

Aliás, no Brasil, há, às vezes, muito preconceito com relação à propriedade intelectual e ideias pré-concebidas de maneira enviesada. Uma dessas ideias pré-concebidas que é equivocada associa a propriedade intelectual apenas as grandes empresas e aos grandes produtores. Como se só eles pudessem se beneficiar desse tipo de proteção. Na verdade, é o oposto. Se pensarmos no agronegócio, quem pode e entende de commodity são apenas os grandes produtores. Se existe alguma chance dos pequenos produtores, essa chance está na diferenciação dos estabelecimentos de marcas, na proteção de indicações geográficas, na determinação dos atributos peculiares e na proteção desses atributos peculiares frente ao consumidor.

Estratégia de divulgação

É preciso mostrar essa vantagem. Um parceiro fundamental para isso, além do MAPA e da Embrapa, é o MDA. O MDA organiza uma feira periodicamente de produtos tradicionais brasileiros. Nesta feira é possível o quanto a gen-

te tem para proteger. São produtos típicos de várias regiões do Brasil. Foi a partir da visita que eu fiz a uma dessas feiras organizadas pelo MDA, que o INPI estabeleceu uma estratégia de disseminação das leis no Brasil.

No nosso acordo promoveremos essa disseminação que deverá seguir alguns eixos. São eles: o eixo do Rio Amazonas, o eixo do Rio São Francisco, a costa nordestina, a Serra Gaúcha, e o roteiro da Estrada Real, na região sudeste. Há ainda o Pampa Gaúcho e o Pantanal, áreas onde temos certeza de que há um manancial enorme de possibilidades de identificação e proteção de indicações geográficas.

O nosso acordo tem o objetivo não apenas de disseminar o uso, mas também de ajudar as associações de produtores que tiverem indicações geográficas e outras formas coletivas de diferenciação. Trabalharemos não só com indicação geográfica, mas também com marcas coletivas e marcas de certificação. Que são outras formas coletivas, associativas de geração de propriedade intelectual. Esperamos, além de promover o devido registro, proteção no Brasil e no mundo, ajudar a promover e tornar isso conhecido dos consumidores.

Diversas regiões do Brasil despertam um interesse crescente no mundo. Acredito que temos um caminho pela frente de muito sucesso. Além de muito prazeroso, é um trabalho muito bonito de fazer, porque você lida com os rincões do nosso país, encontra comunidades interessantíssimas.

Capim dourado

Tive a oportunidade de fazer um trabalho com os produtores de artesanato de capim dourado da região do Jalapão. O capim dourado é uma espécie muito peculiar de capim. Nasce somente naquela região. E as comunidades de produtores são impressionantes, inclusive o fato que o artesanato começou a ser feito pelas mulheres e os homens continuavam na agricultura, porém quando nós fomos, vimos que agora as mulheres são gestoras do negócio do capim, fazendo as relações institucionais, comercialização e contatos políticos, enquanto os homens foram deslocados da agricultura para fazer o artesanato.

AGREGAR VALOR SIGNIFICA DESONERAR PRODUÇÃO

ALYSSON PAOLINELLI, ex-ministro da Agricultura e atual presidente da Abimilho

O Brasil tem aproveitado de forma bastante inteligente a possibilidade de aumentar a sua produção. Estamos vendo que as nossas possibilidades continuam a crescer. O agronegócio hoje tem limitações no mundo, a região temperada está esgotando sua capacidade de expansão por falta de área. Os países produtores dessa região começam a dar demonstração de que estão com produção limitada. E eu tenho impressão que aquela visita que o Barack Obama fez ao Brasil, em 2011, foi muito significativa.

Quem tem alguma experiência com visita de presidente norte-americano a países subdesenvolvidos, especialmente ao Brasil, sabe que essas visitas são sempre recheadas de favores, de concessões, de empréstimos e mais alguma coisa. Barack Obama veio ao Brasil com um propósito completamente diferente. Veio, não para trazer nenhum favor ou concessão, veio para pedir ao Brasil.

O discurso de Obama

Obama lembrou que desenvolvemos a tecnologia de uma agricultura tropical que está demonstrando ser mais eficiente e mais sustentável do que a do hemisfério temperado. Transformamos áreas altamente degradadas, como o caso do cerrado, em áreas altamente produtivas e competitivas. Ele foi muito enfático dizendo que o Brasil tinha se transformado na grande alternativa na produção de alimentos, como também tinha oferecido ao mundo a solução para a produção de bioenergia, segundo ele a mais racional, e que o mundo precisava. Terminou o discurso dele de forma muito enfática, ao falar que precisávamos ajudar nossos vizinhos, se referindo a América Latina. Usou uma expressão que

Debora 70



“AS INDÚSTRIAS DO PAÍS ESTÃO SE MUDANDO PARA A ARGENTINA E OUTROS PAÍSES, PORQUE O TRIBUTOS BRASILEIRO NÃO É CONVENIENTE PARA FAZER NEM A MOAGEM DA SOJA AQUI”

o presidente Lula sempre usa: “Vocês precisam ajudar os seus irmãos da África”. Encerrou o discurso.

Não estou entendendo. Até agora o Brasil não “puxou da manga” nenhum As, para dar o troco nele. Trata-se do homem que tem as chaves dos maiores portos do mundo. Ele tem a chave do tesouro americano, do Banco Mundial, do BID, da ONU, etc. E se ele vem fazer um pedido desse é evidente que ele sabia que o Brasil sozinho não é capaz de exercer por conta e risco próprio esse papel que ele pediu a nós. Isso preocupa sim. E acho que nós precisamos pensar um pouco mais.

Calças curtas

Primeiro, o Brasil tem crescido, mas a custos dolorosos na sua produção. Como pode o Brasil ser pego de calças curtas? Uma produção mais do que prevista, não tendo sequer armazéns. Sem mencionar a infraestrutura viária. Por coincidência, o Brasil é um dos poucos países do mundo que é capaz de plantar uma safra e preparar o armazenamento para aquela mesma safra e terminar junto com a colheita. Nós temos empresas no armazenamento metálico, no inflável, e em tantos outros que resolveriam o tipo de problema. Isso dá uma demonstração de completa desorientação do país. A safra de 2012 ficou estocada no Mato Grosso em uma montanha de milho, cujo mercado foi muito característico.

Tragédia anunciada

Estva a caminho uma frente fria da Argentina. Os compradores corriam para comprar. Se essa frente se desviava para o mar, não aparecia um comprador para fechar negócio. No dia que surgia a segunda frente, todos chegavam para tentar comprar. Como? Na bacia das almas. Ou vende-se a safra ou perde-se, porque ela vai molhar. Isso aconteceu também em 2013. O que houve na safra de 2012, foi sorte nossa, que a soja não foi bem também nos Estados Unidos. Ela subiu demais de preço e eles vieram aqui e compraram rapidamente a nossa, que se escoou mais rápido do que o previsto, e acabou sobrando um pouco mais de armazém para o milho.

Esse ano, por exemplo, os Estados Unidos estão com uma belíssima safra de milho. O preço está sustentando. O preço internacio-

nal não caiu. Nós temos programas de preço no Brasil. Especialmente pela falta de infraestrutura, armazenamento, estradas, hidrovias, ferrovias. E continua tudo do mesmo jeito. Fala-se de agregação de valor, mas no atual cenário, acredito que a primeira grande preocupação que nós temos que ter é não perder valor.

Nossa tributação é de 66,6%. Não vimos nem um ato, nenhum fato, nenhum decreto. O produtor do Mato Grosso está vendendo o milho a R\$10 e gasta R\$20 para por esse milho no navio. Façam a conta que é exatamente 66,6% de tributo. É o chamado tributo indireto. Eu acho que esse é um tipo de análise, que nós temos que fazer junto as grandes lideranças. Porque isso significa falta de planejamento estratégico, que tem que ser imediatamente recomposto no Brasil. Temos que buscar as causas.

Particpei de um governo que chegou a gastar 3% por ano do PIB em investimento em ciência e tecnologia. Permitiu-se que se fizesse a Embrapa. Que desse a ela condições excepcionais. Em um ano, criamos 16 centros nacionais, que são exemplares. Investimos nas universidades, em treinamento de pessoal.

Corte de recursos

Quando um órgão é desorganizado você pode fazer o corte que quiser, porque ele já não faz nada mesmo, não tem problema. Agora a Embrapa não. A Embrapa tem uma programação que funciona. A resolução tomada pelo governo no meio de setembro a partir de agosto é um sinal que o governo reconhece que não tem nenhum planejamento. Porque poderia fazer um corte em agosto a partir de setembro. Mas setembro a partir de agosto é uma confissão de um total desequilíbrio. Não defendo que se deva investir 3% do PIB, pode ser que nem tenha condições disso, mas 1,6% acho que é perfeitamente viável. Porque se exerceu em 2006/2007.

Infraestrutura

O Brasil na década de 1970 até 1986 investiu pesado em infraestrutura. Rodovias, ferrovias. Algumas até não foram concluídas, como a do aço. Mas se gastou. Hoje os recursos de construção são de 0,8% do PIB. Não dá nem para manter a malha rodoferroviária que feita na-

queles anos. Estou querendo chamar a atenção para esses fatos que são cruéis.

A hidrovía do Araguaia Tocantins, por exemplo, faria ao Brasil, hoje, o mesmo efeito que o Mississipi fez para os Estados Unidos em 1930, durante o boom da agricultura americana. O Mississipi tem 104 eclusas, todas elas muito velhas. E o governo americano está gastando rios de dinheiro, tanto, que resolveu fazer outra ferrovia mais ao lado e mais uma grande estrada. Enquanto isso, nós aqui ficamos 13 anos com um emperramento na justiça de um promotor. 13 anos parados. Passaram-se dois governos e nós não pudemos mexer no Araguaia Tocantins.

Desoneração

Fico muito preocupado quando a gente vem estabelecer um debate sobre incorporação de valores nos nossos produtos. Nós temos primeiro desonerar os nossos produtos. As indústrias do país estão se mudando para a Argentina e outros países, porque o tributo brasileiro não é conveniente para fazer nem a moagem da soja aqui. Se nós continuarmos assim, não vejo muita razão ou forma de nós conseguirmos fazer incorporação de valores em produtos no Brasil. A mentalidade não é favorável. Os herméticos economistas querem saber de arrecadação. Os tributos aumentam a cada dia, para isso acham qualquer solução. Mas quando é para igualar ou fazer qualquer outra redução eles não conseguem.

Eu gostaria muito de aparecer aqui com várias soluções para esse problema de valoração do produto nacional. O caminho mais racional é desintoxicar dessa sanha arrecadatória que tem o país hoje com 36% de tributo sobre produto bruto. Essa é a nossa principal tarefa.

Eu tenho tentando finalizar o plano do milho, propondo que, nesses próximos anos,

aumente-se no mínimo 20 milhões de toneladas das 100 milhões de toneladas de milho no Brasil. Acho que é possível. O mercado é demandador. Mas estou muito preocupado porque, com os níveis de tributos e omissões, os chamados tributos indiretos, pode acontecer o inverso. O mercado internacional que está absolutamente aberto.

A FAO, ao calcular as projeções de demanda, estabeleceu um crescimento médio para o mundo em torno de 2,5%. Estou preocupado por uma razão muito simples. Países como a China, a Índia, estão muito acima disso. E agora, a África, que é consumidora de milho na alimentação básica, está crescendo numa média de 8%. Então, a demanda não está bem projetada. Ela é muito maior do que apresentam.

Perder mercado por omissão é erro

Eu sempre falo que o ideal para nós produtores de milho no Brasil é exportar uma espiga de milho que tivesse uma crista, duas coxas e um peito bem saliente. Ou então, duas orelhas, um focinho, um rabicó e quatro belos pernis. Esse é o milho ideal. Mas gente até chegar nesse milho ideal, nós temos muito que ralar. Porque senão vamos perder o mercado por omissão. E perder mercado por omissão é erro. Temos urgentemente que pensar nisso. Eu parabeno a proposta de discutir os problemas relativos à incorporação dos valores aos nossos produtos. O exemplo do café está aí. Alemanha que não produz um grão de café exporta três vezes mais do que o Brasil em volume de dinheiro. O nosso cacau também. A madeira também. Precisamos ter as nossas instituições, a nossa tradicional Sociedade Nacional de Agricultura, a nossa Abag e todas as outras cobrando seriedade nas políticas públicas.

AGRONEGÓCIO DO SÉCULO XXI: OPORTUNIDADES E DESAFIOS

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO, presidente da Abag



O século XX foi caracterizado por ser um século de oferta. Quer dizer, tivemos uma oferta muito grande de alimentos, a tal ponto que os preços dos alimentos em média caíram em termos reais praticamente 50%, para ser mais exato 48,5%. Não fosse a competência do agronegócio brasileiro, com ganhos de produtividade, certamente nós não teríamos suportado a pressão dos excedentes que tivemos o tempo todo. O século XXI se caracterizará, ao que tudo indica, por ser um século de demanda. Estamos vivendo uma realidade diferenciada em relação ao século anterior. Temos uma demanda correndo na frente da oferta, é uma mudança importante.

QUADRO 1



Redução dos estoques

Alguns elementos fundamentais caracterizam isso: a dinâmica demográfica que muda o jogo à medida que o processo de urbanização se acelera de uma forma extraordinária. Principalmente na Ásia, onde ocorre o aumento de população, e a transformação da renda; a desvalorização do dólar; e a questão da mudança da visão de estoques, isto é, o governo não mais atuando na formação de estoques como antes, e, principalmente, o setor privado criando as condições de estoques. Com isso, os estoques estão reduzindo sua capacidade de pressão sobre o valor da matéria-prima. Há uma tendência de preços voláteis melhores do que se via no século XX. Uma demanda forte, que leva parte dos estoques e causa uma recuperação nos preços das commodities. Por outro lado, começamos a sentir problemas de choques de oferta.

Mudança de cenário

O que aconteceu nos últimos 20 anos é algo espetacular. É o que eu mostro no quadro seguinte.

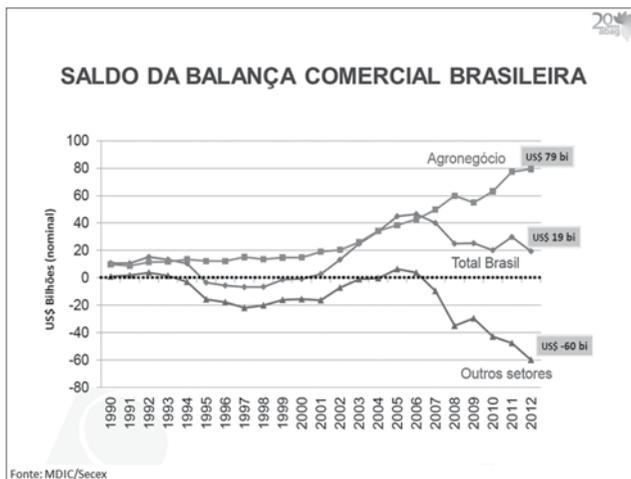
Em 1990, o Brasil era um dos países importadores e a China ainda lutava para continuar a ser exportador de commodities agrícolas. Vinte anos depois, o mundo muda radicalmente. Aparece uma grande liderança do ponto de vista de oferta. E um tremendo importador que mudou o jogo radicalmente. Do lado da oferta, a presença do Brasil. E do lado da demanda, a presença da China. Isso, obviamente, colocou as coisas todas de cabeça para baixo. O que coloca-nos a obrigação de ter um planejamento de política pública.

QUADRO 2



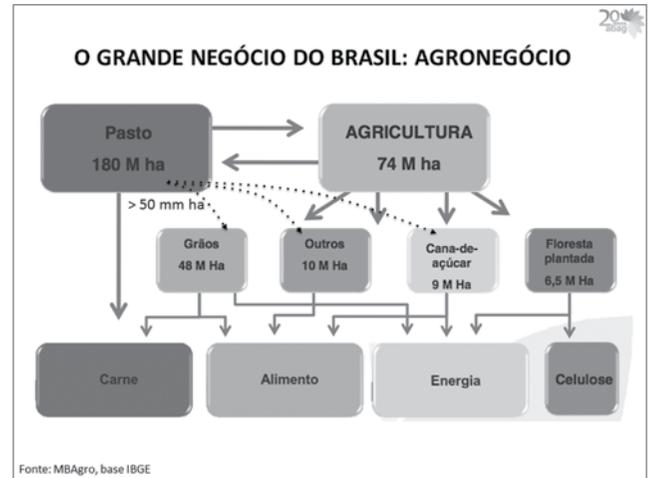
A agricultura brasileira ocupa dois papéis fundamentais atualmente. O de grande exportador, no qual devemos aumentar a oferta e fornecer segurança alimentar ao mundo, e o de principal responsável pela balança comercial, considerando que os outros setores têm mostrado resultados negativos. Ainda assim, o agronegócio é cobrado por um nível de impostos tributários de uma forma inacreditável.

QUADRO 3



Sendo assim, o grande negócio do Brasil é, de fato, o agronegócio. Isso é indiscutível. No entanto, nós temos um agronegócio que é cuidado por pelo menos dez ministérios, que nem sempre pensam da mesma forma, pelo contrário, raciocinam de formas diferentes, rezam cartilhas diferentes e com religiões diferentes.

QUADRO 4



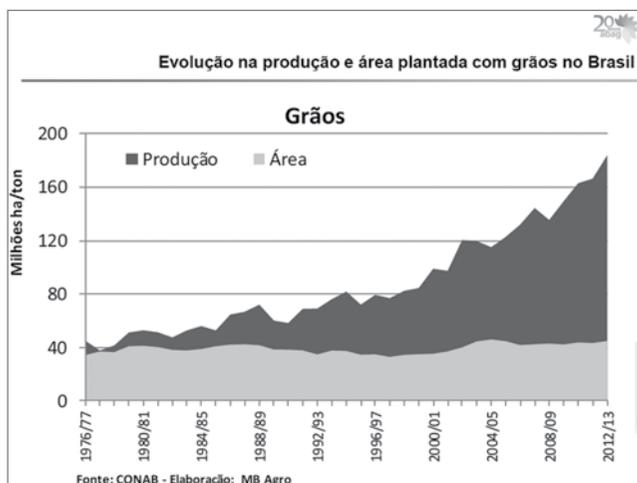
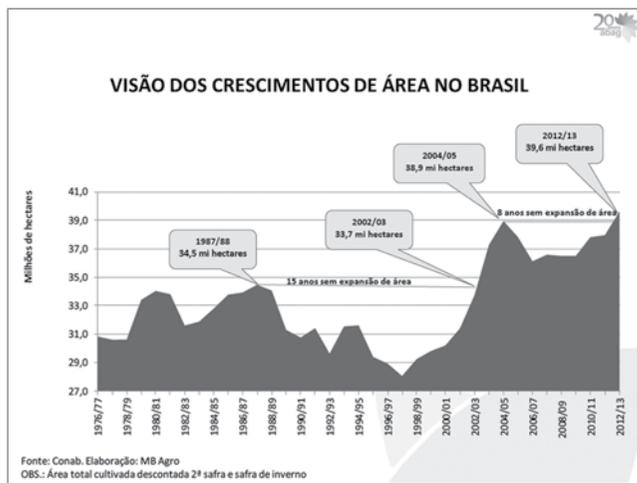
Produtividade

Desde 1976/1977, se olharmos o crescimento de agro brasileiro, nos quadros a seguir, vemos que não se confirma aquela visão que o Brasil cresce constantemente a sua área plantada, que é a imagem que se tem lá fora, desmatando a Amazônia, acabando com o Pantanal. O

“O SÉCULO XX FOI CARACTERIZADO POR SER UM SÉCULO DE OFERTA. O SÉCULO XXI SE CARACTERIZARÁ, AO QUE TUDO INDICA, POR SER UM SÉCULO DE DEMANDA.”

Brasil tem crescido mesmo é a produtividade de uma forma extraordinária. Chegamos a passar, por exemplo, 15 anos sem expansão nenhuma de área, seguida de uma pequena expansão e depois mais oito anos estáveis, sem crescimento de área plantada. Ainda assim, o crescimento da produção é extraordinário. Produção, essa, feita sem armazém, sem logística, sem infraestrutura.

QUADRO 5 E QUADRO 6



Daqui a 10 anos

Sentimos que nos próximos dez anos, a área tende a crescer um pouco, mas num ritmo muito menor do que nós vimos até agora, e a produtividade deve crescer também. As economias norte-americana e europeia vêm reagindo de forma importante. Os preços agrícolas tenderão a ser voláteis, talvez melhores do que daquilo que vimos no século XX.

Precisamos estar atentos ao tamanho dos fundos, como irão se comportar. Porque os fundos,

às vezes, distorcem muito a base de fundamentos mais técnicos e mudam o jogo de repente. Por exemplo, em uma não em que se esperam excedentes e preços baixos os fundos saem comprando, e mesmo com estoque os preços sobem.

Devemos considerar também o papel da biotecnologia e o potencial que isso tem, assim como nanotecnologia. A questão de logística, que em termos de planejamento existe, porém, em termos de execução nada se vê.

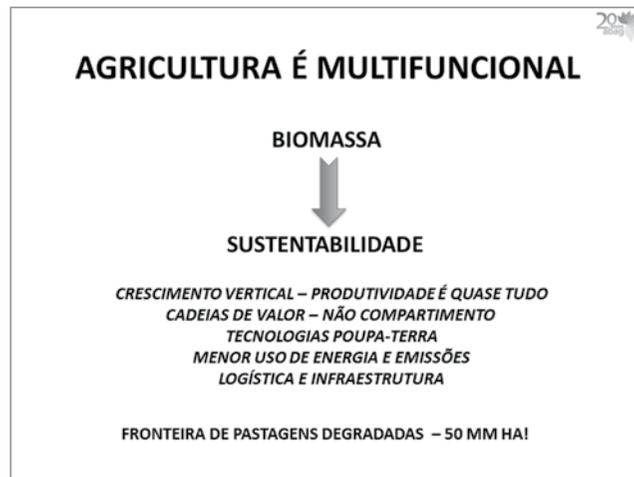
QUADRO 7

AGRONEGÓCIO
PRÓXIMOS 10 ANOS:
+ Área (mesmo com ritmo menor)
+ Produtividade

- ❖ Recuperação da Economia Norte-Americana (US\$ ganha força contra os demais) (Taxa de juros volta aos patamares históricos) (Fundos Especulativos com menor posição?)
- ❖ Preços Agrícolas Voláteis, Melhores que Séc. XX (Fundos, Ásia)
- ❖ Tecnologia em Evolução (Biotecnologia)
- ❖ Logística (Acesso)

A visão da agricultura que muda do século XXI está relacionada à agricultura para biomassa, isto é, tudo aquilo que se produz, não só o grão, não só a sacarose, não só o amido, mas a biomassa como um todo de forma sustentável. O crescimento vertical da produtividade é fundamental. Promoção da cadeia de valor, tecnologias poupa-terra, para ganharmos em ciência e redução de custos, menor uso de energia e emissões de carbono.

QUADRO 8

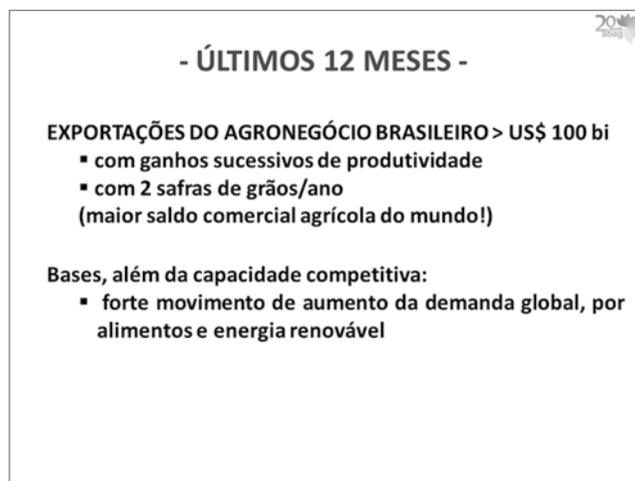


“O CRESCIMENTO VERTICAL DA PRODUTIVIDADE É FUNDAMENTAL. PROMOÇÃO DA CADEIA DE VALOR, TECNOLOGIAS POUPA-TERRA, PARA GANHARMOS EM CIÊNCIA E REDUÇÃO DE CUSTOS, MENOR USO DE ENERGIA E EMISSÕES DE CARBONO.”

Liderança brasileira

É interessante examinar no quadro abaixo que, nos últimos doze meses, as exportações do agronegócio ultrapassaram US\$100 bilhões. Com ganhos sucessivos de produtividade. Com duas safras de grãos por ano. É o maior saldo comercial agrícola do mundo. Já temos, de fato, uma liderança disparada. Há estudos que avaliam o crescimento da demanda e esperam algo em torno de 3,5% ao ano. São dados relevantes para olharmos.

QUADRO 9

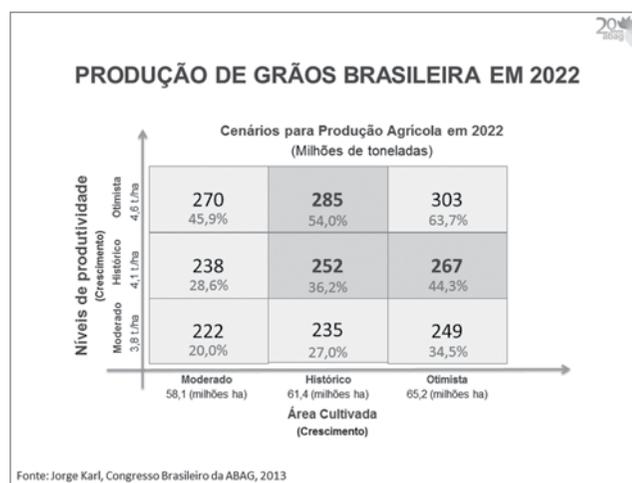


O ex-ministro, Delfim Neto, afirmou que a agroindústria, que representa 1/4 do PIB brasileiro, é um setor altamente eficiente e sofisticado, mas muito prejudicado por falta de estrutura, de transportes, de portos, por falta de armazenagem e por falta de uma política de seguro de safra. Em uma frase o nosso pesadelo. Mas de alguma forma, enxergou a sofisticação que poucos conseguem captar quando olham para um grão de soja e não atentam para tecnologia implícita que tem aquele grãozinho.

No quadro a seguir, estudos apontam que, em dez anos, podemos produzir 220 milhões de to-

neladas, numa visão moderada, e numa visão otimista, 303 milhões de toneladas. Se continuarmos com a falta de política pública, ficamos com 220. Mas, perder o potencial de 303 por incompetência ou por ideologia é uma coisa realmente inaceitável.

QUADRO 10



Resistência

O quem mais chama a atenção no próximo quadro é o nível de volatilidade que tem o agronegócio e a resiliência do Brasil nesse setor. Passamos pela conquista das fronteiras, enfrentamos nossos limites, limites de fisiologia, ou seja, a capacidade da planta de receber sol. Transformamos isso em biomassa ou em grãos. Passamos pelos problemas de economia. Planos de todos os tipos. Recaídas. Trabalhamos custos e gestão. E estamos, do ponto de vista privado e familiar, lidando com governança, de tal forma, que a gente começa melhorar muito o mundo privado. A produtividade aumentando, mas sempre estamos receosos com o que vai acontecer devido à intervenção de estado, que vem aumentando cada vez mais sua presença na economia.

QUADRO 11



As terras indígenas representam 14,2% do território. Unidades de conservação, outros 14%. Se somarmos as áreas urbanas, sobram para agricultura apenas 30%, o que revela um nível de desequilíbrio.

QUADRO 12

ÁREA TOTAL DO BRASIL E ESTIMATIVA DE ÁREAS

ÁREA	KM²	% DO BRASIL
TERRAS INDÍGENAS	1.209.897	14,2
UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	1.195.548	14,0
ÁREAS URBANAS	144.752	1,7
AGRICULTURA	3.337.831	39,2
ÁREA RESTANTE	2.626.849	30,9
ÁREA TOTAL	8.514.877	100,0

Fonte: Evaristo Miranda, 2013

Homem urbano

Um estudo concluiu que a região brasileira que menos entende ou tem um agronegócio é o Sudeste, em especial, entre São Paulo e o Rio de Janeiro. Ou seja, o nosso homem urbano de São Paulo ou do Rio perdeu as suas raízes com a sua origem, que é seguramente do interior. É um fenômeno, que a gente não vê em muitos lugares, mas merece um estudo. Só que aí não é um estudo desse tipo é um estudo sociológico, antropológico, alguma coisa um pouco mais complicada.

Cana-de-açúcar

Em relação ao próximo quadro, a demanda de açúcar em média vai crescer acima de 2,5% ao

ano. Precisamos produzir 15 milhões de toneladas até 2022. Hoje, produzimos 36 toneladas. Isso sem contar o mercado doméstico de etanol que não é atendido por falta de oferta, sendo então substituído pela gasolina, que é importada por um preço maior do que é vendida no mercado interno. Mais um capítulo das coisas do Brasil difíceis de serem entendidas. A expectativa é que a área de produção da cana cresça algo próximo a 19%. Caso haja políticas públicas, se não houver não vai acontecer. E a produtividade deve crescer também 11%, gerando uma oferta, em dez anos, de 30%, para atender esses mercados que eu me referi.

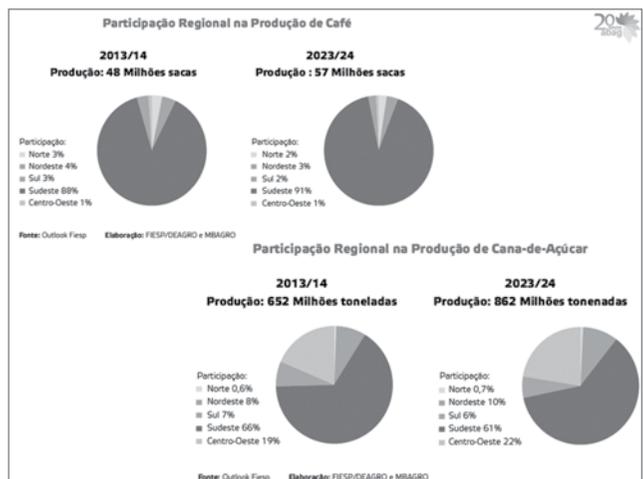
QUADRO 13



Café

Passando rapidamente os produtos principais. Espera-se que em 20 anos, o café cresça 20%, com uma redução de área de 8%. Ou seja, foco em produtividade, redução de custo, capacidade competitiva.

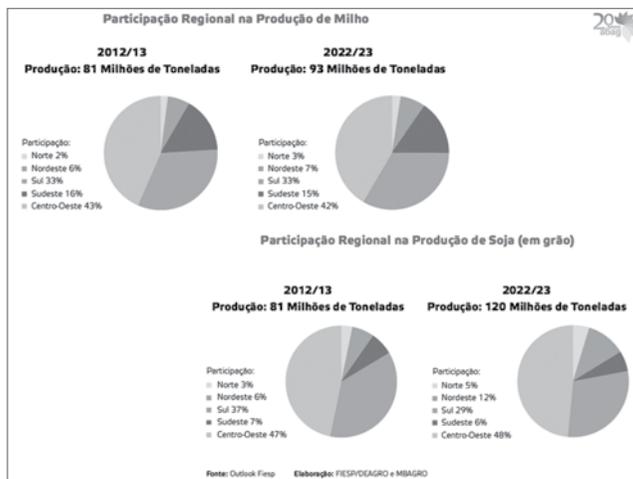
QUADRO 14



Milho e soja

Não sabemos exatamente o que vai acontecer, considerando a pressão dos Estados Unidos em relação aos biocombustíveis. Realmente há uma grande dúvida. Mas caso não se concretize, vamos ter um aumento de oferta de milho de pelo menos 14%. Aumentando a área em 11% e produtividade em 2,5%, com exportação aumentando 20%. Em relação à soja, esperamos aumento expressivo de 47% na oferta, com aumento de produtividade de talvez em 18, 19%. Exportação de grãos aumentando 76%. De farelo, 23% e de óleo, em 18%.

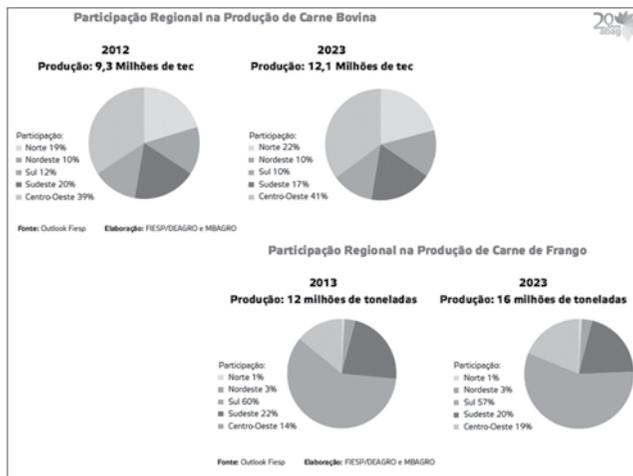
QUADRO 15



Carnes

Frango aumentando a oferta em praticamente 1/4. Exportando 20% a mais. Ovos: 33% mais. Carne bovina com 30% a mais de oferta, aumentando a demanda interna de forma importante também, 25%. Carne suína (quadro 17) crescendo oferta em 3%.

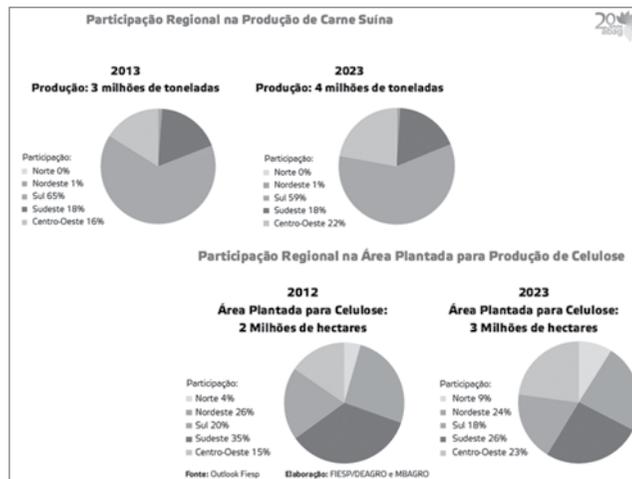
QUADRO 16



Celulose

Temos uma característica no Brasil que é fibra curta, diferentemente dos outros países. Deve-se aumentar 1/3 da oferta de florestas. Um aumento realmente muito expressivo. Aumentando 43% de celulose (quadro abaixo), acompanhado de crescimento das exportações.

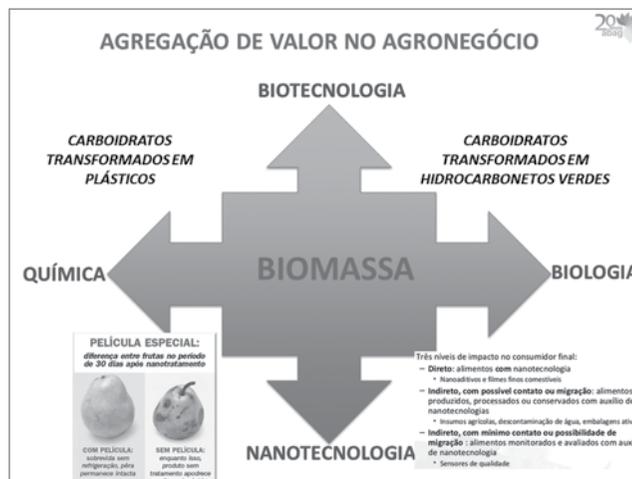
QUADRO 17



Sustentabilidade

Destaque para o programa ABC, agricultura de baixo carbono, para a biomassa, transformação de carboidrato em hidrocarboneto verde, ou carboidratos transformados em plásticos, nanotecnologia. Ou seja, a agregação de valor é possível, mas com o desafio de aplicar isso numa escala agroindustrial.

QUADRO 18



Campeão mundial

Nos próximos quadros, a expectativa geopolítica é que o Brasil, realmente, seja um campeão

de produção de alimentos, fibras, borrachas, madeira, energia, agregando valor aos seus produtos, e destaque pela sustentabilidade da sua produção. No entanto, para isso, o país tem que mudar uma série de coisas. Mudar essa sanha arrecadatória. Olhar a questão da política tributária, que hoje é um absurdo no setor. E buscar acordos bilaterais. O Brasil deve estar preparado para esses acordos Sul e Sul. A sua questão de status sanitário. A logística e infraestrutura. E uma coisa, que é extremamente importante, que é confiança. Sem confiança nós não vamos a lugar nenhum, não tem investimento, nem criatividade ou coragem. E estamos com uma crise de confiança muito grave, muito séria.

QUADRO 19 E QUADRO 20

VISÃO GEOPOLÍTICA - BRASIL	
FATORES DIFERENCIADOS	EXPECTATIVAS
LIMITES FÍSICOS NO MUNDO EXPANSÃO NO MUNDO TROPICAL <i>Demanda de alimentos e energia</i> <i>Oferta de alimentos e energia</i> <i>Crescimento da renda per capita</i> <i>Veloz processo de urbanização</i> BRASIL E EXPANSÃO DEMOCRACIA P&D	CAMPEÃO MUNDIAL NA PRODUÇÃO DE ALIMENTOS, FIBRAS, BORRACHA, MADEIRA, ENERGIA RENOVÁVEL, ETC EXPORTADOR DE COMMODITIES E DE PRODUTOS COM VALOR AGREGADO AGRONEGÓCIO AGREGANDO VALOR FACE BIOTECNOLOGIA, QUÍMICA PRÊMIOS À PRODUÇÃO FACE A SUSTENTABILIDADE DA PRODUÇÃO

- O QUE HÁ A MELHORAR -
<ol style="list-style-type: none"> O país aumentará a sua participação no mercado mundial : MAS <ul style="list-style-type: none"> ➢ Acordos Comerciais ➢ Status Sanitário ➢ Logística e Infraestrutura ➢ Seguro Rural Políticas Públicas <ul style="list-style-type: none"> ➢ Coordenação ➢ Visão do Brasil 2020, 2050! <p style="text-align: center;">CONFIANÇA !!!!!</p>

“SEM CONFIANÇA
NÓS NÃO VAMOS A
LUGAR NENHUM, NÃO
TEM INVESTIMENTO,
NEM CRIATIVIDADE
OU CORAGEM. E
ESTAMOS COM UMA
CRISE DE CONFIANÇA
MUITO GRAVE.”

Políticas

Entendemos que todas as políticas devem estar sempre voltadas para a produtividade. O agronegócio precisa ter um coordenador, um ministro e um ministério fortes. Que olhe as questões ambiental e indígena de forma equilibrada. Que discuta os tributos, as novas tecnologias, os acordos comerciais e sistemas de produção integrada.

QUADRO 21

Políticas Essenciais (Produtividade)
<ul style="list-style-type: none"> ➢ COORDENAÇÃO ➢ LOGÍSTICA E INFRAESTRUTURA ➢ SEGURO RURAL ➢ INSTITUCIONAIS <p>Ambiente/Questão indígena/Risco sanitário/ Terras para estrangeiros</p> <ul style="list-style-type: none"> ➢ TRIBUTOS ➢ REGULAÇÃO E NOVAS TECNOLOGIAS Novas moléculas/Rupturas ➢ ACORDOS COMERCIAIS ➢ SISTEMAS DE PRODUÇÃO INTEGRADA ➢ P&D

SEGURO RURAL: UMA CONDIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO AGRO

LUÍS CARLOS GUEDES PINTO, ex-ministro da Agricultura e atual diretor-geral da MAPFRE Seguros

Débora 70



Estudos procuraram identificar as variáveis responsáveis pelo desenvolvimento da agricultura nacional, e viram que dois terços se deviam a tecnologia.

Incorporar tecnologia significa investimento e capital. Na medida em que você incorpora mais tecnologia, é claro que os seus riscos aumentam. E como agricultor, por razões que todos conhecemos, a agricultura é uma atividade de alto risco, que depende de variáveis que não estão sob nosso controle. Os preços agrícolas oscilam fortemente, como acontece com produtos industriais, porém, nunca vi um automóvel cair para metade do preço, nem nenhum outro produto industrializado, ou qualquer outro serviço.

Riscos

O produtor depende cada vez mais do ambiente externo, da pós-produção. A agricultura está dentro de um sistema, que chamamos de agronegócio. O primeiro quadro mostra quais são essencialmente os riscos que o produtor tem. Durante a produção: seca, geada, enchente, tromba d'água, pragas, todos esses fenômenos da natureza. Riscos inerentes a produção, que o produtor enfrenta. Tem o risco patrimonial: máquinas, equipamentos agrícolas, construções. Riscos de crédito, pois ele tem o compromisso de saldar empréstimos, por exemplo. Risco de cotação, já que preços agrícolas são muito voláteis, sendo um risco permanente, pois sofre o efeito dos fundos, do câmbio.

QUADRO 1

Riscos na produção agropecuária / agronegócio
✓ Produção
✓ Patrimônio
✓ Crédito/Financeiro
✓ Preço/Mercado
✓ Câmbio
✓ Escoamento / Transporte

Crise

Lembro que, em dezembro de 2004, foi anunciada uma safra de 132 milhões de toneladas. Estava na Conab, e, em 2005, foram colhidas, 113 milhões de toneladas. Vejam a perda: 19 milhões de toneladas, devido à seca. Além disso, os preços do mercado internacional estavam baixos, como vem acontecendo nos últimos cinco anos. O produtor tinha comprado insumos com dólar cotado acima de R\$ 2 e vendeu por R\$ 1,50. Em 2006, ainda tivemos a aftosa, gripe aviária, e um enorme ataque de ferrugem e de sódio no Brasil central.

Diminuição de riscos

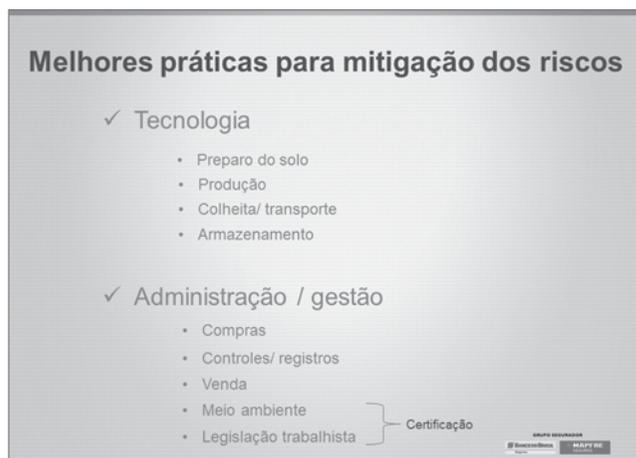
Boas práticas e utilização de tecnologia diminuem os riscos. Se o produtor planta na época certa, seguindo o zoneamento, usando a semente mais adequada e se ele faz isso o uso cumulativo da tecnologia, ele reduz ainda mais o risco. Isso é fundamental, desde o preparo do solo, até a colheita.

Alguns estudos apontam que 30% do que se colhe são perdidos, outros falam em 10%. O que importa é que há perdas, de fato, se o produtor não usar tecnologia, como a agricultura de precisão, por exemplo.

Alternativas

Na imagem a seguir, as várias práticas que diminuem o risco para o produtor, como a informática, máquinas que podem então fazer uma distribuição adequada dos fertilizantes, ampliação da capacidade de armazenamento na propriedade, que melhora as condições de negociações do produtor e reduz a possibilidade de perda da qualidade. A boa gestão, isto é, ter controles, registros, processos de venda adequados, vender no mercado futuro para poder se proteger ou pelo menos parte da sua produção. Tudo isso contribuiu para redução dos riscos. Hoje, não podemos esquecer também a questão ambiental e a questão trabalhista, que impõem riscos sérios ao produtor, relacionados a penalidades decorrentes da legislação ambiental e da legislação trabalhista.

QUADRO 2



Seguro rural

Temos o seguro agrícola, o seguro patrimonial e até mesmo, o seguro pecuário. O produtor também pode fazer seguro de crédito, na hipótese de falecimento ou invalidez. Para soja, milho e café, temos a possibilidade de oferecer ao produtor um seguro que garanta o preço do produto no momento da venda. Então, como esses produtos estão vinculados ao mercado internacional, temos que garantir o preço. Na ocasião de legitimação do seguro, travamos o câmbio para o momento da colheita e travamos o preço no momento da colheita. Assim, é possível ao produtor assegurar-se de um preço garantido no momento de venda. Grandes produtores já fazem isso, assim como grandes cooperativas, mas o produtor médio ainda não tem condições.

Fazer essa operação não é tão simples. A seguradora pode oferecer ao produtor a possibilidade de redução ou mitigação do risco com relação ao preço. Já existe essa possibilidade no Brasil.

O seguro agrícola nos Estados Unidos já tem mais de um século e sofreu algumas transformações nos últimos 30 anos. O subsídio direto da agricultura nos Estados Unidos, em grande parte, é feito através do subsídio ao seguro que inclui o seguro de preço. Quer dizer, 80% dos produtores americanos hoje, tem, quando plantam, uma garantia do preço no momento da colheita. Tanto que a maior seca em 80 anos nos Estados Unidos, não afetou os agricultores.

Objetivos do seguro

O objetivo do seguro é proporcionar ao segurado recursos para que ele possa dar continuidade a sua atividade. O objetivo do seguro não é repor a renda que o produtor teria se a produção fosse normal. O seguro agrícola nos Estados Unidos é basicamente hoje um seguro de preços, e particularmente acredito que no Brasil, no futuro, caminharemos nessa direção.

Proagro

Em São Paulo, desde a década de 1940, tínhamos o seguro associado ao granizo, no caso do algodão, e havia no Estado de São Paulo a Cosp, Companhia de Seguros do Estado de São Paulo, que possuía um seguro para uva, mas cabe lembrar, que eram seguros pontuais. Quando falamos em seguro em um sentido mais amplo no Brasil, o primeiro deles foi o Proagro, criado por lei em 1973, e implantado em 1975, durante a gestão do ministro Alysson Paolinelli. O Proagro, descrito no quadro a seguir, é um seguro, que na realidade é um seguro do crédito, isto é, o agricultor tira um financiamento e o Proagro cobre o crédito do produtor. Como não tem um limite alto, hoje, é usado principalmente pelos pequenos produtores rurais.

O produtor quando toma o crédito paga uma taxa relativamente pequena, em torno de 2%, com a diferença é coberta pelo Tesouro Nacional. Nunca sabemos exatamente o custo desse seguro. Em 2013, por exemplo, o custo foi muito alto. O Tesouro Nacional deve ter desembolsado em torno de R\$800 milhões a R\$1 bilhão para cobrir perdas dos produtores através de crédito. Para se ter ideia, o número de contratos cobertos pelo Proagro é dez vezes maior do que o seguro privado.

Pouco depois da criação do Proagro Mais, para os produtores muito pequenos, foi criado um programa de garantia de renda da agricultura familiar, o PGPAF - Programa de Garantia para Agricultores Familiares. O teto desse programa é muito pequeno, para produtores de pequeno porte. O governo garante a esses produtores o

custo que ele teve para desenvolver o seu empreendimento e a sua produção.

QUADRO 3 E QUADRO 4

PROAGRO

O Proagro foi criado pela Lei 5.969/1973 e regido pela Lei Agrícola 8.171/1991, ambas regulamentadas pelo Decreto 175/1991. Suas normas são aprovadas pelo Conselho Monetário Nacional -CMN e codificadas no Manual de Crédito Rural (MCR-16), que é divulgado pelo Banco Central do Brasil.

PROAGRO MAIS

Em 2004 foi criado o "Proagro Mais", seguro público destinado a atender os pequenos produtores vinculados ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) nas operações de custeio agrícola, que passou a cobrir também as parcelas de custeio rural e investimento, financiadas ou de recursos próprios, na forma estabelecida pelo CMN, conforme estabelecido pela Lei nº 12.058/2009.

PGPAF

Assegurar a remuneração dos custos de produção aos agricultores familiares financiados pelo Pronaf.
Custos são levantados em reunião de campo com agricultores, ATER, Cooperativas, Sindicatos e Bancos.
Garantir a continuidade das atividades produtivas da agricultura familiar.
Permite ao agricultor a manutenção do ritmo produtivo das atividades cobertas e das vinculadas à produção coberta, dinamismo econômico é mantido.
Permite a diversificação da Produção.
Amplia as atividades que o agricultor tem segurança para cultivar.
Direcionador dos custos dos agricultores familiares.
O agricultor tem por onde balizar os seus custos de produção e medir sua eficiência produtiva.
Reduzir os gastos com alongamentos.

Subvenção

No próximo quadro está o seguro agrícola com subvenção, administrado pelas seguradoras privadas. Esse seguro, no Brasil, foi criado em dezembro de 2003. Os primeiros contratos foram feitos em 2005, mas o programa começou mesmo a partir da Safra 2006/2007, com um número mais significativo de contratos. Como a atividade pecuária é de alto risco, parte do custo do seguro agrícola é coberto pelo governo.

No Brasil, a cobertura varia de 30 a 70%, o que dá uma média de 50% do custo do seguro coberto pelo governo federal. Cabe destacar que estado de São Paulo tem um programa próprio, em que ele cobre mais 25% dos 50% que restam, ficando o produtor responsável apenas por 25%. Esta iniciativa é muito bem-vinda, pois tem custo baixo para o Estado e garante estabilidade de renda para o produtor, o que acaba gerando a arrecadação de tributos e o funcionamento da economia em regiões afetadas, pela seca, por exemplo. Há ações nessa direção em outros Estados, como Minas Gerais e Santa Catarina.

QUADRO 5

SEGURO AGRÍCOLA COM SUBVENÇÃO

Proteger-se de riscos causados por adversidades climáticas é imprescindível para o produtor que, ao contratar o seguro rural, pode recuperar o capital investido em sua lavoura ou empreendimento. O Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) oferece ao agricultor a oportunidade de segurar sua produção, por meio de auxílio financeiro que reduz os custos de contratação do seguro.

A subvenção econômica concedida pelo Ministério da Agricultura pode ser pleiteada por qualquer pessoa física ou jurídica que cultive ou produza espécies contempladas pelo Programa e permite ainda, a complementação dos valores por subvenções concedidas por estados e municípios.

Embora o seguro agrícola seja relativamente pequeno, cresceu bastante nos últimos anos. Na safra de 2011/12 cresceu 40%. E na safra de 2013/2014, em relação à safra de 2012/2013, a subvenção está crescendo 75%. Esse é o compromisso do governo e vem sendo cumprido. O desembolso é retardado, é comum a seguradora já pagar indenização e não receber subvenção. Mas o governo acaba pagando.

Considerações finais

Vejo lideranças no setor rural cada vez mais enfatizando a importância do seguro. E de acordo com alguns estudos, é mais barato para o governo ampliar os recursos destinados à subvenção do que, em momentos de crise, fazer o carregamento da dívida dos produtores que é corrugada e renegociada.

O gasto do Tesouro Nacional no carregamento desse passivo da agricultura é muito maior do que o aquilo que o governo gasta em subvenção do seguro. É preciso fazer um rearranjo, porque não é só o carregamento da dívida, o governo muitas vezes ainda entra para o mercado tendo que fazer as AGFs, tendo que lançar opções de programas operados pela Conab, que também tem gasto com o Tesouro. Ora, se a produção agrícola tiver assegurada, só em casos excepcionais o governo teria que entrar no mercado através da Conab, e não haveria problema de saudar o compromisso financeiro junto aos bancos. E, portando, não haveria custos adicionais para o Tesouro Nacional.

Estamos passando por um momento de virada, para consolidação do seguro, quase como uma pré-condição para que o Brasil possa fazer a ampliação da produção, particularmente de milho. Este tema deve ser incorporado como um dos principais desafios junto com infraestrutura, questão sanitária, negociações internacionais, investimento em pesquisas, etc.

EMPREENDEDORISMO E AGRICULTURA: VOCAÇÕES NATURAIS DO BRASIL

CAIO TIBÉRIO DORNELLES DA ROCHA, secretário de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo do MAPA

Débora 70



Falo em nome do Ministério da Agricultura, que não só engloba a produção de alimentos, como também toda a sua cadeia produtiva, o agronegócio, a geração de empregos, a indústria e a produção de máquinas. De 1994 para cá, nas propriedades agrícolas brasileiras, a média do crescimento da agricultura foi 3,8%. Na indústria foi de 2,6%. Na área de serviços, 3%. Então, há muito tempo, a balança comercial e a riqueza desse país está inserida no processo agrícola. Nos últimos doze meses, chegamos a R\$102 bilhões em exportação de produtos agrícolas. E temos desafios. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Social, um em cada quatro residentes do campo se encontra em extrema pobreza e 48% do núcleo duro da pobreza estão concentrados no meio rural.

Empreendedorismo

Empreender é fazer acontecer, conforme o primeiro quadro. Já o aumento da população mundial (quadro seguinte) sai de 7 bilhões para 9 bilhões de pessoas, em 2050. Este crescimento, com aumento de renda, da Ásia, da América Latina, da África, gera uma elevação significativa da demanda por alimentos. Segundo a FAO, o Brasil, neste período de 2013 até 2050, será responsável pela produção de quase 40% da necessidade mundial de alimentos. Por isso, nossa responsabilidade é cada vez maior, no sentido de

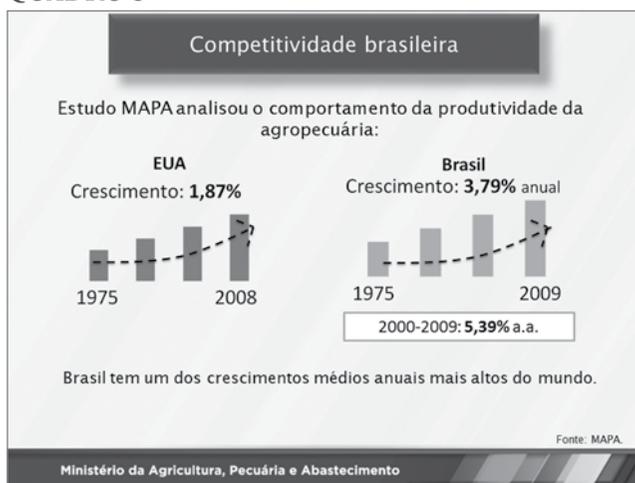
ter políticas públicas vinculadas ao processo de desenvolvimento agrícola. Com responsabilidade de governo, que dê condições ao produtor rural para aplicar o desenvolvimento e o empreendedorismo.

QUADRO 1 E QUADRO 2



Não há nenhum país tão bem posicionado para produzir 100 bilhões de toneladas, em 20 anos. Só o Brasil tem todas as condições para essa grande produção. Enquanto os Estados Unidos teve um crescimento médio, de 1975 até 2008, de 1,87%, o Brasil vem mantendo a média de 3,8%.

QUADRO 3



Estima-se para 2030, que os cinco países mais ricos, China, Estados Unidos, Índia, Brasil e Japão, vão responder por 70% da riqueza global. E a forte expansão da classe média mundial, de três bilhões de pessoas, vai ter forte concentração na Ásia, onde estarão 60% dessa classe média gastando, consumindo e a gente tendo que produzir.

Plano Safra

O Plano Safra, que em 2003 era de R\$27 bilhões, hoje é de R\$ 136 bilhões. Pode não ser o ideal, mas representa um aumento de 403% em dez anos, com média anual de 36%. Neste mesmo período, as exportações aumentaram 643%.

QUADRO 4



Precisa-se melhorar a antecipação. Precisa-se parametrizar o crédito que é colocado ao produtor rural. É preciso ser intempestivo. O tempo do produto às vezes é diferente do tempo do governo. Acredito que a política agrícola tem que plurianual.

O país tem no produtor rural um homem quase que inapto. Mesmo a Apex tendo instrumentos

para profissionalização, Sebrae, Senar, o Sistema de Extensão Rural, ainda é muito pequeno. O produtor precisa ter uma gestão financeira competitiva, acesso à tecnologia de ponta, saber como enfrentar dificuldades de logística, lidar com os riscos do preço, gestão de pessoas, parcerias, cooperação. E agora, mais do que nunca, com a questão ambiental.

Armazenagem

O programa de armazenagem irá investir R\$ 25 bilhões em cinco anos, para a construção e reforma de armazéns. Serão dez novos armazéns públicos, principalmente, no Nordeste. Serão disponibilizados R\$5 bilhões colocados inicialmente privada com uma taxa de 3,5% ao ano, altamente subsidiável, com 15 anos para pagar, sendo três anos de carência. Vele lembrar, que a armazenagem pública, nos últimos dez anos, teve um incremento de quase 1.300%.

QUADRO 5 E QUADRO 6



Para a irrigação, serão disponibilizados R\$400 milhões, com juros de 3,5% e prazo de 15 anos, também.

QUADRO 7



Inovagro

R\$ 1 bilhão para inovação e tecnologia. Baixou-se a taxa de juros, de 5% para 3,5%, com prazo de dez anos, para cultivo protegido, principalmente, em áreas de produção de frutas, hortaliças, e café. Incentivo para tecnologia, como a agricultura de precisão, produção integrada, pecuária de corte e leite, gestão da propriedade e desenvolvimento de software.

QUADROS 8 E 9



INOVAGRO – juros 3,5% - prazo 10 anos
<ul style="list-style-type: none"> Cultivo Protegido – hortaliças, frutas, café Adequação de instalações e equipamentos – suinocultura, avicultura e pecuária leiteira Agricultura de precisão Produção Integrada, Bem estar animal e boas práticas agropecuárias – pecuária de corte e leite Genética animal Gestão da propriedade – software e capacitação

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Programa ABC

Há R\$ 4,5 bilhões disponíveis, com taxa de juros de 5% e prazo de 15 anos. R\$1 milhão por tomador. E se for para floresta até R\$3 milhões de reais. É o programa mais importante, pois envolve tecnologia, recuperação e controle ambiental e, principalmente, renda do produtor rural.

QUADRO 10



Assistência técnica e extensão rural

A criação da Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão rural é um fator mais importante que o governo está fazendo nessa gestão, durante os quatro anos da presidenta Dilma. Precisamos ter uma agência para fazer o atendimento gratuito ao médio produtor rural dar-lhe acesso a tecnologias prioritárias para a agricultura brasileira.

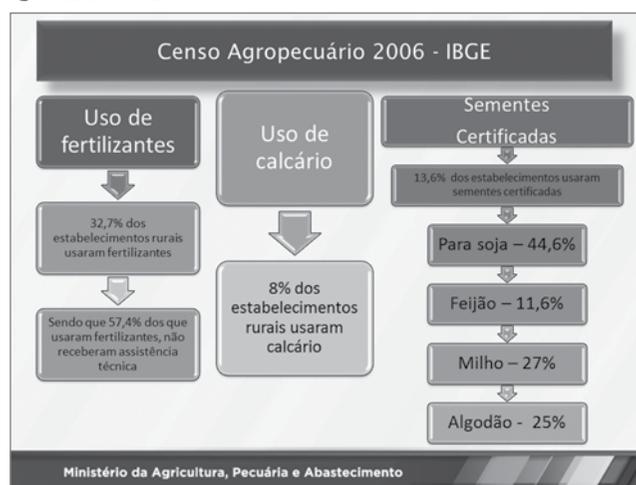
QUADRO 11



O quadro seguinte informa que dos cinco milhões de produtores e estabelecimentos rurais, 32,7% usam fertilizantes. Desses que usaram fertilizantes, somente 43%, receberam assis-

tência técnica. Somente 8% dos estabelecimentos brasileiros usam continuamente o calcário. Apenas 10% dos produtores brasileiros possuem assistência técnica continuada, segundo o IBGE, 13% usam sementes certificadas. No caso da soja, que é o melhor índice, 44%, para o feijão, 11%, milho, 27%, e algodão, 25%.

QUADRO 12



56,3% dos produtores que utilizaram agrotóxicos declararam que não receberam nenhuma orientação técnica. Desses, 22% ocasionalmente tiveram orientação técnica. Do total de 1.396.069 produtores, só 294.498 receberam regularmente assistência técnica. Quase 300 mil não utilizaram nenhum tipo de EPI, equipamento de proteção. Precisamos criar meios para que a tecnologia possa chegar àqueles que estão no processo produtivo.

QUADRO 13

Censo Agropecuário 2006 - IBGE

UTILIZAÇÃO DE AGROTÓXICOS (27% Do total de estabelecimentos)

1.396.069	Estabelecimentos utilizaram agrotóxicos
785.397 (56,3%)	- Declararam que não receberam orientação técnica
316.174 (22,6%)	- Ocasionalmente receberam orientação técnica
294.498 (21,1%)	- Receberam regularmente orientação técnica
296.697 (21,3%)	- não utilizaram nenhum tipo de EPI

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Desafios para agricultura

1) Aumento das exportações e o consumo interno; 2) Eliminação de desmatamento ilegal; 3) Uso racional dos recursos hídricos; 4) Oferta de alimentos seguros e certificados.

Temos também o compromisso, dentro do Programa ABC, de diminuir a emissão de CO2 em 1 bilhão de toneladas, nos próximos 20 anos. A complementação estão nos quadros abaixo.

QUADROS 14 E 15

IMPORTANTES DESAFIOS PARA AGRICULTURA

- ✓ Mundo: Crescimento demográfico
- ✓ Aumento das exportações agrícolas e do consumo interno
- ✓ Recuperação de áreas de produção degradadas
- ✓ Eliminação do desmatamento ilegal
- ✓ Uso racional e eficiente dos recursos hídricos
- ✓ Demanda por alimentos seguro e certificado

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

IMPORTANTES DESAFIOS PARA AGRICULTURA

- ✓ Mudanças Climáticas - redução de emissões na agricultura
- ✓ Demanda e preço das commodities agrícolas influenciados pela matriz energética
- ✓ Adoção de tecnologias de produção e de gestão apropriadas a todos os segmentos de agricultores
- ✓ Consolidação da sustentabilidade na agropecuária

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Por fim, encerro dizendo que o empreendedorismo e agricultura são duas vocações naturais do Brasil e dos brasileiros. E o nosso papel, como governo, é produzir as condições práticas para conseguirmos transformar a oportunidade oferecida em desenvolvimento social e econômico sustentado.

EMPREENDEDORISMO RURAL: RISCOS E INCERTEZAS

REINALDO KAZUFUMI YOKOYAMA, superintendente de Negócios e Varejo e Governo do Rio de Janeiro do Banco do Brasil

Durante o período de 2003 até 2009, fiz parte, como executivo do Banco do Brasil, na diretoria de agronegócios. Pude acompanhar um período de transformação gigantesca, que tivemos dentro desse seguimento, do agronegócio. E é verdade, que quando, hoje, falamos que o agricultor não discute mais em seminários, em congressos, o tema crédito. O tema perdeu a relevância que tinha anteriormente.

Não tínhamos fontes de recursos para fazer frente na execução do Plano Safra. Hoje, isso já não é mais uma realidade. Podemos falar com a boca cheia de que nós estamos lançando um plano safra, e que vamos efetivamente executá-lo. Houve um período muito recente em que tivemos a acomodação do endividamento dos produtores, isto é, nossos produtores es-

tavam tendo uma elevadíssima produtividade 60, 65 sacos de soja por hectare em média, no Mato Grosso. Só que o custo de produção dava 80 sacas. E aí não fechava a conta. Isso, hoje, já é passado.

Participação do Banco do Brasil

No último plano safra, que se encerrou em julho de 2013, concluímos com alocação, empréstimos no montante de R\$ 61 bilhões, representando um crescimento de um ano para o outro, de mais de 28%. Acima do que havíamos assumido como compromisso com o governo federal.

QUADRO 1



Pequeno e médio produtor

Desembolsamos R\$11,7 bilhões para pequena produção, com crescimento de 27%. A participação do Banco do Brasil nesse segmento é de 70%. Ou seja, de cada 10 empréstimos que são feitos para o pequeno produtor rural, sete são feitos via Banco do Brasil. Se considerarmos também algumas cooperativas de crédito, que o banco indiretamente acaba



Débora 70

apoiando e assistindo, poderíamos dizer que o montante é um pouco superior.

QUADRO 2



Dentro da linha do PRONAMP, para médio produtor, aplicamos R\$ 9,4 bilhões. É um segmento que tem tido um incentivo maior, com um crescimento de 55%. Nesse segmento, o Banco do Brasil respondeu por 82% dos empreendimentos financiados.

QUADRO 3



Investimento

Nossa preocupação é melhorar e elevar a qualidade da nossa produção. Isso sob a ótica de crédito, podemos traduzir em investimento. O custeio, na verdade, é fazer mais do mesmo, não significa necessariamente aumentar a qualidade, aumentar a produção. Investimento sim. Do montante de R\$ 12 bilhões que o Banco do Brasil alocou na agricultura familiar, por exemplo, R\$ 6 bilhões, ou seja, metade foi direcionada para investimentos.

QUADRO 4



Cenário

De uma forma geral, o entendimento do Banco do Brasil, neste Plano Safra, é de um clima neutro. Ou seja, não deveremos ter, pelo menos no cenário do Banco do Brasil, nenhuma situação que traga uma ameaça, que venha desequilibrar a ótica do clima. Deveremos ter preços estáveis e por tanto, margens remuneradoras para o nosso produtor. Nosso compromisso é de buscar pelo menos R\$ 70 bilhões de aplicação no crédito rural.

QUADRO 5



Quem é o agricultor familiar?

Há alguns anos, toda vez que alguém falava em agricultura familiar, imediatamente as pessoas, principalmente do meio urbano, repetiam como aquelas pessoas com bandeiras na mão, fazendo manifestação e geralmente fechando alguma agência do Banco do Brasil. O conceito que temos hoje do pequeno agricultor é de um empreendedor rural, com uma renda bruta anual de até R\$ 360 mil, um volume bastante expressivo. Esse

é o pequeno empreendedor que estamos falando, o que chamamos de agricultor familiar.

O quadro seguinte mostra as alterações no Pronaf. O pequeno produtor pode contar com até R\$ 100 mil de custeio agropecuário, com taxa de juros de 3,5% ao ano. E eu destaquei esse 3,5% ao ano por uma coisa muito simples. Se, no próximo Plano Safra, tivermos uma melhoria muito significativa e o governo anunciar que houve uma redução de 10% da taxa de juros, isso não vai representar nada para esse pequeno produtor. Se ele pegar R\$ 100 mil esse ano e pagar R\$ 3.500 de juros no ano que vem, ou R\$ 3.150,00 no outro ano. A economia não é tão significativa.

QUADRO 6

PRONAF	Principais Alterações
• DAP	• Renda sobe para até R\$ 360 mil e acabam os rebates
• Endividamento (risco do Banco)	• R\$ 200 mil (custeio) • R\$ 300 mil (investimento)
• Custeio	• Teto sobe para R\$ 100 mil; • Juros da última faixa cai para 3,5% aa
• Mais Alimentos	• Tetos: R\$ 150 mil, R\$ 300 mil (suinocultura, avicultura e fruticultura), R\$ 700 mil (operações coletivas) • Prazos: até 15 anos (estrutura de armazenagem) • Pronaf Inovação
• Mulher, Agroecologia e Eco	• Tetos: R\$ 150 mil e R\$ 300 mil (suinocultura, avicultura e fruticultura)
• Agroindústria Investimento	• De 70% para 60% de participantes beneficiários do PRONAF • Armazenagem e Aquisição de Ativos Operacionais • Tetos: R\$ 150 mil (PF) e R\$ 35 milhões (Assoc. e Cooperativas) • Prazo: até 15 anos (estrutura de armazenagem)
• Agroindústria Custeio	• Aquisição de insumos para fornecimento a cooperados
• PROAGRO	• Alíquota de 1% para empreendimentos irrigados

Porque eu estou fazendo essa provocação? Compreendo que, hoje, para o pequeno produtor, mais do que a elasticidade da caixa de juros, ele está precisando de outras questões que o assegurem melhor. Se por um acaso o produtor não tenha renda, ele precisa de algo que o assegure, pelo menos para se manter, ou seja, se tudo der errado que ele esteja garantido. Quero dizer como isso, que o crédito, hoje, talvez não seja o tema mais relevante para a questão da sustentabilidade e manutenção desse empreendedor rural.

Seguros

A agricultura familiar, incluindo beneficiários do Pronamp, tem três formas alternativas e complementares de seguros, que estão no próximo quadro. O Proagro, que vai até um teto, complementado pelo seguro de produção. A proteção de preço, que nada mais é do que um seguro de preço, e o seguro de produção. Para o grande produtor podemos estar pensando também no mercado futuro. Mas traduzindo isso para a média dos nossos produtores, fica um pouco distante. Se você começa a explicar que

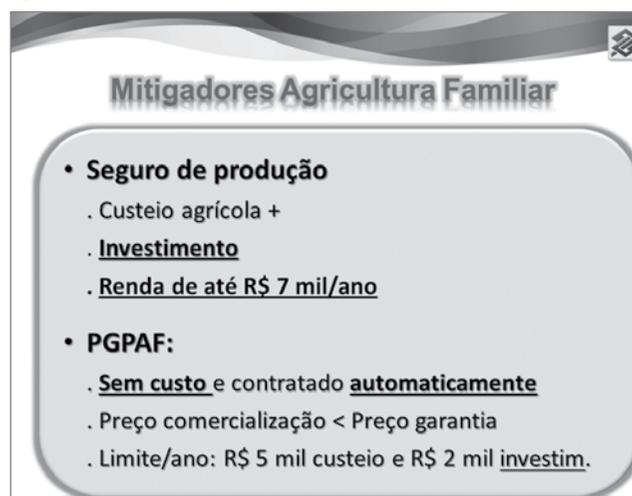
está travando o preço, considerando o preço da bolsa de Chicago e assim por diante, torna-se algo muito complicado. Por essa razão, acabamos não trabalhando com conceito de seguro.

QUADRO 7



Na agricultura familiar, há um mecanismo de seguro de produção, que é o PROAGRO MAIS. Que além do custeio agrícola, cobra uma parte da renda desse produtor, até R\$ 7 mil, e cobre também o investimento. Isto é, se o produtor eventualmente não conseguir produzir. No caso, dele produzir e o preço estiver muito abaixo daquele que o governo tinha sinalizado como preço de garantia, ele tem o segundo seguro, que é o seguro que chamamos de PGPAF, um programa de garantia de preços da agricultura familiar. Dois benefícios fantásticos: primeiro, ele não tem custo, e segundo ele é contratado automaticamente, cobrindo automaticamente a diferença entre o preço que o produtor está comercializando, frente a um preço que havia sido combinado como garantia.

QUADRO 8



EMPREENDEDORISMO PRESSUPÕE PROTAGONISMO

JOÃO JOSÉ PASSINI, engenheiro Agrônomo da Superintendência de Gestão Ambiental da Itaipu Binacional

Protagonismo

Empreendedorismo pressupõe protagonismo. Quando se fala em empreendedorismo no meio rural, especialmente na pequena produção, há uma exigência de que o agricultor seja um protagonista do seu próprio desenvolvimento. Todo o trabalho, que a Itaipu desenvolveu parte do pressuposto que leva em consideração as mudanças climáticas, o problema da água, crescimento global, as novas epidemias. Fatores que criam desafios para o setor agrícola.

QUADRO 1

CRISE PLANETARIA

MEIO AMBIENTE <=> ALIMENTOS <=> ENERGIA

AGUA
MUDANÇAS CLIMÁTICAS
AQUECIMENTO GLOBAL
NOVAS EPIDEMIAS

O PLANETA ESTÁ ENFERMO

“É a discussão da vida das pessoas no futuro”

Uma nova missão

O ano de 2003 é um marco para Itaipu, quando Jorge Samek, empossado pelo presidente Lula, ao lado da então ministra das Minas e Energia e atual presidente da República, Dilma Rousseff, determinou que as empresas estatais, em especial a Itaipu, não ficassem apenas no seu negócio. Essa é a justificativa do por que a empresa de energia elétrica da grandeza da Itaipu vem realizando programas de sustentabilidade ambiental e social.

Débora 70



QUADRO 2

JANEIRO 2003

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Posse da diretoria de
ITAIPU

ITAIPU
BINACIONAL

A partir daquele momento, estabeleceu-se um novo planejamento estratégico da Itaipu, em que se alterou sua missão inicial de produzir energia elétrica a partir dos recursos hídricos do rio Paraná, e se estendeu para a missão de produzir energia elétrica, sim, mas com qualidade, impulsionando o desen-

volvimento econômico, social e turístico da região de abrangência, com foco na responsabilidade social e ambiental, uma nova ética do comportamento empresarial. Isto é, uma empresa olhando para fora, olhando o seu entorno e olhando para a população que vive no seu raio de influência.

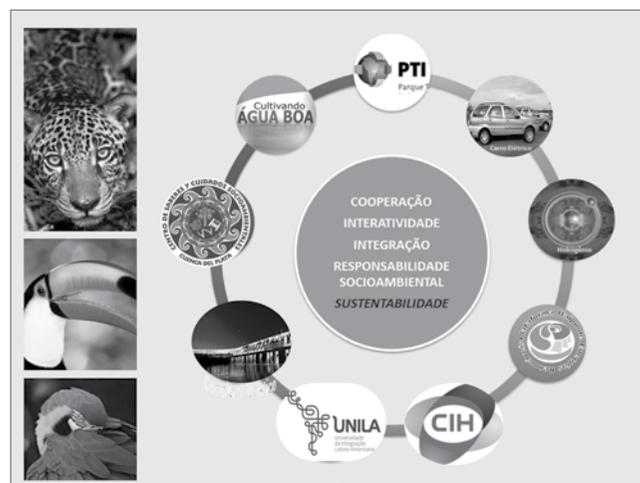
QUADRO 3 E QUADRO 4

Itaipu e seu compromisso com a sociedade e a vida no planeta

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO - MISSÃO



<p>Anterior</p> <p>Aproveitamento hidráulico dos recursos hídricos do Rio Paraná, pertencentes em condomínio aos dois países, desde e inclusive o Salto Grande de Sete Quedas, ou Salto de Guaira, até a foz do Rio Iguaçu</p>	<p>Gerar energia elétrica de qualidade, com responsabilidade social e ambiental, impulsionando o desenvolvimento econômico, turístico e tecnológico, sustentável, no Brasil e no Paraguai</p> <p>Planejamento Estratégico 05.9.2003</p>	<p>FOCO: responsabilidade social e ambiental, nova Ética do comportamento empresarial.</p>
---	---	---



Cultivando Água Boa

É um projeto composto por 20 programas. Todo ele é baseado em documentos planetários. A ideia é você fazer as leituras que já existem, como o Protocolo de Kyoto, a Carta da Terra, as Metas do Milênio, Rio +20, enfim. Fazer uma leitura das tendências de cuidado ambiental.

A partir disso se elaborou o Cultivando Água Boa. Contando com 65 ações, numa área de 8.000 km², no Oeste do Paraná. A região tem um milhão de habitantes e abrange 29 municípios.

QUADRO 5

IMPLANTADO NA BACIA DO PARANÁ 3

- 8000 km² de área inclusa
- 1 milhão de habitantes
- 29 municípios inclusos

Cultivando ÁGUA BOA

2.146 parceiros

ITAIPU BINACIONAL

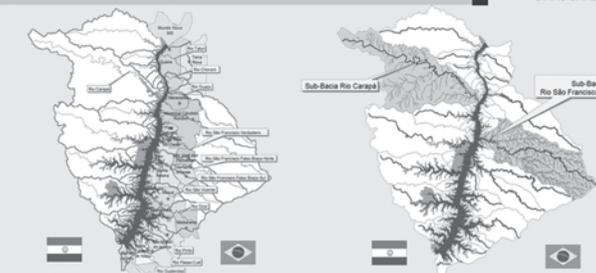


O programa, então, elegeu como território de trabalho, a bacia hidrográfica. Entendendo que, ao fazer sustentabilidade no meio rural, ter a bacia hidrográfica como elemento chave, e que as ações sejam pertinentes e conectadas.

QUADRO 6

A Bacia Hidrográfica como Unidade de Planejamento e Gestão

ITAIPU BINACIONAL



BACIA DO PARANÁ 3

1 MILHÃO DE HABITANTES

29 MUNICÍPIOS - 8.000 KM²

Trabalho de campo

E necessário interagir com as pessoas. Para desenvolver protagonismo, temos que chamar as pessoas para a participação, estar conectado com as diversas organizações, para poder buscar o desenvolvimento.

Basicamente, essa interação, apresentada no próximo quadro, é feita através de comitê gestor em cada município, ou por meio de alguns comitês gestores temáticos, como no caso do desenvolvimento rural sustentável. Hoje, são mais de dois mil parceiros, não apenas pessoas, mas organizações, públicas, no âmbito municipal, estadual e federal, organizações da sociedade ci-

vil, como cooperativas, envolvendo diretamente mais de 40 mil pessoas nesses comitês.

QUADRO 7

Gestão Participativa
O papel fundamental dos Comitês Gestores por município e transversais

Comitê Gestor Municipal
29 Municípios



Hoje são **38 comitês gestores**, mais de **2.146 organizações parceiras**, envolvendo diretamente mais de **40.000 pessoas**

Oficinas do futuro

É uma metodologia de abordagem com os agricultores, para trazê-los à parceria. É feita em três etapas.

QUADRO 8

OFICINAS DO FUTURO 262 realizadas

Muro das Lamentações

Árvore da Esperança

Um Caminho Adiante



Rapidamente, toda a comunidade é envolvida, desde a criança até os idosos, homens, mulheres. Busca-se colocar todos os atores sociais nesse processo, para que possam eles mesmos discutir os seus problemas, suas soluções e o plano de encaminhamento. Refiro-me a agenda 21. Mas não uma agenda 21 global, mas local, daquela comunidade, daquela microbaia. A partir disso, com todas as informações coletadas, o documento preparado, assina-se o Pacto das Águas. Essa comunidade é convidada, através de todo um trabalho místico, uma espécie de celebração, a assinar esse Pacto. To-

dos os pactuantes, sejam eles da comunidade ou do poder público, comprometem-se com o desenvolvimento daquela localidade.

QUADROS 9 E 10

Instrumentos de integração e comprometimento de toda comunidade do município.



“Pacto das Águas”

Cultivando ÁGUA BOA

CARTA DA TERRA NOS PACTOS DAS ÁGUAS

Mística da água

Mística do fogo

Mística da terra

Mística do ar



Comunidade

Trabalha-se com a comunidade a perspectiva de mudar o modo de ser e sentir. Porque, quando falamos em protagonismo, falamos em empreendedorismo.

“BUSCA-SE COLOCAR TODOS OS ATORES SOCIAIS NESSE PROCESSO, PARA QUE POSSAM ELES MESMOS DISCUTIR OS SEUS PROBLEMAS E SUAS SOLUÇÕES.”

QUADRO 11



O público do projeto é toda a população da bacia. Hoje, por exemplo, atingimos quase duas mil merendeiras, que trabalham para a alimentação escolar, num processo de consciência daquilo que elas manipulam, isto é, e de consciência da qualidade daquela alimentação proposta aos alunos.

Mercado

Temos 34 mil agricultores na região. É preciso estabelecer uma relação forte com o mercado, não só a partir de feiras e pontos de vendas e participação em feiras nacionais, estaduais, mas também fazendo valer dois grandes programas do governo, o PAA e o PNAE, que permitem que os agricultores vendam diretamente para as prefeituras e outras organizações.

QUADRO 12



É necessário levar ao consumidor geral aquilo que os agricultores estão produzindo com qualidade, e boas práticas de sustentabilidade e responsabilidade social.

Casos de empreendedorismo

Uma família rural, em apenas cinco hectares produzia soja, passou a diversificar sua produção. Nesse momento já conta com 21 atividades.

QUADRO 13



A partir de 2006, agricultores inseridos no processo de gestão de bacias recompuseram as matas ciliares, formando uma cooperativa para produção mel. Até então não se conseguia produzir mel, hoje, ele é comercializado em oito estados, mais o Distrito Federal, em 411 pontos de venda.

QUADRO 14



Considerações finais

Políticas públicas são fundamentais. Análises e discussões que são importantes. Mas se não conseguirmos levar toda essa discussão a campo, possibilitando que o agricultor receba isso, seja ele qual for, de agricultura familiar ou pequenos, médios e grandes agricultores, não vamos conseguir fazer mudanças.

TENDÊNCIAS PARA O CONSUMO DE ALIMENTOS NO BRASIL

CESAR BORGES, vice-presidente da Caramuru Alimentos e Vice-Presidente da ABIA-Associação Bras. das Ind. da Alimentação

O Brasil é um ávido mercado consumidor. No ranking dos maiores mercados de consumo do mundo, o Brasil será o primeiro no segmento de perfumes em 2020. No segmento de automóveis e alimentos e bebidas, passará de quarto para terceiro. Vestuário: de quinto para terceiro. Produtos para animais de estimação: de terceiro para segundo. Já somos o terceiro maior mercado mundial de beleza e cosméticos, e o terceiro construtor mundial de aviões comerciais. Quinto maior mercado consumidor mundial e mercado mundial para publicidade. E a sétima economia do mundo.



Débora 70

QUADROS 1 E 2

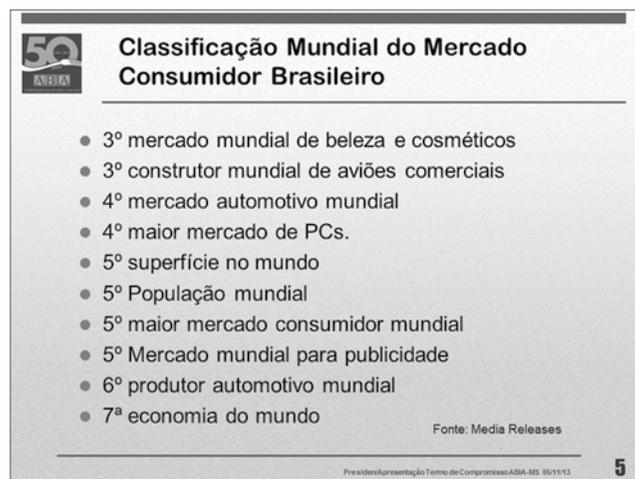


Tudo para dar certo

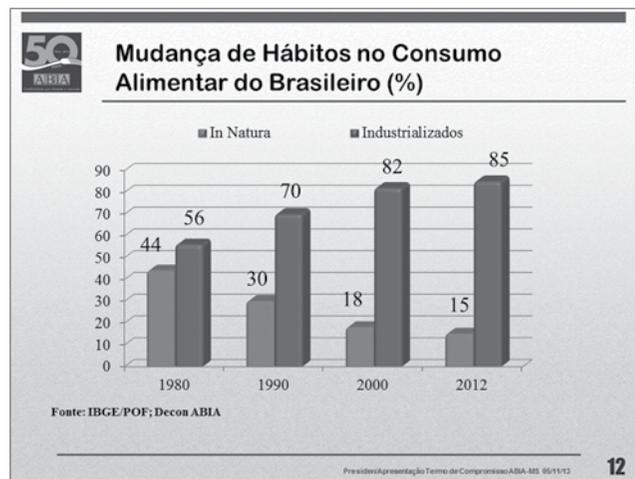
Temos tudo para dar certo. Só não daremos se fizermos muita burrada. Temos que eliminar a má gestão pública, a baixa produtividade, a logística deficiente, a carga tributária elevada, a burocracia pesada, e a instabilidade jurídica.

Consumos de alimentos

O quadro abaixo retrata a mudança de hábitos de consumo alimentar, no Brasil, e indica que o consumo in natura caiu de 44% para 15%, de 1980 a 2012. Enquanto o consumo de industrializados subiu de 56% para 85% no mesmo período.



QUADRO 3



Em 1971, gastavam-se duas horas para fazer uma refeição. De 1997/98 para cá, são apenas 15 minutos. A refeição em casa representava 88,3%, hoje 69,7%. Fora de casa eram 11,7%, agora 30,3%. Os gastos totais com alimentação fora do lar subiram de 19,4%, em 1995, para 31,2%, em 2010.

Comportamento do consumidor

Nas refeições no lar observa-se uma crescente busca por refrigerados e congelados prontos. Nas refeições fora de casa há um aumento da demanda de serviços externos de alimentação. A Indústria de Alimentos vem lançando novos produtos olhando para a segmentação de mercado, melhoria da competitividade e manutenção da rentabilidade global da empresa. Podemos ver a adequação às novas tendências de produtos congelados prontos e refrigerados, com o desenvolvimento de pratos semipreparados.

Tendências no consumo

As tendências mostram a procura por alimentos processados fortificados. Produtos diet & light. Alimentos funcionais. Produtos orgânicos. Sucos de frutas prontos para beber. Pratos prontos e semi-prontos.

Outras tendências são: o consumo verde, que compreende preocupações do consumidor além das variáveis qualidade e preço com enfoque na variável ambiental; o consumo consciente, também denominado de “responsável” ou “ético”, que amplia o conceito do consumo verde para o aspecto social, vedando o consumo de produtos que utilizam mão de obra infantil e exploração de recursos humanos, chamado trabalho escravo; e o consumo sustentável, que preocupa-se com o uso equitativo de recursos na geração atual, tendo em vista as gerações futuras.

Consumo por região

No quadro seguinte estão as mutações nos padrões de consumo de alimentos segundo crescimento da renda. Temos a África Sub-saariana, onde observa-se o consumo básico em grãos, raízes, arroz, feijões. Depois China e Índia, com o consumo de carnes, laticínios, açúcar, frutas e vegetais. América Latina e Europa Oriental com o consumo de alimentos de conveniência, snacks etc. Por fim, no segmento diet & light e funcionais, enquadram-se os Estados Unidos, Canadá e Europa Ocidental.

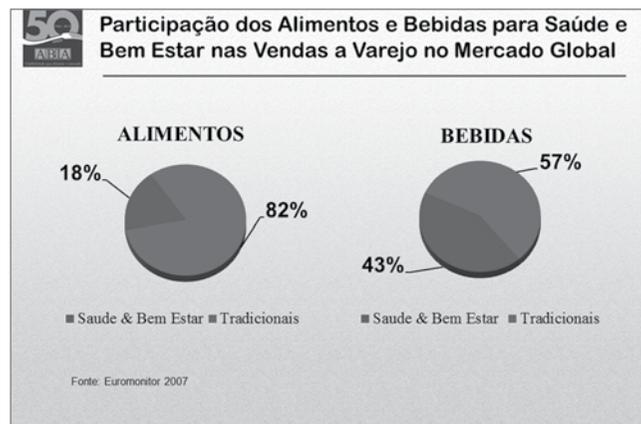
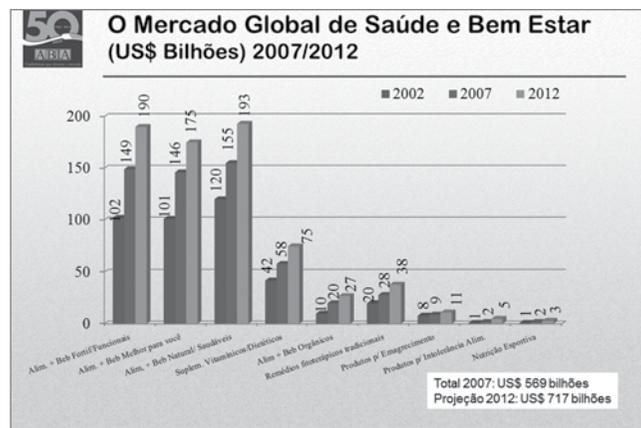
QUADRO 4



Saúde e bem-estar

O mercado global de saúde e bem-estar movimentou em 2007 US\$569 bilhões, saltando para US\$717 bilhões, em 2012. Quanto à participação dos alimentos e bebidas para saúde e bem-estar nas vendas a varejo do mercado global, vemos que entre os alimentos, os que se enquadram no segmento “saúde e bem-estar” representam 18% do total, e os tradicionais 82%. Já entre as bebidas, ocorre um maior equilíbrio, 43% (saúde e bem-estar) e 57% (tradicionais).

QUADROS 5 E 6

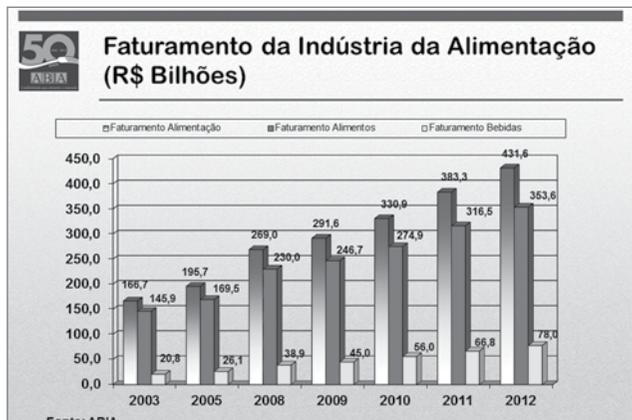


Indústria de alimentos

Em 2012, participação de 9% no PIB, com vendas anuais de US\$ 221,0 bilhões. Exportações de US\$ 43,4 bilhões de alimentos processados. Setor de alimentos é responsável por 1,633 milhões de empregos diretos, compreendendo 45,2 mil empresas. Possui importante foco em pesquisa e desenvolvimento e investe 5% do faturamento anual em novas fábricas, novos produtos e marketing. Entre os principais setores, está o de carnes, em primeiro lugar, seguido por bebida, e café, em terceiro.

Os próximos quadros ilustram o faturamento da indústria de alimentos e seus principais setores.

QUADROS 7 E 8



O Brasil é primeiro exportador mundial de alimentos processados em volume e quinto em valor. Primeiro produtor e exportador mundial de suco de laranja e de açúcar, segundo produtor e exportador mundial de carne, segundo produtor mundial de bombons e doces, segundo exportador mundial de café solúvel, terceiro produtor mundial e segundo exportador de óleo de soja, terceiro produtor mundial e primeiro exportador de carne de aves, quarto produtor mundial de leite em pó, quinto produtor mundial de chocolates, e sexto produtor mundial de leite fluido. Como vocês podem ver, temos uma classificação excepcional.

E no quadro abaixo, as perspectivas para o setor.

QUADRO 9

	2013	2014
Crescimento do PIB	2,0 % a 2,5%	3,0% a 3,5%
Crescimento da produção de alimentos em volume	3,0% a 3,8%	3,5% a 4,0%
Crescimento das vendas reais (deflator do setor)	3,5% a 4,5%	4,0% a 4,5%
Exportações em valor	US\$ 43 a 45 Bi	US\$ 45 a 47 bi

Fonte: ABIA

Caramuru

A Caramuru vem produzindo biodiesel. Já tem duas fábricas. Uma trabalha junto à agricultura familiar, passando informação, delegando orientação. De outro lado, você tem uma sustentação da indústria, sem risco. Por fim, cabe uma pequena reflexão: o Brasil, de 1996 para cá, cresceu na exportação de farelo e óleo aproximadamente 20%. A Argentina, nesse mesmo período, cresceu por volta de 300%.

UMA VISÃO TOTAL DOS ALIMENTOS

ELLEN LOPES, diretora executiva da Food Design

Precisamos ter uma visão bastante holística do que é alimento, porque senão ficamos limitados a algumas características ou alguns critérios, e temos que pensar macro. Então, podemos pensar assim: o que se come, o que se bebe, o que se ingere. Então tudo que se ingere é alimento? Não, sacarina, por exemplo, é adoçante. Não tem função nenhuma nutritiva, mas é importante. Outra definição é: o que se come, o que se bebe, se ingere, mas que contém nutrientes.

E o que é nutriente? Qualquer alimento ou composto químico. Composto químico? Tem produto químico no alimento? São compostos necessários para o nosso metabolismo, para a nossa vida, geralmente formados por elementos como: carbono, hidrogênio, oxigênio, nitrogênio, fósforo, enxofre e mais alguns outros. Temos também os chamados macronutrientes, aqueles que lemos na lista de ingredientes. São os carboidratos, proteínas, gordura, insaturada e saturada. E tem os micronutrientes: vitaminas, minerais, água e fibras.

Características sensoriais

O alimento muitas vezes tem o aspecto de festa, de social, então ele não é só nutriente. O alimento te faz viajar no tempo, ou para outros países, outras dimensões.

O alimento não é só nutriente. É sabor, cheiro, possui características sensoriais. Portanto, chegamos à conclusão que alimento é muito mais do que aquela definição técnica, simplista. Por isso, o mundo do alimento é complexo.

QUADRO 1



Antinutricionais

Alimentos também podem ter aspectos antinutricionais. Por exemplo: presunto. Ele tem nitrato. No ser humano, interfere no metabolismo da vitamina A e nas funções da glândula tireoide, podendo reagir com as amins secundárias e terciárias formando composto N-nitrosos, que podem ser carcinogênicos.

Alimentação saudável

Alimento saudável é diferente de alimentação saudável. Não existe nenhum alimento milagroso, que tenha todas as vitaminas, as proteínas necessárias ao homem. A alimentação que tem de ser saudável e mais, o estilo de vida também. As pessoas têm de ser conscientes do ônus a pagar pelo estilo de vida.

Tendências

Nos quadros a seguir, uma pesquisa, com o patrocínio da Fiesp, feita pelo Ibope, procurou saber as tendências alimentares no Brasil. Consideraram alguns determinantes: 1) sensorialidade e prazer; 2) saudabilidade e bem-estar; 3) conveniência e praticidade; 4) confiabilidade e qualidade; e 5) sustentabilidade e ética. A pesquisa comprovou que os determinantes 2 e 5 estão ganhando cada vez mais atenção do consumidor na decisão de compra.



QUADRO 2 E QUADRO 3

FOOD DESIGN

As tendências no Brasil

Sensorialidade e Prazer
 Saudabilidade e Bem-estar
 Conveniência e Praticidade
 Confiabilidade e Qualidade
 Sustentabilidade e Ética

Pesquisa Nacional Fiesp/Ibope sobre o Perfil do Consumo de Alimentos no Brasil
 FIESP/IBOPE

A pesquisa foi realizada em 4 cidades: São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre.
 3 grupos de consumidores: 18 a 24 anos, 25 a 40 anos, classes A, B e C.
 Homens e mulheres.
 Realizada em março de 2010. Margem de erro: 3 pp.

Segurança de alimentos + Qualidade

www.fooddesign.com.br

FOOD DESIGN

Saudabilidade e Bem-estar + Sustentabilidade e Ética 21%

- Duas tendências interligadas no Brasil e com forte potencial de crescimento
- A procura pela qualidade de vida revela-se, nessa tendência, como um ideal mais amplo, que inclui a sociedade e o meio ambiente.

São consumidores que priorizam:

- Alimentos que trazem benefícios adicionais à saúde
- Selos de qualidade
- Informações sobre a origem dos alimentos
- Fabricantes de alimentos que protegem o meio ambiente ou têm projetos sociais

www.fooddesign.com.br

Segurança alimentar e de alimentos

Segundo lei sancionada em 2006, a segurança alimentar consiste na realização do direito humano à alimentação adequada, bem como garantir os mecanismos para sua exigibilidade. A segurança alimentar e nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade.

O quadro abaixo ilustra a questão da segurança de alimentos.

QUADRO 4

FOOD DESIGN

Segurança de Alimentos

FOOD SAFETY

Segurança de que o consumo de um determinado alimento não causa dano ao consumidor Quando preparado ou consumido de acordo com seu uso intencional

Fonte: CAC/RCP-1-1969 - Rev. 4 (2003), Amd. (1999)

www.fooddesign.com.br

Food defense

É importante estarmos atentos a sistemas que diminuam riscos de contaminação de alimentos. Porque ela tem seus impactos. O Brasil tem uma fragilidade muito grande nesse sentido. Em 2012, houve casos de fraudes de alimentos, e em 2013, a questão da carne de cavalo sendo vendida como carne bovina.

QUADRO 5

FOOD DESIGN

Impacto das contaminações

Para o Consumidor:
 • Doenças, podendo causar mortes dependendo do tipo e quantidade do contaminante.

Para A Empresa:
 • Pode gerar pagamento de indenizações, prejuízo de imagem, e até fechamento ou falência.

Para Colaboradores
 • Pode gerar processo crime para os colaboradores que direta ou indiretamente contribuíram para a contaminação no produto final, se a empresa perde dinheiro ou vai à falência: pode haver demissões.

Para A Sociedade:
 • O caso pode afetar também outras empresas, porque o consumidor pode ficar com medo daquele tipo de produto.

www.fooddesign.com.br

A imagem ilustrativa a seguir revela que temos 1,8 milhões de mortes por ano no mundo, em função de doenças veiculadas por alimentos. Quantos nós temos no Brasil? Infelizmente, nossos dados são muito pobres.

QUADRO 6

FOOD DESIGN

2 bilhões de DVAs
 1/3 da população
 1,8 milhões de mortes/ano

www.fooddesign.com.br

Evolução de sistemas da qualidade

Risco zero não existe. Cada vez mais temos que aperfeiçoar a cadeia produtiva, para que o consumidor não sofra danos. E isso implica em um sistema de gestão. É preciso qualificar o fornecedor. Tem de ter comprometimento da alta direção – gestão intra empresa, rastreabilidade. E tem de saber gerenciar crise, porque às vezes isso pode levar realmente a um prejuízo imenso para a imagem da empresa. Deve-se fazer testes e simulações periodicamente.